

Universidade de Brasília -UnB
Instituto de Letras - IL
Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas - LIP
Programa de Pós-Graduação em Lingüística - PPGL

SOBRE A MORFOLOGIA E A SINTAXE DA LÍNGUA GUAJÁ
(FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ)

Marina Maria Silva Magalhães

Orientador: Prof. Dr. Aryon Dall’Igna Rodrigues

Brasília
dezembro/2007

Universidade de Brasília -UnB
Instituto de Letras – IL

Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas - LIP
Programa de Pós-Graduação em Lingüística - PPGL

SOBRE A MORFOLOGIA E A SINTAXE DA LÍNGUA GUAJÁ
(FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ)

Marina Maria Silva Magalhães

Tese a ser apresentada ao
Departamento de Lingüística,
Português e Línguas Clássicas da
Universidade de Brasília como parte
dos requisitos para a obtenção do
título de Doutor em Lingüística.

Brasília
dezembro/2007

Universidade de Brasília -UnB
Instituto de Letras - IL
Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas - LIP
Programa de Pós-Graduação em Lingüística - PPGL

TESE DE DOUTORADO

SOBRE A MORFOLOGIA E A SINTAXE DA LÍNGUA GUAJÁ
(FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ)

Marina Maria Silva Magalhães

Orientador: Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues

Banca examinadora:

Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues, UnB

Profa. Dra. Ruth Maria Fonini Monserrat, UFRJ/MN

Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis, Unicamp

Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, UnB

Profa. Dra. Poliana Maria Alves, UnB

Profa. Dra. Orlene Lúcia Sabóia de Carvalho, UnB
(suplente)

Dedico este trabalho aos Guajá, professores da arte de viver em harmonia com a natureza e com os homens, por terem me acolhido com tanto carinho durante esses anos. Conhecer esse povo me fez perceber que essa pesquisa é meramente um meio pelo qual alcanço meu objetivo maior: conviver e aprender cada vez mais com eles.

“Quem me dera, ao menos uma vez, ter de volta todo ouro que entreguei a quem conseguiu me convencer que era prova de amizade se alguém levasse embora até o que eu não tinha.

(...)

Quem me dera, ao menos uma vez, explicar o que ninguém consegue entender: que o que aconteceu ainda está por vir e o futuro não é mais como era antigamente.

(...)

Quem me dera, ao menos uma vez, que o mais simples fosse visto como o mais importante. Mas nos deram espelhos e vimos um mundo doente.

Quem me dera, ao menos uma vez, acreditar por um instante em tudo que existe e acreditar que o mundo é perfeito e que todas as pessoas são felizes.

(...)

Quem me dera, ao menos uma vez, com a mais bela tribo, dos mais belos índios, não ser atacado por ser inocente.”

“Índios”, de Renato Russo / Legião Urbana

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, professor Aryon D. Rodrigues, que esteve comigo desde o início da minha formação, orientando-me com segurança, apoiando-me e incentivando-me sempre; mestre de quem tenho orgulho e profunda admiração;

à Universidade de Brasília, minha referência única, onde cursei a graduação e a pós-graduação;

à professora Ana Suely Cabral, pelo incentivo, sugestões e, principalmente, pelas discussões acalouradas que desafiavam meu conhecimento e me incentivavam a estudar cada vez mais;

ao professor Francisco Queixalós, com quem cursei diversas disciplinas e que sempre esclareceu dúvidas inquietantes, mostrando-me alternativas de análise;

à professora Heloisa Salles, companheira de aventuras na selva e incansável incentivadora, pessoa que admiro como pesquisadora e mulher;

à professora Ruth Monserrat, que me cedeu voluntariamente todos os seus dados do Guajá e me passou a responsabilidade de assumir a tarefa começada por ela de elaboração da ortografia da língua para fins educacionais;

às professoras do CIMI Rosimeire Diniz, Rosana Diniz e Madalena Borges, que conhecem tão bem os Guajá e sempre me ajudaram na pesquisa, no apoio logístico e no convívio com o povo;

aos funcionários da FUNAI dos Postos Indígenas Awá e Tiracambu pela recepção sempre carinhosa, em especial à D. Sueli Bone, S. João Cantu e S. Ferreira, pessoas que considero parte da família;

à todos os Guajá, meus professores, pela paciência em esclarecer dúvidas intermináveis, por cederem seu tempo ensinando-me a língua e a cultura e por me acolherem com tanto carinho;

a todos os colegas do Laboratório de Línguas Indígenas e aos amigos de percurso acadêmico Beatriz, Dionei, Léia, Walkíria e Adriana Viana (*in memoriam*), pessoas que gosto e admiro;

à Fundação Nacional do Índio – FUNAI, pela permissão para entrada na Terra Indígena Caru;

à CAPES, pela bolsa de estudos concedida, e ao Laboratório de Línguas Indígenas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, espaço de discussão e crescimento;

ao IRD, pelo financiamento integral de duas viagens a campo;

aos meus amados pais, Daguiña e Roberto, pelo apoio incondicional; a vocês meu profundo e carinhoso obrigado, por me ensinarem a amar e a respeitar as pessoas e a natureza acima dos interesses materiais, valores que, sem dúvida, resultaram na escolha dessa linha de pesquisa;

aos meus irmãos, tios e primos e à minha avó, essenciais por compor uma rede de afeto e estímulo ao meu trabalho;

ao meu amado companheiro Junai, que sempre me contagia com seu ânimo e alegria de viver;

ao tão desejado filho ou filha que trago no ventre, um incentivo adicional nesta reta final.

RESUMO

Esta tese apresenta uma análise sobre aspectos da morfologia e da sintaxe da língua Guajá (família Tupí-Guaraní) descrevendo suas classes de palavras, a morfologia flexional e derivacional que as caracteriza, além da estrutura de suas orações independentes e dependentes. No capítulo 1 são apresentadas as classes de palavras lexicais do Guajá, nomes, verbos, adjetivos, advérbios e numerais, e uma discussão sobre a classificação do léxico em categorias, com ênfase na proposta de existência de uma classe de adjetivos que difere semântica, morfológica e sintaticamente da classe dos nomes e dos verbos. O capítulo 2 trata das classes menores de palavras não-lexicais: pronomes, posposições, partículas e interjeições. O capítulo 3 é dedicado apenas à descrição da flexão relacional da língua Guajá por tratar-se de um fenômeno morfossintático essencial para a compreensão dos capítulos subsequentes. No capítulo 4 são apresentados primeiramente os fenômenos morfológicos e sintáticos relacionados à classe dos nomes, entre os quais a morfologia flexional que a caracteriza, as três subclasses em que se divide e as características morfossintáticas decorrentes dessa subdivisão, além dos processos derivacionais próprios dos nomes e a composição nominal. Ainda no capítulo 4 é descrita a morfologia flexional dos adjetivos, ressaltando as diferenças morfossintáticas entre essa classe e a dos nomes, apesar da aparente semelhança morfológica. O final deste capítulo trata da flexão com o sufixo de caso translativo, comum às duas classes de palavras. No capítulo 5 são abordados os fenômenos morfológicos e sintáticos relacionados especificamente aos verbos, onde será apresentada a morfologia flexional própria dessa classe, as subclasses em que eles se dividem e a hierarquia referencial sintático-semântica que condiciona a escolha dos prefixos marcadores de pessoa nos verbos transitivos. Ao final, o processo de incorporação nominal na língua é detalhado. O capítulo 6, por sua vez, trata de fenômenos morfológicos e sintáticos que são comuns a diferentes classes de palavras, como os processos de derivação com sufixos de intensidade e atenuação, formação de verbos por meio da causativização, formação de nomes por meio de diferentes tipos de nominalizações, reduplicação e um fenômeno lexical que classifico como um tipo especial de incorporação de temas de distintas classes. No capítulo 7 são apresentados os tipos de predicados da língua Guajá: os eventivos, os estativos, os existenciais e os equativos, cada um com características morfológicas e sintáticas próprias que justificam tratá-los como tipos diferentes de predicados. O capítulo 8 apresenta a estrutura das orações independentes descrevendo os modos em que elas podem ocorrer (indicativo I, indicativo II, imperativo e exortativo) e os diferentes afixos e partículas clíticas que distinguem tais modos. O capítulo 9, além de tratar da coordenação na língua Guajá, descreve também os diferentes tipos de relação de subordinação entre as orações, apresentando não somente a subordinação no nível sintático, mas também a subordinação semântica, onde não há a presença de um morfema subordinador. Finalmente, o último capítulo descreve a negação em Guajá. Nesse décimo capítulo são apresentados os quatro morfemas negativos, sua ocorrência de acordo com diferentes critérios e, ainda, uma palavra independente que significa ‘não’.

ABSTRACT

This dissertation presents an analysis of morphological and syntactic aspects of the Guajá language (Tupí-Guaraní family), focusing on word classes, their inflectional and derivational morphology, as well as on the structure of independent and dependent clauses. Chapter 1 deals with lexical word classes – nouns, verbs, adjectives, adverbs and numerals – and discusses lexical classification in categories, proposing a class of adjectives semantically, morphologically and syntactically different from the classes of nouns and verbs. Chapter 2 deals with minor classes of non-lexical words: pronouns, postpositions, particles and interjections. Chapter 3 focuses on the description of relational inflection for this is an essential morphosyntactic phenomenon to understand the following chapters. Chapter 4 presents morphological and syntactic phenomena related to the class of nouns, focusing on its inflectional morphology, its three subclasses and their morphosyntactic characteristics, as well as nominal derivational processes and composition. This chapter also deals with the inflectional morphology of adjectives, emphasizing the morphosyntactic differences between this class and that of nouns in spite of their apparent morphological resemblance, and describes the inflection with translative suffix, common to both word classes. Chapter 5 deals with morphological and syntactic phenomena related to verbs, presenting the inflectional morphology of this class, its subclasses, and the syntactic-semantic referential hierarchy which determines the person-marking prefix of transitive verbs, as well as the nominal incorporation process. Chapter 6 deals with morphological and syntactic phenomena common to the various word classes, such as derivational processes with intensity and attenuation suffixes, verb formation by means of causativization, noun formation by means of nominalization, reduplication and a lexical process considered here as a special kind of incorporation of stems of several classes. Chapter 7 presents the different types of predicates of the Guajá language: eventive, stative, existential and equative, each of which with their own morphological and syntactic characteristics. Chapter 8 describes the structure of independent clauses, focusing on mood (indicative I, indicative II, imperative and exortative) and the various affixes and clitic particles that characterize each of them. Chapter 9 deals with coordination and describes the diverse types of subordination between clauses, presenting both syntactic and semantic subordination, which is characterized by the absence of a subordinating morpheme. Finally, the last chapter focuses on negation in Guajá, describing the four negative morphemes and their occurrence, as well as the independent word meaning ‘no’.

SUMÁRIO

RESUMO.....	vii
ABSTRACT.....	viii
LISTA DE FIGURAS E QUADROS.....	xv
ABREVIATURAS E SÍMBOLOS.....	xvi
MAPA 1 - Localização das Terras Indígenas Carú, Awá e Alto Turiaçú.....	02
MAPA 2 – Localização dos Postos Indígenas Awá, Tiracambú, Guajá e Juriti.....	06
0. INTRODUÇÃO – O povo, a língua e a pesquisa.....	01
0.1. O povo “Awá”	01
0.2. A língua Guajá	03
0.3. A presente pesquisa	04
0.3.1. Fundamentação teórica	04
0.3.2. Metodologia	05
CAPÍTULO 1 – Classes de palavras lexicais.....	09
1. Classes lexicais do Guajá: verbos, nomes, adjetivos, advérbios e numerais.....	13
1.1. Nomes.....	15
1.2. Verbos.....	18
1.3. Adjetivos.....	20
1.3.1. Semelhança entre adjetivos e nomes.....	23
1.3.2. Semelhanças entre adjetivos e verbos.....	24
1.3.3. Mais justificativas para se considerar os adjetivos como uma categoria lexical independente.....	29
1.4. Advérbios.....	36
1.4.1. Advérbios locativos.....	37
1.4.2. Advérbios translativos.....	38
1.4.3. Advérbios temporais.....	39

1.4.4. Advérbios de maneira.....	43
1.5. Numerais.....	45
CAPÍTULO 2 – Classes de palavras não-lexicais.....	48
2.1. Pronomes.....	48
2.1.1. Pronomes pessoais independentes.....	49
2.1.2. Pronomes pessoais dependentes.....	51
2.2. Posposições.....	53
2.2.1. Posposições da classe I.....	55
2.2.2. Posposições da classe II.....	58
2.3. Demonstrativos.....	62
2.3.1. Demonstrativos discursivos.....	64
2.3.2. Demonstrativos espaciais.....	67
2.3.3. Demonstrativo indefinido <i>amõ</i>	70
2.3.4. Demonstrativo de maneira <i>kĩ</i>	71
2.4. Partículas.....	72
2.4.1. Partículas de posição inicial.....	72
2.4.1.1 Partículas-predicado.....	73
2.4.1.2. Partícula exortativa: <i>aré</i>	75
2.4.1.3. Partículas mostrativa: <i>kwá</i>	75
2.4.1.4. Partícula permissiva: <i>amẽ</i>	78
2.4.1.5. Partículas interrogativa I: <i>mõ</i>	78
2.4.1.6. Partícula deôntica: <i>xapé ~ 'apé</i> ‘tomara’.....	81
2.4.2. Partículas de posição final.....	81
2.4.2.1. Partículas evidenciais.....	82
2.4.2.2. Partículas epistêmicas.....	84
2.4.2.3. Partícula de aspecto perfectivo: <i>xĩ</i>	87
2.4.2.4. Partícula interrogativa II: <i>pá ~ apá</i>	88
2.4.2.5. Partícula pluralizadora de sujeito: <i>wỹ ~ awỹ</i>	89
2.4.2.6. Partícula de intencionalidade: <i>nĩ ~ ni'ĩ</i>	90
2.4.2.7. Partícula contra-expectativa <i>nuhu'ũ</i> ‘e não é que?!’.....	91

2.4.2.8. Partícula de mudança: <i>kyry 'y'</i>	92
2.4.2.9. Partícula conjuntiva aditiva: <i>anỹ ~ nỹ</i>	93
2.4.3. Partículas de posição flutuante.....	94
2.4.3.1. Partícula de foco contrastivo: <i>xipé</i>	95
2.4.3.2. Partícula totalizadora: <i>pãj</i>	96
2.4.3.3. Partícula singulativa: <i>mutuhũ</i>	97
2.4.4. Partículas que ocupam posições fixas com relação a membros da oração.....	97
2.4.4.1. Partícula de localização exata: <i>ti</i>	98
2.4.4.2. Partículas aspectuais.....	98
2.4.4.3. Partículas dêiticas direcionais.....	101
2.4.4.4. Partículas dêiticas posicionais.....	106
2.4.4.5. Partículas intra-predicado.....	110
2.4.5. Partículas fáticas.....	124
2.5. Interjeições.....	126
CAPÍTULO 3 – Flexão relacional.....	128
3.1. Definição.....	128
3.2. Os prefixos relacionais do Guajá.....	129
3.3. Mudanças estruturais na fala dos mais jovens.....	134
CAPÍTULO 4 – Fenômenos morfológicos e sintáticos relacionados aos nomes e relacionados aos adjetivos.....	137
4.1. Morfologia flexional dos nomes	137
4.1.1. Marcação de caso	138
4.1.1.1. Caso locativo pontual	138
4.1.1.2. Caso translativo	140
4.1.1.3. Caso nominal	141
4.1.2. O sufixo coletivizador <i>-kér-</i>	148
4.2. Tipos de nomes	149
4.2.1. Nomes com determinante obrigatório	151
4.2.1.1. Nomes qualificadores	152

4.2.1.2. Nomes dêíticos de posição	155
4.2.2. Nomes com determinante facultativo	156
4.2.3. Nomes sem determinante	158
4.2.3.1. Nomes indefinidos	159
4.3. Sufixos derivacionais	160
4.3.1. Sufixos de intensidade e atenuação.....	160
4.3.2. Sufixos de atualização nominal.....	161
4.3.3. Sufixo de semelhança.....	165
4.4. Composição	165
4.5. Morfologia flexional dos adjetivos	169
4.5.1. A marcação de pessoa	170
4.5.2. Flexão com sufixo de caso translativo.....	171
CAPÍTULO 5 – Fenômenos morfológicos e sintáticos relacionados aos verbos.....	174
5.1. Morfologia flexional.....	174
5.1.1. A marcação de pessoa.....	175
5.1.2. O prefixo reflexivo/recíproco.....	183
5.2. Tipos de verbos.....	186
5.2.1. Verbos transitivos.....	186
5.2.2. Verbos intransitivos.....	188
5.3. Hierarquia de referências.....	189
5.4. Incorporação nominal.....	197
CAPÍTULO 6 – Fenômenos morfológicos e sintáticos comuns a diferentes classes de palavras.....	200
6.1. Derivação com os sufixos de intensidade e atenuação.....	200
6.2. Causativização: formação de verbos.....	203
6.2.1. Causativo de temas intransitivos.....	203
6.2.1.1. Causativo simples.....	204
6.2.1.2. Causativo comitativo.....	205
6.2.2. Causativo de verbos transitivos.....	206

6.3. Nominalizações.....	208
6.3.1. Afixos nominalizadores.....	208
6.3.2. Relações gramaticais nas nominalizações.....	213
6.3.3. Expressão dos argumentos.....	218
6.4. Reduplicação.....	221
6.5. Tipo especial de incorporação.....	223
CAPÍTULO 7 – Tipos de predicados.....	228
7.1. Predicados transitivos.....	228
7.2. Predicados intransitivos.....	229
7.2.1. Cisão dos predicados intransitivos.....	229
7.2.1.1. Predicados intransitivos eventivos (núcleo: verbos).....	230
7.2.1.2. Predicados intransitivos estativos (núcleo: adjetivos).....	231
7.3. Predicados existenciais (núcleo: nomes).....	232
7.4. Predicados equativos.....	239
CAPÍTULO 8 – Orações independentes.....	244
8.1. Modo indicativo I.....	244
8.2. Modo indicativo II.....	247
8.3. Orações manipulativas.....	250
8.3.1. Modo imperativo.....	250
8.3.2. Modo exortativo.....	253
8.3.3. Construções permissivas.....	255
CAPÍTULO 9 – Coordenação e subordinação.....	257
9.1. Coordenação.....	257
9.1.1. Coordenação por justaposição de orações.....	257
9.1.2. Coordenação com a partícula <i>anyĩ</i>	260
9.2. Subordinação.....	261
9.2.1. Orações completivas.....	261
9.2.2. Orações adverbiais.....	264

9.2.2.1. Orações adverbiais nominalizadas.....	264
9.2.2.2. Orações adverbiais finais.....	266
9.2.2.3. Orações adverbiais temporais.....	269
9.2.2.4. Orações adverbiais consecutivas.....	273
9.2.3. Subordinação semântica.....	275
9.2.3.1. Orações finais com tema no exortativo.....	276
9.2.3.2. Orações condicionais: tema no indicativo + <i>xí</i>	278
CAPÍTULO 10 – Negação.....	280
10.1. Negação de predicados independentes: (<i>n =</i>) ... <i>-í</i>	280
10.2. Negação de orações subordinadas: <i>- 'ỹ</i>	285
10.3. Negação de imperativos: <i>mē</i>	287
10.4. Negação de constituinte: <i>rawỹ + ipé</i>	289
11.5. Negação livre: <i>nawanĩ</i>	290
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	291
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	293

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1	Escala de estabilidade temporal.....	11
Figura 2	Escala de estabilidade temporal ilustrada pelo Guajá.....	11
Quadro I	Adjetivos em relação aos nomes e aos verbos.....	35
Quadro II	Pronomes pessoais independentes.....	49
Quadro III	Pronomes pessoais dependentes.....	51
Quadro IV	Prefixos relacionais.....	130
Quadro V	Sufixos casuais.....	138
Quadro VI	Prefixos pessoais do modo indicativo – série I.....	176
Quadro VII	Prefixos pessoais do modo indicativo – série II.....	176
Quadro VIII	Prefixos pessoais do modo imperativo – série I.....	178
Quadro IX	Prefixos pessoais do modo imperativo – série II.....	178
Quadro X	Morfemas de negação e sua distribuição.....	280

ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

AT1	partícula evidencial de testemunho/passado recente
AT2	partícula evidencial de testemunho/passado longínquo
ATEN	sufixo de atenuação
C.C	partícula causativo-comitativa
CAUS	morfema causativo
CAUS.COM	prefixo causativo-comitativo
COL	sufixo coletivizador
COM.EXP	partícula de contra-expectativa
COMPL	partícula de aspecto completivo
COND	partícula de modalidade deôntica ‘seria bom se’
CONJ	partícula conjuntiva aditiva
CONS	subordinador de consecutividade
CTF	partícula direcional centrífuga
CTF1	partícula direcional centrífuga causativo-comitativa
CTF2	partícula direcional centrífuga causativa simples
CTP	partícula direcional centrípeta
CTP1	partícula direcional centrípeta causativo-comitativa
CTP2	partícula direcional centrípeta causativa simples
DEM	demonstrativo
DUB	partícula epistêmica dubidativa
DUR	partícula de aspecto durativo
ELAT	partícula direcional elativa
EXAT	partícula de localização exata
EXO	modo exortativo
FOC	partícula de foco contrastivo
FREQ	advérbio que exprime frequência
GER	subordinador do modo gerúndio
IMED	partícula de aspecto imediato

IMPERF	partícula de aspecto imperfectivo
INDII	sufixo do modo Indicativo II
INT	partícula interrogativa I
INTEN	partícula de intencionalidade
INTERJ	interjeição
INTII	partícula interrogativa II
INTS	sufixo de intensidade
INSTR	posposição instrumental
LOC	sufixo de caso locativo
MED	partícula evidencial mediativa
MOSTR	partícula mostrativa
MUD	partícula de mudança
N	sufixo nominal
NEG	negação
NZR	afixo nominalizador
PERF	partícula de aspecto perfectivo
PERFT	partícula de aspecto perfeito
PERM	partícula permissiva
PLU	partícula pluralizadora de sujeito
POS1	partícula posicional ‘em movimento’
POS2	partícula posicional ‘em pé’
POS3	partícula posicional ‘de cócoras/sentado’
POS4	partícula posicional ‘deitado’
POS5	partícula posicional ‘balançando’
POS6	partícula posicional causativa ‘fazendo sentar’
POSS	partícula epistêmica de possibilidade
PROIB	partícula proibitiva
PROJ	partícula de aspecto projetivo
PROSP	sufixo de atualização nominal prospectiva
R ¹	prefixo relacional de referente contíguo
R ²	prefixo relacional de referente não-contíguo

R ⁴	prefixo relacional de determinação humana genérica
REAL	partícula epistêmica de pressuposição
RED.	reduplicação
REFL/REC	prefixo reflexivo/recíproco
RETR	sufixo de atualização nominal retrospectiva
SEME	sufixo derivativo de semelhança
SIMIL	partícula epistêmica similitiva
SING.EST	singular estático
SING.MOV	singular em movimento
TOT	partícula totalizadora
TRANS	sufixo de caso translativo
1	primeira pessoa singular, 'eu, me'
12	primeira pessoa plural inclusiva, 'nós, nos'
12/EXO	segunda pessoa plural inclusiva do modo exortativo
13	primeira pessoa plural exclusiva, 'nós, nos'
2	segunda pessoa singular, 'tu, te'
2/IMP	segunda pessoa singular no modo imperativo
23	segunda pessoa plural, 'vós, vos'
23/IMP	segunda pessoa plural no modo imperativo
3	terceira pessoa, 'ele (a), eles (as)'
33	terceira pessoa plural 'eles (as)'
∞	alternância gramaticalmente ou lexicalmente condicionada
~	alternância fonologicamente condicionada
*	agramatical

INTRODUÇÃO

O povo, a língua e a pesquisa

0.1. O povo “Awá”

O contato permanente com os Guajá iniciou-se a partir de 1973, embora se soubesse da existência do grupo desde o início do século. Naquele ano somavam 600 índios, quase o dobro do que se supõe existir hoje, pois os primeiros contatos com os não-índios lhes trouxeram muitas enfermidades seguidas de morte. Admite-se que anteriormente tinham uma vida nômade, dependente da caça e da coleta de produtos florestais, embora seja provável que tenham sido agricultores no passado, até serem obrigados a adotar o nomadismo sob pressão de grupos maiores e mais fortes. Supõe-se que exploravam as matas do Maranhão em grupos pequenos, variando entre cinco e trinta pessoas. Por isso, é difícil reconstruir o parentesco distante dos Guajá, uma vez que esses indígenas se dispersaram e ficaram reduzidos a meros fragmentos de sua população original. Entretanto, a documentação lingüística, agora retomada, assim como já permitiu situar a língua Guajá no subconjunto VIII da família Tupí-Guaraní, poderá fornecer evidências necessárias para vincular essa língua e seus falantes a povos mais específicos que falam outras línguas do mesmo subconjunto.

Atualmente, a população Guajá é de aproximadamente 350 a 400 pessoas, incluindo grupos que vivem sem nenhum contato com indígenas e não-indígenas. Está distribuída nas Terras Carú, Alto Turiacú e Araribóia no noroeste do estado do Maranhão, como pode ser observado no mapa (www.funai.gov.br, modificado) que se segue



MAPA 1 - Localização das Terras Indígenas Carú (1), Awá (2) e Alto Turiaçú (3)

O povo ficou conhecido como Guajá, mas se auto-denomina *awá*, palavra que os distingue das demais subclassificações de seres-humanos: *kamará* ‘índios de outra etnia’, *karaía* ‘não-índios que falam português’, *karairyña* ‘não-índios estrangeiros’.

Os Guajá são ainda predominantemente monolíngües. Poucos já entendem o português e conseguem se comunicar nesta língua. Atualmente, professoras do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) têm permanecido algum tempo em dois dos Postos Indígenas (Awá e Tiracambú) com a intenção de aprender o Guajá e alfabetizá-los em sua língua materna, ao mesmo tempo em que os ajudam a familiarizar-se com o português oral. Um trabalho semelhante tem sido desenvolvido no Posto Guajá, por meio de um missionário da ALEM (Associação Lingüística Evangélica Missionária), com o apoio da Secretaria de Educação do estado.

O povo Guajá depende da floresta para continuar a existir e praticar suas atividades nômades. Sem a floresta seu modo de vida torna-se impossível. A constante presença de madeireiros, caçadores e coletores em suas terras tem destruído a fauna e a flora que os cerca e pode comprometer a sua existência.

0.2. A língua Guajá

A língua Guajá, pertence ao subgrupo VIII da família lingüística Tupí-Guaraní, que inclui também o Takunyapé, o Urubu-Ka'apor, o Wayampí, o Wayampipukú, o Emérillon, o Amanayé, o Anambé, o Turiwára e o Zo'é (Rodrigues, 1984/85 e Cabral, 1996).

A literatura sobre os Guajá inclui alguns estudos antropológicos. As informações mais antigas, anteriores ao contato, são indiretas e foram resumidas pelo etnólogo Curt Nimuendaju, num texto publicado em 1949. Depois do contato, esteve entre eles o etnólogo Mércio Pereira Gomes, que escreveu vários artigos e textos sobre os Guajá e o etnólogo Louis Carlos Forline, autor também de uma série de artigos e uma tese de doutorado (Forline, 1997) a respeito da cultura desse povo. Entretanto, a respeito da língua Guajá, há apenas duas dissertações de mestrado. A primeira destas deve-se a Péricles Cunha (1987), que deu “o primeiro passo” no sentido de atender a necessidade apontada por Gomes do aprendizado e do estudo sistemático dessa língua. Cunha esteve, em 1980, com Guajá remanescentes do primeiro grupo contatado em 1973 e de outros grupos que foram sendo dizimados pela intensificação dos contatos com os “brancos”, num trabalho de campo que, segundo ele próprio, foi limitado devido a diversos fatores, entre eles, a precária situação física e social em se encontravam os Guajá. A outra dissertação foi elaborada por mim (Magalhães, 2002), na qual realizei uma interpretação atualizada da fonologia da língua e apresentei pela primeira vez um estudo acerca da sua morfossintaxe. Minha dissertação teve, portanto, a finalidade de retomar os estudos sobre a língua dos Guajá, suspensos por 16 anos.

Outra dissertação de mestrado será defendida em breve por Ana Paula Lion, também orientada, como eu, pelo professor Aryon Rodrigues. Tal dissertação abordará detalhes da fonologia do Guajá que não puderam ser percebidos durante os meus primeiros trabalhos de campo devido ao contato recente com a língua.

Heloisa Salles, professora da Universidade de Brasília, também trabalha com a língua Guajá, numa perspectiva de análise sintática gerativa.

Durante o tempo em que venho pesquisando a língua, tenho participado de Congressos e Encontros de lingüística que resultaram, até o momento, na publicação de três capítulos de livros (Magalhães, 2005 e 2007 e Cabral, Corrêa da Silva, Julião e Magalhães, 2007),

um artigo numa revista (Magalhães, 2006), além de apresentações sobre a análise morfossintática da língua em comunicações individuais e mesas redondas. Todos os trabalhos têm sido discutidos e orientados desde o início pelo professor Aryon Rodrigues, orientador do projeto de estudo sobre a língua Guajá no Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília (LALI/UnB).

0.3. A presente pesquisa

A presente pesquisa teve como objetivo mais geral registrar dados do Guajá, descrever e analisar esses dados, interpretando-os à luz do funcionalismo, para realizar um estudo mais amplo e aprofundado da morfologia e da sintaxe da língua.

Mais especificamente, foram dois os objetivos:

- a.** Continuar a descrição da morfologia, revisando a análise descrita na dissertação (Magalhães, 2002) e aprofundando o estudo das estruturas morfológicas e do contexto sintático imediato não só das classes principais de palavras, mas também das outras classes existentes no Guajá.
- b.** Descrever a sintaxe da língua, analisando a constituição dos diversos níveis de organização sintática – sintagmas, orações, períodos coordenados e construções subordinadas.

Além disso, essa pesquisa tem contribuído também para o povo Guajá, que tem se beneficiado dela para a elaboração da ortografia que está sendo utilizada na alfabetização do povo em sua própria língua, assim como para a produção de materiais didáticos a serem utilizados no ensino da língua materna.

0.3.1. Fundamentação teórica

A análise da língua foi realizada por meio de uma abordagem funcionalista já que nessa abordagem, ao lado da noção essencial de que a linguagem é um instrumento de comunicação, encontra-se um tratamento funcional da própria organização interna da linguagem. Assim, como aponta Nichols (1984:97), "embora se analise a estrutura gramatical, inclui-se nesta análise toda a situação comunicativa: o propósito do evento da

fala, seus participantes e seu contexto discursivo", pois a gramática não pode ser entendida sem referência a parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução (Givón, 1995).

Como há variados modelos funcionalistas, denominação que abrange desde os que simplesmente rejeitam o formalismo até os que criam uma teoria, faz-se necessário delimitar a abordagem utilizada nesta pesquisa.

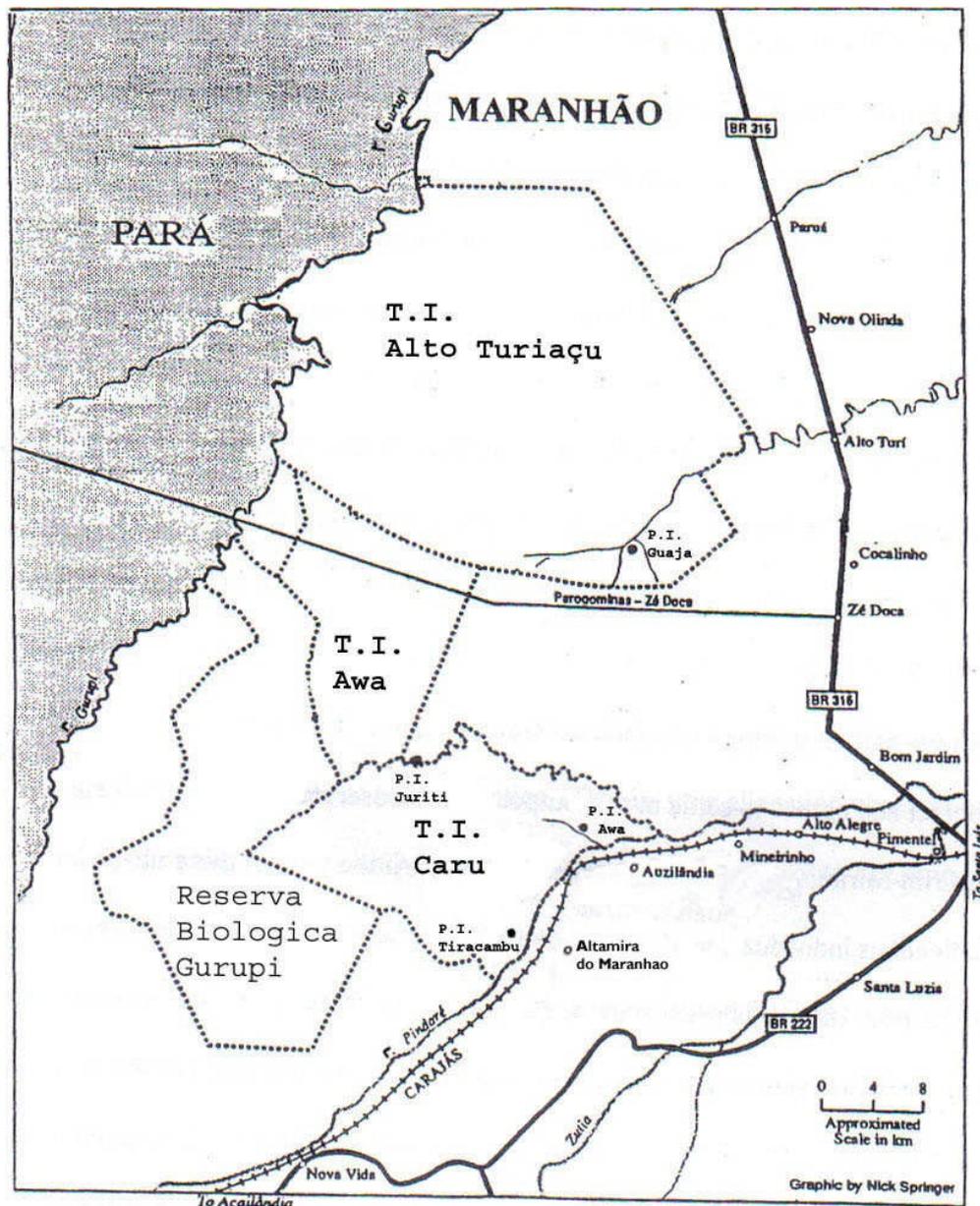
Aqui, o termo funcionalismo está sendo usado para referir-se à corrente em que figuram principalmente Comrie (1976, 1981, 1989), DeLancey (2000), Dixon (1994), Hooper & Thompson (1980), Givón (1984, 1990, 1995, 2001), Li & Thompson (1981), Mithun (1984) e outros. Nesta abordagem, considera-se, essencialmente, que um mesmo evento pode ser codificado de diversas maneiras em diferentes línguas, já que existe interferência dos diferentes recursos que estão à disposição do falante para sua codificação, não refletindo, no entanto, diferenças profundas na cognição do evento. Assim, essa abordagem aponta para o fato de que as gramáticas das línguas refletem a cognição de maneira "tipológica", conforme o traço da gramática levado em consideração. Em muitas áreas da gramática se encontra uma variedade tipológica, isto é, diferentes línguas codificando, por meios estruturais diferentes – embora muitas vezes relacionados – tarefas semelhantes do processamento da fala.

Uma das marcas do tratamento funcionalista do estudo da linguagem é exatamente a importância dada ao estudo de línguas diversas, como meio de mostrar que as regras da gramática são não-arbitrárias, ressaltando, porém, que isso não implica que exista um único modo universal de codificação gramatical de cada função comunicativa particular (Givón, 1995). O estudo da diversidade das línguas, aliás, sugere o contrário.

0.3.2. Metodologia

Com respeito ao trabalho de campo, das quatro aldeias Guajá existentes duas foram o alvo das minhas viagens por serem elas as que apresentam condições mais favoráveis à pesquisa no que se refere à sua localização e às pessoas que nelas vivem: as aldeias localizadas nos Postos Indígenas Awá e Tiracambú, ambas dentro da Terra indígena Carú, às margens do

rio Pindaré e próximas à Estrada de Ferro Carajás, como pode ser observado no mapa (Forline, 1997, modificado) que se segue.



MAPA 2 – Localização dos Postos Indígenas Awá, Tiracambú, Guajá e Juriti

Os informantes foram escolhidos levando-se em conta a idade, disponibilidade e, inicialmente, o melhor entendimento da língua portuguesa. Esta última condição já vem sendo superada na medida em que eu mesma tenho conseguido desenvolver um domínio prático da língua indígena.

A análise dos dados obtidos foi qualitativa, o que de acordo com Russell (1940) pode ser definida como a procura de padrões e de idéias que ajudam a explicar a existência desses padrões. Começa até mesmo antes da primeira ida ao campo e continua durante toda a pesquisa pois, “na medida em que você desenvolve idéias, vai testando-as com os seus dados; seus dados devem então modificar suas idéias que devem, então, ser testadas novamente e assim por diante.”

A realização da coleta de dados tem sido um aprendizado constante, e que depende fundamentalmente da experiência no campo. Por mais que se saiba aquilo que se está buscando, adquirir uma postura adequada à realização de entrevistas, encontrar a melhor maneira de formular as perguntas, ser capaz de avaliar o grau de indução da resposta contido numa dada questão, ter algum controle das expressões corporais, são competências que só são adquiridas ao longo de diversos períodos de trabalho de campo.

Considero que as formas de colher, transcrever e interpretar relatos orais são muito importantes na validação dos resultados apresentados. Por isso, realizei duas viagens de campo por ano, ficando no mínimo um mês nas aldeias a cada viagem, e às vezes dois, com o objetivo de aprender a língua e entender o modo de vida dos Guajá para poder analisar os dados com maior segurança e discernimento.

Depois de seis anos de visita às aldeias, desde a primeira ida, as fontes principais de dados provêm de histórias, mitos e relatos de situações do dia-a-dia. Após transcrever e traduzir esses textos durante o próprio trabalho de campo, procurava analisá-los e, a partir dessa análise, é que surgiam os questionamentos pontuais. Então, procurava criar situações que pudessem esclarecer as dúvidas levantadas, mantendo sempre o informante contextualizado, a fim de garantir a legitimidade do dado.

Na volta do trabalho de campo, esse material era organizado e categorizado segundo critérios relativamente flexíveis e previamente definidos.

Além da organização/classificação do material coletado, procurei ampliar meu conhecimento sobre a bibliografia relevante para a pesquisa, de modo a buscar interpretações e explicações que dessem conta, em alguma medida, das questões que motivaram a investigação. As leituras do material bibliográfico relevante, cruzando informações aparentemente desconexas, interpretando respostas, notas e textos integrais ajudaram a classificar, com um certo grau de objetividade, o que se depreende da leitura/interpretação dos dados obtidos em campo.

Assim, fragmentos de discursos, trechos de questionários, expressões recorrentes e significativas e registros de práticas, constituem traços, elementos em torno dos quais tenho construído hipóteses e reflexões, levantado dúvidas ou reafirmado convicções. Busquei, dentro do possível, ter olhar e sensibilidade armados pela teoria, de maneira a operar com conceitos e constructos do referencial teórico como se fossem um guia que orienta a entrada e a saída do labirinto constituído pelos documentos gerados no trabalho de campo.

1

Classes de palavras lexicais

Para descrever as classes de palavras da língua Guajá, fundamentar-me-ei principalmente nas propostas de análise de (i) Dixon (1982), que propôs a existência de tipos semânticos universais e suas associações “básicas” com as classes de palavras, (ii) Hopper & Thompson (1984), que ofereceram uma nova perspectiva para muitos problemas que surgem ao se tratar da classificação do léxico em categorias e (iii) Givón (2001), que apresentou uma descrição das classes lexicais (classes de palavras) na qual está implícito um tratamento semântico lexical.

Givón (2001:44), retomando uma antiga discussão que remonta a Aristóteles, dividiu o vocabulário das línguas em dois tipos gerais: (a) palavras lexicais (de conteúdo) e (b) palavras não-lexicais (de função): as primeiras codificam conceitos estáveis e compartilhados culturalmente ou tipos de experiências. Elas representam nosso universo físico, cultural e interno compartilhado, o qual é representado em poucas e grandes classes, relativamente abertas (já que novos membros podem entrar nestas classes periodicamente e velhos membros podem sair, à medida em que palavras novas vão sendo criadas ou o significado das antigas mudando). Já as palavras não-lexicais codificam funções gramaticais e são representadas por muitas e pequenas classes, relativamente fechadas. Segundo ele, há quatro classes principais de palavras lexicais nas línguas: nomes, verbos, adjetivos e advérbios, e, dessas quatro, a classe dos advérbios é mista em termos tanto de critérios semânticos quanto de critérios morfológicos e sintáticos. Os membros de cada uma das classes lexicais devem ser definidos por três critérios: o semântico (que tipo de significado tende a ser codificado por cada classe particular), o morfológico (que tipo de morfemas gramaticais e derivacionais tende a ser afixado numa classe particular) e o sintático (que posições típicas na sentença as palavras de uma classe particular tendem a ocupar).

Propõe, inicialmente, a separação das classes dos nomes, adjetivos e verbos por meio de um conjunto de quatro critérios semânticos estreitamente associados: estabilidade temporal, complexidade, concretude e compacidade espacial, representados por uma

distribuição sistemática dessas classes através de uma dimensão semântica coerente denominada por ele “time-stability scale”.

De acordo com Givón, experiências ou fenômenos relativamente estáveis através do tempo tendem a ser lexicalizados nas línguas como nomes. Os nomes mais prototípicos ocupam o extremo mais estável da escala de estabilidade temporal por denotarem entidades concretas, formadas por um conjunto de muitos traços associados entre si, feitas de matéria relativamente durável e compactas em termos espaciais (como *árvore*). No outro extremo da escala encontram-se os fenômenos que denotam mudanças rápidas no estado, condição ou locação espacial de alguma entidade codificada como nome: os verbos. Os verbos mais prototípicos (como *atirar*) denotam experiências coerentes de curta duração e, ao contrário dos nomes, são temporalmente compactos, mas espacialmente mais difusos. Codificam eventos que envolvem participantes concretos, isto é, codificam ações, mudanças físicas ou movimentos espaciais desses participantes. Podem exibir uma complexidade considerável devido aos muitos participantes distintos que envolvem e também à complexa seqüência temporal de seus subcomponentes, mas não têm associações de tantos traços quanto os nomes.

A classe dos nomes e a dos verbos, os dois extremos na escala de estabilidade temporal de Givón, são atestadas no Guajá, assim como no léxico de qualquer língua. No entanto, essa generalização é problemática para a classe dos adjetivos. Nas línguas em que se atesta a existência dessa classe de palavras (por meio de características semânticas e morfológicas e por meio de distribuição sintática), ela ocupa, segundo Givón, a parte intermediária da escala, onde costuma abarcar pelo menos as propriedades físicas mais estáveis dos nomes prototípicos, como tamanho, forma, cor, consistência, textura, peso, cheiro e sabor. Assim, os adjetivos prototípicos são conceitos abstraídos de entidades codificadas como nomes e exprimem as propriedades físicas duráveis destes, ocupando, de um lado, o mesmo extremo estável da escala de estabilidade temporal que eles. No entanto, diferentemente dos nomes, os adjetivos mais prototípicos denotam conceitos simples, o que os torna mais abstratos e com menor estabilidade temporal que aqueles. Do outro lado da escala, os adjetivos menos prototípicos fazem fronteira com os verbos menos prototípicos, abarcando uma grande parte dos fenômenos que denotam estados temporários, como temperatura ou estados de saúde.

A escala de estabilidade temporal proposta por Givón pode ser resumida da seguinte maneira (Givón: 2001:54):

Figura 1: escala de estabilidade temporal

mais estável.....					menos estável	
nome	adjetivo	adjetivo	verbo	verbo	verbo	verbo	

E pode ser ilustrada pela língua Guajá como a seguir:

Figura 2: escala de estabilidade temporal ilustrada pelo Guajá

mais estável.....							menos estável	
<i>irá</i>	<i>kwe'ẽ</i>	<i>-pirỹ</i>	<i>-akú</i>	<i>-irará</i>	<i>-keré</i>	<i>-watá</i>	<i>-japí</i>		
'árvore'	'madrugada'	'vermelho'	'quente'	'alegrar-se'	'dormir'	'andar'	'atirar'		
nome	nome	adjetivo	adjetivo	verbo	verbo	verbo	verbo		

O nome prototípico *irá* 'árvore', entidade concreta, feita de matéria relativamente durável e compacta e formada por um conjunto de muitos traços particulares associados entre si, como tamanho, forma, cor, composição e uso cultural, ocupa o extremo mais estável da escala de estabilidade temporal, seguida por um nome menos estável temporalmente como *kwe'ẽ* 'madrugada', que faz fronteira com os adjetivos. O adjetivo prototípico *-pirỹ* 'vermelho', que representa uma propriedade física estável de um nome, tem menor estabilidade temporal que um nome concreto mas, entre os adjetivos, está mais próximo do extremo estável da escala: denota um conceito abstrato e simples, isto é, formado por um traço único. Já um adjetivo menos prototípico como *-akú* 'quente', denota um estado menos estável temporalmente e faz fronteira com verbos também menos prototípicos por codificarem estados temporários como *-irará* 'alegrar-se'. Entre os verbos prototípicos como *-japí* 'atirar' – que denotam experiências de curta duração e codificam eventos que envolvem participantes concretos – e os verbos menos prototípicos, – que codificam estados temporários – encontram-se aqueles que codificam eventos de longa duração como

-watá ‘andar’ e aqueles que codificam estados transitórios como *-keré* ‘dormir’, o que ilustra a grande variação dessa categoria.

Ao descrever as principais classes de palavras da língua Guajá neste capítulo, além dos nomes, verbos, advérbios e numerais, proporei também a existência da classe dos adjetivos, fundamentada não só pelos critérios semânticos ilustrados acima, mas também, por critérios morfológicos e sintáticos.

Para isso, além de Givón (2001) utilizo a argumentação de Hooper & Thompson (1984), que é relevante no que diz respeito à proposta de se admitir para o Guajá uma classe separada de adjetivos. Esses autores argumentam que é circular a idéia de que certas entidades funcionais e gramaticais devam corresponder a propriedades semânticas e que tal correspondência deva ser a base da distinção entre as classes:

“A única razão para considerarmos que conceitos como ‘verdade’ e ‘beleza’ são substâncias é que as palavras que as referem são nomes em Inglês.” (1984:705).

Outro problema assinalado pelos autores é o de que há uma falta de proporção entre as línguas no que diz respeito a percepções de categorias gramaticais. Isso ocorre mais obviamente com categorias menos centrais como os adjetivos, mas a distinção verbo/nome também não está, segundo eles, imune a isso, especialmente ao observarem-se fenômenos transitórios ou fluidos. Hooper & Thompson afirmam que são “prototípicas” percepções como as que associam entidades concretas (“thing-like”) a formas codificadas gramaticalmente como nomes, e ações ou eventos a formas codificadas gramaticalmente como verbos. Apesar de tais traços semânticos serem necessários, eles não parecem adequados para determinar que uma certa forma pertence a dada classe lexical. Segundo Hooper & Thompson, a “prototipicidade” em categorias lingüísticas depende não apenas de propriedades semânticas verificáveis, mas também, e talvez mais crucialmente, de funções lingüísticas no discurso. Assim, acreditam que a congruência semântica é baseada, na realidade, em funções pragmáticas (discursivas) previsíveis.

A proposta de Hooper & Thompson é importante para a descrição das classes lexicais do Guajá por propiciar solução para certas raízes lexicais que correspondem a áreas

semânticas que se encontram na fronteira entre percepções estáveis e instáveis e que podem ser usadas com morfologia verbal e nominal.

Ao propor a classe dos adjetivos, delimito a fronteira semântica dessa classe com base também em Dixon (1982), que propôs a existência de tipos semânticos universais e a associação de cada um desses tipos com uma única classe de palavras.

Neste capítulo identifico primeiramente as classes de palavras lexicais do Guajá: nomes, verbos, adjetivos, advérbios e numerais, e, em seguida, no capítulo 2, as classes menores de palavras não-lexicais: pronomes, posposições, partículas e interjeições.

1.1. Classes lexicais do Guajá: nomes, verbos, adjetivos, advérbios e numerais

As cinco principais classes de palavras do Guajá são aquelas que apresentam conceitos lexicais. Diferentemente dos advérbios e dos numerais, os nomes, verbos e adjetivos distribuem-se sistematicamente ao longo de uma dimensão semântica coerente.

Hopper & Thompson (1984:703) lembram que já os antigos gramáticos associavam as classes principais de palavras a classes semânticas consistentes, porém este ponto de vista, segundo os autores (1984:706), tem sido questionado pela descrição de determinadas línguas nas quais classes semânticas de palavras apresentam um comportamento morfossintático sem restrições¹. Citam, por exemplo, que Hébert (1983, *apud* Hopper & Thompson, 1984:706) descreve para a língua Okanaga mais de uma classe lexical que pode comportar-se como predicado, mas na qual apenas os “nomes” podem ser argumentos sem qualquer modificação morfológica adicional.

O mesmo fenômeno ocorre no Guajá, onde três classes principais de lexemas, verbos (ex. 1), nomes (ex. 2) e adjetivos (ex. 3), funcionam como núcleos de predicados e todas têm função predicativa primária, isto é, exercem função de predicado, sem cópula ou qualquer outro recurso morfossintático.

¹ Citam como exemplo línguas do sudeste asiático como o Javanês e línguas ameríndias do noroeste da América do Norte.

1. *ha = r-a'y*
 1 = R¹-filho
 'eu tenho filho'

2. *ha = r-ah'y*
 1 = R¹-doente
 'eu estou doente'

3. *a-keré*
 1-dormir
 'dormi'

Por isso, não se pode, em Guajá, associar apenas ao verbo uma vocação predicativa. No entanto, nesta língua, somente os nomes podem ser argumento sem que necessitem de um morfema derivacional, bastando apenas que apresentem flexão com o sufixo nominal *-a*:

4. *ha = r-a'y-r-a Ø-ahó i-pyr'y*
 1 = R¹-filho-N 3-ir R²-junto
 'meu filho foi para junto dele'

Hopper & Thompson apontam, ainda, que há línguas que apresentam determinadas raízes que podem ocorrer tanto com morfologia verbal quanto com morfologia nominal e que, nas línguas em que há um número significativamente grande de raízes que apresentam tal grau de liberdade, esse fenômeno ocorre justamente nas áreas semânticas que estão na fronteira entre percepções estáveis e instáveis.

Assim, as classes lexicais serão aqui diferenciadas por meio de critérios semânticos, mas também por meio de critérios morfológicos e pela distribuição sintática pois, apesar de cada uma ter significado próprio, o comportamento de certos lexemas que estão na referida fronteira semântica revela uma predisposição para certas funções sintáticas.

Dessa forma, identificam-se em Guajá cinco classes de palavras lexicais: os nomes, os verbos, os adjetivos, os advérbios e os numerais, cujo significado, forma e função descrevo a seguir.

1.1. Nomes

Os nomes, como já explicado, são caracterizados semanticamente como a forma lexical que codifica os fenômenos temporalmente mais estáveis. São nomes prototípicos aqueles que denotam entidades concretas, feitas de matéria relativamente durável, compactas em termos espaciais e formadas por um conjunto de muitos traços associados entre si. No entanto, a estabilidade temporal dos membros dessa classe é obviamente uma questão de grau, já que ‘cachorro’ ou ‘pessoa’ nascem, crescem vagarosamente, envelhecem e, então, morrem, deixando de existir; mas mudam mais rapidamente que uma ‘árvore’, que, por sua vez, muda ainda mais rapidamente que uma ‘pedra’. Porém, a capacidade humana de perceber mudanças sutis a cada dia, hora, minuto ou mesmo segundo, faz com que tais entidades pareçam estáveis através do tempo. São membros dessa categoria lexical desde entidades concretas, porém inanimadas, que têm dimensões espaciais como *itá* ‘pedra’, *-ipá* ‘casa’ e *irá* ‘árvore’, passando por entidades animadas (mas não-humanas) como *jawá* ‘cachorro’ e *pirá* ‘peixe’ e entidades humanas como *awá* ‘Guajá’, *kamará* ‘índio’ e *karai* ‘não-índio’, até entidades que referem noções temporais menos estáveis como *kwe’ẽ* ‘madrugada’². Tais exemplos de entidades classificadas como nomes em Guajá demonstram uma gradação interna entre os membros dessa classe no que diz respeito aos critérios semânticos “estabilidade temporal”, “complexidade”, “concretude” e “compacidade espacial” propostos por Givón (2001:50).

Morfologicamente, os nomes caracterizam-se por constituírem a única classe lexical que admite flexão com o sufixo nominal *-a*, com o sufixo casual locativo e recebe os sufixos de atualização nominal, *-kér-* e *-rým-* (cf. Cap. 4), o que os diferencia dos verbos, dos adjetivos e dos numerais.

² Entidades comumente referidas como *nomes abstratos*, como ‘caçada’ e ‘quentura’, são, no Guajá, exemplos de nomes formados por meio de derivação, a partir de verbos e adjetivos.

Os nomes caracterizam-se sintaticamente por exercerem função argumentiva primária (exs. 5 e 6) e constituírem núcleos de sintagmas nominais, podendo assumir os papéis sintáticos de sujeito (ex. 5) ou objeto direto (ex. 6):

5. *tapi'ír-a* \emptyset -*manũ*
 anta-N 3-morrer
 'a anta morreu'

6. *a-xá* *i-mymýr-a*
 1-ver R²-filho-N
 'eu vi o filho dela'

Os nomes podem ocorrer também na sentença como um sintagma nominal externo deslocado à direita³, tal como no exemplo 7, abaixo:

7. *a'é* *warí* \emptyset -*pi'a-kér-a* \emptyset -*mihĩ* *japupú-pe,* *awá-wahý-a*
 DEM guariba R¹-miúdos-RETR-N 3-cozinhar panela-LOC Guajá-mulher-N
 'ela cozinha os miúdos do guariba na panela, a mulher Guajá'

Podem também ser núcleos de construções existenciais (exs. 8 e 9), quando não flexionados com o sufixo nominal *-a* (cp. com os exemplos 5 e 6):

8. *tapi'í* *ka'á-pe*
 anta mato-LOC
 'tem anta no mato'

9. *a'é* *i-mymý*
 DEM R²-filho
 'ela tem filho'

³ *Afterthought* ou *repair device* ((Hyman, 1975), (Byarushengo et al., 1976) ou Tenenbaum, 1977)), ou *R-deslocation* (Givón, 2001:267)

Entretanto, é muito mais freqüente a ocorrência dos nomes como argumentos da sentença que como núcleos de predicados.

Além disso, os nomes também podem ocorrer como predicados em construções equativas (ex. 10) e podem exercer funções não nucleares como as de modificador de outro nome núcleo no sintagma nominal (ex. 11) e de objeto de posições em sintagmas posposicionais (ex. 12):

10. *karai-a jahá*
 não-índio-N eu
 ‘eu sou não-índio’

11. *ha = Ø-mymý r-ú-a Ø-manũ*
 1 = R¹-filho R¹-pai-N 1-morrer
 ‘o pai do meu filho morreu’

12. *jahá a-manõ tá awá Ø-pé*
 eu 1-dar PROJ Guajá R¹-para
 ‘eu vou dar para os Guajá’

Os nomes se dividem em três subclasses: nomes com determinante obrigatório, nomes com determinante facultativo e nomes sem determinante (cf. Cap. 4).

1.2. Verbos

Os verbos, como já mencionado, são caracterizados semanticamente como a forma lexical que codifica experiências menos estáveis no tempo, referindo eventos que envolvem ações, mudanças físicas ou movimentos espaciais dos participantes. São verbos prototípicos aqueles que codificam mudanças extremamente rápidas como *-japí* ‘atirar’, mas também são membros dessa categoria lexical as palavras que codificam eventos que podem ter uma certa duração como *-watá* ‘andar’, estados transitórios como *-keré* ‘dormir’ ou até mesmo estados temporários que referem sentimentos como *-irará* ‘alegrar-se’ e *-imahý* ‘estar bravo’, ou estados resultantes de avaliação como *-ikatý* ‘ser bom’. Isto é, no Guajá os verbos ocupam um grande pedaço a partir de uma das extremidades da escala de estabilidade temporal (cf. Figura 2). Alguns verbos podem exibir uma complexidade considerável devido aos muitos participantes que envolvem, como o verbo *-manõ* ‘dar’, que envolve um participante com papel semântico de *agente*, outro com papel de *paciente* e um terceiro com papel de *recipiente*. A seqüência temporal dos verbos também pode ser complexa no caso de verbos como *-japó* ‘construir’ ou *-mihĩ* ‘cozinhar’, o que ilustra uma gradação interna considerável entre os membros dessa classe, já que há também verbos que envolvem apenas um único traço de mudança e por isso são menos complexos temporalmente, como *-wa’á* ‘cair’.

Morfologicamente, caracterizam-se por admitir flexão pessoal (cf. Cap. 5) e, dessa forma, diferenciam-se dos nomes e dos adjetivos. Em termos sintáticos, os verbos caracterizam-se por ocorrer primariamente como núcleos de predicados eventivos (ex. 13) e por exercer função argumentativa secundária, isto é, quando em função de argumento têm de ser derivados (ex. 14):

13. *jahá a-keré tapó ha = kahá-pe*
 eu 1-dormir POS4 1 = rede-LOC
 ‘eu dormi deitado na minha rede’

14. *ha = Ø-kere-há-Ø* *i-mukú*
 1 = R¹-dormir-NZR-N R²-longo
 ‘minha dormida foi longa’

Ressalta-se que a ocorrência do verbo como núcleo de predicado é bem maior que sua ocorrência como argumento.

Os verbos em Guajá podem ser flexionados também por prefixos relacionais combinados a pronomes clíticos (ex. 15) (cf. Hierarquia de referências em 4.4), mas constituem a única classe lexical que admite ser flexionada por prefixos pessoais (ex. 16).

15. *nijã* *ha = r-ixá*
 você 1 = R¹-ver
 ‘você me viu’

16. *jahá* *a-xá*
 eu 1-ver
 ‘eu (o) vi’

Podem ser transitivos ou intransitivos, com e sem complemento (cf. Cap. 5).

1.3. Adjetivos

Estas raízes lexicais, tratadas aqui como a classe dos adjetivos, são mencionadas na literatura sobre as línguas Tupí-Guaraní ora como ‘nomes de qualidades’ (Rodrigues, 2001a, para o Tupinambá), ora como ‘substantivos’ (Dietrich, 2001, para as línguas da família Tupí-Guaraní), ora como ‘verbos descritivos’ (Seki 2000, para o Kamaiurá e Jensen 1989, para o Wayampi), ora como ‘classe dos estados’ (Queixalós 2006, para a família Tupí-Guaraní).

Em Guajá, como já descrito, os adjetivos se encontram numa posição semântica intermediária na escala de estabilidade temporal, fazendo fronteira com os nomes menos prototípicos, que são os nomes menos estáveis temporalmente (como *kwe’ẽ* ‘madrugada’) e com os verbos menos prototípicos, que são os mais estáveis temporalmente (como *-irará* ‘alegrar-se’, *-imahý* ‘estar bravo’ e *-ikatý* ‘ser bom’). Codificam, de um lado, as propriedades físicas mais estáveis dos nomes prototípicos, como *-amãj* ‘grande’, *-japa’á* ‘curto’, *-pirỹ* ‘vermelho’, *-atỹ* ‘duro’, *-hĩ* ‘macio’ e *-paháj* ‘pesado’, e do outro, fenômenos que denotam estados temporários, como *-akú* ‘quente’ ou *-ahý* ‘doente’. Diferentemente dos nomes, são conceitos abstratos formados por traços simples.

Os adjetivos estão no que Hopper & Thompson (1984:706) denominam “área semântica que se encontra na fronteira entre percepções estáveis e instáveis”.

Além de Givón e Hopper & Tompson, a análise de Dixon (1982:16) também contribui para a classificação semântica dessas raízes como adjetivos. Ele define “tipos” semânticos universais e suas associações com classes de palavras em línguas tipologicamente diferentes e sugere que esses tipos semânticos são provavelmente universais lingüísticos, havendo associações “básicas” de cada um deles, em línguas particulares, com uma única classe de palavras. Propõe que dentre os vários tipos semânticos, sete podem compor a classe dos adjetivos para as línguas que justificam a existência dessa classe: dimensão, propriedade física, cor, propensão humana, idade, valor e velocidade.

No Guajá, incluem-se entre os adjetivos temas pertencentes a seis dos sete tipos semânticos propostos por Dixon:

1. Dimensão: *-amãj* ‘grande/largo’, *-japa’a* ‘curto/baixo’, *-mukú* ‘comprido/alto’;
2. Propriedade física: *-atỹ* ‘duro/forte’, *-hĩ* ‘macio’, *-paháj* ‘pesado’, *-wíwí* ‘leve’, *-akú* ‘quente’, *-axỹ* ‘frio’, *-e’ẽ* ‘doce’, *-ajahy’* ‘azedo’, *-rawahy’* ‘amargo’, *-kara’ahỹ* ‘cansado’;
3. Cor: *-xũ* ‘branco’, *-pinuhũ* ‘preto’, *-pirỹ* ‘vermelho’, *-awyhú* ‘azul’, *-tawahú* ‘amarelo’;
4. Idade: *-wajá* ‘novo/jovem’;
5. Valor: *-parahỹ* ‘bom/perfeito’, *-manyhỹ* ‘ruim/imperfeito/estragado’;
6. Velocidade⁴: *-apáj* ‘rápido’, *-mé* ‘devagar’

Temas que são classificados semanticamente por Dixon como “propensão humana” pertencem todos à classe dos verbos, já que se flexionam com prefixos pessoais, diferindo portanto dos anteriores, que, como será demonstrado mais adiante, apresentam outro tipo de flexão: *-irará* ‘ser/estar feliz/alegre’, *-imehé* ‘ser/estar triste’, *-imahy’* ‘ser/estar bravo/ciumento/nervoso’, *-ikaty’* ‘ser/estar bom/bem’, *-ikí* ‘ser/estar tímido’, *-waky’* ‘ser/estar doido’.

Definidas suas características semânticas, deve-se esclarecer como tais significados léxicos comportam-se formalmente na língua Guajá e quais são as características morfológicas e funções sintáticas que justificam a sua inclusão em uma classe diferente da dos verbos e da dos nomes.

⁴ Os adjetivos que exprimem velocidade têm um comportamento um pouco diferente dos demais pois, apesar de ocorrerem como núcleos de predicados (ex. i) e como modificadores de verbos (ex. ii) como alguns outros adjetivos, sua distribuição é restrita à terceira pessoa, isto é, eles nunca ocorrem com os pronomes dependentes de primeira ou segunda pessoas (ex. iii):

- | | | |
|------|--|-------------------|
| i. | <i>∅-apáj-hy</i>
R ² -rápido-INTS
‘será rápido’ | <i>tá</i>
PROJ |
| ii. | <i>a-jú-apáj</i>
2/IMP-rápido
‘venha rápido!’ | |
| iii. | *ha = r-apáj
1 = R ¹ -rápido
‘eu sou rápido’ | |

Morfologicamente os adjetivos podem ser definidos como a classe lexical que admite flexão relacional, mas não admite nem flexão pessoal, própria dos verbos, nem flexão com o sufixo nominal *-a*, própria dos nomes, o que a diferencia destas duas categorias. Em termos sintáticos⁵, podem ocorrer primariamente como núcleos de predicados intransitivos estativos (ex. 17) e como modificadores de núcleos nominais (ex. 18). Podem também exercer função argumentativa secundária (ex. 19), isto é, quando em função de argumento têm de receber um sufixo nominalizador:

17. *ha = r-ahý*
 1 = R¹-doente
 ‘eu estou doente’
18. *a-pyhý* [*ha = Ø-taký* *Ø-mukú*]-*a* *rí*
 2/IMP-pegar 1 = R¹-faca R¹-comprida-N logo
 ‘pegue logo a minha faca comprida!’
19. *Ø-pá* *h-ahy-há-Ø*
 3-acabar R²-doente-NZR-N
 ‘a doença dele acabou’

Os adjetivos diferenciam-se sintaticamente dos nomes e dos verbos por se combinarem com uma partícula intensificadora própria desta classe de palavras: a partícula *katá* ‘bem’⁶ (exs. 20 e 21):

20. *h-akú* *katá*
 R²-quente bem
 ‘está bem quente’

⁵ Givón (2001:84), ao apresentar a caracterização sintática dos adjetivos, descreve que esta classe tende a aparecer em dois contextos sintáticos principais na oração: como predicados e como modificadores em sintagmas nominais.

⁶ Com exceção do verbo *-me* ‘olhar’, que também se combina com essa partícula.

21. *i-wiwí katá*
 R^2 -leve bem
 ‘está bem leve’

Assim, a classe dos adjetivos diferencia-se semântica, morfológica e sintaticamente da classe dos nomes e da classe dos verbos.

No entanto, como classe intermediária, compartilha propriedades morfológicas e sintáticas com ambas as classes. A seguir, apresento as semelhanças entre os adjetivos e os nomes e as semelhanças entre os adjetivos e os verbos para, em seguida, apresentar mais detalhadamente as justificativas que me fazem considerá-los uma classe lexical independente.

1.3.1. Semelhança entre os adjetivos e os nomes

Os adjetivos compartilham com a classe dos nomes a seguinte característica morfossintática:

Adjetivos e nomes têm a mesma estrutura sintagmática do predicado:

A estrutura sintagmática dos predicados que têm como núcleo os adjetivos (ex. 22) é a mesma da dos predicados que têm como núcleo os nomes com determinante (ex. 23) e diferente da dos predicados que têm como núcleo os verbos (ex. 24):

22. $[ha = r-axy]$
 $1 = R^1$ -frio (predicado formado por descritivo)
 ‘eu estou frio’

23. $[ha = r-ipá]$
 $1 = R^1$ -casa (predicado formado por nome)
 ‘eu tenho casa’

24. [a-wyhyj]
 1-correr (predicado formado por verbo)
 ‘corri’

Como pode ser observado nos exemplos de 22 a 24 acima, tanto os adjetivos quanto os nomes com determinante flexionam-se com prefixo relacional quando núcleos de predicados independentes, enquanto os verbos nessa situação flexionam-se com prefixos pessoais⁷.

No entanto, apesar da semelhança morfológica entre adjetivos e nomes, cada uma das três classes lexicais forma tipos diferentes de predicados. Os predicados formados por nomes são predicados existenciais e equativos, e, portanto, sem sujeito, enquanto os predicados formados por adjetivos são predicados estativos, nos quais o papel semântico do sujeito é o de experienciador do estado, e os predicados formados por verbos são predicados eventivos, nos quais o papel semântico desempenhado pelo sujeito é o de realizador do evento. Os três tipos de predicados comportam-se de maneira diferente na língua.⁸

1.3.2. Semelhanças entre os adjetivos e os verbos

Os adjetivos compartilham com a classe dos verbos as seguintes características morfológicas e sintáticas:

a. Adjetivos e verbos têm função argumentativa secundária:

Os adjetivos e os verbos requerem morfologia derivacional para funcionarem como argumentos, isto é, a função argumentativa é secundária tanto para os adjetivos (ex. 25) como

⁷ Givón (2001:85) afirma que, em muitas línguas, adjetivos exibem a mesma morfologia gramatical dos nomes em construções predicativas. Cita como exemplo as línguas Bantu, nas quais predicados formados por adjetivos recebem a mesma morfologia que os predicados formados por nomes, ambos contrastando com predicados verbais.

⁸ O tipos de predicados são discutidos com mais detalhes no capítulo 7.

para os verbos (ex. 26), pois uns e outros precisam receber o sufixo nominalizador *-ahá* ~ *-há*⁹ para exercerem a função de argumento de orações:

25. *∅-inẽ* *h-aku-há-∅*
 3-permanecer R²-quente-NZR-N
 ‘a febre dele permanece’

26. *∅-nĩ* *h-amakaj-há-∅*
 3-ouvir R²-gritar-NZR-N
 ‘ouviu o grito dele’

Já os nomes ocorrem como argumentos de orações sem necessitar de morfologia derivacional, isto é, os nomes têm função argumentiva primária:

27. *∅-ikwẽ* *h-ajmá-∅*
 3-viver R²-bicho.de.estimacão-N
 ‘o bicho de estimacão dele vive’

b. Adjetivos e verbos não se combinam com morfemas próprios de nomes:

O “sufixo de atualização nominal retrospectiva” (Rodrigues, comunicação pessoal) que, de acordo com Rodrigues, ocorre em línguas de muitas famílias para distinguir a existência virtual retrospectiva da existência atual e presente, não marcada, é, como a própria definição aponta, um sufixo que ocorre exclusivamente com nomes (ex. 28). Esse sufixo, que tem dois alomorfes no Guajá (*-ké(r)* ~ *-e(r)*), ocorre com adjetivos e verbos

⁹ O sufixo *-aβ* do Tupinambá, cognato do *-há* do Guajá, é descrito por Rodrigues (1981) como um sufixo exocêntrico (que produz temas de classe distinta da base respectiva) com função de nominalizador instrumentivo de temas verbais. O mesmo sufixo é referido por Rodrigues 2001a (p. 112) como responsável por um processo derivacional que forma um tema nominal de circunstância a partir de temas não nominais. A última descrição de Rodrigues se adequa perfeitamente bem ao caso do sufixo *-há* do Guajá.

somente quando eles são nominalizados pelo sufixo *-há ~ -ahá ~ -á* (exs. 29 e 30, respectivamente).

28. *h-awy-kér-a*
 R²-sangue-RETR-N
 ‘sangue (derramado)’
29. *h-ahy-á-er-a*
 R²-doente-NZR-RETR-N
 ‘a doença (passada) dele’
30. *∅-jaho-á-er-a*
 R²-ir-NZR-RETR-N
 ‘a ida (passada) dele’

Os itens lexicais ilustrados nos exemplos 29 e 30 não ocorrem sem o nominalizador, como ilustrado nas construções agramaticais em 31 e 32 a seguir:

31. **h-ahy-kér-a*
 R²-doente-RETR-N
32. **∅-jaho-kér-a*
 R²-ir-RETR-N

O pronome dependente de terceira pessoa plural *wỹ* também é exclusivo da classe lexical dos nomes, estejam eles em função de argumento (ex. 33) ou de predicado (ex. 34):

33. *wỹ = n-imirikó-a ∅-xá*
 33 = R¹-esposa-N 3-ver
 ‘as esposas deles viram’

34. *a'é rapé wỹ = n-imirikó jehe'é*
 DEM PERFT 33 = R¹-casa PERFT
 ‘eles já têm esposas’

Os adjetivos e os verbos exprimem a terceira pessoa plural por meio de uma partícula homônima, mas de posição final:

35. *a'e Ø-keré wỹ*
 DEM 3-dormir PLU
 ‘eles dormiram’

36. *a'é i-kirá wỹ*
 DEM R²-gordo PLU
 ‘eles estão gordos’

c. Adjetivos e verbos têm de ser nominalizados quando núcleos de um sintagma genitivo:

Os nomes podem figurar em um sintagma genitivo como núcleo, modificado por outro nome (ex. 37). Essa locução é marcada com sufixos exclusivos da classe dos nomes, como o sufixo nominal *-a*.

37. *[xahú r-awáj]-a a-xá*
 [porcão R¹-rabo]-N 1-ver
 ‘eu vi o rabo do porcão’

Ao formar um sintagma nominal genitivo, os adjetivos (ex. 38) e os verbos (ex. 40) diferem dos nomes pois têm de ser nominalizados antes de receber os sufixos próprios dos nomes. Sem o nominalizador a construção torna-se agramatical (exs. 39 e 41):

38. $[[ha = n-imá \quad n-ahy'-á]-e \quad \emptyset-mumu'ũ-á]-en-a$
 $1 = R^1$ -animal.de.criação R^1 -doença-NZR-RETR R^1 -narrar-NZR-RETR-N
 ‘a narração da doença do meu animal de estimação’
39. $*[[ha = n-imá \quad n-ahy']-ké \quad \emptyset-mumu'ũ-á]-en-a$
40. $[ha = \emptyset-mẽ \quad \emptyset-iwyr-ahá]-\emptyset \quad a-xá$
 $[1 = R^1$ -marido R^1 -voltar-NZR]-N 1 -ver
 ‘eu vi a volta do meu marido’
41. $*[ha = \emptyset-mẽ \quad \emptyset-iwyr]-a \quad a-xá$

d. Adjetivos e verbos podem ser núcleos de orações subordinadas adverbiais finais e consecutivas:

Os adjetivos (ex. 42), assim como os verbos (ex. 43), funcionam como núcleos de orações adverbiais quando são precedidos por uma oração com o mesmo sujeito e exprimem finalidade (ou simultaneidade):

42. $a-'ú \quad tá \quad ha = \emptyset-kirá = pa$
 1 -comer PROJ $1 = R^1$ -gordo = GER
 ‘eu vou comer para ficar gordo’
43. $a-jahó \quad matá \quad u-'ú = pa$
 1 -ir PROJ R^2 -comer = GER
 ‘eu vou para comer’

Tanto os adjetivos (ex. 44) quanto os verbos (ex. 45) podem funcionar como núcleos de orações adverbiais consecutivas:

44. *a-jahó tá ha = r-ipá-pe i-kirá nẽ*
 1-ir PROJ 1 = R¹-casa-LOC R²-gordo CONS
 ‘eu voltarei para a minha casa depois que ele engordar’

45. *∅-ahó ha-já i-’ú nẽ*
 3-ir R²-de R²-comer CONS
 ‘saiu de lá depois de comer’

Em nenhum dos dados, quer elicitados, quer espontâneos, verificou-se a ocorrência de nomes como núcleo de qualquer uma das orações subordinadas acima.

1.3.3. Mais justificativas para se considerar os adjetivos como uma categoria lexical independente

Jacobsen (1979, *apud* Hopper & Thompson, 1984:706) mostra que, em Nootka, onde as raízes aparentemente não são especificadas como nomes ou verbos, uma classe se diferencia da outra pelo seu comportamento sintático. Demonstra que uma análise mais sofisticada da morfossintaxe dessa língua distingue entre um grupo de raízes que funcionam como argumentos sem marcas morfológicas e outro grupo de raízes que requerem nominalização ou outra morfologia derivacional para funcionarem como argumentos. Em outras palavras, há um conjunto de raízes lexicais em Nootka que naturalmente ocorrem como argumentos de predicados, e outro conjunto de palavras que são formalmente marcadas para ocorrer em tal função. Isto quer dizer, de acordo com Jacobsen, que há um conjunto de nomes e um conjunto de verbos.

O que se dá no Guajá, como já mencionado, é que as raízes das três classes podem exercer função de predicado, mas, para exercer função de argumento, as raízes verbais e adjetivais devem ser marcadas, o que as diferencia dos nomes. No entanto, isto não é suficiente para considerar que em Guajá as raízes descritivas sejam verbais, já que elas

compartilham com os nomes a mesma estrutura sintagmática do predicado, como já ilustrado acima nos exemplos 22 e 23.

Dietrich (2001:28) apresenta um motivo não só semântico, mas também sintático para se considerar estes lexemas (conceitos léxicos) não como verbos, mas como substantivos com valor predicativo em línguas Tupí-Guaraní (com ênfase nas línguas Guaraní, Chiriguano, Kaiwá e Mbyá):

“trata-se da expressão de ‘substâncias’, de seres, objetos e idéias abstratas, porque as mesmas palavras se empregam também na função sintática do sujeito, do complemento de objeto e do complemento de circunstância, não só de predicado. E não parece aceitável a idéia de um comportamento duplo destes lexemas, uma vez como verbo ‘estativo’, outra vez como substantivo.”

Levando-se em consideração essa observação, deve-se ressaltar que, no Guajá, esses lexemas exprimem, como já mencionado, desde propriedades físicas mais estáveis, como tamanho, forma, cor, até uma grande parte dos fenômenos que denotam estados menos estáveis, como ‘quente’ ou ‘doente’, o que os posiciona numa área semântica instável, na fronteira entre os nomes, que exprimem fenômenos relativamente estáveis através do tempo, e os verbos, que exprimem fenômenos que denotam mudanças relativamente rápidas ao longo do tempo.

O exemplo do Guajá abaixo ilustra um adjetivo que, quando em função sintática de predicado, exprime um estado que denota uma certa instabilidade temporal:

46. *h-akú*

R²-quente

‘ele está quente’

Este item lexical somente exprimirá “substância”, mesmo que abstrata, quando ocorrer com o sufixo derivativo *-há* e, portanto, passar a ser empregado com função sintática de sujeito:

47. \emptyset -*inẽ* *h-aku-há-∅*
 3-permanecer R²-quente-NZR-N
 ‘a quentura/febre dele permanece’

Sem o nominalizador *-há*, a oração torna-se agramatical:

48. * \emptyset -*inẽ* *h-akú-a*
 3-permanecer R²-quente-N
 ‘a febre dele permanece’

Portanto, sem receberem o morfema derivativo, os adjetivos não admitem nem flexão com o sufixo nominal *-a*, como ilustrado no exemplo acima, nem a combinação com outros morfemas exclusivos de nomes, como ilustrado anteriormente (cf. os exs. 28-36), o que revela que eles não têm “predisposição” para exercer funções sintáticas de “substantivo”, a menos que sejam “substantivados”.

Este fato estabelece uma importante diferença entre os descritivos do Guajá e o grupo de lexemas das línguas Tupí-Guaraní analisadas por Dietrich, que podem ser empregados nas funções sintáticas de sujeito, de complemento de objeto e de complemento de circunstância, sem precisarem passar por qualquer tipo de derivação.

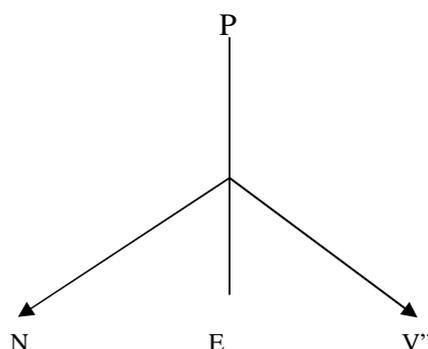
Proponho, então, que as raízes em questão configurem uma terceira categoria lexical na língua Guajá, a categoria dos adjetivos, que combina com a grande maioria dos tipos semânticos propostos por Dixon para a classe dos adjetivos, e que se diferencia morfológica e sintaticamente dos verbos e dos nomes.

No artigo “Stative verbs vs. nouns in Sateré-Mawé and Tupian family”, Meira (2006) discute as propriedades do que define por meio de um termo mais neutro “stative words”

(‘palavras estativas’) e compara as propostas existentes que classificam essas palavras ora como nomes, ora como verbos com a situação do Mawé. Acerca da distinção nome-verbo faz o seguinte comentário no final do artigo:

“In most languages of this sub-branch (Tupí-Guaraní), core nouns and verbs can be distinguished by virtue of taking overlapping but not entirely identical sets of person-marking prefixes. The stative stems, however, form a bridge between nouns and verbs. In some languages (e.g., Tupinambá), they are still better seen as nouns; in others (e.g., Kamayurá), a verbal analysis seems preferable. The crucial properties are usually few, even in the best cases: in Kamayurá, a nominalizing morpheme identifies the stative verbs, while case-marking suffixes (argumentative/nuclear, locative, etc.) identify the nouns.” (p. 211)

Queixalòs (2006) se refere à categoria dos descritivos na família Tupí-Guaraní, denominada por ele de ‘classe dos estados’ (E), como “a testemunha atual de uma época de indiferenciação funcional entre as classes lexicais dentro de uma superclasse de predicados”. Segundo ele, “os membros dessa superclasse sofreram, com a perda da onipredicatividade, algo como uma especiação, provavelmente influenciada pela semântica inerente de cada membro. Uns se tornaram (mais) nomes (N), outros (mais) verbos (V), mediante o surgimento de um desequilíbrio entre as duas subclasses na respectiva capacidade de acessar a função marcada, a argumental (já que globalmente os nomes continuam predicando na família). Outros membros da superclasse dos predicados, precisamente por causa da sua semântica híbrida, permaneceram na indiferenciação funcional anterior, gerando, *by default*, a classe dos estados (E). Este *split* corresponderia à primeira fase de recessão da onipredicatividade.



Ainda de acordo com Queixalòs, foi a conservação da sua indiferenciação funcional nessa etapa, o que permitiu à ‘classe dos estados’ inclinar-se, em estágios subseqüentes, ora para o lado dos nomes, ora para o lado dos verbos, sem nunca chegar a se confundir totalmente nem com os nomes nem com os verbos.

Desse ponto de vista, a ‘classe dos estados’ do Guajá permanece distinta da classe dos nomes e da classe dos verbos, mas tendo alguns de seus membros migrado para o lado dos verbos e outros para o lado dos nomes.

Isso porque há no Guajá exemplos de itens lexicais que se comportam sincronicamente como verbos, pois se flexionam com os prefixos pessoais, mas que têm seus correspondentes semânticos em outras línguas da família Tupí-Guaraní comportando-se como descritivos¹⁰: os verbos *-irará* ‘alegrar-se’, *-imehé* ‘estar triste’, *-waký* ‘ser/estar doido’, *-imahý* ‘ser/estar bravo’ e *-ikatý* ‘ser/estar bom/bem’¹¹. Estes seriam, então, exemplos de verbos no limite da fronteira semântica entre os verbos e os adjetivos na escala de estabilidade temporal proposta por Givón (cf. Figura 1).

E há também exemplos de itens lexicais que se comportam sincronicamente como nomes, pois se flexionam com o sufixo nominal *-a*, mas que estão no limite da fronteira semântica entre os nomes e os adjetivos, já que exprimem qualidade (cf. 4.2.1.1 Nomes

¹⁰ Outros verbos do Guajá que ocorrem como descritivos em outras línguas Tupí-Guaraní são *-imarakwá* ‘lembrar’ e *-imaharé* ‘esquecer’. Alguns desses itens lexicais podem ter passado para a classe dos verbos por meio do prefixo causativo *ma-*, enquanto a vogal *i* que os antecede pode ser interpretada como um prefixo reflexivo. Agradeço essa reflexão à prof. Ana Suely A. C. Cabral. Assim, *-imahý* ‘ser/estar bravo’, por exemplo, poderia, talvez, ser traduzido literalmente como ‘causar dor a si mesmo’, já que o tema descritivo para ‘ter dor’ é *-ahý*.

¹¹ O item lexical *-ikatý* ‘ser/estar bem/bom’ ocorre sincronicamente como um verbo. No entanto, há no Guajá uma partícula *-katý* ‘bem’, de posição fixa pós-núcleo do predicado, com a função de modificadora de verbos. É provável que esta partícula tenha ocorrido num estágio anterior da língua como um adjetivo, antes de tornar-se um verbo, e, como alguns outros adjetivos, podia incorporar-se ao núcleo do predicado funcionando como modificador.

qualificadores): *-ma'aké* ‘pequenez’, *-xa'áke* ‘velho’, *-wahý* ‘fêmea’, *-warihã* ‘macho’ e *-py* ‘primeiro’. Uma evidência sintática de que esses nomes estão bem próximos da classe dos adjetivos é que eles são os únicos que se combinam com a partícula *katá* ‘bem’, específica dos adjetivos (ex. 49) e, ainda, ao se incorporarem a verbos, assumem a posição de um adjetivo, seguindo o tema verbal (ex. 50) e não a de um nome, que precedem este tema.

49. *∅-ma'aké* *katá*
 R²-pequenez bem
 ‘é bem pequeno!’

50. *a-keré-pý* *tá* *Xirakapú-pe* *jahá*
 1-dormir-primeiro PROJ Tiracambu-LOC eu
 ‘eu vou dormir primeiro no tiracambu’

O Guajá apresenta, ainda, determinadas raízes que podem ocorrer tanto como nomes quanto como adjetivos, isto é, dependendo do contexto comportam-se ora como entidade ora como estado. É o caso das raízes *-awý* ‘sangue/menstruada’, *-pirikó* ‘suor/suado’ e *-a'ó* ‘carne/gordo’, que quando denotam entidade concreta, temporalmente estável, como na primeira tradução acima, funcionam como qualquer outro nome na língua, com morfologia e sintaxe nominal (ex. 51). No entanto, as mesmas raízes podem exprimir estados transitórios e, portanto, menos estáveis temporalmente, como na segunda tradução acima e, quando isso ocorre, elas funcionam com morfologia e sintaxe própria dos adjetivos (ex. 52) e tornam-se agramaticais com morfologia nominal (ex. 53):

-awý como nome ‘sangue’:

51. *tutú-a* *wỹ = n-awý-kér-a* *∅-a'ó*
 doutor-N 33 = R¹-sangue-RETR-N 3-tirar
 ‘o doutor tirou o sangue deles’

-awý como adjetivo ‘menstruada’:

52. *a'é h-awý wỹ*
 DEM R²-menstruada PLU
 ‘elas estão menstruadas’

53. **a'é wỹ = n-awý-a*
 DEM 33 = R²-menstruada
 ‘elas estão menstruadas’

O quadro I a seguir resume as semelhanças e diferenças da classe dos adjetivos com relação à classe dos nomes e à classe dos verbos.

Quadro I: adjetivos em relação aos nomes e aos verbos

	Nomes	Adjetivos	Verbos
Têm função predicativa primária	•	•	•
Admitem flexão com sufixo nominal <i>-a</i>	•		
Admitem flexão pessoal			•
Têm a mesma estrutura sintagmática do predicado	•	•	
Têm função argumentativa secundária		•	•
Não se combinam com o sufixo <i>-kér</i> nem com o pronome dependente <i>wỹ</i>		•	•
Não podem ser núcleo de sintagma genitivo		•	•
Podem ser núcleos de orações subordinadas adverbiais finais e consecutivas		•	•

Assim, os descritivos constituem uma classe lexical independente, a classe dos adjetivos, por não receberem flexão com o sufixo nominal *-a*, própria dos nomes, nem flexão pessoal, própria dos verbos, e, ainda, por combinarem-se com uma partícula exclusiva e compartilharem outras propriedades morfológicas e sintáticas tanto com a

classe dos nomes quanto com a classe dos verbos, diferenciando-se, por conseguinte, de ambas.

1.4. Advérbios

Os advérbios, diferentemente dos verbos, nomes e adjetivos, são uma classe lexical mista semântica, morfológica e sintaticamente. Há advérbios simples, representados por apenas um item lexical e há advérbios complexos, resultantes de construções particulares que funcionam como adjuntos circunstanciais da oração. Outras construções com semântica adverbial são formadas por meio de um tipo especial de incorporação de nomes, verbos ou adjetivos a uma raiz verbal.

As características semânticas e morfológicas dos advérbios dependem muito da natureza de advérbio e serão especificadas em cada uma das subclasses descritas a seguir.

Sintaticamente, os advérbios compartilham a característica de funcionar como adjunto circunstancial, modificando o significado do verbo ou de toda a oração. Eles tendem a ocorrer como constituintes opcionais das orações e não como membros obrigatórios que definem o significado principal do evento, do estado ou da existência de uma entidade.

A posição sintática dos advérbios dentro da oração varia muito de acordo com a natureza deles e alguns têm uma considerável flexibilidade de posição. As construções adverbiais, quando em posição inicial de sentença precedendo um predicado com sujeito de terceira pessoa, condicionam a ocorrência do núcleo do predicado no modo indicativo II, como no exemplo abaixo:

54. *terẽ* *Ø-pepé* *ha-xá-ni*
 trem R¹-dentro R²-ver-INDII
 ‘dentro do trem (ele) (a) viu’

Advérbios e construções adverbiais podem ser nominalizados com o morfema *-hár-*, como ilustrado a seguir:

55. *ha = n-imá* *amete-hár-a*
 1 = R¹-animal.de.estimacão longe-NZR-N
 ‘o meu bicho de estimacão que é de longe’
56. *∅-pá* *kó-a* *anỹ.* *amõ-a* *∅-inẽ,* *wý* *∅-kytyry-hár-a*
 3-acabar roça-N CONJ outra-N 3-permanecer chão R¹-para-NZR-N
 ‘E acabou a roça. Outra permanece, a de baixo’

Há quatro subclasses de advérbios no Guajá: os locativos, os translativos, os temporais e os de maneira.

1.4.1. Advérbios locativos

Os advérbios locativos têm como escopo a oracão inteira, isto é, não modificam apenas o verbo ou o sintagma verbal. Ocorrem, geralmente, no final da oracão.

Podem ser resultado de construções locativas particulares (nomes flexionados pelo sufixo do caso locativo (ex. 57) ou sintagmas posposicionais (ex. 58)) que funcionam sintaticamente como um advérbio:

57. *Akamytỹ-a* *∅-ahó* *kwý* *ha-jpá-pe*
 Akamytỹ-N 3-ir ali R²-casa-LOC
 ‘Akamytỹ foi ali para a casa dele’
58. *aru-’ú* *harawá* *kahú* *r-apé* *r-ipí*
 13-comer CTP2 carro R¹-caminho R¹-por
 ‘trouxemos para comer pela estrada (pelo caminho do carro)’

Os advérbios locativos simples são expressos por itens lexicais que exprimem distância e localização do referente, como os listados a seguir:

<i>kwateté</i>	‘perto’
<i>ameté</i>	‘longe/afastado’
<i>kwa’até</i>	‘no alto e próximo’
<i>waté</i>	‘no alto e distante’

59. *a-keré* *awá* *kwateté*
 1-dormir CTP Perto
 ‘dormi (vindo) pertinho’

60. *xi-keré* *ahá* *’á-pe* *ameté*
 EXO-dormir CTF lá-LOC longe
 ‘vamos dormir lá, longe’

61. \emptyset -*ipi* *kwa’até* *irá* *r-ehé*
 3-subir alto.perto árvore R¹-sobre
 ‘subiu no alto (próximo), sobre a árvore’

62. \emptyset -*ahó* *xí* *ipi = pa* *waté*
 3-ir IMPERF subir = GER alto.longe
 ‘ia subindo para o alto (distante)’

1.4.2. Advérbios translativos

As construções adverbiais formadas por nomes ou adjetivos que recebem o sufixo de caso translativo funcionam sintaticamente como advérbios complexos. Elas indicam a propriedade adquirida pelo sujeito dos verbos intransitivos ou pelo objeto dos verbos transitivos e ocorrem sempre no final da oração.¹²

¹² O caso translativo será descrito mais detalhadamente em 4.1.1.2.

63. *jahá a-jkú tá Ø-papejapohár-eme*
 eu 1-ficar PROJ R²-professor-TRANS
 ‘eu vou ficar como professora’ (lit. ‘eu vou virar professora’)
64. *itá a-japó tá ha = Ø-wy’y-reme*
 metal 1-fazer PROJ 1 = R¹-flecha-TRANS
 ‘do metal eu farei minha flecha’ (lit. ‘eu farei metal virar minha flecha’)
65. *jahá a-jmahý ha = Ø-jkirá-reme*
 eu 1-zangado 1 = R¹-gordo-TRANS
 ‘eu fiquei zangado por ter ficado gordo’

1.4.3. Advérbios temporais

Os advérbios temporais são aqueles que localizam o evento em relação ao tempo de sua realização. Podem codificar um ponto específico no tempo ou vários aspectos temporais de um evento. Caracterizam o evento, o estado ou a existência de uma entidade como um todo e portanto têm a oração inteira sob seu escopo.

Há no Guajá, como ocorre com os advérbios locativos, construções particulares (nomes flexionados pelo sufixo do caso locativo (exs. 66 e 67), sintagmas posposicionais (ex. 68), ou demonstrativos associados à partícula *mehẽ* ‘quando’ (exs. 69 e 70)) que funcionam sintaticamente como advérbios complexos que denotam tempo:

66. *Ø-rú xí Ø-xu’u-á-er-a kanẽ n-awa-há-pe*
 3-trazer IMPERF R²-morder-NZR-RETR-N lanterna R¹-iluminar-NZR-LOC
 ‘vinha com a mordida enquanto a lanterna iluminava’ (lit. ‘trazia a mordida à luz da lanterna’)
67. *Ø-xu’ú irami’ĩ-a Ø-iwyr-ahá-pe*
 3-morder jararaca-N R²-voltar-NZR-LOC
 ‘a jararaca o mordeu durante a volta dele’ (lit. ‘... na volta dele’)

68. *ha = n-imi-’ú-a* *a-’ú* *tá* *ha = Ø-wata-há* *r-ipí* *ka’á* *r-ipí*
 1 = R¹-NZR-comer-N 1-comer PROJ 1 = R¹-caminhar-NZR R¹-por mata R¹-por
 ‘vou comer minha comida durante a caminhada pela mata’
69. *Ø-kwá* *tá* *amõ = mehẽ*
 3-saber PROJ outro/um = quando
 ‘outro/um dia (ele) vai aprender’
70. *ari-ú* *ikwã = mehẽ* *kahú-pe*
 13-vir dia.seguinte = quando carro-LOC
 ‘viemos no dia seguinte de carro’

As raízes dos nomes qualificadores *-py*¹³ ‘primeiro’ e *-puhú* ‘novo’ podem ser incorporadas ao núcleo verbal e funcionar também como uma construção com semântica adverbial que denota tempo relativo:

71. *areá* *ari-keré-pý* *tá* *xí-a* *Xirakapú-pe*
 nós 13-dormir-primeiro PROJ aqui-N Tiracambu-LOC
 ‘antes/primeiramente nós dormimos aqui no Tiracambu’
72. *n = a-jahó-puhú-j* *Parasí* *r-ipí*
 NEG = 1-ir-novo-NEG Brasília R¹-por
 ‘eu não fui recentemente a Brasília’

Os advérbios temporais simples são expressos por itens lexicais que exprimem noções temporais, como os listados a seguir. Os três primeiros ocorrem em posição final de

¹³ *py* e *puhú* são considerados nomes pois podem exercer a função sintática de argumentos de predicado. Nesta função eles recebem um prefixo relacional e um sufixo nominal: *i-pý-a Ø-pinuhũ-tá* / R²-primeiro-ARG R²-preto-PROJ / ‘o primeiro vai ser preto’ e *a’é amõ kwá kurupí, Ø-puhú-a nỹ* / DEM outro MOSTR por.aqui R2-novo-N CONJ / ‘tem outra por aqui, nova também’. Estes nomes pertencem à subclasse denominada “nomes qualificadores”, que será descrita em 4.2.1.1.

oração. Os quatro últimos têm maior liberdade de posição, mas *mutuwẽ* ‘de manhã’ ocorre preferencialmente no início da oração e *pyhá* ‘de noite’ no final.

<i>'akwý</i>	‘agora’
<i>ahamerí</i>	‘ainda’
<i>rí</i>	‘logo’
<i>apapáj</i>	‘sempre’
<i>awijé</i>	‘freqüentemente’
<i>mutuwẽ</i>	‘de manhã’
<i>pyhá</i>	‘de noite’

73. *matarahỹ* **'akwý**
 escuro agora
 ‘agora está escuro’

74. *terẽ-∅* *∅-matá* *tár* *é* **'akwý**
 trem-N 3-parar PROJ LUSIV agora
 ‘o trem vai parar agora’

75. *na'axí* *i-pó-a* **ahamerí**
 não.haver R²-mão-N ainda
 ‘(os filhotes de sapo) ainda não têm mão’

76. *xi-japó* *oito* **rí**
 12/EXO-fazer oito logo
 ‘vamos fazer o (número) oito logo!’

77. *a-jú* *kurupí* **rí**
 2/IMP-*vir* para.cá logo
 ‘vem para cá logo!’

78. *awá-∅ ∅-ahó apapáj ka'á-p awỹ*
 Guajá-N 3-ir sempre mato-LOC PLU
 ‘os Guajá iam sempre para o mato’
79. *ha = ∅-kahú-a a-rahó awijé*
 1 = R¹-carro-N 1-levar freqüentemente
 ‘eu dirijo meu carro todo dia’
80. *∅-kaka'á awijé*
 3-defecar freqüentemente
 ‘(ele) está defecando toda hora’
81. *ani-mi.mi'ĩ mutuwẽ*
 13-RED.distribuir de.manhã
 ‘distribuimos de manhã’
82. *a-jahó mutuwẽ wari ∅-iká = pa*
 1-ir de.manhã guariba R¹-matar = GER
 ‘fui de manhã matar guariba’
83. *mutuwẽ ari-ahó kahú r-apé ∅-xak-á*
 de.manhã 13-ir carro R¹-caminho R¹-ver-GER
 ‘de manhã fomos ver a estrada (caminho do carro)’
84. *h-ahý pyhá*
 R²-dor de.noite
 ‘doeu de noite’
85. *∅-ahó kamará pyhá aré = r-ia anyĩ*
 3-ir índio de.noite 13 = R¹-de CONJ
 ‘e o índio foi embora de noite (de nós)’

Advérbios locativos também podem promover uma interpretação temporal:

86. *ameté* \emptyset -*japo-per-ér-a*
 longe R²-fazer-NZR-RETR-N
 ‘o que foi feito há algum tempo’

1.4.4. Advérbios de maneira

Os advérbios de maneira modificam o significado do núcleo do predicado ou adicionam significado a ele, isto é, apenas o núcleo do predicado está sob seu escopo semântico e sintático. A natureza da modificação semântica expressa pelo advérbio de maneira é heterogênea, dependendo do significado específico do núcleo do predicado.

No Guajá, as raízes de certos adjetivos (exs. 87 e 88) podem incorporar-se ao núcleo verbal funcionando como construções com semântica adverbial de maneira:

87. \emptyset -*watá-mé* *tá*
 3-andar-devagar PROJ
 ‘ele vai andar devagar’
88. *a'é* *i-ĩ-manyhỹ* *tá* *ni = \emptyset -pé*
 DEM 3-falar-errado PROJ 2 = R¹-para
 ‘ele vai falar errado pra você’

Partículas intra-predicado (cf. 2.4.4.6) também podem expressar noções adverbias de maneira:

89. *n = i-ĩ-katy-j* *a'ia*
 NEG = 3-falar-bem-NEG DEM
 ‘ele não fala muito bem’

Como os advérbios locativos e temporais, construções particulares podem funcionar sintaticamente como advérbios de maneira complexos. É o caso da construção ilustrada a seguir, onde o demonstrativo *kĩ* ‘assim’, associado à partícula *mehẽ* ‘quando’ resulta na construção adverbial de modo *kĩ = mehẽ* ‘assim’ (ex. 90):

90. *∅-manũ tá kĩ = mehẽ*
 3- morrer PROJ assim = quando
 ‘quando for assim ele vai morrer!’

O único advérbio de maneira representado por um item lexical encontrado até o momento é o advérbio simples *mutuhũ* ‘sozinho’, que ocorre seguindo o item lexical a que se refere. Porém, quando modifica especificamente o núcleo do predicado verbal, incorpora-se a ele como as partículas intra-predicado (cf. 2.4.4.6).

mutuhũ ‘sozinho’

91. *jahá mutuhũ a-jahó ka’á-pe*
 eu sozinho 1-ir mato-LOC
 ‘eu, sozinho, fui para o mato’
92. *a-jkú-mutihũ tá Xirakapú-pe jahá*
 1-ficar-sozinho PROJ Tiracambú-LOC eu
 ‘eu vou ficar sozinha no Tiracambu’

1.5. Numerais

No Guajá os numerais constituem uma classe lexical independente cujos membros podem ocorrer tanto como núcleos de predicados quanto como modificadores de sintagmas nominais. Há palavras específicas para os números ‘um’ e ‘dois’ e, a partir daí, um numeral para ‘mais de dois’, sendo que este último pode combinar-se com partículas que exprimem quantificação (cf. 2.4.4.5 – l) como *taté* e *ra’ó* (v. exemplos 97 e 98). Os numerais são:

<i>makamutuhũ</i>	‘um’
<i>inuhũ</i>	‘dois’
<i>ha’i</i>	‘mais de dois’

Os numerais diferem morfologicamente dos nomes, pois não se combinam com morfemas como o sufixo nominal *-a*, nem com os sufixos de atualização nominal, nem com o sufixo do caso locativo. Diferem também sintaticamente dos nomes pois, quando na função de modificadores, têm maior liberdade de posição, podendo ocorrer antes ou depois do sintagma nominal, sem nenhuma vinculação com ele por meio de prefixos relacionais.

Os numerais diferenciam-se também dos advérbios pois, apesar de ambas as classes ocorrerem como modificadores de sintagmas nominais (ex. 93), somente os numerais podem ser núcleos de predicados intransitivos (exs. 96-99 adiante).

93.	<i>n = Ø-iká-j</i>	<i>ha’i</i>	<i>xahú-a</i>	<i>anỹ</i>
	Neg = 3-matar-Neg	mais.de.dois	porcão-N	CONJ
	‘não matou mais de dois porções’			

O sintagma nominal pode ser omitido quando subentendido no contexto discursivo:

94.	<i>inuhũ</i>	<i>Ø-inẽ</i>	<i>kwý</i>
	dois	3-permanecer	ali
	‘permaneceram dois (carros) ali’ ou ‘permaneceram ali em dois’		

95. *areá ari-’ú mukurí-a pé ka’á-pe. u-’ú-mixík-a’ĩ*
 nós 13-comer bacuri-N lá mato-LOC 3-comer-pouco-ATEN
Junaj-a. areá ari-’ú ha’í taté areá
 Junai-N nós 13-comer mais.de.dois muitos nós
 ‘Nós comemos bacuri lá no mato. Junai comeu pouquinho. Nós comemos muitos’

Quando núcleo de predicados, os numerais exigem apenas um argumento, com papel semântico de “paciente”:

96. *makamutuhũ xahú-a ?*
 um porcão-N
 ‘— tem (apenas) um porcão?’
97. *inuhũ kahú r-apé-puhú-a anyĩ*
 dois carro R¹-caminho-novo-N CONJ
 ‘tem duas estradas novas também’
98. *ari-xá kahú r-apé-a nyĩ. ha’í ra’ó kahú r-apé-xa’akér-a nyĩ*
 13-ver carro R¹-caminho-N CONJ mais.de.dois muitos carro R¹-caminho-velho-N CONJ
 ‘E vimos a estrada. E tinha muitas estradas velhas também.’
99. *ha’í taté mukurí-a*
 mais.de.dois muito bacuri-N
 ‘tem muitos bacuris’

Como modificadores, os numerais geralmente precedem o sintagma nominal (ex. 93 acima), mas ocorrem depois dele quando exprimem distribuição¹⁴ (exs. 100 e 101).

100. *Ø-ú-ramõ kamará-Ø anỹ: kajapó-a, tapirapé-a, temé-a, Wajwáj-a,*
 3-vir-IMED índios-N CONJ Kaiapó-N Tapirapé-N Tembé-N Waiwái-N
Xawahỹxí-a, karipún-a, janamami-a, Ø-wahý-a karikaxí-a inuhũ kajwá-wanihã-Ø
 Xavánte-N Karipúna-N Yanomám-N R²-mulher-N Krikatí-N dois Kaiwá-homem-N
 ‘E vieram em seguida: os Kaiapó, os Tapirapé, os Tembé, os Waiwái, os Xavánte, os Karipúna, os Yanomámi, duas mulheres Krikatí e um homem Kaiwá.’
101. *a-jká xirawanã-a inuhũ xí Tatusĩ amõ-a Ø-iká anỹ*
 1-matar rolinha-N dois IMPERF Tatusĩ outro-N 3-matar CONJ
 ‘eu matava duas rolinhas e Tatusĩ matava outra’

Não há numerias ordinais em Guajá. Para indicar ordenamento são utilizadas construções adverbiais formadas por nomes dêiticos de posição (cf. capítulo 4) combinados com o sufixo locativo *-pe* ~ *-me* ou com posposições locativas:

102. *Ø-warihã t-itarỹ-me Ø-wahý-a t-akwé-pe*
 R²-homem R⁴-frente-LOC R²-mulher-N R⁴-atrás-LOC
 ‘homem primeiro, mulher em seguida’
103. *ari-jahó t-akwé Ø-kytyrý areá kamará Ø-ahó t-itarỹ-me a`iá*
 13-ir R⁴-atrás R¹-para nós Índio 3-ir R⁴-frente-LOC ele
 ‘nós fomos por último e o índio foi em primeiro (na frente)’

¹⁴ Como descrito por Rodrigues (1981) para o Tupinambá.

2

Classes de palavras não-lexicais

No capítulo anterior foram apresentados membros das cinco principais classes de palavras do Guajá – as que são formadas por palavras lexicais, que são classes grandes e abertas. No presente capítulo serão descritas as chamadas ‘classes menores’, cujos membros “tendem a ser consistentemente pequenos, átonos e aparecem, normalmente, como morfemas periféricos, afixados a raízes geralmente maiores de palavras lexicais” (Givón, 1984:83). Caracterizam-se, portanto, por serem classes funcionais, destituídas de conteúdo lexical. Codificam funções gramaticais e são representadas por muitas e pequenas classes, relativamente fechadas, nas quais a adição ou subtração de membros é possível, mas não reflete mudança cultural e sim mudanças no “instrumento comunicativo” (Givón, 2001:46). No Guajá, a maioria dos membros dessas classes é acentuada. É o caso, por exemplo, das partículas, que são tônicas, mas mantêm uma dependência sintática com relação à sentença, pois nunca ocorrem isoladamente. Os pronomes independentes, por funcionarem como pronomes enfáticos, ocorrem também como palavras independentes. Há ainda as posposições e os demonstrativos que também são palavras acentuadas.

As classes não-lexicais da língua Guajá são os pronomes, as posposições, os demonstrativos, as partículas e as interjeições.

2.1. Pronomes

Os pronomes constituem uma classe fechada de elementos que diferem morfológicamente dos nomes por não se flexionarem com os sufixos próprios destes, como o sufixo nominal *-a* e o sufixo do caso locativo *-pe*. Diferem também semanticamente dos nomes por não terem um referente fixo, ou seja, os pronomes se referem a qualquer participante do discurso, mas classificam os referentes de acordo com a sua pessoa (1ª pessoa (falante) e 2ª pessoa (ouvinte) ou 3ª pessoa) e de acordo com a sua função sintática (sujeito, objeto ou determinante de nomes e posposições). Sintaticamente, os pronomes se caracterizam por determinar concordância de pessoa no verbo.

A classe dos pronomes é subdividida em duas séries de pronomes pessoais com distribuições sintáticas distintas, os independentes e os dependentes, como será visto em seguida. Os primeiros são palavras independentes, acentuadas e constituem sintagmas nominais, ao passo que os dependentes são átonos e constituem elementos clíticos de sintagmas que têm como núcleo nomes, verbos, adjetivos ou posições. Ambas as séries incluem formas para referência ao falante (1), ao ouvinte (2), a terceiros pessoas (3), sem distinguir entre primeira pessoa do plural inclusiva (12) e exclusiva (13).

2.1.1. Pronomes pessoais independentes

O quadro II abaixo apresenta os pronomes pessoais independentes do Guajá:

Quadro II: Pronomes pessoais independentes

1	<i>jahá</i>	‘eu’
13/12(3)	<i>areá</i>	‘nós’
2	<i>nijã</i>	‘você’
23	<i>pijã</i>	‘vocês’
3/33	<i>a’iá</i>	‘ele(s)’

Os pronomes pessoais independentes podem ocorrer como constituinte único de uma oração (ex.104), como sujeito de orações com predicado verbal em que o objeto é de 1ª ou 2ª pessoa (exs. 105a e 105b), como sujeito de orações equativas (ex. 106), como referência catafórica ao sujeito (ex. 107) ou ao objeto¹⁵ (ex. 108), como construção de foco contrastivo (ex. 109) e podem coocorrer também com seus respectivos pronomes dependentes como tópicos anafóricos em orações com predicados não verbais (exs. 110 e 111).

¹⁵ No entanto, o objeto só pode ocorrer como referência catafórica quando se trata de uma terceira pessoa animada. Além disso, no exemplo 108, na mesma posição onde ocorre o pronome independente *a’iá*, referência catafórica ao objeto da oração, também poderia figurar o pronome independente *nijã*, referência catafórica ao sujeito, se o falante quisesse colocar em foco o sujeito e não o objeto.

104. *jahá?*

eu

eu?

105a. *jahá ni = r-ixá*

eu 2 = R¹-ver

‘eu te vi’

105b. *nijã ha = r-ixá*

você 1 = R¹-ver

‘você me viu’

106. *tapi 'ir-a jahá*

anta-N eu

‘eu sou anta’

107. *n = ani-kwá-j nijã*

NEG = 2-saber-NEG você

‘você não sabe’

108. *a-pyhý a 'iá*

2/IMP-pegar ele

‘pegue-o!’

109. *jahá xipé kwý*

eu FOC ai

‘sou eu aí (na foto)!’

110. *pijã pĩ = Ø-kara 'ahỹ*

vocês 23 = R¹-cansado

‘vocês estão cansados’

111. *jahá ha = Ø-mymý*

eu 1 = R¹-filho

‘eu tenho filho’

No Guajá o pronome pessoal independente *a'ia* ‘ele’ refere-se especificamente à terceira pessoa. No entanto a terceira pessoa pode ser expressa também por meio do demonstrativo discursivo *a'é* ‘este/esse/aquele’ (cf. 2.3.1). O primeiro ocorre preferencialmente em posição pós-núcleo do predicado, referindo-se apenas a argumentos com traço [+ animado], enquanto o segundo ocorre sempre em posição pré-núcleo do predicado, referindo-se indistintamente a argumentos animados ou inanimados.

112. *ari-ahó t-akwé Ø-kytyrý areá, kamará-Ø Ø-ahó t-itaryĩ-me a'ia*
 13-ir R⁴-atrás R¹-para nós índio-N 3-ir R⁴-frente-LOC ele
 ‘nós fomos atrás, o índio (não-Guajá) foi na frente’

113. *a'é i-ĩ tá tyrymỹ r-ipá-p awỹ*
 DEM 3-conversar PROJ farinha R¹-casa-LOC PLU
 ‘eles vão conversar na casa de farinha’

2.1.2. Pronomes pessoais dependentes

O quadro III abaixo apresenta os pronomes pessoais dependentes:

Quadro III: Pronomes pessoais dependentes

1	<i>ha ~ iha</i>	‘eu’
13/12(3)	<i>are</i>	‘nós’
2	<i>ni</i>	‘você’
23	<i>pĩ</i>	‘vocês’
33	<i>wỹ ~ wyn</i> ¹⁶	‘eles’

Os pronomes dependentes são elementos átonos que formam uma unidade fonológica com as palavras às quais se ligam. Exibem um baixo grau de seleção em relação aos seus “hospedeiros” (Zwicky, 1984), podendo ocorrer com nomes, verbos, adjetivos e

¹⁶ O pronome pessoal dependente de terceira pessoa plural *wỹ*, apesar de homônimo à partícula pluralizadora de sujeito *wỹ* (cf. 2.4.2.5) diferencia-se desta por ser um elemento clítico que ocorre com nomes, posposições e núcleos de orações dependentes, enquanto a partícula ocorre apenas com predicados verbais e adjetivais e sempre em posição fixa, no final da oração.

posições. A unidade fonológica que formam com tais palavras está sujeita a restrições de ordem mais rígida do que a de outros elementos da estrutura oracional, pois não pode ser interrompida por outros formativos ou palavras (Anderson, 1985). São, assim, elementos clíticos pois, diferentemente dos afixos, formam unidades sintáticas e não morfológicas, isto é, correspondem a elementos que também podem ser expressos por palavras independentes. No Guajá, os pronomes clíticos são formas foneticamente reduzidas e átonas dos pronomes pessoais independentes, com exceção do de terceira pessoa plural, cujo correspondente independente é uma partícula de posição final na oração (cf. 2.4.2.5). Os pronomes dependentes vinculam-se sintaticamente a seus “hospedeiros” por meio dos prefixos relacionais e realizam as seguintes funções: objeto de primeira ou segunda pessoa de verbos transitivos (exs. 114a e 114b), sujeito de primeira ou segunda pessoa em predicados que têm como núcleo um adjetivo (exs. 115a e 115b), determinante junto a nomes que pedem determinante, obrigatório (ex. 116a) ou facultativo (ex. 116b), inclusive quando esses nomes figuram em construções existenciais (ex. 117), determinante de posições (exs. 118a e 118b) e sujeito e objeto de predicados dependentes (exs. 119a e 119b), observando-se que o clítico *wỹ* não ocorre nas duas primeiras funções:¹⁷

114a.	<i>ha = r-ixá nijã</i> 1 = R ¹ -ver você ‘você me viu’	114b.	<i>ni = n-ixá jahá</i> 2 = R ¹ -ver eu ‘eu te vi’
115a.	<i>ha = r-ahý</i> 1 = R ¹ -doente ‘estou doente’	115b.	<i>ni = n-atỹ</i> 2 R ¹ -forte ‘você é forte’
116a.	<i>jahá wỹ = n-ipá-Ø a-japó</i> eu 33 = R1-casa-N 1-fazer ‘eu fiz a casa deles’	116b.	<i>jahá ha = Ø-xirú-a a-mitiká</i> eu 1 = R ¹ -roupa-N 1-lavar ‘eu lavei minha roupa’

¹⁷ O pronome dependente de terceira pessoa plural *wỹ* não ocorre na função de sujeito ou objeto de predicados independentes que têm como núcleo adjetivos ou verbos. *Wỹ* é uma forma pronominal que se combina exclusivamente com nomes dependentes, posições ou núcleos de orações dependentes (que diacrônicamente provêm de nominalizações, como descrito em Cabral e Rodrigues (2005)).

117. *ha = Ø-taký kyry'y*
 1 = R¹-faca MUD
 ‘agora eu tenho faca’

118a. *a-manõ tá ni = Ø-pé*
 1-dar PROJ 1 = R¹-para
 ‘eu vou dar para você’

118b. *Ø-inẽ wỹ = Ø-pyry'*
 3-permanecer 33 = R¹-junto
 ‘permaneceu junto deles’

119a. *ha = Ø-mén-a Ø-já'ó tá ha = Ø-jahó = mehẽ*
 1 = R¹-marido-N 3-chorar PROJ 1 = R¹-ir = quando
 ‘meu marido vai chorar quando eu for embora’

119b. *ari-wapý wý-pe wỹ = n-ixak-á*
 13-sentar chão-LOC 33 = R¹-ver-GER
 ‘sentamos no chão para vê-los’

2.2. Posposições

As posposições formam uma classe fechada de palavras que estabelece relações gramaticais com seus determinantes formando sintagmas posposicionais com função sintática de complementos circunstanciais da oração. Diferentemente dos advérbios formados pela associação de sufixos casuais a nomes, que expressam significados específicos bem claros – locativo pontual e translativo (cf. Cap. 4), as construções adverbiais formadas pelas posposições expressam uma grande variedade de significados, podendo, inclusive, uma mesma posposição servir a distintos usos.

As posposições seguem-se aos determinantes e flexionam-se segundo estejam contíguas ou não a estes dentro do sintagma posposicional do qual são núcleos. Tais

determinantes podem ser nomes (ex. 120), pronomes (ex. 121), demonstrativos (ex. 122) ou, em casos bem específicos, alguns verbos¹⁸ (ex. 123).

120. *Awaré r-ipá r-aké*
 Auré R¹-casa R¹-perto
 ‘perto da casa dos Auré’

121. *∅-ahó ni = ∅-pyrý*
 3-ir 2 = R¹-junto
 ‘foi para junto de você’

122. *ara-kwá kwé r-ipí*
 1-passar lá R¹-por
 ‘passamos por lá’

123. *jahá ni = n-ixá ha = ∅-keré r-ipí*¹⁹
 eu 2 = R¹-ver 1 = R¹-dormir R¹-por
 ‘eu te vi no meu sonho’ (lit. ‘eu te vi pelo meu dormir’)

As posposições constituem a única classe funcional que se flexiona com prefixos relacionais e distingue-se, assim, das classes não-lexicais não flexionáveis – advérbios, pronomes, demonstrativos e partículas. Elas podem receber o prefixo reflexivo/recíproco *i-* (ex. 124) e são nominalizadas pelo sufixo *-hár-* (ex. 125):

¹⁸ O verbo *-watá* ‘andar/caminhar’, por exemplo, diferentemente do verbo *-keré* ‘dormir’ (ex. 129), só pode ser determinante de posposição quando nominalizado: *a-’ú tá ∅-wata-há r-ipí* / 1-comer PROJ R²-caminhar-NZR R¹-por/ ‘eu vou comer pela caminhada’ e não **a-’ú-tá watá r-ipí*.

¹⁹ Um outro informante prefere a formulação da mesma oração com a forma nominalizada do verbo:

jahá ni = n-ixá ha = ∅-kere-há r-ipí
 eu 2 = R¹-ver 1 = R¹-dormir-NZR R¹-por
 ‘eu te vi pelo meu dormir’

124. \emptyset -*inamũ* *i-ehé* *wỹ*
 3-cuspir REFL/REC-sobre PLU
 ‘eles cuspiram um no outro’

125. *pijã* *ha = \emptyset-pyry-hár-a*
 você 1 = R¹-junto-NZR-N
 ‘você é o que está junto de mim’

Similarmente aos nomes, aos verbos e aos adjetivos, as posposições se distribuem em duas classes conforme sua ocorrência com os alomorfes dos prefixos relacionais²⁰.

Apresento, a seguir, as posposições, com exemplos que ilustram os significados associados a elas.

2.2.1. Posposições da classe I

As posposições da classe I iniciam-se todas por consoantes. Elas são:

a. -*pepé*: tem significado inessivo e instrumental, isto é, pode indicar tanto localização interna, quanto instrumento.

126. \emptyset -*ahó* *’y* \emptyset -*pepé*
 3-ir água R¹-dentro
 ‘(ele) foi para dentro d’água’

127. \emptyset -*inẽ* *i-pepé* *ahamerí*
 3-permanecer R²-dentro ainda
 ‘(as miçangas) ainda permanecem dentro dela (da garrafa)’

²⁰ A flexão relacional e a distribuição das classes de temas conforme a sua ocorrência com os alomorfes dos prefixos relacionais serão assuntos tratados mais detalhadamente no Capítulo 3.

128. *ma'á* \emptyset -*pepé* *pirá* *ari-ká* *tá*
 que R¹-INSTR peixe 2-matar PROJ
 ‘com o quê você vai pescar?’ (lit. ‘com que instrumento você vai matar peixe?’)

b. -*pamẽ*: posposição comitativa, isto é, indica companhia.

129. *a-jahó* *tá* *ni =* \emptyset -*pamẽ*
 1-ir PROJ 2 = R¹-com
 ‘eu vou com você’
130. *ha-mirikó-a* \emptyset -*ikwẽ* *tá* *i-pamẽ*
 R²-esposa-N 3-ficar PROJ R²-com
 ‘a esposa dele vai ficar com ele’

c. -*pyry*: posposição adessiva; significa ‘junto a’ ou ‘para junto de’.

131. *Kamajrú-a* *i-pyry*
 Kamajrú -N R²-junto
 ‘o Kamairú está junto dele’
132. *Arakuranĩ*, *a-jú* *ha =* \emptyset -*pyry*
 Arakuranĩ 2/IMP-vir 1 = R¹-junto
 ‘Arakuranĩ, venha para junto de mim!’
133. *amõ* *mehẽ* *a-jahó* *tá* *i-pyry*
 outro quando 1-ir PROJ R²-junto
 ‘outro dia eu irei para junto dele’

d. *-pé ~ -ipé ~ -mé*: indica o destinatário ou a causa. Somente com esta posposição ocorre o alomorfe *iha* do pronome dependente de primeira pessoa singular (ex. 134). O alomorfe *-ipé* da posposição ocorre somente com o pronome dependente *wyn* ‘eles’ (ex. 135) e o alomorfe *-mé* apenas com o pronome dependente *pĩ* ‘vocês’ (ex. 136).

134. *a-mũ mō iha = Ø-pé*
 2/IMP-dar CTP2 1 = R¹-para
 ‘dê (fazendo vir) para mim!’

135. *ni = Ø-manõ-ĩ Punasa puhỹ wyn = Ø-ipé*
 NEG = 3-dar-NEG Funasa remédio 33 = R¹-para
 ‘a Funasa não deu (enviou) remédio para eles’

136. *a-manõ tá pĩ = Ø-mé*
 1-dar PROJ 2 = R¹-para
 ‘eu vou dar a vocês’

137. *Akamytỹ Ø-imahý ha-mirikó Ø-pé*
 Akamytỹ 3-estar.bravo R²-esposa R¹-para
 ‘Akamytỹ está bravo para com a esposa dele’

138. *ma'awá nijã? a-ma'i i-pé anỹ*
 quem você 1-perguntar R²-para CONJ
 ‘Quem é você? Perguntei para ele’

139. *a-xak-aká i-pé*
 2/IMP-ver-CAUS R²-para
 ‘mostre para ele!’

140. *a-já'ó i-pé*
 1-chorar R²-para
 ‘chorei por causa disso’

141. *h-ahý i-pé*
 R²-dor R²-para
 ‘dói nele’ (lit. ‘dói para ele’)

e. *Ø-kytyry'*: posposição alativa, isto é, que indica movimento em direção ao ponto de referência expresso pelo determinante.

142. *amõ-Ø Ø-wa'á Marina Ø-kytyry' anỹ*
 outro-N 3-cair Marina R¹-na.direção CONJ
 ‘E um outro (bacuri) caiu na direção da Marina’

143. *pé Zé Doca Ø-kytyry'. a'é i-kytyry'*
 lá Zé.Doca R¹- na.direção DEM R²- na.direção
 ‘lá na direção de Zé Doca. Ela (a cidade)(fica) na direção dele (do povoado de Zé Doca)’

2.2.2. Posposições da classe II

As posposições da classe II iniciam-se por vogais. Elas são:

f. *-iá ~ -ajá*: posposição ablativa, indicando afastamento.

144. *jahá mỹk-a a-mytý wirá r-iá*
 eu manga-N 1-puxar árvore R¹-de
 ‘eu puxei a manga da árvore’

145. *ý-a Ø-tapá tyrymyỹ r-iá*
 água-N 3-secar mandioca R¹-de
 ‘a água secou (afastando-se) da mandioca’ (a água em que a mandioca estava de molho)

146. *a-jú h-ajá*
 1-vir R²-de
 ‘eu vim de lá’

147. *xo-hó h-ajá*
 12/EXO-ir R²-de
 ‘vamos sair daqui!’

148. *a-kijé h-ajá*
 1-temer R²-de
 ‘eu tenho medo dele’

g. -ehé: indica localização em cima, associação, e também relação.

149. *ka'ihú-a Ø-keré waté wirá r-ehé*
 cairaro-N 3-dormir no.alto árvore R¹-sobre
 ‘o cairaro (esp. de macaco) dormiu no alto, sobre a árvore’

150. *jahará-Ø a-'ú tyrymỹ n-ehé*
 açai-N 1-comer farinha R¹-com
 ‘eu comi açai com farinha’

151. *a-jpí h-ehé*
 1-subir R²-sobre
 ‘subi nele’

152. *Hosỹn-a Ø-imahý i-kanẽ Ø-pen-ahá-ké n-ehé*
 Rosana-N 3-estar.bravo R²-lanterna R¹-quebrar-NZR-RETR R¹-em.relação.a
 ‘Rosana está brava por terem quebrado sua lanterna’

153. \emptyset -*jamaká* *h-ehé*

3-cuidar R²-em.relação.a

‘cuidou dele’

h. -*ipí* ~ -*apí*: indica tanto espaço percorrido (perlativo) quanto localização difusa²¹. Faz referência a um espaço físico (ex. 154) ou temporal (ex. 155) não pontual.

154. \emptyset -*watá* *ka'á* *r-ipí*

3-caminhar mata R¹-através

‘ele caminha através da mata’

155. *ha = n-imi- 'ú-a* *a- 'ú* *tá* \emptyset -*wata-há* *r-ipí*

1 = R¹-NZR-comer-N 1-comer PROJ R²-caminhar-NZR R¹-por

‘vou comer minha comida durante a caminhada’

156. *jawár-a* \emptyset -*keré* *wý* *r-ipí*

cachorro-N 3-dormir chão R¹-por

‘o cachorro dorme pelo chão’

157. \emptyset -*wẽ* *té* *wé* *are = \emptyset-wirá* *kahú* *r-apé* *r-ipí*

3-permanecer REAL DUR 13 = R¹-madeira carro R¹-caminho R¹-por

‘a nossa madeira ainda permanece (deitada) pela estrada’

158. \emptyset -*iwý* *tá* *wá* *kwý* *h-apí*

3-voltar PROJ CTP aí R²-por

‘(ele) voltará aí por ela (pela estrada)’

²¹ Além da semântica de perlativo, seu significado também abrange o papel semântico desempenhado pelo sufixo casual locativo difuso -*βo* do Tupinambá, descrito por Rodrigues 2001a, sem correspondente no Guajá.

i. -aké: indica localização próxima. Associada, provavelmente, à partícula *até* ‘realmente’, resultou na forma *-akaté* que indica que o referente está realmente próximo (v. ex. 163).

159. *pijã ha = r-ake-hár-a*
 vocês 1 = R¹-perto-NZR-N
 ‘vocês são os que estão perto de mim’ (lit. ‘vocês são meus vizinhos’)

160. *a-wa’á ni = n-aké*
 1-cair 2 = R¹-perto
 ‘caí perto de você’

161. *∅-ikú Akamytỹ h-aké o-’ók-a a’iá*
 3-ficar Akamatã R²-perto R²-arrancar-GER ele
 ‘Akamytỹ ficou próximo a elas (as mandiocas) arrancando-as’

162. *i-hí-a h-aké*
 R²-mãe-N R²-perto
 ‘a mãe dela está próxima’

163. *∅-ikú Awaré r-ipá r-akaté*
 3-ficar Auré R¹-casa R¹-realmente.perto
 ‘ficou realmente perto da casa dos Auré’

j. -awáj: indica lado oposto.

164. *∅-ikú ’y r-awáj*
 3-ficar rio R¹-outro.lado
 ‘ficou do outro lado do rio’

165. *a-jahó tá h-awáj, Hosa.Garãde-pe*
 1-ir PROJ R²-outro.lado Roça.Grande-LOC
 ‘eu vou ao outro lado (do rio), à Roça Grande’

2.3. Demonstrativos

Os demonstrativos integram uma classe fechada de elementos com função ora puramente dêitica, ora combinada com funções locativas ou temporais. Apesar de ocorrerem, em situações específicas, associados ao sufixo nominal ou ao de caso, diferem da classe dos nomes por serem uma categoria funcional – que codifica orientação (dêixis) – e não uma categoria lexical.

Os demonstrativos podem ser núcleos de construções adverbiais locativas quando marcados com o sufixo locativo *-pe* ~ *-p* (exs. 166-168) ou quando determinantes de posições locativas (ex. 169):

166. *∅-iká matá kamará-∅ ’á-pe ka’á-pe*
 3-matar PROJ índio-N lá(próximo)-LOC mato-LOC
 ‘o índio quer matar para lá, no mato’
167. *ari-jahó xí pé-pe takỹ ∅-iká = pa Manãxiká ∅-pamẽ*
 13-ir IMPERF lá(distante)-LOC tucano R¹-matar = GER Manãxiká R¹-com
 ‘íamos para lá matar tucano com Manãxiká’
168. *ari-ahó tá mĩ-p areá*
 13-ir PROJ lá(muito.distante)-LOC nós
 ‘nós iremos para lá’
169. *ara-kwá kwé r-ipí*
 13-passar ali(próximo) R¹-por
 ‘passamos por ali (pelo igarapé)’

Podem também ser núcleos de construções adverbiais temporais²² quando associados à partícula *mehẽ*:

170. *kú* *mehẽ* *té*
 aqui(sem.movimento) quando REAL
 ‘hoje’

171. *kwarahý* *kwáe* *mehẽ*
 sol lá(afastado) quando
 ‘de tarde’

172. *amõ* *mehẽ*
 outro quando
 ‘outro dia’

173. *Ø-parahỹ* *kĩ* *mehẽ*
 R²-bonito assim quando
 ‘é bonito quando fica assim!’

Há quatro tipos de demonstrativos no Guajá, os discursivos, os espaciais, um demonstrativo indefinido e um demonstrativo de maneira, descritos a seguir em 2.3.1, 2.3.2, 2.3.3, 2.3.4 respectivamente.

²² A expressão adverbial temporal *ikwamehẽ* ‘no dia seguinte’ provavelmente tem sua origem na combinação de um demonstrativo **ikwa* com a partícula *mehẽ*. No entanto, esse possível demonstrativo não é realizado de maneira isolada sincronicamente na língua.

2.3.1. Demonstrativos discursivos

Demonstrativos discursivos (Himmelmann, 1996, *apud* Rose, 2003:188) são aqueles utilizados como dêiticos discursivos e que se referem a um antecedente, um evento ou uma proposição do discurso precedente.

São dois os demonstrativos discursivos do Guajá: *a'é* e *akwé*. O primeiro refere-se a um antecedente preciso no discurso precedente, sobre o qual se fala no momento do enunciado (ex. 174). O segundo faz referência a alguém ou a um assunto do passado, de conhecimento dos interlocutores, e que o falante deseja recuperar no discurso (ex. 175).

174. *awá-wanihã-∅* *∅-wata-ma'á-∅*
 Guajá-homem-N R²-andar-NZR-N
 'O homem Guajá é caçador/caminhador.'

a'é *∅-ahó* *ma'á* *∅-iká = pa*
 DEM 3-ir algo R¹-matar = GER
 'Ele sai para matar caça.'

a'é *tatú* *∅-iká* *h-akwáj-pe* *anyẽ,* *awá-wanihã-∅*
 DEM tatu 3-matar R²-buraco-LOC CONJ Guajá-homem-N
 'Ele mata tatu no buraco também, o homem Guajá.'

175. *areá* *ar-iká* *ha'i* *ra'ó* *warí-a*
 nós 13-matar mais.de.dois muitos guariba-N
 'Nós matamos muitos guaribas.'

n = ani-xak-i?
 NEG = 2-ver-NEG
 'você não viu?'

akwé Akamytỹ Ø-ahó ahá ka'á-p araká
 DEM Akamytỹ 3-ir CTF mato-LOC AT1

‘Aquele vez que o Akamytỹ foi para o mato.’

ha'í taté warí-a ar-iká Ø-wy'y-pe
 mais.de dois muitos guariba-N 13-matar R⁴-flecha-LOC

‘Foram muitos guaribas que matamos com flecha.’

O demonstrativo discursivo *a'é* pode exercer o papel de um pronome pessoal independente de terceira pessoa na função sintática de sujeito de qualquer tipo de predicado:

Predicado nominal equativo:

176. *a'é i-mén-a*
 DEM R²-marido-N
 ‘ele é o marido dela’

Predicado verbal:

177. *a'é Ø-wehẽ, ha = Ø-mymyr-a*
 DEM 3-nascer 1 = R¹-filho-N
 ‘ele nasceu, o meu filho’

Predicado adjetival:

178. *a'é h-ahý japý, ni = Ø-mymyr-a*
 DEM R²-doente de.novo 2 = R¹-filho-N
 ‘ele está doente de novo, o seu filho’

Como sintagma nominal na função de sujeito, o demonstrativo *a'é* pode ser melhor especificado por outro demonstrativo:

179. *a'é kú-a*
 DEM aqui-N
 'este aqui'

180. *a'é kwí-a*
 DEM aí-N
 'esse aí'

181. *a'é kwáj-a*
 DEM lá-N
 'aquele lá'

Diferentemente do pronome independente *a'ia* de terceira pessoa que, apesar de ocorrer preferencialmente no final da oração, tem liberdade de posição, *a'é* ocorre em posição fixa inicial, antes do núcleo do predicado. O pronome *a'ia* refere-se apenas a argumentos com traço [+ animado], enquanto o *a'é* refere-se a qualquer tipo de antecedente discursivo.

O demonstrativo discursivo *a'é* também pode ocorrer como especificador de nomes (ex. 182):

182. *a'é papé Ø-japo-há-Ø kú-a*
 DEM papel R¹-fazer-NZR-N aqui-N
 'este lápis (fazedor de papel) aqui'

O demonstrativo discursivo *akwé* tem posição inicial fixa e pode ocorrer como pronome (ex. 183) ou como especificador (ex. 184). Sua função é a de recuperar no discurso presente um referente (exs. 183 e 184) ou um assunto (ex. 185) do passado, de conhecimento comum dos interlocutores.

183. *akwé h-amakáj ni = Ø-pé*
aquele 3-chamar 2 = R¹-para
'aquele que chamou por você'
184. *akwé kahú Ø-ika.ká ni = Ø-iká neme'ẽ = pa*
aquele carro 3-virar.RED 2 = R¹-matar quase = GER
'aquele carro que capotou quase te matando'
185. *akwé Junai ni = Ø-wapyk-í ka'á-pe*
aquele Junai NEG = 3-sentar-NEG mato-LOC
'Na situação em que o Junai não sentou no mato'

2.3.2. Demonstrativos espaciais

Os demonstrativos espaciais são usados adverbialmente para indicar a localização do referente levando-se em consideração a proximidade com relação ao falante e ao ouvinte, a visibilidade e, em alguns casos, o movimento do referente. Eles são:

<i>kó</i>	'aqui' (visível, próximo do falante e sem movimento)
<i>kwý</i>	'ali/aí' (visível, próximo do ouvinte)
<i>kwáe</i>	'lá' (visível, afastado do falante e do ouvinte)
<i>'á</i>	'lá' (não visível e próximo)
<i>pé</i>	'lá' (não visível e distante)
<i>mĩ</i>	'lá' (não visível e muito distante do falante e do ouvinte)
<i>kurupí ~ koropí</i> ²³	'para cá / por aqui'
<i>xíje ~ xíja</i>	'aqui' (próximo ao falante e com movimento)

²³ *kurupí ~ koropí* é uma palavra que resulta, provavelmente, da combinação do demonstrativo *kó* 'aqui' com a posposição *r-ipí* 'por', que gramaticalizou-se não só com o significado de 'por aqui' mas também com o significado de 'para cá'.

186. *ma'á tí kó pá*
 quê EXAT isto INT.II
 ‘o quê é isto bem aqui?’
187. *Marina-∅ ∅-irará tá i-mén-a ∅-pyhý tá ahá mehẽ kwý*
 Marina-N 3-estar.feliz PROJ R²-marido-N 3-pegar PROJ CTF quando aí(próximo)
 ‘Marina vai ficar feliz quando o marido dela for abraçá-la aí’
188. *a-jahó tá ahá kwarahý kwáe mehẽ*
 1-ir PROJ CTF sol lá(afastado) quando
 ‘eu vou (indo) quando o sol estiver lá’
189. *∅-iká pãj kamará 'á wý*
 3-matar TOT índios lá(próximo) PLU
 ‘os índios vão matar todos lá’
190. *jahá Akamytỹ a-já rahá pé 'ý r-awáj*
 eu Akamytỹ 1-carregar CTF lá(distante) rio R¹-outro.lado
 ‘eu carreguei Akamytỹ levando-o lá, ao outro lado do rio’
191. *awá-∅ ∅-ahó mĩ ka'á-p awý*
 Guajá-N 3-ir lá(muito.distante) mato-LOC PLU
 ‘os Guajá foram longe no mato’
192. *ari-r-ú kurupí, Marĩ*
 2-CAUS.COM-vir para.cá Marina
 ‘você trouxe para cá, Marina’
193. *Marará r-aphia-kér-a ∅-ú xie*
 Pe.Carlos R¹-irmão-RETR-N 3-vir aqui(com movimento)
 ‘o ex-irmão do Pe. Carlos veio aqui’ (o irmão do falecido Pe. Carlos)

Há registros da combinação de dois demonstrativos espaciais de valores diferentes, o que, talvez, signifique a referência a uma distância aproximada entre um e outro:

194. \emptyset -*xu'ú* *irami'ĩ-a* *Akamytỹ* *pé-pe* *kwáe*
 3-morder jararaca-N Akamytỹ lá(distante)-LOC lá(próximo)
 ‘a jararaca mordeu Akamytỹ lá (mais ou menos distante)’

195. *ari-keré* 'á *pé-pe*
 13-dormir lá(próximo) lá(distante)-LOC
 ‘dormimos lá (mais ou menos distante)’

Alguns desses demonstrativos podem receber sufixos próprios de nomes dependendo da função sintática que exercem na oração. Os demonstrativos 'á, pé e mĩ, por exemplo, podem ocorrer com o sufixo de caso locativo -pe, como exemplificado em 194 e 195 acima, quando núcleos de construções advérbias locativas, mas nunca ocorrem com o sufixo nominal -a.

Já os demonstrativos kó, kwý e kwáe não ocorrem com o sufixo de caso locativo, mas podem ocorrer com o sufixo nominal -a quando desempenham funções sintáticas de sujeito ou objeto (ex. 196) ou de especificadores (exs. 197-199). O demonstrativo kó ‘aqui’, ao receber o sufixo -a, muda para kú-a e significa ‘este’ (197), o demonstrativo kwý ‘aí’, muda para kwí-a e significa ‘esse’ (198) e kwáe ‘lá’ muda para kwáj-a e significa ‘aquele’ (199):

196. *amõ* *mehẽ* \emptyset -*pá* *tá* *kú-a*
 outro quando 3-acabar PROJ aqui(sem movimento)-N
 ‘outro dia vai acabar (de construir) esse (telhado)’

197. *i-puhú-a* *papé* \emptyset -*japó-há-∅* *kú-a*
 R²-novo-N papel R¹-fazer-NZR-N aqui(sem.movimento)-N
 ‘este lápis é novo’

198. *i-marér-a papé Ø-japo-há-Ø kwí-a*
 R²-velho-N papel R¹-fazer-NZR-N aí(próximo)-N
 ‘esse lápis é velho’

199. *kwá tí kwáj-a*
 MOSTR EXAT lá(distante)-N
 ‘aquele lá’

O demonstrativo *kwý* ‘alí’, quando ocorre como determinante da posposição *-ipí* ‘por’ é realizado como *kwé*:

200. *ara-kwá kwé r-ipí*
 13-passar ali(próximo) R¹-por
 ‘passamos por ali (pelo igarapé)’

2.3.3. Demonstrativo indefinido *amõ*

O demonstrativo *amõ* ‘algum(uns) (outro(s))’ pode funcionar como especificador (exs. 201) ou como núcleo de um sintagma nominal (exs. 202-204). Quando núcleo, pode ser também especificado por outro demonstrativo (ex. 205).

201. *amõ kahú r-apé nỹ*
 outro carro R¹-caminho CONJ
 ‘há também outra estrada (caminho do carro)’

202. *amõ-a Ø-ikwẽ*
 outro-N 3-ficar
 ‘outro/algum ficou’

203. *u-’ú Matỹ amõ-a nỹ*
 3-ir Madá um-N CONJ
 ‘e a Madá comeu alguns’
204. *∅-ahó xí amõ-a nỹ*
 3-ir IMPERF outro-N CONJ
 ‘e os outros/alguns (guaribas) iam embora’
205. *kwí-a amõ-∅ ∅-wa’á Marina ∅-kytyry’ anỹ*
 aí-N outro-N 3-cair Marina R¹-para CONJ
 ‘e esse outro caiu na direção da Marina’

2.3.4. Demonstrativo de maneira *kĩ*

O demonstrativo *kĩ* ‘assim/desta maneira’ só ocorre como núcleo de construções adverbiais (ex. 206 e 207) ou como núcleo de predicados nominais em construções equativas (ex. 208), nunca como especificador de um núcleo.

Em construção adverbial:

206. *xo-hó wé kĩa-apáj, hary’*
 12/EXO-ir DUR assim-rápido irmão
 ‘vamos continuar indo assim rapidamente, irmão’

207. *a-japó tá kĩa mehẽ*
 1-fazer PROJ assim quando
 ‘vou fazer assim!’

Em construção equativa:

208. *a’é kĩa*
 DEM assim-N
 ‘é assim’

2.4. Partículas

As partículas formam uma classe fechada de elementos tônicos, não flexionáveis que podem se associar a distintos tipos de constituintes e que, diferentemente das palavras lexicais, operam como palavras funcionais. Em geral, ocupam posições fixas na oração ou com relação a membros da oração.

As partículas diferenciam-se dos afixos por comportarem-se fonologicamente como palavras independentes. Diferenciam-se também dos clíticos (os proclíticos de negação $n(a)=$, de modo exortativo $t(V)=$ e os pronomes dependentes), pois estes formam uma unidade fonológica indissolúvel com seu ‘hospedeiro’ que não pode ser interrompida por outros formativos ou palavras (a não ser por outros elementos clíticos). As partículas, por sua vez, permitem a presença de palavras independentes entre elas e o constituinte a que se associam.

Semanticamente, a classe das partículas é muito heterogênea, incluindo operadores aspectuais, dêiticos, de modalidade, de foco, de tempo, de negação, de ênfase e outros.

As partículas serão apresentadas de acordo com as posições que ocupam:²⁴ primeiramente serão descritas as partículas intra-oracionais com posições fixas na oração – as iniciais (2.4.1) e as finais (2.4.2). Em seguida, as partículas intra-oracionais com posições flutuantes (2.4.3); depois as partículas intra-oracionais com posições fixas em relação a membros da oração (2.4.4) e, por último, as partículas fáticas, que são extra-sentenciais (2.4.5).

2.4.1. Partículas de posição inicial

As partículas apresentadas a seguir ocupam posição fixa no início da oração. Com exceção das partículas-predicados, que provavelmente são resultantes da gramaticalização de predicados negados e da partícula *aré*, que co-ocorre com núcleos de predicados no modo exortativo, as demais partículas iniciais ativam o modo indicativo II quando o núcleo do predicado é de terceira pessoa. Apesar disso, diferem dos advérbios por serem uma categoria funcional e por ocuparem posição fixa. As partículas de posição inicial são: as partículas-predicado (2.4.1.1), a partícula exortativa (2.4.1.2), a partícula mostrativa

²⁴ A apresentação das partículas dessa maneira baseia-se na forma de apresentação dos sub-grupos de partículas do Kamaiurá por Seki (2000:84).

(2.4.1.3), a partícula permissiva (2.4.1.4), a partícula interrogativa (2.4.1.5) e uma partícula de modalidade deôntica (2.4.1.6).

2.4.1.1. Partículas-predicado

As partículas-predicado²⁵ são classificadas como partículas porque são invariáveis. No entanto, são também predicados, pois têm a particularidade de exigirem um argumento com papel de So, mesmo que apenas implícito no contexto. A expressão do *agente*, opcional, ocorre como adjunto circunstancial. Têm sua provável origem em predicados negados com *n = ...-í* mas, sincronicamente, não se pode recuperar as raízes desses predicados. Diferenciam-se dos predicados comuns na sua forma negativa, na medida em que estes têm ordem flexível.

a. *na'axí*

A partícula-predicado *na'axí* ‘não há’ funciona como uma afirmação de não-existência:

209. *na'axí matỹ-a*
 não.há caititu-N
 ‘não havia caititu’

210. *na'axí i-pó-a ahamerí*
 não.há R²-mão-N ainda
 ‘ele ainda não tem mão’ (lit. ‘não há mão dele ainda’)

211. *na'axí rapé tyrymỹ ihe'é*
 não.há PERFT farinha PERFT
 ‘já não há farinha’

²⁵ Denominação cunhada por Seki (2000:164) para a partícula *anite* “afirmação de não-existência” da língua Kamaiurá.

212. *na'axí ma'á-∅ are ∅-pé anyĩ*
 não.há caça-N 23 R¹-para CONJ
 ‘E não há caça para nós’

b. *naha'új*

A partícula-predicado *naha'új*²⁶ significa ‘não encontrado’. O exemplo 215 ilustra a ocorrência da partícula *naha'új* com seu argumento e com um complemento adverbial, seguidos da partícula final *anyĩ*, o que atesta que o SN *tatú-a* tem *status* de argumento e não se trata de um SN externo²⁷.

213. *naha'új ma'amiár-a*
 não.encontrado caça-N
 ‘não foi encontrada a caça’
214. *naha'új warí-a are = ∅-pé*
 não.encontrado guariba-N 123 = R¹-para
 ‘não foi encontrado guariba para nós’
215. *naha'új tatú-a wý ∅-tipir-ahá r-ipí anyĩ*
 não.encontrado tatu-N chão R¹-varrer-NZR R¹-por CONJ
 ‘Mas não foi encontrado tatu pelo chão varrido’

²⁶ O verbo que originou esta partícula corresponde provavelmente ao verbo *huβ* ‘achar’ do Guaraní Antigo (Rodrigues, comunicação pessoal).

²⁷ Alternativamente, se poderia se pensar que o SN associado às partículas-predicado fosse um SN externo e que ela ocorresse independentemente, sem argumento. No entanto, a partícula *anyĩ* marca a fronteira final da oração. Se *tatú-a* fosse um SN externo, estaria localizado após essa partícula final.

2.4.1.2. Partícula exortativa: *aré*

A partícula *aré* co-ocorre opcionalmente com predicados no modo exortativo, mas apenas na primeira pessoa do plural inclusiva.

216. (*aré*) *xo-hó-apáj*
 EXO 12/EXO-ir-rápido
 ‘vamos rápido!’
217. (*aré*) *iraparakwỹ xi-piró i-pamẽ rí*
 EXO cipó.títica 12/EXO-descascar R²-com logo
 ‘vamos descascar cipó-títica junto com ele logo!’
218. (*aré*) *pirá x-iká ahá*
 EXO peixe 12/EXO-matar CTF
 ‘vamos pescar (indo)!’
219. *Maír-a (aré) wy’y x-japó*
 Maíra-N EXO flecha 12/EXO-fazer
 ‘Maíra, vamos fazer flecha!’

2.4.1.3. Partícula mostrativa: *kwá*

A partícula mostrativa *kwá* ocorre em orações que indicam a localização de um referente em relação ao falante. Essas orações são acompanhadas, geralmente, de gestos do falante que apontam a direção do referente (por exemplo, por meio dos lábios, formando um ‘bico’).

Essa partícula ocorre antecedendo verbos, nomes ou demonstrativos que estejam funcionando como núcleo de um sintagma nominal e vem sempre acompanhada por um demonstrativo espacial que indica a sua distância.

a. partícula mostrativa + verbo + demonstrativo espacial:

220. *kwá a-jkú kó jahá*
 MOSTR 1-ficar aqui eu
 ‘eu estou aqui!’

b. partícula mostrativa + nome + demonstrativo espacial:

221. *kwá kwarahý-ni xíe*
 MOSTR sol-INDII aqui
 ‘tem sol aqui’

c. partícula mostrativa + demonstrativo núcleo de SN + demonstrativo espacial:

222. *kwá amõ-ni 'á-pe araka'í xĩ*
 MOSTR outro-INDII lá-LOC AT2 IMPERF
 ‘tinha outra lá há muito tempo’

Muitas vezes o falante se expressa indicando apenas a natureza do referente, sem citá-lo diretamente, por meio das palavras *wỹ*, *ká* e *hỹ*²⁸, da seguinte maneira:

d. partícula mostrativa + natureza do referente + demonstrativo espacial:

Quando o referente é de natureza plural, é expresso por meio de *wỹ*:

223. *kwá wỹ-ni kó*
 MOSTR PLU-INDII aqui
 ‘eles estão aqui’

224. *kwá wỹ-ni kwáe ma'á Ø-'ú = pa*
 MOSTR PLU-INDII lá algo R¹-comer = GER
 ‘eles estão lá comendo algo’

²⁸ É possível que a palavra *ka* provenha da raiz verbal **-ekó ~ -ikó* ‘estar em movimento’ e palavra *hỹ* da raiz verbal **-en ~ -in* ‘estar sentado’ do Proto-Tupí-Guaraní (Rodrigues, comunicação pessoal).

Quando o referente é singular e está em movimento, é expresso por meio de *ká*:

225. *kwá ká-ri kó karakará*
 MOSTR SING.MOV-INDII aqui esp.urubu
 ‘ele está aqui (em movimento), o urubu’

226. *kwá ká-ri kwý*
 MOSTR SING.MOV -INDII ali
 ‘ele (o guariba na árvore ao lado) está ali (em movimento)’

Quando o referente é singular e não está em movimento, é expresso por *hỹ*²⁹:

227. *kwá hỹ-ni kó ra'á*
 MOSTR SING.EST- INDII aqui DUB
 ‘será que tem (mel) aqui?’

228. *kwá hỹ-ni kwáe*
 MOSTR SING.EST - INDII lá
 ‘ela (a árvore) está lá’

229. *kwá hỹ-ni kwý*
 MOSTR SING.EST - INDII ali
 ‘(Irakatakóa) está ali (sentado)’

²⁹ Há variação de pronúncia: alguns poucos falantes pronunciam *hẽ* e outros *ỹ*.

2.4.1.4. Partícula permissiva: *amẽ*

O núcleo do predicado das orações iniciadas pela partícula permissiva *amẽ* ‘deixa’ ocorre no modo exortativo, mas pode, quando o sujeito é de terceira pessoa, ocorrer no modo indicativo II.

230. *amẽ t-a-xá jahá nĩ*
 PERM EXO-1-ver eu INTEN
 ‘deixa que eu veja!’

231. *amẽ to = Ø-hó*
 PERM EXO = 3-ir
 ‘deixa que ele vá!’

232. *amẽ kahú r-apé i-kỹ-ni nĩ*
 PERM carro R¹-caminho R²-seco-INDII INTEN
 ‘deixa a estrada ficar seca!’

233. *amẽ Ø-pá-ni nĩ*
 PERM 3-acabar-INDII INTEN
 ‘deixa acabar!’

2.4.1.5. Partícula interrogativa I: *mõ*

A partícula interrogativa *mõ* introduz perguntas de informação e ocorre sempre combinada com outras partículas de posição fixa pós-núcleo do predicado, que exprimem os diferentes sentidos dessas perguntas³⁰. Os nomes questionados por esta partícula nunca recebem o sufixo nominal *-a*. Quando o sujeito é de terceira pessoa, o núcleo do predicado ocorre no modo indicativo II.

³⁰ É possível identificar alguns dos morfemas constituintes dessas partículas pós-núcleo do predicado, como o *-pe*, sufixo do caso locativo e a partícula *mehẽ* ‘quando’. No entanto, com exceção do *mĩ-pe*, que permite a inserção de outra partícula no seu interior (v. ex. 236), as outras partículas são formas invariáveis.

<i>mõ</i>	...	<i>mĩ-pe</i>	‘(para) onde?’
<i>mõ</i>	...	<i>mijỹ</i>	‘de onde?’
<i>mõ</i>	...	<i>mimehẽ</i>	‘quando?’
<i>mõ</i>	...	<i>mijẽ</i>	‘com que/ quantos?’
<i>mõ</i>	...	<i>minawỹ</i>	‘qual dos/das’
<i>mõ</i>	...	<i>mõa</i>	‘qual’
<i>mõ</i>	...	<i>mõ</i>	‘cadê/onde’

234. *mõ irami'ĩ Ø-xu'ú-ni mĩ-pe*
 INT jararaca R²-morder-INDII onde
 ‘Onde a cobra o mordeu?’
235. *mõ po-hó tá mĩ-pe*
 INT 23-ir PROJ para.onde
 ‘Para onde vocês vão?’
236. *mõ karai ka'á Ø-jaky'-ni mĩ-na'á-pe*
 INT não.índio mato R¹-mexer-INDII onde-DUB-LOC
 ‘onde será que o não-índio está mexendo na mata?’
237. *mõ karai-rỹ Ø-tyrý-ri mijỹ*
 INT não.índio-SEME R²-chegar-INDII de.onde
 ‘De onde chegaram as estrangeiras?’
238. *mõ Itaxĩ Ø-ú-ni mimehẽ Sãruí r-ia*
 INT Itaxĩ R²-vir-INDII quando São.Luis R¹-de
 ‘quando Itaxĩ veio de São Luis?’
239. *mõ awá pirá Ø-iká-ni mijẽ*
 INT Guajá peixe R¹-matar-INDII como/quantos
 ‘Com que Guajá pesca?/Quantos peixes o Guajá pescou?’

240. *mõ xahú p-iká mijě*
 INT porção 23-matar como/quantos
 ‘Com que vocês mataram os porcos? /Quantos porcos vocês mataram?’

241. *mõ pi-pyhý tá minawỹ nỹ*
 INT 23-pegar PROJ qual.dos CONJ
 ‘e qual desses vocês vão pegar?’

242. *mõ pi-pyhý tá mōa*
 INT 23-pegar PROJ qual
 ‘qual vocês vão pegar?’

Para indagar ‘onde está?’, ‘cadê?’, a partícula *mõ* é repetida ao final da oração. O sintagma nominal indagado, neste caso, não recebe nem o sufixo nominal *-a* nem o do modo Indicativo II:

243. *mõ ni = Ø-mě mō*
 INT 2 = R¹-marido INT
 ‘onde está seu marido/ cadê seu marido?’

244. *mõ mukurí mō*
 INT bacuri INT
 ‘onde está o bacuri?’

245. *mõ tí mō*
 INT EXAT INT
 ‘bem aonde?’

Há ainda a possibilidade de esta partícula interrogativa ocorrer como determinante de uma posposição:

246. *mõ r-ipí*
 INT R¹-por
 ‘por onde?’

2.4.1.6. Partícula deôntica: *xapé* ~ ‘*apé* ‘tomara!’

A partícula de modalidade deôntica *xapé* ~ ‘*apé* ‘tomara!’ exprime um julgamento de valor por parte do locutor, no qual este expressa o desejo de que o fato narrado ocorra ou tenha ocorrido.

247. ‘*apé* \emptyset -*ahó* *mĩ nawỹ kwý ni = r-ia nỹ*
 tomara 3-ir longe SIMIL ali 2 = R¹-de CONJ
 ‘tomara que eles vão ali para longe de você’

248. *xapé pĩ = \emptyset -tamataré xĩ pijã*
 tomara 23 = R¹-dinheiro PERF vocês
 ‘tomara que vocês tenham dinheiro’

2.4.2. Partículas de posição final

As partículas apresentadas a seguir ocupam posição fixa final na oração. Como têm funções diferentes, há ocasiões em que mais de uma ocorre na mesma oração, observando-se, então, uma hierarquização entre elas. As partículas finais são as evidenciais (2.4.2.1), as epistêmicas (2.4.2.2), a partícula de aspecto perfectivo (2.4.2.3), a partícula interrogativa II (2.4.2.4), a partícula pluralizadora de sujeito (2.4.2.5), a partícula de intencionalidade (2.4.2.6), a partícula restritiva (2.4.2.7), a partícula de mudança (2.4.2.8) e a partícula conjuntiva (2.4.2.9).

2.4.2.1. Partículas evidenciais

De acordo com Givón (2001:327) sistemas evidenciais são aqueles que tratam da fonte da informação. Neste sentido, há no Guajá três partículas evidenciais, todas de posição final, que distinguem dois tipos de enunciados: os que se reportam a uma situação onde o locutor foi testemunha (atestado) e aqueles em que o conteúdo informacional foi obtido pelo locutor por via indireta, por meio de um terceiro ou por ouvir dizer (mediativo).³¹

As partículas evidenciais de testemunho (atestado) associam a indicação da fonte da informação com valores temporais, distinguindo passado recente de passado remoto.

As três partículas são descritas a seguir.

a. *araká*³² – atestado pelo locutor/passado recente

Indica que a informação fornecida pelo locutor ocorreu recentemente e foi obtida por via direta, por meio da própria experiência. Quando combinada com a partícula *tá* de aspecto projetivo, expressa um acontecimento vivido pelo locutor e que ele desejava que ocorresse.

249. *Jakuxa 'á Ø-ú xí-a t-a 'y Ø-pamẽ araká xĩ*
 Jakuxa'á 3-vir aqui-N R²-filho R¹-com AT1 PERF
 'Jakuxa'á veio aqui com o filho dele'

250. *areá ari-ahó pé kahú r-apé Ø-xak-á raká*
 nós 13-ir lá carro R¹-caminho R¹-ver-GER AT1
 'nós fomos lá olhar o caminho do carro (a estrada)'

251. *kahú tí 'á-p araká*
 carro EXAT lá-LOC AT1
 'tinha um carro bem ali'

³¹ Cabral é quem primeiramente descreve a divisão das partículas entre “atestado” vs. “mediativo” nas línguas Tupí-Guaraní e sua associação com valores temporais, num artigo que trata desse tema em diversas línguas desta família (Cabral, em vias de publicação).

³² A partícula *araká* é realizada foneticamente como *raká* após *-a#*. O mesmo ocorre com todas as outras partículas que têm *a* inicial.

252. *hájr-a a- 'ú tá raká xãm*
 mel-N 1-comer PROJ AT1 INTERJ
 ‘eu quis comer mel!’

253. *h-é ra 'ó raká*
 R²-gostoso muito AT1
 ‘era muito gostoso!’

b. *araka'í* – atestado pelo locutor/passado longínquo

Indica que a informação fornecida pelo locutor ocorreu há muito tempo e foi obtida por via direta, por meio da própria experiência.

254. *kwá amõ-ni 'á-p araka'í xĩ*
 MOSTR outro-INDII lá-LOC AT2 PERF
 ‘há muito tempo tinha outro lá’

255. *a-xá raka'í*
 1-ver AT2
 ‘eu vi’ (e estava lá, há muito tempo)

256. *Jamakwarér-a amõ Ø-xu 'ú araka'í anỹ*
 Jamakwarér-N outro/um 3-morder AT2 CONJ
 ‘E uma (cobra) mordeu Jamakwarera ’

c. *jé* – atestado por um terceiro

Indica que o conteúdo informacional não foi atestado pela pessoa que fala, mas por uma terceira pessoa não especificada.

257. *ari-keré* *py* *ahá* *ikwamehẽ* *ha-xák-a* *jé*
 13-dormir primeiro CTF dia.seguinte R²-ver-GER MED
 ‘disseram que primeiro nós vamos dormir para amanhã vê-la’

258. *a'é* *puhỹ* *∅-monõ-puhú* *xí* *Awá-pe* *jé*
 ele remédio 3-enviar-recentemente IMPERF Awá-LOC MED
 ‘disseram que ele mandava remédio recentemente para o Awá’

259. *Ximó-a* *∅-ikú-xí* *puhỹ* *∅-parikwa-hár-eme* *pĩ* *∅-mé* *jé*
 Timbó-N 3-ficar-IMPERF remédio R1-comprar-NZR-TRANS 23 R¹-para MED
 ‘disseram que o Timbó ficava como comprador de remédio para vocês’

2.4.2.2. Partículas epistêmicas

Ainda de acordo com Givón (2001:300), a modalidade epistêmica se refere ao julgamento do locutor com respeito à verdade, probabilidade, certeza, crença ou evidência da informação contida na oração. A relação entre evidencialidade e modalidade epistêmica, segundo esse autor³³, pode ser descrita como “uma corrente causal mediada, na qual sistemas evidenciais codificam primeiramente a fonte da evidência disponível para apoiar a asserção e, somente depois, implicitamente, sua força. É essa conexão implícita que relaciona evidencialidade a certeza epistêmica subjetiva (fonte evidencial > força evidencial > certeza epistêmica)” .

São duas as partículas epistêmicas de posição final do Guajá: *ra'á*, dubitativa, e *ajpó*, de possibilidade.³⁴

³³ Givón 2001:326

³⁴ Cabral (2006) denomina de “partículas aléticas” as partículas que tratam da certeza do locutor sobre o conteúdo informacional.

a. ra'á ~ na'á – partícula epistêmica dubidativa

Expressa a dúvida do locutor com relação ao conteúdo da informação. Ocorre sempre em posição final de oração, podendo, porém, ser seguida por algumas partículas de posição final, como *xĩ* (partícula de aspecto perfectivo), mas não por *anỹ* (partícula conjuntiva), que a precede.

260. *mõ xahú mõ ra'á*
 INT porção INT DUB
 'onde será que está o porção?'

261. *ha = Ø-pirakó xĩ. a-juhú ý-pe ra'á. a-juhú.*
 1 = R¹-suado PERF 1-banhar rio-LOC DUB 1-banhar
 'Eu estava suado. Talvez devesse banhar no rio. Banhei.'

262. *ha = r-y'ý-a a-japó ra'á. ha = r-y'ý-a a-japó tá raká xĩ.*
 1 = R¹-flecha-N 1-fazer DUB 1 = R¹-flecha-N 1-fazer PROJ AT1 PERF
 'Talvez eu devesse fazer flecha. Resolvi fazer flecha.'

263. *mõ nawã ar-ikú tá mijẽ ma'á Ø-iká = pa i-pé areá nỹ na'á*
 INT SIMIL 13-ficar PROJ como caça R¹-matar = GER R²-para nós CONJ DUB
 'E como será que faremos (ficaremos) para caçar para eles?'

b. ajpó ~ apó – partícula epistêmica de possibilidade

Essa partícula indica que o conteúdo da informação é visto pelo locutor apenas como uma possibilidade, isto é, ele não se compromete com a afirmação que faz. É repetida a cada constituinte colocado em dúvida, ainda que numa mesma oração (cf. ex. 268).

264. *Ø-ú tá apó pé-pe wỹ*
 3-vir PROJ POSS lá-LOC PLU
 'talvez eles venham de lá'

265. *amÿn-a Ø-ky' tá ajpó*
 chuva-N 3-cair PROJ POSS
 ‘talvez chova’

266. *Ø-wanihã i-mymý ajpó*
 R²-homem R²-filho POSS
 ‘talvez seja homem o filho dela’

267. *mukurí a-'ú tá ajpó tý*
 bacuri 1-comer PROJ POSS INTERJ
 ‘talvez eu coma bacuri!’

267. *h-apinũ Ø-jár-a ajpó anÿ*
 3-ter.pena R²-dono-N POSS CONJ
 ‘e o dono dele possivelmente teve pena dele’

268. *takwaraké r-ipá Ø-japó tá ahá ajpó tý, papé r-ipá r-aké*
 arroz R¹-casa 3-fazer PROJ CTF POSS INTERJ papel R¹-casa R¹-perto
ajpó tý. ariá ari-xá tá awá are = Ø-iwýr-ahá ajpó tý
 POSS INTERJ nós 13-ver PROJ CTF 123 = R¹-voltar-NZR POSS INTERJ
 ‘Talvez tenham ido fazer a casa do arroz, talvez perto da escola. Talvez nós a veremos (vindo) na nossa volta’

É comum a combinação de mais de uma partícula epistêmica na mesma oração:

269. *ma'awá Ø-maká-Ø a-rahó tá ajpó ra'á*
 quem R¹-arma-N 1-levar PROJ POSS DUB
 ‘a arma de quem será que eu devo levar?’

270. *ma'awá Ø-ma'i rawỹ apó i-pé ra'á*
 alguém 3-pedir SIMIL POSS R²-para DUB
 'alguém, aparentemente, deve ter pedido para eles'

2.4.2.3. Partícula de aspecto perfectivo: *xĩ*

Esta partícula indica que o fato narrado se completou. Ocorre sempre na primeira oração e tem escopo sobre todo o parágrafo. Quando combinada com a partícula *tá* de aspecto projetivo expressa um acontecimento a ser completado posteriormente.

271. *Marina Ø-mén-a Ø-ú kó xĩ*
 Marina R¹-marido-N 3-vir aqui PERF
 'O marido da Marina veio aqui'

272. *areá iramirí ari-ká xĩ*
 nós passarinho 13-matar PERF
 'nós matamos passarinho'

273. *Ø-nũ nawỹ té are = Ø-ma'i-há ajpó nỹ xĩ*
 3-ouvir SIMIL REAL 123 = R¹-pedir-NZR DUB CONJ PERF
 'Aparentemente, é possível que eles tenham escutado o nosso pedido'

274. *a-jamaká japỹ iná. ma'ã Ø-ma'i? xahú-a xĩ*
 1-prestar.atenção de.novo POS3 que 3-fazer.barulho porcão-N PERF
 'Eu, agachado, prestei atenção de novo. O que fez barulho? Era o porcão!'

275. *a-japí amõ xía raká xĩ*
 1-atirar outro aqui AT1 PERF
 'Atirei noutro aqui.'

276. *ha = Øpirakó xĩ. a-juhú 'y-pe ra'á. a-juhú.*
 1 = R¹-suado PERF 1-banhar rio-LOC DUB 1-banhar
 'Eu tinha suado. Talvez eu devesse tomar banho no rio. Banhei.'

277. *ha = r-y'y-a a-japó ra'á. ha = r-y'y-a a-japó tá raká xĩ.*
 1 = R¹-flecha-N 1-fazer DUB 1 = R¹-flecha-N 1-fazer PROJ AT1 PERF
 'Talvez eu devesse fazer flecha. Resolvi fazer flecha.'

2.4.2.4. Partícula interrogativa II: *pá ~ apá*

Partícula que ocorre opcionalmente (compare ex. 278a com 278b) em qualquer tipo de oração interrogativa.

278a. *ma'á tí kó pá*
 que EXAT aqui INTII
 'o que é isso bem aqui?'

278b. *ma'á tí kó*
 que EXAT aqui
 'o que é isso bem aqui?'

279. *mõ mijẽ pá*
 INT como INTII
 'como?'

280. *ma'í karái i-pé a'ía pá*
 como.dizer não.índio R²-para ele INTII
 'como se diz isso em português?' (lit. 'como diz o não-índio para isso?')

281. *ma'á Ivanéxi Ø-xá ameté apá*
 que Ivanete 3-ver longe INTII
 'o que Ivanete está vendo ali longe?'

2.4.2.5. Partícula pluralizadora de sujeito: *wỹ* ~ *awỹ*

A partícula *wỹ* ocorre com predicados verbais e adjetivais indicando a pluralidade do sujeito de terceira pessoa, seja este animado ou inanimado. O alomorfe *awỹ* ocorre seguindo o sufixo de caso locativo *-p* (ex. 282).

282. *awá* \emptyset -*ahó* *apopáj* *ka'á-p* *awỹ*
 Guajá 3-ir sempre mato-LOC PLU
 ‘os Guajá vão sempre para o mato’

283. *mukurí* *r-apó-a* \emptyset -*r-ahó* *jawár-uhú* \emptyset -*pé* *wỹ*
 bacuri R¹-raiz-N 3-CAUS.COM-ir onça-INTS R¹-para PLU
 ‘levaram raiz de bacuri para a onça’

284. *irá* *r-ó-a* \emptyset -*xinĩ* *wỹ*
 árvore R¹-folha-N 3-secar PLU
 ‘as folhas da árvore secaram’

285. \emptyset -*xá* *wỹ*
 3-ver PLU
 ‘eles o viram’

Quando o sujeito é de primeira (ex. 286) ou segunda pessoa ou trata-se de uma terceira pessoa singular expressa por um sintagma nominal (ex. 287), a partícula pluralizadora indica que o sujeito estava acompanhado de outras pessoas:

286. *ari-rú* *japỹ* *kanũ-p* *awỹ*
 13-trazer de.novo canoa-LOC PLU
 ‘nós e outros trouxemo-las na canoa de novo’

287. *∅-iká amỹ-a pirá-∅ wỹ*
 3-matar mãe-N peixe-N PLU
 ‘a mãe e outros mataram peixe’

2.4.2.6. Partícula de intencionalidade: *nĩ ~ ni'ĩ*

Indica a intenção do falante de que o evento se realize. Co-ocorre predominantemente com formas imperativas e exortativas. Quando na mesma oração estão presentes a partícula conjuntiva *nỹ* e a partícula de intencionalidade, esta predece aquela (exs. 292 e 293).

288. *a-tyrý kapó t-a-tipí nĩ*
 2/IMP-chegar ELAT EXO-1-varrer INTEN
 ‘chega pra lá que eu quero varrer!’

289. *amẽ kahú r-apé i-kỹ-ni nĩ*
 PERM carro R¹-caminho R²-seco-INDII INTEN
 ‘deixa a estrada ficar seca!’

290. *ni = ∅-ty' tá rawỹn-i ajpó ni'ĩ*
 NEG = 3-largar PROJ SIMIL-NEG POSS INTEN
 ‘aparentemente, é possível que eles não larguem’

291. *amẽ t = a-puwỹ ní nĩ*
 PERM EXO = 1-fiar logo INTEN
 ‘deixa que eu fio logo!’

292. *tapi 'ír-a a-mũ jahá ∅-pé jahá nĩ nỹ*
 anta-N 2/IMP-dar eu R¹-para eu INTEN CONJ
 ‘então dê a anta para mim!’

293. *ma'awá tá nĩ nỹ*
 quem PROJ INTEN CONJ
 'e vai ser quem (que vai ao quadro)?'

2.4.2.7. Partícula contra-expectativa *nuhu'ũ* 'e não é que?!'

Partícula com a qual o falante expressa que o assunto tratado contraria a sua expectativa inicial.

294. *n = u-'ú-j jawár-a Ø-xu'ú nuhu'ũ*
 NEG = 3-comer-NEG cachorro-N 3-morder CON.EXP
 'o cachorro não o come. E não é que ele morde?!'

295. *Ø-jamyhỹ tá are = Ø-mymýr-a ariá nuhu'ũ*
 R²-faminto PROJ 123 = R²-filho-N nós CON.EXP
 'e não é que nossos filhos e nós teremos fome?!'

296. *pisikerét-a a-pyhýk amẽ! awá ni = n-ixá nuhu'ũ*
 bicicleta-N 2/IMP-pegar PROIB Guajá 2 = R¹-ver CON.EXP
 'Não pegue a bicicleta! E Não é que os Awá ficam olhando (e não prestam atenção no caderno)?!'

297. *haír-a nuhu'ũ*
 mel-N CON.EXP
 'e não é que é mel?!'

298. *– Pirá ha'í teté! – Pirá nuhu'ũ!*
 – peixe mais.de.dois muito – peixe CON.EXP
 '– Tem muito peixe! – E não é que tem peixe?!'

299. *mõ mĩ-pe? 'á-pe nuhu'ũ*
 INT onde lá-LOC CON.EXP
 'Para onde? E não é que é pra lá?!'

300. *ni = Ø-manõ-ĩ Funasa puhỹ ni = Ø-pé nuhu'ũ*
 NEG = 3-enviar-NEG Funasa remédio 2 = R¹-para CON.EXP
 'E não é que a Funasa não enviou remédio para vocês?!'

301. *n = an-imahy-kí nuhu'ũ*
 NEG = 13-zangar.se-NEG CON.EXP
 'e não é que não estamos zangados?!'

2.4.2.8. Partícula de mudança: *kyry'y*

Indica que no momento da fala ocorreu uma mudança no evento ou estado. Quando antecedida pelo demonstrativo espacial 'á 'lá', significa que a mudança ocorreu num momento anterior ao da enunciação (exs. 306 e 307).

302. *a-xá kyry'y*
 1-ver MUD
 'agora eu vi!'

303. *ari-jaká té terẽ n-apé kyry'y*
 13-serrar REAL trem R¹-caminho MUD
 'nós passamos a serrar de verdade os trilhos'

304. *a'é are = Ø-rú ikwamehẽ kyry'y*
 DEM 123 = R¹-trazer dia.seguinte MUD
 'então ele nos trouxe no dia seguinte'

305. \emptyset -*parahỹ* *kyry'y*
R²-bonito MUD
‘agora está bonito!’
306. *ka'á* *r-iaá* \emptyset -*ú* *nẽ*, *Majhuxa'á* \emptyset -*tyry'* *jã = ma* 'á *kyry'y*
mato R¹-de 3-*vir* CONS *Majhuxa'á* 3-*chegar* cantar = GER lá MUD
‘naquele momento, depois de vir do mato, Majhuxa'á chegou cantando’
307. 'á *mehẽ* *Tatajkamahá* \emptyset -*imahy'* 'á *kyry'y* *anyỹ*
lá quando *Tatajkamahá* 3-*estar.zangado* lá MUD CONJ
‘e depois disso o Tatajkamahá passou a ficar zangado’

2.4.2.9. Partícula conjuntiva aditiva: *anyỹ* ~ *nỹ*

A partícula *anyỹ* é um elemento conjuntivo de orações, podendo ocorrer mais de uma vez na construção. Funciona como uma partícula aditiva que, em determinados contextos, assinala a repetição de uma ação e, em outros, seqüências de eventos, realizados ou não pelo mesmo sujeito. Entre as partículas de posição final, é a de localização mais externa. Pode ocorrer no final da última oração ou, em alguns casos, no final de cada oração da seqüência (ex. 316). Em fala rápida muitas vezes é realizada sem a vogal *a* inicial.

311. *a-watá.* *kypý* *a-'ú-tá-xí.* *na'axí* *kypý-a* *anyỹ*
1-*andar* *cupuaçu* 1-*comer-PROJ-IMPERF* não.há *cupuaçu* CONJ
‘Eu fui andar. Queria comer cupuaçu, e não tinha cupuaçu.’
312. \emptyset -*nũ* *kamixá- \emptyset* \emptyset -*watá-há* *r-ipí* *anyỹ*
3-*ouvir* *jabuti-N* R²-*andar-NZR* R¹-*por* CONJ
‘E o jabuti os escutou durante a sua caminhada’
313. *jahá* *h-a'ó-kér-a* *a-'ú* *i-pi'á-kér-a* *a-'ú* *anyỹ*
eu R²-*carne-RETR-N* 1-*comer* R²-*fígado-N* 1-*comer* CONJ
‘eu comi a carne dele e comi o fígado dele também’

314. *Ø-rú karai-a kahú-a are = Ø-piã-nemé areá anỹ*
 3-trazer não.índio-N carro-N 123 = R¹-buscador-TRANS nós CONJ
 ‘então, o não-índio trouxe o carro para nos buscar’
315. *jahá a-jamixó a-mytuk-ãj amõ-a anỹ*
 eu 1-pilar 1-soprar-ATEN outro-N CONJ
 ‘eu pilei e soprei um pouco o outro (arroz)’
316. *areá aru-’ú tapi’á-Ø anỹ aru-’ú puráz-a anỹ aru-’ú kafé-a anỹ*
 nós 13-comer gado-N CONJ 13-comer bolacha-N CONJ 13-comer café-N CONJ
 ‘nós comemos gado, comemos bolacha e bebemos café’
317. *Ø-ahó tá xí pé Hosana are = r-iá wỹ nỹ*
 3-ir PROJ IMPERF lá Rosana 123 = R¹-de PLU CONJ
 ‘a Rosana e outros também queriam ir embora (afastando-se de nós)’
318. *a-wyhý ahá apáj nỹ*
 2/IMP-correr CTF rápido CONJ
 ‘vai correndo rápido!’

2.4.3. Partículas de posição flutuante

As partículas flutuantes se associam ao constituinte sobre o qual têm escopo. Elas são apenas três: a partícula de foco contrastivo (2.4.3.1), a partícula totalizadora (2.4.3.2) e a partícula singulativa (2.4.3.3), sendo as duas últimas com semântica de quantificadores.

2.4.3.1. Partícula de foco contrastivo: *xipé*

Essa partícula funciona como foco contrastivo, isto é, ocorre quando há contraste ou correção de uma informação anterior.

319. *ari-xá xipé kamixá-∅ anỹ*
 13-ver FOC jabuti-N CONJ
 ‘o que vimos foi jabuti (e não onça)’

320. — *kawí n = a-’ú-puhú-j.* — *u-’ú xipé*
 álcool NEG = 1-ingerir-novo-NEG 3-ingerir FOC
 ‘— Não bebi álcool recentemente. — Bebeu sim!’

321. *jahá xipé a-mamõ*
 eu FOC 1-jogar
 ‘fui eu que joguei (e não outro)’

322. *ha’í xipé té are = ∅-mymýr-a areá anỹ xĩ*
 muitos FOC REAL 123 = R¹-filho-N nós CONJ PERF
 ‘somos sim realmente muitos (e não poucos), nossos filhos e nós’

323. *n = ∅-ur-í xipé*
 NEG = 3-vir-NEG FOC
 ‘não veio não!’

324. *u-’ú-katý-xipé-ma’a*
 3-comer-bem- FOC -NZR
 ‘a que é boa comedora’

2.4.3.2. Partícula totalizadora: *pãj*

Indica totalidade do sujeito ou do objeto, tornando a oração (fora de contexto) ambígua quando não há pronomes independentes (v. exs. 327 e 328)³⁵. Pode ocorrer após os pronomes dependentes (exs. 325 e 326) ou quando associada ao núcleo do predicado, dentro do mesmo (exs. 327 - 329).

325. *a'é pãj Ø-ahó ka'á-p awỹ*
 ele TOT 3-ir mata-LOC PLU
 ‘eles todos foram para a mata’

326. *areá pãj ari-’ĩ*
 nós TOT 13-dizer
 ‘todos nós dissemos’

327. *ari-xá pãj*
 13-ver TOT
 ‘nós todos vimos (mas poderia ser: ‘vimos todos eles’)

328. *Ø-parikwá pãj*
 3-comprar TOT
 ‘(o não-índio) compra tudo (mas poderia ser: ‘todos eles compraram’)

³⁵ A partícula *pãj* pode ser substituída em alguns casos pelo verbo *pá* ‘terminar’ que ocorre incorporado ao verbo, sem prejuízo do significado, isto é, com o sentido de totalidade, como nos exemplos abaixo, extraídos da mesma narrativa:

Ø-imehé pãj kamixá anỹ
 3-estar.triste TOT jabuti CONJ
 ‘E o todos os jabutis ficaram tristes’

Ø-imehé-pá kamixá anỹ
 3-estar.triste-terminar jabuti CONJ
 ‘E o todos os jabutis ficaram tristes’

No entanto, as gerações mais novas têm utilizado preferencialmente a partícula *pãj* para indicar totalidade e o verbo *pá* ‘terminar’ para indicar o aspecto cessativo.

329. $p\tilde{i} = \emptyset$ -*tamỹ* *pãj* *tá* *rawỹ*
 23 = R¹-chefe TOT PROJ SIMIL
 ‘aparentemente vocês todos serão chefes’

2.4.3.3. Partícula singulativa: *mutuhũ*

Indica que o sintagma nominal a que se refere está sozinho. Como a partícula totalizadora *pãj*, pode ocorrer associada a pronomes dependentes (ex. 330), demonstrativos (ex. 331). Quando associada a verbos, fica localizada dentro do núcleo do predicado (ex. 332).

330. *jahá* *mutuhũ* *a-jahó* *ka'á-pe*
 eu sozinho 1-ir mato-LOC
 ‘eu, sozinho, fui para o mato’
331. *a'é* *mutuhũ* \emptyset -*ahó* *matỹ* \emptyset -*iká-pa*
 DEM sozinho 3-ir caititu R¹-matar-GER
 ‘ele sozinho foi matar caititu’
332. *a-jkú* *mutuhũ* *tá* *Xirakapú-pe* *jahá*
 1-ficar sozinho PROJ Tiracambú-LOC eu
 ‘eu vou ficar sozinha no Tiracambu’

2.4.4. Partículas que ocupam posições fixas com relação a membros da oração

Há dois tipos de partículas que ocupam posições fixas com relação a membros da oração: as que ocupam uma posição externa ao membro ao qual se associam e as que ocupam uma posição interna a este, formando com ele um constituinte. As primeiras são a partícula de localização exata (2.4.4.1), que antecede demonstrativos espaciais, as partículas aspectuais (2.4.4.3), dêiticas direcionais (2.4.4.4) e dêiticas posicionais (2.4.4.5), que se associam ao núcleo do predicado. As últimas são as partículas intra-predicado (2.4.4.6), que ocupam uma posição interna ao núcleo do predicado ao qual se associam formando com ele um constituinte.

2.4.4.1. Partícula de localização exata: *tí*

Essa partícula ocorre sempre antecedendo demonstrativos espaciais, indicando que o falante deseja expressar a localização exata do referente.

333. *ma'a tí kó*
 que EXAT aqui
 ‘o que é isso bem aqui’

334. *kahú tí 'á-pe araká*
 carro EXAT lá-LOC AT1
 ‘tinha um carro exatamente lá’

2.4.4.2. Partículas aspectuais

São quatro as partículas aspectuais que ocorrem associadas ao núcleo do predicado, mas fora dele. Elas exprimem os aspectos completivo, imperfectivo e perfeito sendo que as duas últimas, a menos que coocorram com a partícula *tá* de aspecto projetivo, expressam uma noção temporal de passado. Há outras partículas aspectuais na língua, como a de aspecto perfectivo, descrita acima em 2.4.2.3, e as que serão descritas em 2.4.4.6 (partículas intra-predicado), que ocupam uma posição fixa dentro do predicado.

a. *má* – aspecto completivo

Partícula que ocorre sempre após o verbo ou o adjetivo e exprime quantificação. Indica que o nome a que se refere (objeto dos VT e sujeito dos VI) representa a totalidade dos representantes daquela entidade (exs. 335 e 336) ou, se esta for singular, a entidade completa (exs. 337 e 338).

335. *kará-a Ø-pyhý má*
 não-índio 3-pegar COMPL
 ‘o não-índio pegou tudo’

336. *ari-japó pãj kó-a. ari-wahá má ari-wahá má. Ø-pá*
 13-fazer TOT roça-N 13-derrubar COMPL 13-derrubar tudo 3-terminar
 ‘Nós todos fizemos a roça. Derrubamos tudo, derrubamos tudo. Terminou.’

337. *ha = r-atÿ.tÿ má*
 1 = R¹-duro.RED COMPL
 ‘eu estou todo/completamente duro’

338. *a-pẽ má ra'á?*
 1-quebrar COMPL DUB
 ‘será que eu me quebrei todo?/será que eu estou completamente quebrado?’

b. *xí* – aspecto imperfectivo

Esta partícula indica que o acontecimento narrado não se completou. Ocorre associada ao núcleo do predicado, mas fora dele. Quando combinada com a partícula *tá* de aspecto projetivo, expressa a idéia de um acontecimento que iria ocorrer, podendo ou não vir a ser realizado.

339. *majhú-a Ø-xá xí awá wÿ*
 jibóia-N 3-ver IMPERF Guajá PLU
 ‘os Guajá estavam vendo a jibóia’

340. *n = a-jkú tár-í xí xía pi-manũ má ta-há 'akwý kyry'ý*
 NEG = 1-ficar PROJ-NEG IMPERF aqui 23-morrer COMPL PROJ-CTF agora MUD
 ‘se eu não ficar aqui, vocês morrerão todos agora’ (lit. ‘não ficando eu aqui,...’)

341. *ara-watá xí ahá warí Ø-iká tá xí = pa*
 13-andar IMPERF CTF guariba R¹-matar PROJ IMPERF = GER
 ‘íamos andar querendo matar guariba’

342. *Waná-r-a mukurí-a u-'ú i-kirá tá xí = pa*
 Wanara-N bacuri-N 3-comer R²-gordo PROJ IMPERF = GER
 ‘Wanara comeu bacuri querendo ficar gorda’

c. rapé ... jehe'é – aspecto perfeito

Codifica um evento, estado ou existência que chegou ou chegará ao fim antes do ponto de referência temporal. O aspecto perfeito é indicado por meio da combinação de duas partículas que coocorrem na mesma oração, uma (*rapé*) localizada após o núcleo do predicado e outra (*jehe'é*) em posição final de oração (exs. 343-346). Quando combinada com a partícula *tá* de aspecto projetivo expressa uma referência temporal futura (ex. 347).

343. *Xiparëxa'á-∅ ∅-kwá mixik-a'ĩ rapé jehe'é*
 Xiparëxa'á-N 3-saber pouco-ATEN PERFT PERFT
 ‘Xiparëxa'á já aprendeu um pouquinho’

344. *∅-iwý rapé h-ehé awijé jehe'é*
 3-voltar PERFT R²-sobre frequentemente PERFT
 ‘já voltou novamente por ela (pela estrada)’

345. *ni = ∅-nũ-i rapé are = ∅-ma'i-há jehe'é*
 NEG =3-ouvir-NEG PERFT 123 = R¹-falar-NZR PERFT
 ‘já não ouviram a nossa fala?’

346. *ha'í rapé jahý-a jehe'é*
 mais.de.dois PERFT lua-N PERFT
 ‘já tem mais de duas luas’

347. *are = ∅-ka'á tá rapé jehe'é*
 123 = R¹-mata PROJ PERFT PERFT
 ‘nós já teremos nossa mata’

2.4.4.3. Partículas dêiticas direcionais

As partículas direcionais ocorrem em construções em que o núcleo do predicado principal (nome ou verbo) expressa movimento, definindo a direção desse movimento³⁶. Nesse tipo de construção, a relação entre o evento expresso pelo núcleo do predicado e pela partícula é entendida somente como uma relação de simultaneidade. A origem dessas partículas são os verbos *-ahó* ‘ir’ e *-ú* ‘vir’, que ocorrem de forma independente na língua.

Estas partículas direcionais do Guajá são possivelmente resultantes de verbos flexionados no modo gerúndio que acabaram especializando-se em expressar movimento. Sincronicamente funcionam como partículas, mas, como têm sua origem nos verbos, ainda mantêm a característica verbal de expressar voz (causativa simples e causativo-comitativa). Ocorrem, na grande maioria das vezes, imediatamente após o núcleo do predicado, mas podem ser precedidas por outras palavras.

Os nomes seguidos imediatamente por qualquer partícula direcional não ocorrem nunca com o sufixo nominal *-a* (cf. 349).

a. *ahá* ‘indo’ – partícula direcional centrífuga

348. *ka'í-a* \emptyset -*wyhy'* *ahá* *ka'á-pe*
 macaco.prego-N 3-correr CTF mato-LOC
 ‘o macaco-prego foi correndo para o mato’

349. \emptyset -*wyhy'* *tapi'í* *ahá* *are = r-ixák-á*
 3-correr anta CTF 123 = R¹-ver-GER
 ‘a anta foi correndo ao nos ver’

350. *matarahỹ* *ahá* 'á \emptyset -*pé*
 escuro CTF lá R¹-para
 ‘ia escurecendo lá’

³⁶ Não há dados em que essas partículas ocorram em predicados estativos.

351. *kwe'ẽ* *ahá* *'á* *r-ipí*
 madrugada CTF lá R¹-por
 'ia madrugando lá'
352. *a-mapý* *py'* *ahá* *pé-pe*
 2/IMP-colocar primeiro CTF lá-LOC
 'primeiro vá colocá-lo para lá'
353. *Marina* \emptyset -*irará-tá* *i-mén-a* \emptyset -*pyhý* *tá* *ahá* *mehẽ* *kwý*
 Marina 3-alegrar.se-PROJ R²-marido-N R²-pegar PROJ CTF quando ali
 'Marina vai alegrar-se quando o marido dela a pegar/abraçar ali'

b. *awá* 'vindo' – partícula direcional centrípeta

354. *warí-a* \emptyset -*wí* *awá* *irá* *r-íá*
 guariba-N 3-descer CTP árvore R¹-de
 'o guariba veio descendo da árvore'
355. *a-wuxí* *awá*
 2/IMP-entrar CTP
 'entre (vindo)!'
356. *amẽ* *t = a-jwý* *tá* *wá* *jahá* *rí*
 PERM EXO = 1-voltar PROJ CTP eu logo
 'deixa que eu vou voltar logo!'
357. *a-wehẽ* *tá* *xí* *awá* *katú-pe* *ha = \emptyset -xirú* *\emptyset -mýk-á*
 1-sair PROJ IMPERF CTP fora-LOC 1 = R¹-roupa R¹-vestir-GER
 'eu vinha saindo para fora para vestir minha roupa'

As formas verbais causativo-comitativas *-rahó* ‘levar’, *-rú* ‘trazer’ e *-rukú* ‘estar com/ter’ e causativas simples *-monõ* ‘fazer ir’ e *-mũ* ‘fazer vir’, que ocorrem independentemente na língua, têm reflexo nas partículas *harahá*, *harawá*, *haraká*, *manã* e *mõ*, respectivamente, as quais estabelecem com o núcleo do predicado uma relação de simultaneidade se ele for de movimento, e de seqüência ou finalidade se não for.

c. *harahá* ‘levando / para levar / e levou’ – partícula direcional centrífuga causativo-comitativa

358. *Ø-r-yhý* *ka’í* *harahá*
 3-CAUS.COM-correr macaco.prego CTF1
 ‘fez (a anta) correr levando (com ela) os macacos’
359. *Tejúxiká-Ø* *kwi hú-a* *Ø-po’ó* *harahá*
 Tejúxiká-N cabaça-N 3-apanhar CTF1
 ‘Tejuxica apanhou a cabaça para levá-la’
360. *Ø-japamĩ* *harahá* *’ý-pe*
 3-mergulhar CTF1 água-LOC
 ‘mergulhou e levou-a para água’
361. *a-mapý* *pý* *harahá* *pé-pe* *rí*
 2/IMP-colocar primeiro CTF1 lá-LOC logo
 ‘primeiro leve-o para colocá-lo para lá logo’
362. *jahá* *Akamytỹ* *a-já* *harahá* *pé* *’ý* *r-awáj*
 eu Akamytỹ 1-carregar CTF lá rio R¹-outro.lado
 ‘eu carreguei Akamytỹ levando-o (até) lá, no outro lado do rio’

d. *harawá* ‘trazendo / para trazer / e trouxe’ – partícula direcional centrípeta causativo-comitativa

363. *a-pí harawá ha = Ø-jameté-pe*
 1-carregar CTP1 1 = R¹-costas-LOC
 ‘carreguei trazendo-o nas minhas costas’
364. *ma’ã awá Ø-iká harawá*
 que homem 3-matou CTP1
 ‘o que o homem matou e trouxe?’
365. *ari-’ú harawá kahú r-apé r-ipí*
 13-comer CTP1 carro R¹-caminho R¹-por
 ‘comemos trazendo-a (a comida) pela estrada’
366. *Ø-rú kamará-Ø xamakáj harawá*
 3-trazer índio-N galinha CTP
 ‘o índio trouxe (trazendo) uma galinha’
367. *ari-já.já harawá ’y-pe*
 13-carregar.RED CTF água-LOC
 ‘carregamos várias vezes trazendo-a para a água’

c. *haraká* ‘estando com’ - partícula causativo-comitativa

368. *ma’ã Amiri u-’ú haraká kwý*
 que Amiri 3-comer C.C ali
 ‘o que Amiri (estando com) está comendo ali?’

369. \emptyset -japi.pí haraká i-pý-pe
 3-atirar.RED C.C R²-pé-LOC
 ‘chutou (estando com ela) várias vezes com o pé’

d. manã ‘fazendo ir / botar para’ - partícula direcional centrífuga causativa simples

370. Mair-a kamixá- \emptyset \emptyset -japia'ó \emptyset -mapý manã kwarahý \emptyset -pá-pe
 Maira-N jabuti- N 3-tripa.arrancar 3-colocar CTF2 sol R¹-brilho-LOC
 ‘Maíra arrancava as tripas do jabuti e colocava-as (fazendo ir) no sol’
371. a-rú a-jamixó a-mytú a-mihĩ manã ha = \emptyset -mẽ \emptyset -pé
 1-trazer 1-pilar 1-soprar 1-cozinhar CTF2 1 = R¹-marido R¹-para
 ‘eu trouxe, pilei, soprei e botei para cozinhar para o meu marido’

e. mō ‘fazendo vir’ - partícula direcional centrípeta causativa simples

372. a-mapý mō xía ha = r-aké
 2/IMP-colocar CTP2 aqui 1 = R¹-perto
 ‘ponha aqui (fazendo vir) perto de mim!’
373. h-ãĩn-a ka'í \emptyset -tý mō i-pé
 R²-caroço-N macaco.prego 3-jogar CTP2 R²-para
 ‘o macaco-prego jogou o caroço dela (a fruta) (fazendo vir) para ele’
374. a-mũ mō t-a-'ú jahá nĩ nỹ
 2/IMP-dar CTP2 EXO-1-comer eu INTEN CONJ
 ‘dê-me (fazendo vir) que eu quero comer’

e. *kapó* - partícula direcional elativa

Esta partícula direcional com provável origem no gerúndio do verbo *-kwá* ‘passar’, indica movimento para sair de algum lugar, como pode ser observado nos exemplos a seguir.

375. *a-tyrý* *kapó* *t-a-tipí* *nĩ*
 2/IMP-chegar ELAT EXO-1-comer INTEN
 ‘chega para lá que eu quero varrer!’

376. *kururuhú* \emptyset -*memer-ér-a* \emptyset -*wehẽ* *kapó*
 sapo-boi R¹-filho-COL-N 3-sair ELAT
 ‘os filhotes do sapo saíram (para fora da água)’

377. *jahá* *a-pa’ã-tá* *kapó* *ha = \emptyset -kahá* *r-ia* *ha = \emptyset -keré-nẽ*
 eu 1-levantar-PROJ ELAT 1 = R¹-rede R¹-de 1 = R¹-dormir-CONS
 ‘eu vou levantar (saindo) da minha rede depois de dormir’

2.4.4.4. Partículas dêiticas posicionais

As partículas *iká* ~ *tiká* ‘em movimento’, *amá* ~ *tamá* ‘em pé’, *apó* ~ *tapó* ‘deitado’ e *iná* ~ *tiná* ‘de cócoras/sentado’, provenientes do gerúndio dos verbos *-ikú* ‘estar em movimento’, **-’am* ‘estar em pé’, **-uβ* ‘estar deitado’ e **-in* ‘estar sentado’³⁷ respectivamente, definem a posição do participante do evento e estabelecem com o núcleo do predicado uma relação de simultaneidade. A partícula *katá* ‘balançando’ possivelmente tem sua origem no verbo *kató* ‘balançar’ e a partícula *miná* ‘fazendo sentar’ corresponde à versão causativa da partícula *iná*.

Estas partículas posicionais, como as direcionais, também resultam de verbos no modo gerúndio que acabaram especializando-se em expressar posição e podem, inclusive,

³⁷ Os temas verbais marcados com asterisco (*) não são encontrados sincronicamente nas suas formas independentes no Guajá. Essas formas são citadas tomando como base outras línguas da família, mais conservadoras, em que há esses verbos posicionais que, além da posição, indicam também um evento em progressão. Atualmente os Guajá usam as formas verbais independentes *-pa’ã* para ‘levantar’, *-japajñõ* para ‘deitar’ e *-wapý* para ‘sentar’.

ser reduplicadas (cf. exs. 381 e 390). Os alomorfes variam em *iká* ~ *tiká*, *amá* ~ *tamá*, *iná* ~ *tiná* e *apó* ~ *tapó* somente quando o sujeito é de primeira pessoa; com as demais pessoas o alomorfe é sempre sem a inicial *t*³⁸. Ocorrem imediatamente após o núcleo do predicado, a menos que sejam antecedidas por partículas intra-predicado (cf. 2.4.4.6).

a. *iká* ~ *tiká* ‘em movimento’ – partícula posicional

378. *jahá a-watá ka’á r-ipí. ha = Ø-jamyhỹ iká*
 eu 1-andar mata R¹-por 1 = R¹-faminto POS1
 ‘Eu andava pelo mato. Eu estava faminto (em movimento)’

379. *a-me’ẽ.me’ẽ tiká Ø-pé Ø-wý r-ipí*
 1-olhar.RED POS1 R⁴-caminho R¹-beira R¹-por
 ‘eu fiquei olhando (em movimento) à beira do caminho’

380. *i-paruhú awá Ø-wahý iká anỹ*
 R²-grávida Guajá R¹-mulher POS1 CONJ
 ‘E a mulher guajá estava grávida (em movimento)’

381. *Ø-watá iká-ká*
 3-andar POS1-RED
 ‘(ela) fica a andar’

³⁸ No Tembé, uma língua Tupí-Guaraní, há um prefixo *te-* que indica a correferencialidade em verbos posicionais na primeira pessoa (Cabral, em comunicação pessoal):

izéə a-maʔé-ʔí te-iní
 eu 1-caça-comer 1corr-estar.sentado
 ‘eu estou comendo (sentada)’

izéə a-maʔé-ʔí te-ʔəm
 eu 1-caça-comer 1corr-estar.em.pé
 ‘eu estou comendo (em pé)’

izéə a-zeʔéŋ te-kó
 eu 1-conversar 1corr-estar.em.movimento
 ‘eu estou falando (em movimento)’

b. *amá* ~ *tamá* ‘em pé’ – partícula posicional

382. *a-pa ÿ tá amá*
 1-levantar PROJ POS2
 ‘eu vou levantar (ficando em pé)’

383. *a-jã tamá wý r-ehé*
 1-cantar POS2 chão R¹-sobre
 ‘eu cantei (em pé) no chão’

c. *iná* ~ *tiná* ‘de cócoras / sentado’ – partícula posicional

384. *a-jamaká japy tiná*
 1-ouvir de.novo POS3
 ‘eu ouvi de novo (sentado)’

385. *ma’awá pirá Ø-iká iná kwý*
 quem peixe 3-matar POS3 ali
 ‘quem está ali pescando (sentado)?’

386. *Ø-imahý i-mymý iná ha-í-pe a’iá nỹ*
 3-zangar.se R²-filho POS3 R²-barriga-LOC ele CONJ
 ‘o filho dela zangou-se (sentado) dentro da barriga dela’

d. *apó* ~ *tapó* ‘deitada’ – partícula posicional

387. *a-wa’á tá tapó ha = kahá-pe ha = r-awý = mehẽ*
 1-cair PROJ POS4 1 = rede-LOC 1 = R¹-menstruada = quando
 ‘eu vou cair (ficando deitada) na minha rede quando estiver menstruada’

388. \emptyset -wa'á- ré apó i-kahá-pe wỹ
 1-cair LUSIV POS4 R²-rede-LOC PLU
 'cairam (deitados) na rede deles'

d. *katá* 'balançando' – partícula posicional

389. *ha* = \emptyset -wanũ *katá*
 1 = R¹-esperar POS5
 'me espere (balançando)!'(isto é: me espere aparando!)

390. \emptyset -watá *katá-katá* a'ia
 3-andar POS5-RED ele
 'ele anda balançando' (isto é: ele anda mancando)'

e. *miná* 'fazendo sentar' – partícula posicional causativa

É a única partícula posicional que sempre ocorre em posição final de oração, sendo seguida apenas por outras partículas finais como *nỹ*.

391. \emptyset -jaká *kamará- \emptyset* *terẽ* *n-apé* *miná* *nỹ*
 3-serrar índio-N trem R¹-caminho POS6 CONJ
 'E o índio serrou os trilhos do trem (fazendo-os sentar)'

392. \emptyset -kytý *xí* *karai-a* *Amỹxa'até* *miná*
 3-furar IMPERF não.índio-N Amỹxa'até POS6
 'o não-índio dava injeção na Amỹxa'até (fazendo-a sentar)'

2.4.4.5. Partículas intra-predicado

Essas partículas são palavras que ocorrem dentro do predicado, numa posição fixa após o núcleo deste, antes de sufixos flexionais. Expressam aspecto, modalidade, quantificação, tempo, maneira e negação. Muitas têm significados que correspondem a advérbios em outras línguas, mas isso não justifica tratá-las como tal, pois os advérbios normalmente não ocorrem em posição fixa obrigatória. Essas partículas modificam o significado do predicado sem mudar sua valência. Em termos fonológicos, comportam-se como palavras independentes, pois têm acento próprio e o núcleo do predicado em que ocorrem mantém seu acento original. No entanto, assemelham-se aos sufixos por serem afetadas por processos morfofonológicos similares aos que ocorrem nos limites de morfemas. Assim, do mesmo modo que alguns sufixos, algumas dessas partículas têm alomorfes específicos que se associam a raízes terminadas em consoante. Em termos sintáticos, comportam-se mais como clíticos que como palavras independentes, pois a unidade que formam com o núcleo do predicado pode ser interrompida somente por outros morfemas da mesma natureza, mas não por outras palavras independentes. Além disso podem permutar-se entre si.³⁹

a. *tá(r)* ~ *matá(r)* – aspecto projetivo

Partícula aspectual que indica a projeção de um evento ou estado a ser realizado ou a existência de uma entidade a ser concretizada. Pode expressar também a vontade do falante de que o evento/estado se realize.

393. *n = a-xá* *tár-i-hí*
 NEG = 1-ver PROJ-NEG-INTS
 ‘não vou ver mesmo/ não quero ver mesmo’

³⁹ Comportam-se de maneira similar aos pré-verbos descritos nas línguas algonquinas (Dryer, a ser publicado, <http://linguistics.buffalo.edu/people/faculty/dryer/dryer/kutenai.htm>), mas sua posição é após o verbo e não antes.

394. *i-kirá tá*
R²-gordo PROJ
‘vai ficar gordo’
395. *ha = r-ipá tá*
1 = R¹-casa PROJ
‘vai ser minha casa’
396. *a-kijé ha = Ø-manũ ta-há r-ιά*
1-temer 1 = R¹-morrer PROJ-NZR R¹-de
‘eu tive medo de morrer’
397. *kawá-xĩ-Ø a-r-ukú tá*
vasilha-branca-N 1-CAUS.COM-ficar PROJ
‘eu quero ter uma vasilha branca’

b. ramõ ~ -aramõ – aspecto imediativo

Partícula aspectual que indica a realização próxima de um evento ou estado. O alomorfe *ramõ* ocorre após temas terminados em vogal e o alomorfe *-aramõ* após temas terminados em consoante. Quando imediatamente após o núcleo do predicado, indica que o processo realizou-se pouco antes do momento do enunciado (ex. 398). Quando precedida pela partícula *tá* de aspecto projetivo, indica que o processo realizar-se-á pouco depois do momento do enunciado (ex. 401). Ocorre frequentemente combinada com a partícula epistêmica de pressuposição *té*, indicando que o evento ou estado acabou de realizar-se ou realizar-se-á imediatamente.

398. *ari-’ú ramõ té*
1-comer IMED REAL
‘comemos agora mesmo’

399. \emptyset -*pyhýk* *aramõ té*
 3-pegar IMED REAL
 ‘pegou (a gripe) há pouco’
400. *i-paruhú ramõ*
 R²-grávida IMED
 ‘ela acabou de ficar grávida’
401. *ari-jahó tá ramõ é ikwamehẽ are = r-ipá-pe ariá*
 13-ir PROJ IMED LUSIV dia.seguinte 123 = R¹-casa-LOC nós
 ‘nós iremos daqui há pouco, à toa, amanhã, para a nossa casa’

Quando na mesma oração, junto com a partícula de aspecto imediativo, estão presentes as partículas *té* e *tá*, há uma mudança de ordem com relação a essa última partícula. Observe que no exemplo 401 ela antecede a partícula *ramõ* enquanto no exemplo 402 abaixo ela a segue:

402. \emptyset -*wehẽ ramõ té tá*
 3-sair IMED REAL PROJ
 ‘vai nascer agora mesmo’

c. *tewé* – ‘há bastante tempo’

Partícula que contrasta semanticamente com a anterior, indicando que o evento ou estado, representado pelo verbo ou pelo adjetivo, ocorreu há algum tempo, e não recentemente.

403. \emptyset -*wẽ tewé are = \emptyset -wirá kahú r-apé r-ipí*
 3-permanecer bastante.tempo 123 = R¹-madeira carro R¹-estrada R¹-por
 ‘a nossa madeira permanece (deitada) há bastante tempo pela estrada’

404. \emptyset -wa'á tewé, \emptyset -wa'á ramõ té
 3-cair bastante.tempo 3-cair IMED REAL
 'caiu há muito tempo ou caiu recentemente?'

405. h-awý tewé!
 R²-menstruada bastante.tempo
 'ela menstruou há tempos!'

d. wé – aspecto durativo

Indica que o evento ou estado, representados pelo verbo ou pelo adjetivo, ainda perdura no momento da enunciação⁴⁰.

406. n = a-jká wé-kí. \emptyset -ikwẽ karáí-a
 NEG = 1-matar DUR-NEG 3-viver não-índio-N
 'Eu não continuei matando. O não-índio permanece vivo.'

407. awá n = \emptyset -imahý wé tár-í Rosana \emptyset -ú- 'ỹ mehẽ
 Guajá NEG = 3-estar.zangado DUR PROJ-NEG Rosana R¹-vir- NEG quando
 'Os Guajá não permanecerão zangados quando Rosana não vier'

408. i-xa'á wé \emptyset -jamyhỹ- 'ỹ = ma
 R²-bonito DUR R²-faminto-NEG = GER
 'permaneceu crescendo sem passar fome'

409. \emptyset -imahý wé ré
 3-estar.zangado DUR LUS
 'ela permanece zangada gratuitamente'

⁴⁰ Os antigos verbos posicionais *-ekó 'estar em movimento', *-in 'estar sentado' e *-uβ 'estar deitado' associados à partícula *-we 'permanecer', deram origem a três verbos presentes sincronicamente na língua Guajá: -ikwẽ 'permanecer em movimento/estar vivo', -inẽ 'permanecer sentado' e -wẽ 'permanecer deitado'.

e. *japỹ* ~ *japỹn* – aspecto replicativo

Indica a repetição do evento expresso pelo núcleo do predicado.

410. *amõ mehẽ xi-xá japỹ tá*
 outro quando 12EXO-ver de.novo PROJ
 ‘outro dia vamos ver (o filme) de novo’
411. *ma'á r-o'o-kér-a n = a-'ú japyn-ĩ*
 algo R¹-carne-RETR-N NEG = 1-comer de.novo-NEG
 ‘não como carne de novo’

f. *é* ~ *ré* ~ *ké* ~ *wé* – aspecto lusivo

Indica que não há uma motivação para a ocorrência do evento, ele realiza-se gratuitamente. Associado a nomes, representa uma entidade “a tóa”, isto é, não tem um grande valor. Em alguns contextos pode significar restrição ao evento narrado, sendo interpretado como ‘só’, ‘apenas’ (exs. 416-418). O alomorfe *é*, mais comum, muitas vezes é substituído por pelos alomorfes *ré* e *ké* que provavelmente surgiram da combinação da partícula com raízes terminadas em consoante e se estenderam para raízes terminadas em vogal. O alomorfe *wé* ocorre após palavras terminadas pela vogal *u*.⁴¹

412. *a-manõ é i-pé*
 2/IMP-dar LUSIV R²-para
 ‘dê para ele gratuitamente!’
413. *∅-i-mĩn é*
 3-REFL-esconder LUSIV
 ‘escondeu-se gratuitamente’

⁴¹ O verbo *-ikwé* ‘ficar a tóa’ é o resultado, já gramaticalizado, da combinação do verbo *-ikú* ‘ficar’ com a partícula *-é*. Neste caso a partícula já não pode ser segmentada do verbo pois o constituinte formado tem um único acento.

414. \emptyset -ú Xiparêxa'á apaj anỹ, amõ kahú wé-pe
 3-vir Xiparêxa'á rápido CONJ outro/um carro LUSIV-LOC
 'E Xiparêxa'á veio rápido, num carro a tôa (num carro qualquer)'
415. kamará- \emptyset awá- \emptyset \emptyset -mi-kijé ké
 índio-N Guajá-N 3-CAUS-temer LUSIV
 'o índio (guajajara) faz medo gratuitamente nos Guajá'
416. jahá pirá a-jká ré
 eu peixe 1-matar LUSIV
 'eu estava só pescando'
417. awá-wanihã- \emptyset \emptyset -ipí ahá waté irá r-ipí wari
 guajá-homem-N 3-subir CTF no.alto árvore R¹-por guariba
 \emptyset -iká = pa h-aká mehẽ ré xí awá-wahý-a a'ia
 R¹-matar = GER R²-procurar quando LUSIV IMPERF guajá-mulher-N ele
 'O homem awá sobe alto pela árvore para matar guariba enquanto a mulher awá fica só procurando-o.'
418. n = \emptyset -iká tar-í \emptyset -mi-keré tár é
 NEG = 3-matar PROJ-NEG 3-CAUS-dormir PROJ LUSIV
 'Não vai matá-lo, vai só fazê-lo dormir'

g. rawỹ ~ nawỹ ~ nawýn – partícula epistêmica similitiva

É uma partícula que exprime modalidade epistêmica pois ocorre quando o falante supõe ser verossímil o conteúdo do enunciado, podendo ser traduzida como ‘aparentemente’ (exs. 419-421). Numa pergunta, subentende-se que o falante já tem uma idéia prévia da resposta (ex. 422). Quando associada à palavra *ipé*, funciona como a negação de um constituinte específico em contraste com outro (exs. 423-425)⁴². Quando ocorre após o nome numa construção equativa, tem o sentido de ‘ser parecido com’ (ex. 426).

419. *a'é karai Ø-ma'i-há ni = Ø-niá nawýn-i xĩ*
 ele não.índio R¹-falar-NZR NEG = 3-ouvir SIMIL-NEG PERF
 ‘ele aparentemente não ouviu a fala dos não-índios’

420. *Ø-manẽ mehẽ nawỹ té kahú r-apé*
 3-demorar quando SIMIL REAL carro R¹-caminho
n = ari-xá tár-i-hí kurupí ahá nỹ xĩ
 NEG = 13-ver PROJ-NEG-INTS para.cá CTF CONJ PERF
 ‘Aparentemente, daqui a muito tempo, não veremos mais estrada indo para cá.’

421. *pĩ = Ø-tamỹ pãj tá nawỹ*
 23 = R¹-chefe TOT PROJ SIMIL
 ‘aparentemente vocês todos terão chefes’

422. *ma'á nawỹ*
 que SIMIL
 ‘o que é?’ (lit. ‘o que parece ser?’)

⁴² A combinação da partícula *nawỹ* com o demonstrativo *kĩ* ‘assim’ e a partícula conjuntiva *anyỹ* resultou na forma gramaticalizada *kinawymỹ* que significa ‘parecido’:

a-japó kinawymỹ
 2/IMP-fazer parecido
 ‘faça um parecido (com este)!’

423. *kamará rawỹ i-pé xĩ jahá xipé kwý jahá*
 não-índio SIMIL R²-para PERF eu FOC aí eu
 ‘não é não-índio, sou eu aí (na foto)’ (lit. ‘apesar de parecer não-índio, sou eu aí (na foto)’)
424. *a-keré rawỹ té i-pé xĩ, papé a-japó tapó kó ha = r-ipá-pe*
 1-dormir SIMIL REAL R²-para PERF papel 1-fazer POS4 aqui 1 = R¹-casa-LOC
 ‘não era dormindo mesmo que eu estava, eu estava estudando deitada aqui na minha casa’
 (lit. ‘apesar de parecer que eu estava realmente dormindo, eu estava estudando deitada aqui na minha casa’)
425. *ha = Ø-kara’ahỹ rawỹ i-pé xĩ ha = r-atỹ nuhu’ũ*
 1 = R¹-cansado SIMIL R²-para PERF 1 = R¹-forte CON.EXP
 ‘não é cansada que eu estou! E não é que eu sou forte?!’
 (lit. ‘apesar de parecer cansada, e não é que eu sou forte?!’)
426. *a’é pãj awá-Ø rawỹ karai-rýn-a amõ-a*
 ele TOT Guajá-N SIMIL não.índio-SEME-N outro-N
 ‘Eles todos são parecidos com Guajá. Os estrangeiros são diferentes (são outros)’

h. *té* ~ *até* ~ *eté* ‘realmente/mesmo/de verdade’ – partícula epistêmica de pressuposição

Exprime modalidade epistêmica de “pressuposição” (Givón, 2001:301), em que a proposição é tomada como sendo verdadeira (seja por definição, seja por concordância prévia ou por convenção genérica compartilhada culturalmente) por ser óbvio para todos os presentes no ato da fala ou por ter sido gerada pelo falante e continuar inalterada por parte do ouvinte. Combina-se com raízes verbais, adjetivais, nominais e com pronomes independentes. O alomorfe *té* ocorre após palavras terminadas em *a* (exs. 428 e 429) e após outras partículas intra-predicado (ex. 430), e os alomorfes *até* e *eté* em variação livre, nos demais ambientes.

427. *u-'ú até katý*
 3-comer REAL bem
 ‘ela come realmente bem’
428. *∅-watár até awijé are = ∅-ka'á r-ehé*
 3-andar REAL frequentemente 123 = R¹-mata R¹-sobre
 ‘ele realmente anda com frequência na nossa mata’
429. *nijã ara-kwá té awá ∅-ĩ-há*
 você 2-saber REAL Guajá R¹-dizer-NZR
 ‘você realmente sabe a língua dos guajá’
430. *∅-wehẽ ramõ té tá*
 3-sair IMED REAL PROJ
 ‘vai nascer agora mesmo’
431. *jawár eté-a*
 onça REAL-N
 ‘é uma verdadeira onça’ (expressão usada para dizer que algo ou alguém é muito grande ou gordo)
432. *awá i-hi eté-a kahá ∅-japó a'ia*
 guajá R²-mãe REAL rede 3-fazer ela
 ‘a mulher guajá que é mãe de verdade faz rede’
433. *japa'á té*
 curto REAL
 ‘é realmente curto’

434. *jahá té*
 eu REAL
 ‘sou eu mesmo’

i. *neme’ẽ* – ‘quase’

Partícula de modalidade que indica que o evento/estado esteve a ponto de realizar-se.

435. *akwé kahú Ø-ikaká ni = Ø-iká neme’ẽ = pa*
 aquele carro 3-virar 2 = R¹-matar quase = GER
 ‘aquele carro virou quase te matando’

436. *Ø-wa’á neme’ẽ*
 3-cair quase
 ‘(ele) quase caiu’

j. *mẽ* ‘seria bom se’ – partícula de modalidade deôntica

Essa partícula de modalidade deôntica exprime um julgamento de valor por parte do falante no qual ele expressa a sua preferência em que o fato narrado ocorra. O verbo com o qual ela se combina ocorre associado à partícula de pressuposição *até* ou ao sufixo *-hý* ~ *-hú* de intensidade.

437. *Ø-ur-yhý mẽ polícia ka’á r-ehé anyĩ!*
 3-vir-INTS COND polícia mata R¹-sobre CONJ
 ‘E seria bom se a polícia viesse mesmo para a mata!’

438. *pi-xá te mẽ awijé nuhu’ũ*
 23-ver REAL COND FREQ CON.EXP
 ‘e não que seria bom se vocês realmente vigiassem a estrada com frequência?!’

439. \emptyset -ahó até mẽ karáí are = \emptyset -ka'á r-ia
 3-voltar REAL COND não.índio 123 = R¹-mata R¹-de
 'seria bom se os não-índios realmente fossem embora do nosso mato'
440. \emptyset -iwý até mẽ Tieku awá haxiká ra'á
 3-voltar REAL COND Diego CTP ? DUB
 'seria bom se o Diego realmente voltasse para ficar?'
441. \emptyset -ty'k até mẽ karáí-a ka'á haxiká ra'á
 3-largar REAL COND não-índio-N mata ? DUB
 'seria bom se o não-índio realmente largasse de ficar na mata?'
442. pi-manõ até mẽ papé i-pé nuhu'ũ t = o-hó ha = \emptyset -ka'á r-ia
 23-dar REAL COND papel R²-para COM.EXP EXO = 3-ir 1 = R¹-mata R¹-de
 'e não é que seria bom se vocês entregassem o papel para eles, para que eles saiam da minha mata'

I. partículas que exprimem quantificação

Essas partículas exprimem a duração e a intensidade do evento ou estado e também a quantificação do referente nominal. Neste último caso, expressam quantificação do argumento em função de sujeito dos predicados intransitivos e objeto dos predicados transitivos.

<i>mỹ</i>	'muito' (duração)
<i>juhú</i>	'pouco' (duração, intensidade)
<i>rahý</i>	'demais' (intensidade)
<i>ra'ó</i>	'muito' (intensidade)
<i>taté ~ teté</i>	'muito(s)' (para referentes contáveis e incontáveis)
<i>makamututuhũ</i> ⁴³	'poucos' (para referente contáveis)
<i>mixí</i>	'pouco' (para referentes incontáveis)

⁴³ Essa partícula é visivelmente resultante da reduplicação do numeral *makamutuhũ* 'um'.

443. *a-jkwě mỹ tá*
 1-viver muito PROJ
 ‘eu vou viver muito’
444. *a-jkwě juhú tá*
 1-viver pouco PROJ
 ‘eu vou viver pouco’
445. *a-kwá juhú*
 1-saber pouco
 ‘eu sei pouco’
446. *h-ahý rahý i-pé*
 R²-dor demais R²-para
 ‘dói demais nele’
447. *a-keré ra’ó tá*
 1-dormir muito PROJ
 ‘eu vou dormir muito’
448. *warí-a a-jká taté*
 guariba-N 1-matar muitos
 ‘eu matei muitos guaribas’
449. *’y-a Øině teté kwý*
 água-N 3-permanecer muito aí
 ‘tem muita água aí’
450. *warí-a a-jká makamututuhũ*
 guariba-N 1-matar poucos
 ‘eu matei poucos guaribas’

451. *kwixú-a xu = 'ú mixí ha-já apáj*
 macaco-preto 12/EXO = comer pouco R²-de rápido
 ‘vamos comer um pouco de macaco-preto rápido!’

m. *mehẽ* ~ *amehẽ* – partícula subordinativa temporal

Essa partícula marca orações dependentes adverbiais que expressam referência temporal do evento, estado ou existência descrito na oração subordinada em relação ao tempo de referência da oração principal.

452. *jahá a-jrará tá ha = Ø-pyhýk amehẽ ha = Ø-mẽ Ø-pé*
 eu 1-estar.feliz PROJ 1 = R¹-pegar quando 1 = R¹-marido R¹-para
 ‘eu vou ficar feliz quando for abraçada pelo meu marido’

453. *a-mapý manã t-ipá-pe i-kỹ mehẽ*
 2/IMP-colocar CTF2 R⁴-casa-LOC R²-seco quando
 ‘coloque na casa quando estiver seco’

454. *Marina ari-ixá tá i-mymý mehẽ*
 Marina 13-ver PROJ R²-filho quando
 ‘nós vamos ver Marina quando ela tiver filho’

n. *nẽ* ~ *anẽ* – partícula subordinativa temporal consecutiva

Essa partícula marca as orações dependentes que expressam referência temporal de consecutividade do evento ou estado descrito na oração subordinada em relação à oração principal.

455. *ari-juhú ahá Ø-mihĩ nẽ 'y-pe Marajaxĩ Ø-pamẽ*
 13-banhar CTF R²-assar CONS rio-LOC Marajaxĩ R²-com
 ‘fomos banhar na água com Mariazinha depois de assá-lo’

456. *ari-jahó tá ramõ é kyry'y are = r-ipá-pe ha-xák anẽ*
 13-ir PROJ IMED LUSIV MUD 123 = R¹-casa-LOC R²-ver CONS
 ‘nós iremos imediatamente para nossa casa depois de vê-la (a estrada)’

o. *katý / katá* – ‘bem’

A partícula de maneira que significa ‘bem’ tem duas formas mutuamente exclusivas: a primeira ocorre apenas com verbos e a segunda é específica dos adjetivos.

457. *a-xá katý Ø-pé r-ipí*
 2/IMP-ver bem R⁴-caminho R¹-através
 ‘olhe bem através do caminho’ (lit. ‘preste atenção pelo caminho’)

458. *h-akú katá*
 R²-quente bem
 ‘está bem quente’

p. *mẽ ~ amẽ* – partícula proibitiva

Partícula de negação de predicados “manipulativos”⁴⁴, isto é, nega predicados nos modos imperativo (ex. 459) e exortativo (ex. 460). O alomorfe *amẽ* ocorre após raízes terminadas por consoante. No entanto, como acontece com o sufixo *-í* que nega predicados no modo indicativo (cf. Cap. 11), um novo alomorfe *kamẽ* tem se estendido inclusive para raízes que não terminam em consoante (461a e 461b).

459. *a-ja'ók amẽ*
 2/IMP-arrancar PROIB
 ‘não pode arrancá-la!’ ou ‘não a arranque!’

460. *amẽ kamará ti = Ø-jo'ók amẽ*
 PERM não.índio EXO = 3-arrancar PROIB
 ‘não permita que ele a arranque!’ ou ‘ele não pode arrancar!’

⁴⁴ Givón (2001:312) cita como “manipulative speech acts” orações do tipo comando, requisição ou exortação.

- 461a. *a-’ú* *mẽ* 2/IMP-comer PROIB ‘não coma!’ ou ‘você não pode comê-lo’
- 461b. *a-’ú* *kamẽ* 2/IMP-comer PROIB ‘não coma!’ ou ‘você não pode comê-lo’

2.4.5. Partículas fáticas⁴⁵

São partículas extra-sentenciais, ou seja, elementos externos à estrutura sintática que ocorrem geralmente precedendo a sentença. Diferentemente das outras partículas, podem constituir sozinhas enunciados. Aparecem tipicamente como respostas, como se observa na maior parte dos exemplos a seguir.

a. *ajé* ‘sim!’

462. *ajé ti xãm*
sim EXAT INTERJ
‘sim, que pena!’
463. *ajé, pi-kú pé t-akwé Ø-kytyrý pijã*
sim 23-ficar lá R²-atrás R¹-para vocês
‘sim, vocês fiquem lá para trás!’

b. *nawanĩ* ‘não!’

464. *nawanĩ, n = a-jahó-tár-í jahá*
não NEG = 1-ir-PROJ-NEG eu
‘não, eu não vou!’
465. *ma’ã nawỹ Hajmakõma’ã? nawanĩ, Marina*
que SIMIL Hajmakõma’á não Marina
‘— O que foi Hajmakõma’á? — Não foi nada, Marina!’

⁴⁵ Analiso aqui as partículas fáticas tomando como base a análise de Seki (2000) para o Kamaiurá.

c. *anawỹ* ‘sei lá!’

466. — *mõ* *Manãxiká* *mõ?* — *anawỹ*, *n = a-kwa-j* *jahá* *nỹ*
 INT *Manãxiká* INT *sei.lá* NEG = 1-saber-NEG *eu* CONJ
 ‘— Onde está *Manãxiká*? — Sei lá, eu também não sei!’

d. *aré* ‘de novo!’

467. *aré* *rí,* *aré* *xi-nũ* *japỹ*
 de.novo logo 123 12/EXO-ouvir de.novo
 ‘De novo, vamos ouvir novamente!’

468. *aré*
 de.novo
 ‘De novo!’

2.5. Interjeições

As interjeições formam uma classe heterogênea de palavras com função expressiva ou interativa. Algumas podem significar concordância com o interlocutor, outros julgamentos ou avaliações sobre estados ou eventos, enquanto outras podem significar surpresa, decepção, incerteza e outros.

Elas são, segundo Givón (2001:102), “uma área de transição na gramática, conectando-a a várias convenções culturais que governam o comportamento social e interpessoal – interação, conduta pública, status, poder, educação, o encaminhamento da conversa, etc.”

Em Guajá, as interjeições podem ser formadas por estruturas silábicas incomuns às palavras da língua (como a presença de uma consoante nasal final), geralmente têm um som vocálico alongado e uma intonação característica. As mais comuns estão listadas a seguir:

[’e’ẽ]	‘concordância’
[tãm] (grave)	‘inconformidade’
[já:] (bem agudo)	‘surpresa/admiração’
[hə’ãm]	‘decepção’
[hã:j]	‘incerteza/dúvida quanto à informação recebida’
[dʒãm] ~ [xãm] ~ [xã]	‘lamento’
[tý]	‘exclamação’
[hỹ-hỹ-hỹ-hỹ]	‘dor’

469. Ø-*ma’í jé, tãm!*
 3-falar mentira INTERJ
 ‘ele mentiu!’

Outras construções mais complexas também podem ser incluídas na classe das interjeições:

470. *amẽ tí kĩ-a*
PERM EXAT assim-N
‘deixe bem assim!’

471. *amẽ rí*
PERM logo
‘espera aí!!!’

3

Flexão relacional

Há quatro tipos de flexão na língua Guajá: relacional, casual, pessoal e negativa. A flexão relacional ocorre com os nomes, os verbos, os adjetivos e as posposições, e será descrita neste capítulo por tratar-se de um fenômeno morfossintático essencial para a compreensão dos capítulos subseqüentes. A flexão casual é própria da classe lexical nomes e será descrita no capítulo 4; a pessoal é própria dos verbos e será descrita no Capítulo 5 e a negativa é comum aos verbos, nomes e adjetivos e será descrita no Capítulo 10.

3.1. Definição

Na literatura sobre línguas indígenas brasileiras, tem-se chamado de prefixos relacionais morfemas que, na descrição de Rodrigues (1990b), “marcariam a contigüidade ou não-contigüidade de um genitivo antes de um nome, de um sujeito antes de um verbo descritivo, de um objeto direto antes de um verbo transitivo e de um nome antes de uma posposição, ou seja, um dependente antes de um núcleo”. Esse processo morfossintático consiste na marcação da dependência de um determinante⁴⁶ (um nome ou um pronome dependente) em relação ao núcleo de uma construção sintática, por meio de prefixos flexionais acrescentados ao núcleo.

A contigüidade assinalada pelo relacional é estrutural, ou seja, é contigüidade entre elementos que se encontram dentro de um mesmo sintagma, e não entre elementos de sintagmas distintos, ainda que superficialmente contíguos. Os elementos que se encontram dentro de um mesmo sintagma terão sua relação marcada pelo prefixo de contigüidade (R^1) afixado ao núcleo. Os núcleos que estiverem em sintagma distinto do de seu determinante receberão o prefixo que marca a não-contigüidade (R^2).

⁴⁶ Aqui a palavra *determinante* é aplicada ao termo que possui uma relação de dependência com seu núcleo, o *determinado*.

Há, ainda, outro prefixo relacional, o qual indica que o nome a que está afixado se refere a um ser humano indefinido, genérico, não expresso sintaticamente (R^4)⁴⁷.

Em outras palavras, Cabral (2001:240) atribui as seguintes funções à flexão relacional em Tupí-Guaraní:

“1. marcar contigüidade sintática de um determinante com respeito ao elemento por ele determinado; 2. marcar as relações de dependência que unem sujeito/verbo intransitivo, objeto/verbo transitivo, objeto/posposição e genitivo/nome”.

3.2. Os prefixos relacionais do Guajá

No Guajá, os verbos, os nomes, os adjetivos e as posposições se distribuem em duas classes paradigmáticas de temas, segundo os alomorfes dos prefixos relacionais.

Os temas da classe I são os iniciados por consoantes e alguns iniciados por vogais e os temas da classe II, dividida em quatro subclasses, são todos iniciados por vogais.

Os três prefixos relacionais do Guajá (R^1 , R^2 e R^4) têm alomorfes cuja distribuição se dá segundo essas duas classes em que se repartem os temas. Além disso, alguns prefixos têm também alomorfes condicionados fonologicamente.

O quadro IV, adaptado de Rodrigues (1981: 11), apresenta os prefixos relacionais da língua Guajá distribuídos de acordo com a classe de temas a que se afixam.

⁴⁷ Rodrigues e Cabral têm adotado os símbolos R^1 , R^2 , R^3 e R^4 em seus trabalhos mais recentes para referir-se aos prefixos relacionais de contigüidade, de não-contigüidade, de correferencialidade e de determinação humana genérica, respectivamente. Apesar de na língua Guajá não haver prefixos correferenciais (R^3), adoto o símbolo R^4 para o prefixo humano genérico para manter a uniformidade da convenção estabelecida por Rodrigues.

Quadro IV: prefixos relacionais

relacionais classes de temas	R ¹	R ²	R ⁴
Ia	∅-	<i>i-</i> ~ V-	<i>i-</i>
Ib	∅-	∅-	∅-
IIa	<i>r-</i> ~ <i>n-</i>	<i>h-</i> ~ <i>ha-</i>	<i>h-</i> ~ <i>ha-</i>
IIb	<i>r-</i> ~ <i>n-</i>	<i>h-</i> ~ <i>ha-</i>	<i>t-</i>
IIc	<i>r-</i> ~ <i>n-</i>	<i>h-</i>	V > ∅-
IId	<i>r-</i> ~ <i>n-</i>	<i>t-</i>	<i>t-</i>

Na classe Ia, o alomorfe V-⁴⁸ do prefixo R² ocorre apenas com temas verbais monossilábicos iniciados por consoante glotal e apenas na fala de alguns jovens. Os mais velhos e alguns outros jovens utilizam o alomorfe *i-* deste prefixo.

Na classe II, o alomorfe *n-* do prefixo R¹ ocorre em ambiente nasal – (a) após os pronomes dependentes *ni* ‘você’ e *pĩ* ‘vocês’, (b) após palavras terminadas em vogal com acento nasal e (c) diante de tema contendo fonema nasal – e o alomorfe *r-* em ambiente oral.

Ainda nesta classe, o prefixo R² tem o alomorfe *ha-* em temas iniciados pelas vogais *i* ou *y* e o alomorfe *h-* nos demais temas.⁴⁹

Abaixo seguem exemplos de temas flexionados por relacionais nas quatro classes de palavras dotadas de flexão.

Os verbos, os adjetivos e as posições não têm temas que selecionam o relacional *t-*, o que elimina as subdivisões da classe II para essas palavras nas quais a classe II corresponde sempre à classe IIa do quadro.

Nomes:

Classe Ia

472a. *ha* = ∅-*pó-a* /1 R¹-mão-N/‘minha mão’

⁴⁸ V- aqui significa vogal idêntica à vogal do tema.

⁴⁹ Em alguns itens lexicais os temas iniciados pelas vogais *i* ou *y* como *-imirikó* (nome: ‘esposa’), *-ipí* (posposição: ‘por’), *-ixák-* (verbo: ‘ver’), *-yrú* (nome: envólucro) têm um alomorfe que ocorre sem esta vogal inicial, mas que mesmo assim recebe prefixo R² *ha-*: *ha-mirikó-a* ‘a esposa dele’, *ha-pí* ‘por ele’, *ha-xak-á* ‘para vê-lo’, *ha-rú* ‘envólucro dele’.

472b. *i-pó-a* /R²-mão-N/‘mão dele’

472c. *i-pó-a* / R⁴-mão-N/‘mão de gente’

Classe Ib

473a. *ha = Ø-jakỹ-a* /1 R¹-cabeça-N/‘minha cabeça’

473b. *Ø-jakỹ-a* /R²-cabeça-N/‘cabeça dele’

473b. *Ø-jakỹ-a* /R⁴-cabeça-N/‘cabeça de gente’

Classe IIa

474a. *ha = r-awá-Ø* /1 R¹-rosto-N/‘meu rosto’

474b. *h-awá-Ø* /R²-rosto-N/‘rosto dele’

474c. *h-awá-Ø* / R⁴-rosto-N/‘rosto de gente’

475a. *ha = r-imirikó-a* /1 R¹-esposa-N/‘minha esposa’

475b. *ha-mirikó-a* /R²-esposa-N/‘esposa dele’

475c. *ha-mirikó-a* / R⁴-esposa-N/‘esposa de gente’

Classe IIb

476a. *ha = n-ãĩ-a* /1 R¹-dente-N/‘meu dente’

476b. *h-ãĩ-a* /R²-dente-N/‘dente dele’

476c. *t-ãĩ-a* /R⁴-dente-N/‘dente de gente’

477a. *ha = r-ipá-Ø* /1 R¹-casa-N/‘minha casa’

477b. *ha-jpá-Ø* /R²- casa-N/‘casa dele’

477c. *t-ipá-Ø* / R⁴-casa-N/‘casa de gente’

Classe IIc

478a. *ha = r-apé-a* /1 R¹-caminho-N/‘meu caminho’

478b. *h-apé-a* /R²- caminho-N/‘caminho dele’

478c. *pé-a* / R⁴-caminho-N/‘caminho de gente’

Classe II_d

479a. *ha* = *r-ú-a* /1 R¹-pai-N/‘meu pai’

479b. *t-ú-a* /R²- pai-N/‘pai dele’

479c. *t-ú-a* / R⁴-pai-N/‘pai de gente’

Verbos:

Nos verbos, a classe II é uniforme e corresponde à classe II_a do quadro.

Classe I_a

480a. *akajú Ø-pyhyk amehẽ* /caju R¹-pegar quando/ ‘quando pegar o caju’

480b. *i-pyhyk amehẽ* /R²-pegar quando/ ‘quando pegá-lo’

481a. *tyrymã Ø-’ú = pa* /farinha R¹-comer = GER/ ‘para comer farinha’

481b. *u-’ú = pa ~ i-’ú = pa* /R²-comer = GER/ ‘para comê-lo’

Classe I_b

482a. *kararuhú Ø-iká = pa* /paca R¹-matar = GER/ ‘para matar paca’

482b. *Ø-iká = pa* /R²-matar = GER/ ‘para matá-lo’

Classe II

483a. *ni = r-ú r-aká = pa* /2 R¹-pai R¹-procurar = GER/ ‘para procurar teu pai’

483b. *h-aká = pa* /R²-procurar = GER/ ‘para procurá-lo’

484a. *ni = n-ixak-á* /2 R¹-ver-GER/ ‘para te ver’

484b. *ha-xak-á* /R²-ver-GER/ ‘para vê-lo’

Adjetivos:

Nos adjetivos, a classe II é uniforme e corresponde à classe IIa do quadro.

Classe Ia

485a. *ha* = \emptyset -*pa'aruhy'* /1 R¹-grávida/ 'eu estou grávida'

485b. *i-pa'aruhy'* /R²-grávida/ 'ela está grávida'

Classe Ib

486a. *ma'á* \emptyset -*kaxỹ-a* / algo R¹-cheiroso-N/ 'perfume' (lit.: coisa cheirosa)

486b. \emptyset -*kaxỹ-ma'á*- \emptyset /R²-cheiroso-NZR-N/ 'o cheiroso'

Classe II

487a. *ni* = *n-atỹ* /2 R¹-ser forte/ 'você é forte'

487b. *h-atỹ* /R²-ser forte/ 'ele é forte'

Posposições:

Nas posposições, as classes I e II são uniformes e correspondem às classes Ia e IIa do quadro, respectivamente.

Classe I

488a. *manakũ* \emptyset -*pepé* /cesto R¹-dentro/ 'dentro do cesto'

488b. *i-pepé* /R²-dentro/ 'dentro dele'

Classe II

489a. *ha* = *r-aké* /1 = R¹-perto/ 'perto de mim'

489b. *h-aké* /R²-perto/ 'perto dele'

490a. *pé r-ipí* /caminho R¹-por/ 'pelo caminho'

490b. *ha-pí* /R²-por/ 'por ele'

3.3. Mudanças em processo na fala dos mais jovens

O processo de harmonização vocálica é muito produtivo no Guajá, como se verifica, de um ponto de vista diacrônico, pela comparação de formas Guajá com seus cognatos na língua Tupinambá. Este procedimento, elaborado por Cunha (1987), parte do pressuposto de que as formas Tupinambá, pelo menos no que diz respeito às vogais, estão mais próximas das que podem ser reconstruídas para o Proto-Tupí-Guaraní.

Observa-se que a harmonia vocálica é também vigente sincronicamente na língua, pois a assimilação regressiva dos traços vocálicos ocorre sistematicamente com prefixos pessoais que são seguidos por temas verbais monossilábicos com consoantes glotais (cf. Cap. 5).

Com relação aos prefixos relacionais, foi verificada, na fala de alguns dos índios Guajá mais jovens, a harmonização vocálica de um desses prefixos, fenômeno não observado na fala dos índios mais velhos.

Os exemplos a seguir ilustram a ocorrência dos prefixos relacionais com temas verbais da classe Ia na fala dos índios Guajá mais velhos:

491. *jahá a-xá i-'ú mehẽ*
 eu 1-ver R²-comer quando
 ‘eu o vi quando ele comeu’

492. *mõ karai i-hó-ni mĩ-pe*
 INT não-índio R²-ir-INDII para.onde
 ‘onde o não-índio foi?’

493. *a-jahó tá kó-pe i-'ok-á*
 1-ir PROJ roça-LOC R²-arrancar-GER
 ‘eu vou para a roça arrancá-lo’

Na fala da maioria dos Guajá mais jovens, o prefixo relacional de não-contigüidade *i-* dos dados anteriores é realizado por meio de uma vogal idêntica à vogal do tema:

494. *jahá a-xá u-'ú mehẽ*
 eu 1-ver R²-comer quando
 ‘eu o vi quando ele comeu’
495. *mõ karai o-hó-ni mĩ-pe*
 INT não-índio R²-ir-INDII para.onde
 ‘onde o não-índio foi?’
496. *a-jahó tá kó-pe o-'ok-á*
 1-ir PROJ roça-LOC R²-arrancar-GER
 ‘eu vou para a roça arrancá-lo’

Como se vê, o prefixo relacional de não-contiguidade *i-*, em temas monossilábicos formados por consoante glotal, assimilou totalmente os traços da vogal do tema e passou a ter, então, um alomorfe *V-* na fala dos mais jovens.

Uma possível interpretação desse fenômeno seria a de que há uma tendência à mudança da marcação dos prefixos relacionais analogamente à marcação dos prefixos pessoais de terceira pessoa, cuja forma, em temas monossilábicos iniciados por vogal precedida por consoante glotal, é uma vogal da mesma qualidade da vogal do tema e, nos demais temas, é \emptyset . Corrobora essa hipótese o fato de que, em alguns temas, o prefixo relacional de não-contiguidade *i-* passou a \emptyset , assim como ocorre com o prefixo de terceira pessoa, que tem alomorfes $\emptyset \sim V-$ (cf. Cap. 5)

Assim, alguns temas da classe I, que ocorreriam com prefixo R² *i-* (como em outras línguas da família Tupí-Guaraní), ocorrem com prefixo \emptyset , o que justifica a divisão desta classe de temas em Ia e Ib. Nestes temas, o relacional foi reinterpretado como \emptyset pelo simples desaparecimento do *i-* (exs. 497 e 498), ou pela interpretação do prefixo como parte do tema (ex. 499):

497. *pé kwáe inami'ĩ-a Ø-xu'ú-ri*
 lá(próximo) lá(distante) jararaca-N R²-morder-INDII
 ‘mais ou menos naquela distância a jararaca o mordeu’

498. \emptyset -pirỹ-ma'á- \emptyset
 R²-vermelha-NZR-N
 'a que é vermelha'

499. \emptyset -jakỹ-'ỹ-ma'á- \emptyset ⁵⁰
 R²-cabeça-NZR-N
 'o que é sem cabeça'

Entre os mais jovens observa-se também a tendência a tratar o prefixo R² analogamente aos prefixos pessoais nos temas monossilábicos, o que explica a harmonização vocálica destes prefixos com relação à vogal do tema:

500. *a-jká tá i-'ú = pa* (fala dos mais velhos)
 1-matar PROJ R²-comer = GER
 'eu vou matá-lo para comê-lo'

501. *a-jká tá u-'ú = pa* (fala dos mais jovens)
 1-matar PROJ R²-comer = GER
 'eu vou matá-lo para comê-lo'

Como nos temas da classe Ib o R² está sendo marcado como \emptyset , não há mais oposição entre contigüidade e não-contigüidade, já que o R¹ também é marcado como \emptyset . Essa indiferenciação morfológica entre os dois prefixos relacionais resulta na perda da sua produtividade, especificamente nesta classe de temas, pois já deixa de haver oposição entre contigüidade e não-contigüidade.⁵¹

⁵⁰ Observa-se que o antigo prefixo *i-* sincronicamente faz parte do tema nominal, o que fica claro quando este ocorre combinado com o pronome dependente de primeira pessoa do singular: *ha = \emptyset -jakỹ-a / 1 = R¹-cabeça-N / 'minha cabeça'* (cf. PTG *-akaŋ 'cabeça', *i-akaŋ 'cabeça dele').

⁵¹ Segundo Cabral (comunicação pessoal), a mudança do relacional de não-contigüidade para \emptyset não ocorre somente no Guajá. Esse processo também tem sido verificado em outras duas línguas do subgrupo VIII da família Tupí-Guaraní, Ka'apór e Zo'é.

4

Fenômenos morfológicos e sintáticos relacionados aos nomes e relacionados aos adjetivos

Neste capítulo descreverei, primeiramente, os nomes da língua Guajá, especificando os tipos de morfemas flexionais e derivacionais que podem ser afixados a esta classe e que funções sintáticas eles podem exercer.

Em seguida, tratarei da morfologia flexional própria da classe dos adjetivos apresentando a marcação de pessoa e a ocorrência com o sufixo de caso translativo, ressaltando as diferenças morfossintáticas entre essa classe e a dos nomes, apesar da aparente semelhança morfológica.

Apresentarei em 4.1, inicialmente, a morfologia flexional dos nomes, que se caracterizam morfológicamente por serem a única classe lexical que admite flexão com o sufixo de caso locativo *-pe* e com o sufixo nominal *-a*. O sufixo de caso translativo será descrito em 4.1.1.2 e em 4.5.2, já que ocorre tanto com nomes quanto com adjetivos. Em 4.2 serão apresentadas as três subclasses em que se dividem os nomes e as características morfossintáticas decorrentes dessa subdivisão. Em 4.3. descreverei os processos derivacionais próprios da classe e em 4.4. o processo de composição nominal. Finalmente, em 4.5, será apresentada a morfologia flexional dos adjetivos.

4.1 Morfologia flexional dos nomes

De acordo com Anderson (1985:162), a flexão marca tipicamente categorias que são aplicáveis (pelo menos potencialmente) a qualquer item numa dada classe de palavras, não podendo ser definida como a marca de propriedades específicas de itens lexicais individuais.

No Guajá, os nomes são flexionados por sufixos casuais cuja forma e função serão descritos a seguir. Com relação à categoria número, a não ser pelo pronome dependente de terceira pessoa plural associado aos nomes com determinante obrigatório, não há morfemas na língua que distinguem singular do plural, mas os nomes podem receber um sufixo que denota coletivo, como será descrito em 4.1.4 abaixo.

Também não há na língua um morfema flexional que diferencie os nomes quanto ao gênero, mas há uma maneira de especificar o sexo de um ser animado, associando ao tema nomes qualificadores (cf. 4.2.1.1) que designam se ele se refere a um ‘macho/homem’ - *wanihã*- ou a uma ‘fêmea/mulher’ -*wahy’*.

4.1.1. Marcação de caso

De acordo com Rodrigues (2001b), “caso é um sistema de marcação dos nomes para indicar o tipo de relação que estes têm para com os núcleos dos sintagmas em que ocorrem”. Em Guajá, identifica-se um caso gramatical e dois casos semânticos. Aquele marca as relações nucleares principais e estes formam dois tipos de complementos adverbiais (ou circunstanciais): um que indica espaço ou tempo definido e outro que indica uma nova propriedade adquirida por um dos argumentos da oração. O primeiro é o caso “locativo pontual” (Rodrigues 2001b) e o segundo é o caso “translativo” (Rodrigues 2001b, antes chamado por ele de “predicativo” ou “atributivo”).

Os dois casos semânticos são marcados nos nomes por afixos átonos, os quais se distinguem nitidamente das posposições, que, além de serem acentuadas, constituem núcleos dos sintagmas em que ocorrem e são flexionadas pelos prefixos relacionais.

Quadro V: Sufixos casuais

caso translativo	<i>-reme ~ -neme ~ -eme</i>
caso locativo pontual	<i>-pe ~ -me ~ -p</i>
caso nominal	<i>-a ~ -∅</i>

4.1.1.1. Caso locativo pontual

O sufixo do caso locativo pontual (*-pe ~ -me ~ -p*) ocorre com os nomes quando estes exercem a função de adjuntos circunstanciais na oração. Indica lugar ou tempo definidos, isto é, um ponto no espaço ou um momento no tempo. Além disso, exprime, dependendo da natureza do verbo da oração (se de movimento ou não), tanto lugar em que,

como lugar para onde. O alomorfe *-pe* ocorre com temas terminados por sílabas orais (ex. 502), o alomorfe *-me* com temas terminados por sílabas nasais (ex. 503) e o alomorfe *-p* quando seguido de uma palavra ou morfema gramatical iniciados por vogal (exs. 504-506):

502. *a-jkú tá ha = r-ipá-pe*
 1-ficar PROJ 1 = R¹-casa-LOC
 ‘vou ficar na minha casa’
503. *h-o’ó-kér-a Ø-mihĩ makapa’ã-me*
 R²-carne-RETR-N 3-assar girau-LOC
 ‘a carne assou no girau’
504. *Ø-ahó ka’á-p awỹ*
 3-ir mato-LOC PLU
 ‘foram para o mato’
505. *Ø-xá tá Ø-iwýr-ahá-p a’iá*
 3-ver PROJ R²-voltar-NZR-LOC ele
 ‘ele vai ver na volta’
506. *iwá-p-ahár-a*
 céu-LOC-NZR-N
 ‘aquele que é do céu’

Apesar de a marcação com o sufixo do caso locativo ser exclusiva da classe lexical *nomes*, alguns membros da classe funcional *demonstrativos* também podem flexionar-se com o sufixo locativo pontual quando em função adverbial (cf. 2.3.2).

507. *ari-ahó ta mĩ-p areá*
 123-ir PROJ lá-LOC nós
 ‘nós iremos para lá’

4.1.1.2. Caso translativo

O sufixo casual *-reme* ocorre em nomes em função de complementos circunstanciais translativos⁵². Os nomes no caso translativo constituem construções adverbiais que indicam a aquisição de uma propriedade (designada pelo nome sufixado com *-reme*) por um dos argumentos da oração. Essa propriedade é orientada ergativamente, pois se refere ao argumento único do verbo intransitivo ou ao objeto do verbo transitivo.

O alomorfe *-reme* ocorre em temas terminados por vogal oral, *-neme* em temas terminados por vogal nasal e *-eme* em temas terminados por consoante.

Como complemento de verbos intransitivos, os nomes associados ao sufixo de caso translativo indicam a propriedade adquirida pelo único argumento do verbo:

508. *Maír-a* \emptyset -*pó* *tapi'ír-eme*
 Maíra-N 3-pular anta-TRANS
 ‘Maíra pulou como anta’ (Maíra virou anta)

509. *jahá* *a-jkú* *tá* \emptyset -*papejapohár-eme*
 eu 1-ficar PROJ R²-professor-TRANS
 ‘eu vou ficar como professora’ (eu vou virar professora)

510. \emptyset -*ahó* *h-ápihiá* *já'ã-neme* \emptyset -*iká = pa* *'y-pe*
 3-ir R²-irmão o.de.cima-TRANS R²-matar = GER água-LOC
 ‘o irmão dele ficou por cima dele para matá-lo na água’

Como complemento de verbos transitivos, os nomes associados ao sufixo de caso translativo indicam a propriedade adquirida pelo objeto do verbo:

511. *itá* *a-japó* *tá* *ha = \emptyset -wy'y-reme*
 metal 1-fazer PROJ 1 = R¹-flecha-TRANS
 ‘do metal eu farei minha flecha’ (‘eu farei metal virar/ser flecha’)

⁵² O sufixo casual translativo também ocorre associado a adjetivos (cf. 6.1.2).

512. *irapa'y-a* \emptyset -*mixaxaró* *tá* *rahá* *ha-jpá-reme*
 pau.d'arco-N 3-serrar.RED PROJ CTF2 R²-casa-TRANS
 'o pau d'arco ele levará para serrar e virar/ser a casa dele'

4.1.1.3. Caso nominal

O sufixo nominal *-a* ~ \emptyset ocorre no Guajá em nomes, marcando as relações nucleares principais, isto é, nomes com função sintática de sujeito de predicados verbais (ex. 513), adjetivais (ex. 514) ou nominais (primeiro nome do ex. 518) e objeto de predicados verbais (ex. 515), exceto nos nomes com função de objeto em orações no modo exortativo (cf. 9.3.2) e nos nomes interrogados pela partícula *mõ* (cf. 2.4.1.4). No entanto, ocorre também em nomes que apenas se referem aos argumentos nucleares, mas que exercem funções não argumentais, como aqueles em que tal sufixo aparece afixado a um sintagma nominal externo, isto é, deslocado da oração (ex. 516)⁵³, em nomes com função de aposto explicativo (ex. 517) e em nomes com função de núcleos de predicados equativos (segundo nome do ex. 518).

513. *tapi'ír-a* \emptyset -*wyhý* *ahá* *ka'á* *r-ipí*
 anta-N 3-correr CTF mato R¹-por
 'a anta correu (indo) pelo mato'

514. *i-mymýr-a* *h-ahý*
 R¹-filho-N R²-doente
 'o filho dela está doente'

⁵³ Hyman (1975), Byarushengo *et al.* (1976) or Tenenbaum (1977) (*apud* Givón, 2001:267) consideram que o deslocamento à direita ou *afterthought* é usado quando o falante assume que o referente é altamente acessível no discurso, a ponto de ser codificado como um pronome anafórico mas, depois de uma breve reflexão (representada pela pausa), decide que talvez o referente não estava tão acessível e então este é recodificado como um SN pleno. Assim, o SN deslocado não seria o argumento da oração, mas uma referência catafórica a este argumento.

515. *jahá akwixí-a a-xá*
 eu cotia-N 1-ver
 ‘eu vi a cotia’
516. *a'é Ø-wehẽ, ha = Ø-mymýr-a*
 DEM 3-nascer 1 = R¹-filho-N
 ‘ele nasceu, o meu filho’
517. *Xa'ahõxiká Ø-mỹ n-imá-Ø, kaĩ-a, karai-a Ø-xá*
 Xa'ahõxiká R¹-antiga R¹-animal.de.criação-N macaco-prego-N não.índio-N 3-ver
 ‘o bicho de estimação da falecida/antiga Xa'ahõxiká, um macaco-prego, viu o não-índio’
518. *Itaxĩ-a pĩ = Ø-tamỹ-a?*
 Itaxĩ-N 23 = R¹-chefe-N
 ‘Itaxĩ é (o) chefe de vocês?’
- O alomorfe $-\emptyset$ ocorre em temas terminados por vogal central baixa oral ou nasal e o alomorfe $-a$ em temas terminados por consoante e por outras vogais.
519. *amã-Ø ha = Ø-pí*
 zangão-N 1 = R¹-picar
 ‘o zangão me picou’
520. *jakaré-a pirá-Ø u-'ú*
 jacaré-N peixe-N 3-comer
 ‘o jacaré comeu o peixe’

521. *ha = Ø-wahý-a jahá, n = a-'ú-j takÿn-a, axám!*
 1 = R¹-mulher-N eu NEG = 1-comer-NEG tucano-N Interj!
 ‘eu sou mulher, não como tucano!’

É

comum que em fala rápida o sufixo *-a* não se realize foneticamente quando o tema por ele flexionado é seguido por uma vogal átona inicial, como em *ka'i* ‘macaco-prego’ no exemplo a seguir:

522. *ka'i(-a) inajã-Ø u-'ú iká waté*
 macaco.prego-N inajá-N 3-comer POS1 no.alto
 ‘o macaco-prego comia inajá no alto’

Diferentemente do que ocorre em outras línguas da família Tupí-Guaraní, no Guajá o sufixo nominal marca os argumentos necessários dos predicados, isto é, sujeito e objeto direto (“actantes”, na terminologia de Tesnière), mas não marca os argumentos circunstanciais (“circunstantes”), ou seja, os nomes que ocorrem como determinantes num sintagma posposicional (523) ou num sintagma genitivo (525):

523. *a-n-ehẽ wý r-ia*
 1-CAUS.COM-sair terra R¹-de
 ‘tirei da terra’

524. **a-n-ehẽ wý-a r-ia*

525. *ka'i Ø-pó-a*
 macaco-prego R¹-mão-N
 ‘a mão do macaco-prego’

526. **ka'i-a Ø-pó-a*

Com exceção dos determinantes de sintagmas posposicionais e genitivos citados acima, os temas nominais não marcados com o sufixo *-a* constituem predicados existenciais:

527. *tapi'i ka'á-pe*
anta mato-LOC
'tem anta no mato'(lit. 'anta (existe) no mato')

528. *i-ky'*
R²-piolho
'(ele) tem piolho' (lit. 'piolho dele (existe)')

Os nomes, quando em função vocativa, também ocorrem sem o sufixo nominal:

529. *Jamakwaré, mō po-hó tá mĩ-pe*
Jamakwaréra INT 23-ir PROJ para.onde
'Jamakwaréra, para onde vocês estão indo?'

O sufixo *-a* e suas funções tem sido descrito de diferentes maneiras nos estudos sobre as línguas Tupí-Guaraní.

Rodrigues, ao descrever a língua Tupinambá, referiu-se a esse morfema como “caso argumentativo” (Rodrigues 2001a, antes chamado também de “caso argumental”, 1996), interpretando-o como parte de um paradigma casual junto com os casos locativo pontual, locativo difuso, locativo situacional e translativo. O autor descreveu a função do sufixo *-a* no Tupinambá (que também ocorre em nomes que são determinantes num sintagma posposicional ou num sintagma genitivo) e dos casos em geral da seguinte maneira:

“Embora possa parecer estranho um caso nominal que, em vez de distinguir, reúne numa só expressão os papéis de nominativo e acusativo, ergativo e absolutivo, assim como genitivo, o argumentativo do Tupinambá se caracteriza nitidamente como um caso por integrar um paradigma morfológico em que se opõe aos quatro casos adverbiais. Sua função é, pois, a de habilitar um nome ou um verbo como *argumento* ou *actante* em oposição aos

circunstantes locativos. Já a função dos casos, em geral, é a de habilitar como nomes não só os lexemas nominais, como também os verbais. Sem especificação de caso, esses lexemas são ou predicados, ou vocativos.”

A função de habilitar lexemas como nomes não pode ser atribuída ao referido sufixo *-a* nesta língua já que ele não ocorre em temas não-nominais e, mesmo um nome sem tal sufixo, funcionando como predicado ou vocativo, continua sendo um nome. No caso do Guajá a relação é oposta: apenas as palavras lexicais identificadas como nomes é que podem receber o referido sufixo, outras não. Sem o sufixo, esses nomes exercem função sintática de vocativo, complementos circunstanciais ou núcleos de predicados existenciais. Também não se pode caracterizá-lo como um sufixo cuja função é a de habilitar um nome como argumento, pois há argumentos que não ocorrem marcados por este morfema (nomes em função de objeto de orações no modo exortativo e nomes interrogados pela partícula *mõ*) e como já exemplificado acima (cf. exs. 516 -518), ele ocorre também em nomes que estão em função não argumental.

Seki (2000), em sua *Gramática do Kamaiurá*, referiu-se ao sufixo *-a* como “caso nuclear” e também descreveu-o como parte de um sistema de flexão casual em que figuram, além deste, os sufixos de caso locativo, atributivo e não-marcado, mutuamente exclusivos. Sobre a função do sufixo *-a* no Kamaiurá, essa autora escreveu o seguinte:

“O caso ‘nuclear’ opera em distintos níveis sintáticos, relacionando o nome a outro elemento na locução, ou ao predicado na oração. O sufixo de caso ‘nuclear’ tem também a função de indexar, isto é, de identificar o radical como nome.”

A denominação “caso nuclear” talvez não seja a que melhor descreve as funções deste sufixo no Kamaiurá, já que ele ocorre também associado a nomes que não funcionam como núcleo, como os objetos das posposições, por exemplo.

Além disso, como no Kamaiurá, e também no Guajá, membros da classe dos demonstrativos que são usados como núcleos de sintagmas nominais, ocorrendo nas funções de sujeito e objeto, recebem o sufixo *-a*, não se poderia descrever como uma função desse sufixo a de identificar o radical como nome.

Já Queixalòs (2006:263) propôs uma hipótese sobre o sufixo *-a* na família Tupí-Guaraní na qual delimita a sua função na proto-língua à de “construir a referência em cima de uma raiz que, sozinha, é incapaz de referir devido à sua natureza de predicado.” Mais adiante complementa, citando Lyons:

“Assim sendo, da mesma forma que a distinção entre as duas categorias lexicais nome e verbo pode ser vista como um subproduto de uma distinção mais fundamental, a que existe entre as duas funções argumento e predicado, a distinção entre argumento e predicado deve ser vista como um subproduto de uma distinção mais fundamental ainda, a que existe entre as duas operações básicas constitutivas do ato da fala: referir e predicar (Lyons 1977:429)” (p. 264)

Para Queixalós, tal morfema *-a*, predecessor do atual marcador de caso argumentativo/nuclear descrito por Rodrigues e Seki, respectivamente, seria usado para derivar expressões capazes de referir, ou seja, “designações”, e não expressões que de fato referem, já que ele pode ser encontrado junto a nomes não referenciais como em ‘eu quero a tua saída’, em que “saída” é marcado com o sufixo *-a* (p. 265).

No entanto, como explicar, de acordo com essa hipótese, que no Guajá os nomes de pessoas, que já são nomes referenciais por natureza, precisem ocorrer com o sufixo *-a* quando em função de sujeito, objeto ou sintagma nominal externo à oração? E ainda, por que esses mesmos nomes deixam de receber tal sufixo quando em função vocativa, embora continuem sendo referenciais?

Sobre a possibilidade de considerar o sufixo *-a* do Guajá como uma marca de caso, consideremos as definições de sistemas casuais nas línguas:

Anderson (1985:180) considera que as categorias de caso (direto/gramatical/sintático) “servem para indicar relações gramaticais básicas tais como ‘sujeito’, ‘objeto’”, em que diferentes possibilidades de marcações que relacionam entre si os nomes que exercem tais funções definem o sistema de caso de uma língua. Segundo esse autor, há línguas que apresentam categorias de flexão distintas para as funções A, S e O, mas até aquele momento ignorava-se a possibilidade de marcação idêntica para todas as três funções A, S e O. Dixon (1994:39) também descreve três possibilidades de sistemas de

marcação de caso nas línguas, sem citar qualquer possibilidade de marcação que reúna A, S e O:

- “1. S = O (absolutivo), A diferente (ergativo) – um sistema ergativo
2. S = A (nominativo), O diferente (acusativo) – um sistema acusativo
3. A, S e O diferentes – um sistema ‘tripartido’”

A língua Guajá, como outras línguas da família Tupí-Guaraní, apresenta este sistema casual ignorado por Anderson (*op. cit.*) na ocasião da elaboração de seu texto, já que marca da mesma maneira todos os argumentos nucleares (A, S e O) e, ainda, os sintagmas nominais referentes a eles, inclusive os que exercem a função de núcleos de predicados equativos. Como explicado por Rodrigues (2001a), o morfema *-a* se caracteriza claramente como uma marca de caso por integrar um paradigma morfológico em que se opõe aos casos semânticos.

O fato de no Guajá o sufixo *-a* ocorrer também em nomes com função não-argumental como a função de tópico da sentença (deslocamento à direita ou *afterthought*) (ex. 516 acima), aposto (exemplo 517 acima) e a de núcleo predicados equativos (o segundo sintagma nominal do ex. 518 acima) impede de denominá-lo como “argumentativo” ou “nuclear”.

O sufixo *-a* do Guajá comporta-se de maneira muito parecida com o mesmo sufixo na “variedade 1 do Tembê” descrita por Cabral em “Observações sobre a história do morfema *-a* na família Tupí-Guaraní” (2001:147). Neste artigo a autora afirma que no momento atual da história da língua “o morfema *-a* se estabelece, cada vez mais, como uma marca exclusiva dos nomes”, já que raízes descritivas não mais se flexionam com tal sufixo, um caminho provavelmente já percorrido pelos verbos.

Assim como em tal variedade do Tembê, no Guajá o sufixo *-a* é exclusivo da classe lexical *nomes*, ou seja, tanto verbos quanto adjetivos somente flexionam-se com *-a* após serem nominalizados. Por isso denomino-o aqui de “sufixo nominal”, termo emprestado de Barbosa (1956).

4.1.2. O sufixo coletivizador *-kér-*

No Guajá, como já mencionado, os nomes não são marcados para número, mas ocorre na língua uma distinção similar à de número, isto é, não há realmente uma categoria de plural, mas de coletivo, que marca a diferença entre um representante único de uma entidade e um grupo coerente. O sufixo *-kér-* ~ *-ér-* é o morfema flexional que denota coletivo e um tema nominal como *awa'y* ‘criança’ marcado por ele, *awa'y-kér-a*, não significa simplesmente ‘as crianças’, mas refere-se a um grupo de crianças, isto é ‘criançada’. Assim:

530. *awá-wanihã-kér-a* *i-mymýr-a* \emptyset -*pyhy* *wỹ*
 Guajá-homem-COL-N R²-filho-N 3-pegar PLU
 ‘um grupo de Guajá homens pegaram seus filhos’

531. *terewé* \emptyset -*memer-ér-a*
 barata R¹-filho-COL-N
 ‘um grupo de filhotes de barata’

Devido ao fato de o sufixo coletivizador ser homônimo do sufixo de atualização nominal retrospectiva, pode haver ambigüidade caso o contexto não seja suficiente para esclarecê-la:

532. *warí* \emptyset -*memer-ér-a*
 guariba R¹-filho-COL-N
 ‘filhotes de guariba/o filho (morto) do guariba’

4.2. Tipos de nomes

Os nomes podem ser subdivididos em três tipos: nomes com determinante obrigatório, nomes com determinante facultativo e nomes sem determinante.

Entre os nomes com determinante obrigatório encontram-se os nomes qualificadores e os nomes dêiticos de posição, que recebem sufixos próprios de nomes e flexionam-se com os prefixos relacionais. Já os nomes indefinidos são aqui considerados como subclasses dos nomes sem determinante.

Os vocativos não serão aqui considerados como uma subclasse dos nomes, mas como uma função sintática que qualquer tipo de nome pode exercer. Portanto, qualquer nome, sem o sufixo nominal *-a*, pode ocorrer em função vocativa.

533. *ha* = \emptyset -*kywyxa* 'á- \emptyset \emptyset -*ma* 'í *iha* = \emptyset -*pé* *takỹ* *n-á-er-a* *a-jamixĩ*, *xikarí*
 1 = R¹-irmão-N 3-pedir 1 = R¹-para tucano R¹-pena-RETR-N 2/IMP-amarrar mulher
 'meu irmão pediu para mim: – amarre as penas do tucano, mulher!'

As palavras vocativas identificadas até o momento são:

<i>xipá</i>	'papai!/vovô!'
<i>amỹ</i>	'mamãe!/vovó!'
<i>ta'axí</i>	'filho!'
<i>xipa 'í</i>	'marido!' (chamado pela esposa)
<i>xa 'ỹ</i>	'esposa!' (chamada pelo marido)
<i>xa 'ahõ</i>	marido chamando esposa mais velha
<i>xikarí</i>	homem chamando mulher
<i>xí</i>	mulher chamando homem
<i>harý</i>	homem chamando homem
<i>atý</i>	'amigo'

Não há um vocativo específico para a ocasião em que uma mulher se dirige à outra, sendo esta sua irmã ou amiga, como há no caso dos homens o vocativo *harý*. Neste caso, usa-se o nome próprio que, em função vocativa, nunca ocorre com o sufixo nominal *-a*:

534. *Manimý, a-jú kurupí*
 Manimý 2/IMP-vir para.cá
 Manimýa, vem para cá!

Da mesma forma, qualquer nome, com ou sem determinante, quando usado como vocativo, também ocorre sem aquele sufixo:

535. *Kamairú, takÿn-a kó*
 Kamairú tucano-N aqui
 ‘Kamairu, aqui está o tucano!’

536. *ha = n-inawãj, a-jú kurupí*
 1 = R¹-irmã 1-vir para.cá
 ‘minha irmã, venha para cá!’

Compare com os mesmo nomes quando usado em função de sujeito:

537. *o-hó Kamairú-a*
 3-ir Kamairú-N
 ‘Kamairú foi embora?’

538. *ha = n-inawãj-a Ø-imahý kamará Ø-pé*
 1 = R¹-irmã-N 3-zangar.se índio R¹-para
 ‘minha irmã ficou zangada com os índios’

Embora sua função mais comum seja a vocativa, os nomes vocativos, como qualquer outro nome, podem também desempenhar função de argumento (e, neste caso,

passam a ser marcados com o sufixo *-a* (exs. 539 e 540)) e podem ser determinantes em sintagmas genitivos (ex. 541) e por isso não constituem uma subclasse específica de nomes.

539. *atý-a ha = Ø-mata.tá miná kó inajã Ø-jakakwá r-ipí wỹ*
 amigo-N 1 = R¹-parar.RED POS6 aqui inajá R¹-casca R¹-por PLU
 ‘os amigos me pararam aqui (me fazendo sentar) pela casca do inajá’

540. *amỹ-a h-amakáj ni = Ø-pé*
 mamãe-N 3-chamar 2 = R¹-para
 ‘a mamãe está te chamando’ (a irmã falou para seu irmão)

541. *ma’awá n-imá? amỹ n-imá*
 quem R¹-animal.de.criação mamãe R¹-animal.de.criação
 ‘— De quem é o animal de criação? — É o animal de criação da mamãe!’

4.2.1. Nomes com determinante obrigatório

Nomes com determinante obrigatório são os que designam partes de um todo e membros de um sistema de relações, pressupondo um determinante a que se relacionam necessariamente. Vêm sempre com prefixos relacionais, que marcam a relação de dependência com o nome do respectivo determinante ou com os pronomes dependentes que se referem a ele, indicando a contigüidade ou não destes.

A única maneira de indicar a pluralidade do determinante de um nome desta subclasse é por meio do pronome dependente de terceira pessoal plural *wỹ*, exclusivo de nomes e posposições:

542. *Ø-japó wỹ = n-awirok-ahá papé r-ehé*
 3-fazer 33 = R¹-nomear-NZR papel R¹-sobre
 ‘escreveu (fez) o nome deles no papel’

Essa classe de nomes inclui termos que denotam relações de parentesco, como *-hy'* ~ *-hi'* 'mãe'; termos de partes de um todo, como *-iwá'* 'braço', *-awáj'* 'rabo', *-ó'* 'folha' e objetos de uso particular pertencentes a um indivíduo, como *-ipá'* 'casa' e *-atá'* 'fogo'.

543. \emptyset -*ikú* *rapé* *ha=r-apihiár-a* *i-pyrý* *jehe'é*
 3-ficar PERFT 1 = R¹-irmão-N R²-junto PERFT
 'meus irmãos já estão junto deles'

544. *o-hó* *ha-jpá-pe* *a'ia*
 3-ir R²-casa-LOC ele
 'ele foi para a casa dele'

Também estão incluídos nesta subclasse os nomes qualificadores e os nomes dêíticos de posição, descritos a seguir.

4.2.1.1. Nomes qualificadores

Os nomes qualificadores ocorrem associados a outro nome, designando uma qualidade ou característica deste. É possível que mais de um deles se associe ao mesmo nome, como ilustrado em 550. Diferem dos adjetivos por se flexionarem com o sufixo nominal *-a*, próprio de nomes.

Eles são: *-mÿn-* 'antigo/falecido', *-puhú* 'novo' (para objetos), *-marér-* 'velho' (para objetos), *-xa'akér-* ~ *-xa'áer-* 'velho' (para objetos/seres animados), *-urý-* 'novo' (para seres animados), *-ma'akér-* 'pequeno', *-pý-* 'primeiro', *-wahý-* 'mulher/fêmea', *-wanihã-* 'homem/macho'⁵⁴.

545. *Xa'ahõxiká-mÿn-a* \emptyset -*inẽ* *ha-jpá-pe*
 Xa'ahõxiká-falecido-N 3-permanecer.sentado R²-casa-LOC
 'a falecida/antiga Xa'ahõxiká permanecia na casa dela'

⁵⁴ Os nomes qualificadores *-marér-* 'velho' (para objetos), *-xa'akér-* ~ *-xa'áer-* 'velho' (para objetos/seres animados) e *ma'akér-* 'pequeno' ocorrem sempre com o sufixo de atualização nominal retrospectiva *-kér ~ -ér*, que possivelmente já se fixou como parte de tais itens lexicais.

546. *kawá-puhú-a a-rukú tá*
 vasilha-nova-N 1-ter PROJ
 ‘eu quero ter uma vasilha nova’
547. *i-marér-a papé Ø-japo-há-Ø kwí-a*
 R²-velho-N papel R¹-fazer-NZR-N aí-N
 ‘esse lápis é velho’
548. *ari-xá kahú r-apé-a nỹ. ha’í ra’ó kahú r-apé-xa’akér-a nỹ*
 123-ver carro R¹-caminho-N CONJ mais.de.dois muitos carro R¹-caminho-velho-N CONJ
 ‘E vimos a estrada. E tinha muitas estradas velhas abandonadas também.’
549. *awá-wahý-a i-kahá Ø-japó*
 Guajá-mulher-N R²-rede 3-fazer
 ‘a mulher Guajá faz sua rede’
550. *awá-wahý-ury-hú-a kahá ni = Ø-japó-kwá-j*
 Guajá-mulher-novo-INTS-N rede NEG = 3-fazer-saber-NEG
 ‘a mulher Guajá muito nova não sabe fazer rede’

Quando o nome ao qual o nome qualificador se refere não é expresso por estar subentendido no contexto, ele pode ocorrer sozinho, e o prefixo R² indica que o determinante não está contíguo sintaticamente:

551. *i-mỹn-a*
 R²-antigo-N
 ‘(a garrafa) é antiga!’

552. *a'é amõ kwá kurupí, Ø-puhú-a nỹ*
 DEM outro MOSTR por.aqui R²-novo-N CONJ
 ‘tem outra/uma (estrada) por aqui, nova também’
553. *i-xa 'akér-a hẽ-ni kwe r-ipí amõ-a nỹ*
 R²-velho-RETR-N SING.EST- INDII ali R¹-por outro-N CONJ
 ‘e a outra (estrada) velha abandonada está por ali’
554. *Ø-wahý-a i-pí-xũ tá*
 R²-mulher-N R²-pele-branca PROJ
 ‘a (filha) mulher vai ser branca’ (lit.: ‘a mulher vai ter pele-branca’)
555. *Ø-wanihã-Ø ari-rú tá xie, Marina, i-pý-a.*
 R²-homem-N 2-trazer PROJ aqui Marina R²-primeiro-N
 ‘o (filho) homem você vai trazer aqui, Marina, o primeiro.’

Os nomes qualificadores *-pý-* ‘primeiro’ e *-puhú-* ‘novo’ podem funcionar também como advérbios temporais quando se referem ao evento expresso pelo verbo e podem ser traduzidos como ‘antes/primeiramente’ e ‘recentemente’, respectivamente. Quando nesta função, tais nomes ocorrem incorporados ao verbo, como descrito anteriormente (cf. 1.2.4.3):

556. *areá ari-jahó-pý iká iwá-pe*
 nós 123-ir-primeiro POS1 céu-LOC
 ‘nós fomos antes/primeiramente para o céu’
557. *n = a-jahó-puhú-j Brasí r-ipí*
 NEG = 1-ir-novo-NEG Brasília R¹-por
 ‘não fui recentemente à Brasília’

4.2.1.2. Nomes dêíticos de posição

Os nomes dêíticos de posição são nomes com determinante obrigatório que indicam o posicionamento linear de tal determinante. Ocorrem sempre flexionados pelos prefixos relacionais e constituem núcleos de construções adverbiais, pois, como nomes que denotam posição no espaço, combinam-se sempre com o sufixo *-pe* de caso locativo ou com as posições locativas *-kytyrý* ‘para’ e *-ipí* ‘por’. Eles são:

<i>-itarỹ</i>	‘frente’
<i>-meté</i>	‘meio’
<i>-akwé</i>	‘atrás’
<i>-akarỹ</i>	‘em direção a’

558. \emptyset -*warihã* *t-itarỹ-me* \emptyset -*wahý-a* *t-akwé-pe*
 R²-homem R⁴-frente-LOC R²-mulher-N R⁴-atrás-LOC
 ‘homem (vai) na frente, mulher (vai) atrás’

559. \emptyset -*tỹ* *waxí-a* *tyrymỹ* \emptyset -*meté* *r-ipí*
 3-plantar milho-N mandioca R¹-meio R¹-por
 ‘plantou o milho pelo meio da (plantação de) mandioca’

560. *ari-jahó* *t-akwé* \emptyset -*kytyrý* *areá,* *kamará* \emptyset -*ahó* *t-itarỹ-me* *a'ia*
 123-ir R⁴-atrás R¹-para nós índio 3-ir R⁴-frente-LOC ele
 ‘nós fomos atrás, o índio foi na frente’

561. \emptyset -*wẽ* *h-atá* *h-akwé* \emptyset -*kytyrý*
 3-permanecer.deitado R²-fogo R²-trás R¹-para
 ‘o fogo dele permaneceu para trás’

562. \emptyset -ú *karáí-a* *are = r-akarỹ-me* *anỹ*
 3-vir não-índio 123 = R¹-em.direção.a CONJ
 ‘e o não-índio veio na nossa direção’

Em alguns contextos as construções adverbiais que têm nomes dêíticos de posição como núcleo possibilitam também uma leitura temporal:

563. *kó-a* *a-japó* *tá* *pĩ = n-akwé* \emptyset -*kytyry*
 roça-N 1-fazer PROJ 23 = R¹-atrás R¹-para
 ‘eu vou fazer roça depois de vocês’

4.2.2. Nomes com determinante facultativo

Os nomes com determinante facultativo são aqueles que ora admitem determinantes, ora ocorrem sem eles. No primeiro caso, flexionam-se com os prefixos relacionais (exs. 564a, 565a, 566a e 567a), que relacionam o nome ao seu determinante, especificando-o. Quando ocorrem sem determinantes, não recebem prefixos (exs. 564b, 565b, 566b e 567b) e referem-se a um termo genérico, que representa uma classe, e não a um objeto específico. Entre eles incluem-se ‘mata’⁵⁵ e alguns objetos como ‘vasilha’, ‘lanterna’ e ‘rede’:

- 564a. *n = ani-maparã-j* *are = \emptyset -ka’á* *jaky-há- \emptyset* *areá* *anỹ*
 NEG = 123-gostar-NEG 123 = R¹-mata mexer-NZR-N nós CONJ
 ‘nós também não gostamos que mexam na nossa mata’

- 564b. *jahá* *a-jú* *ka’á* *r-iá*
 eu 1-vir mata R¹-ABL
 ‘eu vim da mata’

⁵⁵ É possível que *ka’á* ‘mata’ tenha se tornado no Guajá um nome passível de ocorrer numa relação de determinação devido às discussões cada vez mais recorrentes sobre os limites da área indígena e sobre as invasões de caçadores e madeireiros à “mata dos Guajá”. Na maioria das línguas Tupí esse nome, como outros que se referem a elementos da natureza, não ocorre com determinante.

- 565a. *a-rú* *ha = Økawá-Ø*
 2/IMP-trazer 1 = R¹-vasilha-N
 ‘traga minha vasilha!’
- 565b. *kawá* *Ø-hyhýk-ahá-Ø*
 vasilha R¹-esfregar-NZR-N
 ‘instrumento de secar vasilha’ (lit. ‘esfregador de vasilha’)
- 566a. *n = a-xak-í* *i-kanẽ-a*
 NEG = 1-ver-NEG R²-lanterna-N
 ‘não vi a lanterna dele’
- 566b. *Ø-rú* *xí* *Ø-xu ’u-á-er-a* *pyhá* *kanẽ* *n-awa-há-pe*
 3-trazer IMPERF R²-morder-NZR-RETR-N de.noite lanterna R¹-iluminar-NZR-LOC
 ‘(ele) vinha com a mordida à noite, pela luz da lanterna’
- 567a. *jahá* *a-wa’á* *ha = Ø-kahá-pe* *jaximõ = ma*
 eu 1-cair 1 = R¹-rede-LOC balançar = GER
 ‘eu deitei na minha rede para balançar’
- 567b. *awá-wahý-ury-hú-a* *kahá* *ni = Ø-japó-kwá-j*
 Guajá-mulher-novo-INTS-N rede NEG = 3-fazer-saber-NEG
 ‘a mulher Guajá muito nova não sabe fazer rede’

4.2.3. Nomes sem determinante

Há nomes que não admitem determinantes e, por isso, não se flexionam com os prefixos relacionais. Denominam os elementos da natureza como plantas (*irapa'y* ‘pau d’arco’, *iraro'y* ‘andiroba’), animais (*tatú* ‘tatu’, *jawaruhú* ‘onça’), minerais (*itá* ‘pedra’, *y* ‘água’), fenômenos naturais (*wutú* ‘vento’, *amỹ* ‘chuva’), corpos celestes (*kwarahy* ‘sol’, *jahy* ‘lua’), acidentes geográficos (*wytý* ‘montanha’) e, ainda, classes de seres humanos (*awá* ‘Guajá’, *kamará* ‘outros índios’, *karai* ‘não-índio’).

568. *Majhuxa'á-∅ xahú-a ∅-iká harawá kwý*
 Majhuxa'á-N porcão-N 3-matar CTP2 ali
 ‘Majhuxa’á matou porcão e trouxe aí’

569. *awá-∅ o-hó iwá-pe wỹ*
 Guajá-N 3-ir céu-LOC PLU
 ‘os Guajá vão ao céu’

No entanto, é possível expressar uma relação de determinação associada a nomes que não admitem determinantes por meio de um outro nome com determinante obrigatório:

570. *ha = r-imi-ár-a xahú-a*
 1 = R¹-NZR-prender-N porcão-N
 ‘a minha presa, o porcão’

571. *a-xá iwá, karawá r-akw-ahá-∅*
 1-ver céu espíritos R¹-ficar-NZR-N
 ‘eu vi o céu, o lugar de ficar dos espíritos’

572. *a-xá kawahá-∅, karai n-imá*
 1-ver cavalo-N não.índio R¹-animal.de.criação
 ‘eu vi o cavalo, animal de criação do não-índio’

Um nome genérico usado comumente para essa função é *-ma'ẽ* ‘coisa’:

573. *komutatú-a Marina Ø-ma'ẽ-a*
 computador-N Marina R¹-coisa-N
 ‘o computador é da Marina’ (lit. ‘o computador é coisa da Marina’)

4.2.3.1. Nomes indefinidos

Pertencem também à classe dos nomes sem determinante os nomes indefinidos *ma'awá* ‘alguém’ (ex.574a) e *ma'á* ‘algo’ (ex. 575a), que são freqüentemente usados como nomes interrogativos ‘quem’ e ‘o que’, respectivamente, (exs. 574b e 575b).

- 574a. *a'ẽ ma'awá r-amakáj-há-Ø Ø-nũ*
 DEM alguém R¹-gritar-NZR-N 3-escutar
 ‘ele escutou o grito de alguém’

- 574b. *ma'awá Ø-tyrý kwý*
 quem 3-chegar ali
 ‘quem chegou ali?’

- 575a. *n = u-'ú-j ma'á r-o'o-kér-a*
 NEG = 3-comer-NEG algo R¹-carne-RETR-N
 ‘ele não come carne’ (lit. ‘ele não come carne de algo’)

- 575b. *ma'á pi-xá iká kwý*
 que 23-ver POS1 aí
 ‘o que vocês estão vendo aí?’

4.3. Sufixos derivacionais

O ponto central da distinção entre morfologia flexional e derivacional, segundo Anderson (1985:162-164), é que a derivação produz novos itens lexicais (às vezes palavras completas, às vezes temas) a partir de um outro material lexical, enquanto a flexão serve para ‘completar’ uma palavra ao marcar a relação dela dentro de estruturas maiores.

4.3.1. Sufixos de intensidade e atenuação

Ao tratar, mais adiante, dos morfemas que denotam dimensão, Anderson (*op. cit*) afirma que eles são, em princípio, independentes do conteúdo de qualquer item lexical particular e é esse o fato que dá a eles um caráter especificamente flexional.

Porém, há no Guajá, sufixos que nos nomes denotam dimensão, mas nos verbos e adjetivos denotando intensidade, produzindo itens lexicais da mesma classe da respectiva base, mas referindo entidades diferentes na língua. Por isso tais sufixos foram denominados por Rodrigues (1981), na análise do Tupinambá, de “prefixos derivativos endocêntricos”. Eles são *-(u)hú ~ -(y)hý* e *-(a)ʔ ~ -(a)ʔ⁵⁶*, de intensidade e atenuação, respectivamente, e são tratados aqui não como sufixos flexionais, e sim derivacionais. São sufixos tônicos que, quando afixados a nomes, resultam em nomes que denotam uma entidade de proporção maior ou menor que o nome da base. Assim:

576. *tatú-a*
 tatu-N
 ‘tatu comum’

577. *tatu-hú-a*
 tatu-INTS-N
 ‘tatu canastra’

⁵⁶ Os mesmos sufixos também ocorrem em verbos e adjetivos, derivando outros verbos e adjetivos, como será descrito nos capítulos que se seguem.

578. *jawatará-∅*
ariranha-N
'ariranha'
579. *jawatara- 'í-a*
ariranha-ATEN-N
'lontra'

4.3.2. Sufixos de atualização nominal

Os sufixos de atualização nominal, como explicado por Rodrigues (comunicação pessoal), são sufixos derivativos endocêntricos que distinguem a existência atual e presente, não marcada, da existência virtual retrospectiva ou prospectiva. Por exemplo: *t-ipá* 'casa', *t-ipá-kér-a* 'casa abandonada ou destruída', *t-ipá-rỹm-a* 'casa projetada ou em construção'.

O sufixo de atualização nominal retrospectiva *-ké(r)-* ~ *-é(r)-* é muito produtivo em Guajá e ocorre em nomes, em adjetivos em composição com nomes, e em verbos e adjetivos nominalizados. O alomorfe mais comum é *-ké(r)-*, mas o alomorfe *-é(r)-* (ex. 535) também ocorre:

580. *a'é* *warí* *∅-pi'a-kér-a* *∅-mihĩ* *japupú-pe*
DEM guariba R¹-víscera-RETR-N 3-cozinhar panela-LOC
'ela cozinha as vísceras (virtual) do guariba na panela'
581. *ma'á* *r-o'o-kér-a* *n = a-'ú* *japyn-ĩ*
caça R¹-carne-RETR-N NEG = 1-comer de.novo-NEG
'não como mais carne (virtual) de caça'
582. *Marará* *r-apija-kér-a* *∅-ú* *xíe*
Pe. Carlos R¹-irmão-RETR-N 3-uir aqui
'o irmão (virtual) do (falecido) Pe. Carlos veio aqui'

583. *a'é t-u-ké Ø-imahýk-á*
 esse R²-pai-Retr 3-estar.bravo-GER
 'esse que era pai estava bravo' (o filho morreu)

584. *warí Ø-memer-ér-a*
 guariba R¹-filho-RETR-N
 'o filhote (morto) de guariba'

Há nomes em que o sufixo de atualização nominal retrospectiva encontra-se cristalizado e não distingue mais a existência virtual da atual:

585. *tapi'á Ø-perér-a*
 boi R¹-pele(RETR)-N
 'a pele do boi (virtual)'

586. *ha = Ø-perér-a*
 1 = R¹-pele(RETR)-N
 'a minha pele (atual)'

Quando o tema de um adjetivo ocorre incorporado a uma raiz nominal que ele qualifica, o todo resultante comporta-se como qualquer nome e, assim, também pode receber o sufixo de atualização nominal:

587. *tapuwá-manyhỹ-kér-a wỹ-ni kó*
 prego-estragado-RETR-N PLU-INDII aqui
 'os pregos estragados abandonados estão aqui'

O sufixo de atualização nominal também ocorre associado a temas verbais e adjetivais nominalizados. Nestes casos, o alomorfe mais comum é *-e(r)*:

588. *awá-wahý* \emptyset -*pa'aru-hu-á-er-a*
 Guajá-mulher R¹-grávida-INTS-NZR-RETR-N
 ‘a gravidez (passada) da mulher Guajá’

589. *irá* \emptyset -*kytyk-á-er-a*
 pau R¹-furar-NZR-RETR-N
 ‘a furada do pau’

590. *Hajkaramykỹ* *n-imi-xa-kér-a*
 Hajkaramykỹ R¹-NZR-ver-RETR-N
 ‘o que foi visto por Hajkaramykỹ’

O sufixo de atualização nominal prospectiva *-rỹm-* encontra-se em desuso na língua e ocorre mais comumente só na fala de pessoas mais velhas:

591. *jahá* *a-japó* *ha =* \emptyset -*kaha-rỹm-a*
 eu 1-fazer 1 = R¹-rede-PROSP
 ‘estou fazendo minha futura rede’

592. *ha = r-ipa-rỹm-a*
 1-R¹-casa-PROSP-N
 ‘minha casa (futura virtual)’
 (Wa’ãmaxĩa disse olhando a foto antiga da estrutura da casa dela)

A construção mais comum utilizada pelos falantes para indicar a existência virtual prospectiva é associação da partícula *tá* de aspecto projetivo ao predicado nominal:

593. *ha = Ø-kahá tá-Ø inuhũ, Marina*

1 = R¹-rede PROJ-N duas Marina

‘vão ser minhas redes. As duas, Marina!’

594. *ha = r-ipá tá-Ø*

1 = R¹-casa PROJ-N

‘vai ser minha casa’ (Inajã disse apontando para a pilha de madeira no chão)

É possível ocorrer a combinação semântica da existência virtual retrospectiva com a prospectiva indicando algo que foi projetado mas não realizado. No entanto, no Guajá, essa associação de idéias se dá por meio da combinação do sufixo retrospectivo *-kér-* com um sufixo derivacional prospectivo *-tá*, e não com o sufixo prospectivo *-rỹm-*:

595. *Ariká n-imi-’u-ta-kér-a*

Olegário R¹-NZR-comer-PROJ-RETR-N

‘a comida que seria do Olegário’

Assim, deve-se admitir que a partícula de aspecto projetivo *tá* deu origem a um sufixo derivacional prospectivo *-tá*, homônimo a ela, que vem substituindo o sufixo *-rỹm-*.

4.3.3. Sufixo de semelhança

Há ainda outro sufixo derivativo endocêntrico, exclusivo dos nomes: o sufixo *-rỹn-*, cujo significado pode ser interpretado como ‘semelhante a’. Assim *xahú-a* é o ‘porcão’, isto é, o porco queixada, comumente encontrado na mata. Já *xahu-rỹn-a* ‘parecido com porcão/porcão falso’ é o porco doméstico, criado pelos não-índios. Da mesma forma:

596. *karai-a*

não-índio-N

‘não-índio’

597. *karai-rỹn-a*

não-índio-SEME-N

‘estrangeiro’ (lit. ‘semelhante ao não-índio’)

4.4. Composição

No Guajá, a composição é um processo produtivo de formação de novos itens lexicais em que verbos, adjetivos e nomes associam-se a bases nominais para gerar novos nomes. Neste processo, a base nominal é sempre seguida pelos temas que a determinam⁵⁷.

Uma particularidade apresentada pelo Guajá é a de que não existem exemplos de composição entre nomes e adjetivos sem que estes últimos sejam marcados pelo prefixo relacional. O que ocorre na língua é um tipo especial de composição em que a unidade sintática entre um tema nominal seguido por um tema adjetival resulta num item lexical, ou, como sugerido por Rodrigues (comunicação pessoal) num “sintagma lexical”, que difere morfológicamente do sintagma genitivo, como será visto mais adiante.

O nome resultante da composição, como qualquer outro nome na língua, recebe os morfemas flexionais próprios da classe dos nomes.

⁵⁷ Esse tipo de composição foi denominada por Rodrigues (1981) de “composição atributiva” para o Tupinambá, na qual raízes nominais são seguidas por raízes nominais, verbais descritivas ou intransitivas; a segunda determinando a primeira.

Os exemplos a seguir ilustram a composição de temas nominais com verbos intransitivos, adjetivos e outros nomes:

a. nome + verbo = nome:

[N_{núcleo} + V_{determinante}]

598. *pirá-popó-a*
peixe-pular-N
'sardinha' (lit. 'peixe que pula')

599. *irá-pe.pén-a*
pau-RED.quebrar-N
'cavaco' (lit. 'pau quebrado')

b. nome + adjetivo = nome:

[N_{núcleo} + R-Adj_{determinante}]

600. *wý r-atỹ-a*
terra R¹-duro-N
'cimento' (lit. 'terra dura')

c. nome + nome = nome:

[N_{núcleo} + (R¹-)N_{determinante}]

601. *pirá-jawár-a*
peixe-cachorro-N
'peixe-cachorro'

Apesar de verbos e nomes ocorrerem associados a bases nominais no processo de composição, é muito mais comum a associação de adjetivos na formação de novos nomes:

602. \emptyset -*jakỹ* \emptyset -*pinuhũ-a*
 R²-cabeça R¹-preto-N
 ‘careca’ (lit. ‘cabeça preta’)

603. *taký* \emptyset -*mukú-a*
 faca R¹-comprida-N
 ‘facão’ (lit. ‘faca comprida’)

604. *taký* *r-amẽ-a*
 faca R¹-afiada-N
 ‘tesoura’ (lit. ‘faca afiada’)

605. *jahý* *r-amãj-a*
 lua R¹-grande-N
 ‘lua cheia’ (lit. ‘lua grande’)

Os nomes resultantes do processo de composição, como quaisquer outros nomes, também podem funcionar como núcleos de predicados existenciais, como apresentado a seguir. Nestes casos, eles ocorrem sem o sufixo nominal *-a*.

606. *ni = n-ihá* *r-amãj* *nijã*
 2 = R¹-olho R¹-grande você
 ‘você tem olho grande’

607. \emptyset -*jakỹ* *n-ahý* *a'ia*
 R²-cabeça R¹-doente ele
 ‘ele tem dor de cabeça’

A composição diferencia-se morfológicamente do sintagma nominal genitivo porque neste último caso o tema nominal se associa a um tema de verbo, adjetivo ou nome que são os núcleos do sintagma, isto é, os determinados, enquanto na composição a base nominal é o núcleo, seguido pelos temas que o determinam. Outra diferença é que os adjetivos e os verbos têm de ser nominalizados para exercerem a função de núcleo do sintagma.

Os dois exemplos a seguir, formados pela associação de nomes com o mesmo adjetivo, ilustram a diferença entre um processo de composição, que resulta num novo item lexical (ou num “sintagma lexical”) (ex. 608) e um sintagma nominal genitivo, que não forma um novo nome, apenas representa a associação sintática e semântica de dois itens lexicais independentes (ex. 609):

608. *jahý* *r-amãj-a* *a-japó* *tá*
 lua R¹-grande-N 1-fazer/desenhar PROJ
 ‘eu vou desenhar a lua cheia (lua grande)’

609. *i-kó* *r-amãj-há-kér-a* \emptyset -*japó* *wa'ĩ* \emptyset -*pepé*
 R²-roça R¹-grande-NZR-RETR-N 3-fazer babaçu R¹-dentro
 ‘fez uma roça grande dentro do babaçu’

Assim:

a. Sintagma nominal genitivo com núcleo formado por tema verbal:

[N_{determinante} + R¹-V_{núcleo}-NZR]

610. *ha = \emptyset -mẽ* \emptyset -*iwyr-ahá- \emptyset* *a-xá*
 1 = R¹-marido R¹-voltar-NZR-N 3-ver
 ‘eu vi a volta do meu marido’

b. Sintagma nominal genitivo com núcleo formado por tema adjetival:

[N_{determinante} + R¹-Adj_{núcleo}-NZR]

611. *awá-wahý* *Ø-pa'aruhu-á-er-a*
 Guajá-mulher R¹-grávida-NZR-RETR-N
 ‘a gravidez da mulher Guajá’

c. Sintagma nominal genitivo com núcleo formado por tema nominal:

[N_{determinante} + R¹-N_{núcleo}]

612. *xahú* *r-awáj-a* *a-xá*
 porcão R¹-rabo-N 3-ver
 ‘eu vi o rabo do porcão’

4.5. Morfologia flexional dos adjetivos

Morfologicamente os adjetivos podem ser definidos como a classe lexical que admite flexão relacional, mas não admite nem a flexão pessoal, própria dos verbos, nem a flexão com o sufixo nominal *-a* ou o sufixo casual locativo *-pe*, própria dos nomes.

A flexão relacional tem a função de associar o adjetivo ao seu determinante, seja este um nome ou um pronome dependente, da mesma forma que relaciona os objetos aos verbos transitivos e os determinantes aos nomes com determinante obrigatório. Tal determinante constitui o argumento único (So) dos predicados que têm como núcleo um adjetivo.

Sintaticamente os adjetivos podem ocorrer com no máximo um sintagma nominal na função de sujeito.

613. *i-mymýr-a* *h-ahý*
 R²-filho-N R²-doente
 ‘o filho dela está doente’

No entanto, há alguns adjetivos que admitem complemento indireto, marcado por posposição. Tais adjetivos podem ocorrer sem complemento ou com ele, como nos exemplos abaixo.

614. *ha = Ø-páj*

1 = R¹-pesado

‘eu sou pesado’

615. *i-páj* *iha = Ø-pé*

R²-pesado 1 = R¹-para

‘é pesado para mim’

616. *ni = n-ahý*

2 = R¹-doente

‘você está doente’

617. *h-ahý* *mixik-a`ĩ* *tá* *ni = Ø-pé*

R²-doente pouco-ATEN PROJ 2 = R¹-para

‘vai doer um pouquinho em você’

4.5.1. A marcação de pessoa

A marcação de pessoa nos predicados que têm como núcleo um adjetivo ocorre por meio dos pronomes dependentes. Estes vêm acompanhados de prefixos relacionais, que marcam a relação de dependência com o adjetivo, indicando a contigüidade ou não-contigüidade do determinante.

618. *ha* = *r-atỹ* ‘eu sou forte’
ni = *n-atỹ* ‘você é forte’
are = *r-atỹ* ‘nós somos fortes’
pĩ = *n-atỹ* ‘vocês são fortes’
h-atỹ ‘ele é forte’

Diferentemente dos nomes, que se combinam com um pronome dependente que se refere ao determinante de terceira pessoa plural *wỹ* (cf. 4.2.1), a pluralidade do argumento único dos predicados adjetivais é indicada por meio da partícula final *wỹ*, homônima deste pronome (cf. 2.4.2.5), que também indica a pluralidade dos sujeitos de predicados verbais.

619. *a'é* *h-atỹ* *wỹ*
 DEM R²-forte/duro PLU
 ‘eles são fortes’

620. *Manãxiká* *h-atỹ* *wỹ*
 Manãxiká R²-forte/duro PLU
 ‘Manãxiká e outros são fortes’

621. * *a'é* *wỹ* = *n-atỹ*

4.5.2. Flexão com sufixo de caso translativo

Assim como ocorre com os nomes (cf. 4.1.1.2), os adjetivos também podem flexionar-se com o sufixo do caso translativo (*-reme* ~ *-neme*).

Ao ocorrer com este sufixo, os adjetivos constituem núcleos de construções adverbiais que indicam que o sujeito da oração passa a adquirir o estado ou qualidade designados pelo adjetivo.

Diferentemente do que ocorre com os nomes, em que a propriedade assinalada pelo sufixo translativo é orientada ergativamente (cf. exs. 508 – 512), os adjetivos associados ao

sufixo de caso translativo indicam o estado ou qualidade adquiridos pelo argumento com função sintática de sujeito do verbo, seja ele transitivo ou intransitivo, revelando uma orientação acusativa.

O alomorfe *-reme* ocorre em temas terminados por vogal oral e o alomorfe *-neme*, em temas terminados por vogal nasal.

622. *karaí-a* \emptyset -*irará* *i-pa'aruhý-reme*
 não-índio-N 3-alegrar.se R²-grávida-TRANS
 ‘a não-índio alegra-se ao ficar grávida’

623. *jahá* *a-wa'á* *tapó* *ha =* \emptyset -*kahá-pe* *ha =* \emptyset -*kara'ahỹ-neme*
 eu 1-cair POS4 1 = R¹-rede-LOC 1 = R¹-cansado-TRANS
 ‘eu deitei na minha rede ao ficar cansado’

624. *awá-wanihã- \emptyset* *o-hó* *pirá* \emptyset -*iká = pa* *h-akata- 'ỹ-neme*
 Guajá-homem-N 3-ir peixe R¹-matar = GER R²-saciado-NEG-TRANS
 ‘o homem Guajá vai matar peixe ao ficar com fome’ (lit. ‘...ao não estar saciado’)

Vale ressaltar que o sufixo do caso translativo é encontrado com bastante frequência em nomes, e pouca frequência em adjetivos e, além disso, alguns temas verbais também podem ocorrer com tal sufixo, mas somente aqueles que, como mencionado no Capítulo 1, encontram-se na fronteira semântica entre os adjetivos e os verbos por descreverem estados e não eventos. Tais temas, ao receberem o sufixo translativo, deixam de ocorrer com o prefixo pessoal típico da classe dos verbos e passam a expressar a pessoa por meio dos pronomes dependentes associados aos prefixos relacionais, como os nomes e os adjetivos:

625. *jahá* *a-maká* *ha =* \emptyset -*irará-reme*
 eu 1-sorrir 1 = R¹-alegrar-se-TRANS
 ‘eu sorrio ao ficar alegre’

626. *jahá* *ha = Ø-mén-a* *a-jaký* *ha = Ø-imahý-reme*
 eu 1 = R¹-marido-N 1-brigar 1 = R¹-zangar.se-TRANS
 ‘eu briguei com meu marido ao ficar zangada’

627. *jahá* *a-jmarakwá-hý* *ha = Ø-mẽ* *Ø-xak-u'u-hý-reme*
 eu 1-pensar-INTS 1 = R¹-marido R¹-ver-querer-TRANS
 ‘eu fico pensativa ao querer ver meu marido’

Assim, no Guajá, o caso translativo não pode ser definido como próprio de uma classe de palavras específica. Na verdade, ele ocorre com qualquer classe, desde que o tema a que ele se afixa possa indicar uma propriedade, estado ou qualidade adquirido por um dos argumentos, seja este tema um nome, um adjetivo ou um verbo.

5

Fenômenos morfológicos e sintáticos relacionados aos verbos

No presente capítulo serão abordados os fenômenos morfológicos e sintáticos relacionados especificamente à classe dos verbos. Primeiramente, em 5.1, será apresentada a morfologia flexional própria dessa classe: a marcação de pessoa. Em seguida, em 5.2, serão descritas as subclasses em que se dividem os verbos: transitivos e intransitivos. Em 5.3 apresentarei a hierarquia referencial sintático-semântica que condiciona a escolha dos prefixos marcadores de pessoa nos verbos transitivos e, finalmente, em 5.4 o processo de incorporação nominal

5.1. Morfologia flexional

A morfologia flexional dos verbos do Guajá restringe-se à marca de pessoa. A categoria tempo não é marcada morfológicamente, sendo as distinções de tempo realizadas por meio de palavras e expressões temporais como *amõ mehẽ* ‘outro dia’ e por meio de partículas que exprimem aspecto, mas que também distinguem, na maioria das vezes, o tempo da realização do evento. A partícula *tá*, por exemplo, por exprimir o aspecto projetivo, muitas vezes implica a realização futura do evento:

628. *a-jahó tá*
 1-ir PROJ
 ‘eu vou’

Mas também pode implicar desejo, intenção:

629. *a-jahó tá*
 1-ir PROJ
 ‘eu quero ir/ eu tenciono ir’

As partículas *xí* de aspecto imperfectivo e *xĩ* de aspecto perfectivo, quando não coocorrem com *tá*, indicam, além do aspecto, que o evento ou o estado a que se referem é anterior ao momento da fala.

630. *i-pa 'aruhú xí*
 R²-grávida IMPERF
 'ela estava grávida'

631. *Jakuxa 'á-∅ ∅-ú kó xĩ*
 Mércio-N 3-vir aqui PERF
 'Mércio veio aqui'

A referência ao passado é também marcada por meio de três partículas evidenciais que associam a indicação da fonte da informação com valores temporais, incluindo um passado recente ou próximo, *raká* e *jé*, e um passado remoto, *raka'í*. (ver exemplos em 2.4.2.1)

Na ausência de implicações aspectuais ou de advérbios e construções temporais, a oração pode remeter tanto ao tempo passado quanto ao presente:

632. *a'é i-mymýr-a ∅-mi-juhú 'ý-pe*
 DEM R²-filho-N 3-CAUS-banhar rio-LOC
 'ela está banhando seu filho no rio/ela banhou seu filho no rio'

5.1.1. A marcação de pessoa

A pessoa e o número do sujeito e do objeto são marcados no verbo por meio de prefixos pessoais ou por meio de prefixos relacionais associados a pronomes dependentes. Na terceira pessoa, o número do argumento que exerce a função de sujeito é indicado por meio da partícula pluralizadora de sujeito *wỹ*, de posição final (cf. 2.4.2.5).

Há no Guajá diferentes conjuntos de marcadores que distinguem no verbo a pessoa do referente. O uso dos distintos conjuntos está relacionado à valência do verbo (transitivo

ou intransitivo), à função sintática do participante (sujeito ou objeto) e ao modo verbal. Os conjuntos estão representados nos quadros que se seguem.

Há duas séries de prefixos pessoais para o modo indicativo e duas para o modo imperativo, ambas marcando as pessoas nos verbos, tanto as dos sujeitos de intransitivos (S), quanto as dos sujeitos de transitivos (A).

Os quadros VI e VII apresentam os prefixos pessoais do modo indicativo⁵⁸:

Quadro VI: Prefixos pessoais do modo indicativo - série I

1	‘eu’	<i>a-</i>
13	‘nós’ (excl.)	<i>ar- ~ ari- ~ arV-</i>
12	‘nós’ (incl.)	<i>x- ~ xi-</i>
2	‘você’	<i>ar- ~ ari- ~ arV-</i>
23	‘vocês’	<i>p- ~ pi- ~ pV-</i>
3	‘ele(s)’	<i>∅- ~ V-</i>

Quadro VII: Prefixos pessoais do modo indicativo - série II

1	‘eu’	<i>h-</i>
13	‘nós’ (excl.)	<i>har-</i>
12	‘nós’ (incl.)	<i>xah-</i>
2	‘você’	<i>har-</i>
23	‘vocês’	<i>pah-</i>
3	‘ele(s)’	<i>h-</i>

A série II de prefixos pessoais (tanto do modo indicativo quanto do modo imperativo) ocorre sempre que o tema verbal é iniciado pela vogal *a* (ex. 634), enquanto a série I ocorre nas demais situações (ex. 633).

⁵⁸ A letra *V* a ser utilizada nos alomorfes dos prefixos corresponde a uma vogal não idêntica à vogal do tema.

633. *a-pyhy* ‘eu peguei’
ari-pyhy ‘você pegou’
ari-pyhy ‘nós (excl.) pegamos’
xi-pyhy ‘nós (incl.) pegamos’
pi-pyhy ‘vocês pegaram’
 \emptyset -*pyhy* ‘ele pegou’, ‘eles pegaram’

Outros exemplos de verbos que ocorrem com prefixos da série I são: *-watá* ‘andar’, *-já’ó* ‘chorar’, *-(já)hó* ‘ir’, *-(i)xá(k)* ‘ver’, *-hehé* ‘lavar’, *-iká* ‘matar’.

634. *h-apé* ‘eu o sapequei’
har-apé ‘você o sapecou’
har-apé ‘nós (excl.) o sapecamos’
xah-apé ‘nós (incl.) o sapecamos’
pah-apé ‘vocês o sapecaram’
h-apé ‘ele o sapecou’, ‘eles o sapecaram’

Outros exemplos de verbos que ocorrem com prefixos da série II são: *-awiró(k)* ‘nomear/ler’, *-apinũ* ‘ter pena’, *-a’ỹ* ‘experimentar’, *-aja’ó(k)* ‘estripar’, *-ahú* ‘gostar’.

Um fato incomum do Guajá, comparando-o a outras línguas da família, é ter a segunda pessoa do singular no verbo marcada identicamente à primeira do plural exclusivo. É possível que essa situação tenha resultado de uma aproximação fonológica entre os prefixos que nas outras línguas da família distinguem a 2ª singular da 1ª plural exclusiva (*ere-* e *oro-*respectivamente). O Guajá distingue, entretanto, entre a primeira pessoa do plural e a segunda do singular nos pronomes pessoais independentes e dependentes (cf. Quadros II e III no Cap. 2).

Os quadros VIII e IX a seguir apresentam os prefixos pessoais do modo imperativo:

Quadro VIII: Prefixos pessoais do modo imperativo - série I

2/IMP	‘eu’	<i>a-</i>
23/IMP	‘vocês’	<i>p- ~ pi- ~ pV-</i>

Quadro IX: Prefixos pessoais do modo imperativo - série II

2/IMP	‘eu’	<i>h-</i>
23/IMP	‘vocês’	<i>pah-</i>

635. *a-pyhy’* ‘pegue-o!’
pi-pyhy’ ‘peguem-no!’

636. *h-apé* ‘sapeque-o!’
pah-apé ‘sapequem-no!’

O prefixo que marca a segunda pessoa do singular no modo imperativo *a-* é homônimo do que marca a primeira pessoa do singular no modo indicativo. Assim, quando o contexto discursivo ou as palavras usadas na elocução não explicitam o modo, os pronomes independentes, que são facultativos, co-ocorrem com a forma verbal para evitar a ambigüidade.

637. *jahá a-tý manã ka’á-pe*
 eu 1-jogar CTF3 mato-LOC
 ‘eu o joguei (fazendo ir) no mato’

638. *a-tý manã ka’á-pe nijã*
 2/IMP-jogar CTF3 mato-LOC você
 ‘jogue-o você (fazendo ir) no mato!’

Já na segunda pessoa do plural, não há diferença entre os prefixos pessoais dos modos imperativo e indicativo e a ambigüidade entre eles é resolvida pela entonação, muitas vezes reforçada pela presença do advérbio *rí* ‘logo’ ou do adjetivo *apáj* ‘rápido’ incorporado ao verbo, que resultam em construções típicas de enunciados imperativos.

639. *pah-awiró katý pijã*
 23-ler bem vocês
 ‘vocês leram bem’

640. *pah-awiró rí*
 23/IMP-ler logo
 ‘leiam logo!’

641. *pah-awiró-apáj*
 23/IMP-ler-depressa
 ‘leiam rapidamente!’

Há, ainda, outro caso de homonímia entre prefixos da língua: o prefixo pessoal de 1ª pessoa inclusiva das duas séries do modo indicativo é idêntico ao prefixo que marca a primeira pessoa inclusiva do modo exortativo (cf. o modo exortativo no Cap. 9):

642. *akwé xi-xá pé Sãluí-pe*
 DEM 12-ver lá São.Luis-LOC
 ‘aquele que nós vimos lá em São Luis’

643. *xi-xá ahá*
 12/EXO-ver CTF
 ‘vamos ver!’

Como já citado no capítulo 3, o processo de harmonização vocálica é muito presente no Guajá, podendo ser constatado sincronicamente em morfemas que apresentam uma grande variedade de alomorfes dependendo da vogal do tema a que se afixam. Os prefixos pessoais são exemplos claros da existência de harmonia vocálica nesta língua, pois embora muitos tenham uma forma básica – que ocorre na maioria dos casos –, em casos específicos, podem apresentar alomorfes cuja vogal assimila os traços da vogal do tema verbal.

O prefixo de 2ª pessoa do plural da série I (dos modos indicativo e imperativo) *pi-* pode manifestar-se por meio de um alomorfe *pV-* em temas monossilábicos iniciados por consoante glotal, em que a vogal do prefixo torna-se idêntica à do tema verbal:

644. a. *pu-'ú* ‘vocês o comeram/ comam-no!’
 b. *pó-'ó* ‘vocês o arrancaram/arranquem-no!’
 c. *po-hó* ‘vocês foram/vão!’
 d. *pu-hú* ‘vocês vomitaram/vomitem!’

Quando a consoante do tema verbal é velar, *w* ou *kw*, seguida por vogal *a*, este prefixo pode apresentar alomorfe *pa-*:

645. a. *pa-watá* ‘vocês andaram/ andem!’
 b. *pa-kwá* ‘vocês o sabem/saibam-no!’
 ‘vocês passaram/passem!’

Também os prefixos pessoais de segunda pessoa do singular e primeira do plural da série I, que têm a mesma forma básica, *ari-*, podem ocorrer por meio de um alomorfe *arV-* no mesmo contexto⁵⁹:

646. a. *aru-'ú* ‘você o come/ nós o comemos’
 b. *aru-hú* ‘você vomitou/ nós vomitamos’

⁵⁹ Neste caso a harmonia vocálica não ocorre com os temas verbais ‘ir’ e ‘arrancar’, como nos exs. 644 b e c, porque com o prefixo *ari-* o alomorfe do verbo é outro: *ari-jahó* e *ari-já'ó*, respectivamente.

Esses prefixos apresentam alomorfe *ara-* quando ocorrem em temas cuja consoante inicial é velar (*w* ou *kw*) e a vogal é *a*:

647. a. *ara-watá* ‘você andou/ nós andamos’
 b. *ara-kwá* ‘você o sabe/nós o sabemos’
 ‘você passou/nós passamos’

É importante ressaltar que todos os alomorfes apresentados acima, em que a vogal se harmoniza com a vogal do tema, ocorrem em variação livre com a sua respectiva forma básica, *pi-* e *ari-*. Assim, o mesmo falante pode utilizar, num dado momento, a palavra *ara-watá* ‘nós andamos’ e em seguida se referir ao mesmo evento por meio da palavra *ari-watá*, indistintamente.

Quando este prefixo é seguido por vogal ou consoante nasal, ele se realiza por meio dos alomorfes *ani-* ~ *anV-*, como exemplificado abaixo:

648. *areá ani-ĩ i-pé*
 nós 123-dizer R²-para
 ‘nós dissemos a ele’

649. *ani-maká h-ehé nijã*
 2-riir R²-sobre você
 ‘você riu dele?’

O prefixo de 3ª pessoa também tem alomorfes com distribuições específicas: em temas monossilábicos com consoante glotal o prefixo é uma vogal da mesma qualidade da vogal do tema (exs. 650a-e). Nos demais temas ocorre o alomorfe \emptyset - (exs. 650f-j):

650. a. *u-'ú* 'comeu-o'
 b. *o-'ó* 'arrancou-o'
 c. *i-'ĩ* 'disse'
 d. *o-hó* 'foi'
 e. *u-hú* 'vomitou'
 f. \emptyset -*ú* 'veio'
 g. \emptyset -*nũ* 'escutou-o'
 h. \emptyset -*xá* 'viu-o'
 i. \emptyset -*kwá* 'soube-o'
 j. \emptyset -*hehé* 'lavou-o'

Todos os conjuntos de prefixos representados acima são comuns aos verbos intransitivos e transitivos, de modo que não distinguem S de A, revelando um alinhamento morfológico nominativo nos modos independentes.

Mas, como apenas uma pessoa do discurso se manifesta no verbo transitivo, a seleção desse participante depende de uma hierarquia referencial, descrita mais abaixo em 5.3. Quando O de primeira ou segunda pessoa é marcado nos verbos transitivos, a pessoa é identificada pelos pronomes pessoais dependentes, que são associados ao verbo por meio dos prefixos relacionais.

São exemplos da marcação de O nos verbos transitivos nos modos independentes:

651. *ha = \emptyset -pyhý*
 1 = R¹-pegar
 '(ele/você) me pegou / me pegue!'

652. *ni = \emptyset -pyhý*
 2 = R¹-pegar
 '(ele) te pegou/ (eu) te peguei'

Também é por meio dos prefixos relacionais associados aos pronomes dependentes que a pessoa é marcada no verbo nos modos dependentes⁶⁰.

653.	<i>a'é</i>	\emptyset - <i>ikú</i>	<i>mutuhũ</i>	<i>tá</i>	<i>ha = \emptyset-jahó</i>	<i>mehẽ</i>
	DEM	3-ficar	sozinho	PROJ	1 = R ¹ -ir	quando
	‘ele vai ficar sozinho quando eu for embora’					

5.1.2. O prefixo reflexivo/recíproco

No Guajá o mesmo prefixo *i- ~ j- ~ ij- ~ je-* pode denotar tanto reflexividade quanto reciprocidade. Como há um paralelismo funcional e sintático muito grande entre orações reflexivas e recíprocas, é comum haver línguas como o Guajá, em que esses dois fenômenos compartilham a mesma morfologia gramatical.

Os eventos reflexivos podem ser definidos como aqueles em que “o sujeito e o objeto, independente de seus papéis semânticos, são co-referentes. Isto é, o sujeito age sobre (ou relacionado a) si mesmo.” (Givón, 2001:95)

A reciprocidade, por sua vez, pode ser definida como “dois (ou mais) eventos semelhantes, codificados pelo mesmo verbo, em que o sujeito do primeiro é o objeto do segundo, e vice-versa. Os dois participantes são, então, reciprocamente co-referentes. Eles agem um sobre o outro (ou estão relacionados um ao outro).” (*ibidem*, p.96)

Pode-se afirmar, então, que o fato de, no Guajá, haver um único morfema para expressar ambas as funções, o reflexividade é um caso particular de reciprocidade, onde S e O são o mesmo.

O prefixo reflexivo/recíproco é o único morfema na língua que pode ocorrer entre o tema verbal transitivo e o prefixo pessoal. Esse morfema diminui a valência do verbo, tornando-o intransitivo. O alomorfe *j-* ocorre quando o prefixo pessoal que o antecede é constituído de apenas uma vogal, tornando-se parte da sílaba *e*, nas demais situações, o alomorfe *ij-* ocorre em temas iniciados por vogal e o alomorfe *-i* em temas iniciados por consoante.

⁶⁰ Para maiores detalhes sobre orações dependentes, ver 9.2. Subordinação.

654. *Jahá a-j-xá Ø-ja 'ỹ Ø-xak-ahá-pe*
 Eu 1- REFL/REC-ver R²-imagem R¹-ver-NZR-LOC
 ‘eu me vi no espelho (instrumento de ver imagem)’

655. *a'é Ø-i-xá wỹ*
 DEM 3- REFL/REC-ver PLU
 ‘eles se viram um(ns) ao(s) outro(s)’

656. *a'é Ø-i-xu'ú*
 DEM 3- REFL/REC-morder
 ‘ele se mordeu’

657. *jawár-a Ø-i-xu'ú wỹ*
 cachorro-N 3- REFL/REC -morder PLU
 ‘os cachorros se morderam um(ns) ao(s) outro(s)’

Como pode ser observado nos exemplos 655 e 657 acima, as construções recíprocas de terceira pessoa vêm geralmente acompanhadas pela partícula final *wỹ*, que indica a pluralidade do sujeito. No entanto, é possível também interpretar as mesmas construções como reflexivas, desde que o sujeito (e, por consequência o objeto co-referente) seja plural. Assim:

658. *a'é Ø-i-xá wỹ*
 DEM 3- REFL/REC -ver PLU
 ‘eles se viram (a si mesmos)’

659. *jawár-a Ø-i-xu'ú wỹ*
 cachorro-N 3- REFL/REC -morder PLU
 ‘os cachorros se morderam (a si mesmos)’

O prefixo reflexivo/recíproco também ocorre quando há co-referência entre o sujeito e o determinante da posposição ou do nome dêitico de posição. Neste caso, o prefixo vem marcado na própria posposição ou nome dêitico, e não no verbo, como ilustrado nos exemplos a seguir:

660. *ha = Ø-xirú-a a-manõ i-ehé*
 1 = R¹-roupa-N 1-fazer.ir REFL/REC -sobre
 ‘eu coloquei a roupa sobre mim mesmo’ (eu me vesti)
661. *kahú-a Ø-irapí i-ehé*
 carro-N 3-chocar REFL/REC -sobre
 ‘os carros chocaram-se um com o outro’
662. *Ø-inamũ i-ehé wỹ*
 3-cuspir REFL/REC-sobre PLU
 ‘eles cuspiram um no outro/eles cuspiram em si mesmos’
663. *Ø-iká Tatajkamahá-Ø jawá Ø-ahá mehẽ ij-akarỹ-me anỹ*
 3-matar Tatajkamahá-N cachorro R¹-ir quando REFL/REC-na.direção.de-LOC CONJ
 ‘Então Tatajkamahá_i matou o cachorro_j quando ele_j ia na direção dele_i’

Nas posposições cujo tema pertence à classe I, isto é, aquelas que recebem prefixo R² *i-*, o alomorfe do prefixo reflexivo/recíproco é *je-*, provavelmente para diferenciar-se do prefixo de não-contigüidade:

664. *ni = pi-mahý tar-í je-pé*
 NEG = 23-zangar.se PROJ-NEG REFL/REC-para
 ‘vocês não ficarão mais zangados uns com os outros?’

5.2. Tipos de verbos

Os verbos são classificados como transitivos e intransitivos, conforme o número de argumentos que admitem, sendo que cada um desses tipos contém verbos que podem ocorrer com ou sem complementos. Além da valência, as duas subclasses diferenciam-se também por meio de processos morfológicos específicos de cada uma, como será descrito a seguir.

5.2.1. Verbos transitivos

Os verbos transitivos se diferenciam morfológicamente dos intransitivos por receberem afixos nominalizadores próprios desta subclasse (o sufixo nominalizador de agente, *-(a)há(r)* (ex. 665), o prefixo nominalizador de paciente com referência necessária ao agente, *imi-* (ex. 666) e o sufixo nominalizador de paciente sem referência ao agente, *-(i)pýr* (ex. 667)) e por ocorrerem com o sufixo causativo *-(a)ká* (ex. 668).

665. *t-ãj* \emptyset -*'ók-ahár-a*
 R⁴-dente R¹-arrancar-NZR-N
 'arrancador de dentes/dentista'

666. *Maí* *r-imi-japo-kér-a*
 Maíra R¹-NZR-fazer/criar-RETR-N
 'criatura de Maíra'

667. *iká-pyr-y'ým-a* \emptyset -*wyhý* *ka'á* *r-ipí*
 matar-NZR-NEG-N 3-correr mato R¹-por
 'o (veado) que não foi matado fugiu pelo mato'

668. *ha =* \emptyset *py'ýr-a* *a-xak-aká* *tá* *ni =* \emptyset *-pé*
 1 = R¹-pulseira-N 1-ver-CAUS PROJ 2 = R¹-para
 'vou mostrar minha pulseira para você'

Sintaticamente, os verbos transitivos são bivalentes, podendo ocorrer com até dois sintagmas nominais, marcados pelo sufixo nominal, exercendo a função de sujeito e de objeto.

669. *warí-a makú-a Ø-pyhý*
 guariba-N banana-N 3-pegar
 ‘o guariba pegou a banana’

Mas há também verbos transitivos que, além dos argumentos nucleares, pedem um complemento. O verbo *-manõ* ‘fazer.ir’, por exemplo, pode ocorrer com diferentes tipos de complementos, desde sintagmas posposicionais até nomes comuns ou nomes dêiticos de posição, flexionados pelo sufixo locativo *-pe ~ -me*. Cada complemento proporciona um significado diferente ao verbo, como os exemplos abaixo podem ilustrar:

670. *awá-wanihã-Ø ha-wy'y-a Ø-japó. Ø-paparõ, Ø-manõ i-papó-a h-ehé*
 Guajá-homem-N R²-flecha-N 3-fazer 3-botar.pena 3-colocar R²-asa-N R²-sobre
 ‘O homem Guajá faz sua flecha. Empena-a, coloca as penas nela.’

671. *amõ mehẽ a-manõ tá ni = Ø-pé*
 outro quando 1-dar PROJ 2 = R¹-para
 ‘outro dia eu darei a você’

672. *a-manõ kawajuhú-pe anyẽ*
 1-colocar assadeira-LOC CONJ
 ‘e coloquei (a massa) na assadeira’

673. *karai-a jawár-a Ø-manõ are = r-akarỹ-me*
 não-índio cachorro-N 3-mandar 123 = R¹-em.direção.a-LOC
 ‘o não-índio mandou o cachorro na nossa direção’

5.2.2. Verbos intransitivos

Os verbos intransitivos diferenciam-se dos transitivos por receberem o sufixo nominalizador *-ma'á*, que resulta em nomes de agente (ex. 674), e o prefixo causativo *mi- ~ ma- ~ mo- ~ m-* (ex. 675).

674. *ijã-ma'á*
cantar-NZR
'cantor'

675. *a-mi-me'ẽ* *kamẽ*
2/IMP-CAUS-olhar PROIB
'não o acorde!'

Como os transitivos, os verbos intransitivos marcam a pessoa do sujeito por meio dos prefixos pessoais. Porém, distinguem-se destes por não admitirem prefixos relacionais combinados com pronomes clíticos nos modos independentes. Sintaticamente, eles são monovalentes, ocorrendo com apenas um sintagma nominal na função de sujeito (ex. 676).

676. *i-mymýr-a* \emptyset -*keré*
R²-filho-N 3-dormir
'o filho dela está dormindo'

677. *jahá* *a-keré* *mixik-a'ĩ* *tá*
eu 1-dormir pouco-ATEN PROJ
'eu vou dormir um pouquinho'

São exemplos desses verbos: *-wyhy'* 'correr', *-watá* 'andar/caçar', *-keré* 'dormir', *-wa'á* 'cair', *-manũ* 'morrer'.

Mas, há verbos intransitivos que, além do argumento nuclear, cuja pessoa é expressa por meio dos prefixos pessoais nominativos, admitem um ou mais complementos indiretos, marcados por posposições.

São exemplos desses verbos: *-kijé* ‘temer’, *-’ĩ* ‘dizer’, *-ma’i* ‘perguntar/falar/pedir’, *-mumu’ũ* ‘ensinar/contar’, *-amakáj* ‘chamar/gritar por’, *-nehẽ* ‘tirar’, *-maká* ‘rir’, *-jamaká* ‘cuidar’.

678. *a-kijé* *ha-já,* *a-kijé* *tukú* *r-ia*
 1-temer R²-de 1-temer gafanhoto R¹-de
 ‘eu tenho medo dele, eu tenho medo do gafanhoto’

679. *a-’ĩ* *i-pé*
 2/IMP-dizer R²-para
 ‘diga a ele!’

680. *∅-maká* *kamixá-∅* *h-ehé* *anyĩ*
 3-rir jabuti-N R²-sobre CONJ
 ‘Aí o jabuti riu dela.’

681. *ma’awá* *h-amakáj* *iha = ∅-pé*
 quem 3-chamar 1 = R¹-para
 ‘quem está me chamando?’

5.3. Hierarquia de referências

Lingüistas que trabalham na linha da Gramática Relacional falam de uma referencialidade inerente dos sintagmas nominais. Segundo Foley (1976, *apud* Monserrat & Soares, 1986:165), a estrutura referencial do nível da oração representada pelos sintagmas nominais pode se realizar de diferentes maneiras de língua para língua, variando desde a

ordem das palavras até a marcação de caso. Foley propõe a existência de uma Hierarquia Referencial universal onde $1 > 2 > 3$ da seguinte maneira:

falante > ouvinte > nome próprio (humano) > nome comum (humano) > animado > inanimado

Em 1986, Monserrat & Soares propuseram a existência no Proto-Tupí de uma hierarquia referencial (HR) sintático-semântica que condiciona a escolha dos prefixos marcadores de pessoa nas orações transitivas, com base em dados de 17 línguas, 15 delas pertencentes à família Tupí-Guaraní e duas pertencentes a outras famílias, mas do tronco Tupí.

Segundo esse estudo, no Proto-Tupí, se o agente é hierarquicamente superior ao paciente, ocorre o prefixo subjetivo (os prefixos pessoais); se o paciente é hierarquicamente superior ao agente, ocorre o prefixo objetivo (na verdade, os pronomes dependentes, relacionados ao tema verbal por meio dos prefixos relacionais). De acordo com as autoras, referências a tais características não foram encontradas em nenhum outro grupo de línguas. Elas constataram, nas línguas estudadas, que, na maior parte delas, a hierarquia referencial se mantém em todas as relações, exceto naquelas em que se tem o sujeito de primeira pessoa e objeto de segunda, constituindo-se em possível situação de quebra da mencionada hierarquia.

Para compreender a HR vigente no Guajá, é necessário, primeiramente, descrever a codificação do argumento S nos predicados intransitivos e dos argumentos A e O nos predicados transitivos.

Como em outras línguas da família Tupí-Guaraní, no Guajá existe uma restrição segundo a qual apenas um dos argumentos é marcado no verbo, isto é, apenas uma pessoa do discurso se manifesta no verbo transitivo nos modos independentes (por meio dos prefixos pessoais ou por meio dos prefixos relacionais associados aos pronomes dependentes). A seleção do participante marcado no verbo depende da pessoa do sujeito e do objeto e revela, dessa forma, a existência de uma hierarquia referencial sintático-semântica que condiciona a escolha dos prefixos marcadores de pessoa nas orações transitivas do Guajá.

a. Codificação do argumento único nos predicados intransitivos

No Guajá, como será detalhado em 7.2.1, há duas subclasses de predicados intransitivos. A primeira subclasse é constituída por predicados que têm como núcleo verbos intransitivos, que denotam eventos. O argumento único desse tipo de predicado é marcado no verbo por meio de prefixos pessoais.

682.	<i>a-wyhý</i>	1	‘eu corro’
	<i>ari-wyhý</i>	2/123	‘você/nós (excl) corre(mos)’
	<i>xi-wyhý</i>	12	‘nós (incl) corremos’
	<i>pi-wyhý</i>	23	‘vocês correm’
	<i>∅-wyhý</i>	3/33	‘ele(s) corre(m)’

Já a segunda subclasse é constituída por predicados que têm como núcleo adjetivos, que denotam estados. O argumento único desse tipo de predicado é marcado por meio dos pronomes dependentes, e intermediado por prefixos relacionais que assinalam a contigüidade ou não-contigüidade deste participante no sintagma.

683.	<i>ha = r-ahý</i>	1	‘eu estou doente’
	<i>ni = n-ahý</i>	2	‘você está doente’
	<i>are = r-ahý</i>	123	‘nós estamos doentes’
	<i>pĩ = n-ahý</i>	23	‘vocês estão doentes’
	<i>h-ahý</i>	3/33	‘ele(s) está(ão) doente(s)’

Analisando-se essas duas subclasses de predicados intransitivos, pode-se concluir, em termos de papéis semânticos, que os argumentos selecionados pela primeira subclasse de predicados (os mais eventivos) são prototipicamente agentes (Sa), enquanto os selecionados pela segunda subclasse (os mais estativos) são prototipicamente pacientes (So).

b. Codificação dos argumentos nos verbos transitivos

Os temas verbais do Guajá (com exceção da marcação de reflexivo) têm apenas uma posição para prefixação. Portanto, nos predicados transitivos, que têm como núcleo verbos transitivos, apenas um dos argumentos será marcado no verbo, isto é, apenas uma pessoa do discurso se manifestará (por meio de prefixos pessoais ou por meio de pronomes dependentes associados a prefixos relacionais). É neste momento que se observa, na língua, uma hierarquia referencial que condiciona a escolha dos marcadores de pessoa nas orações transitivas.

Num evento descrito por um verbo transitivo que expresse a relação entre duas pessoas extralocutivas (duas terceiras pessoas), não há hierarquia de pessoa, já que se trata da mesma categoria de pessoa. Então, a hierarquia que se pode postular neste caso é a de papel semântico.

Nos exemplos em (i) pode-se observar que a pessoa se manifesta no verbo por meio do paradigma pessoal, paralelamente ao que ocorre com a primeira subclasse de predicados intransitivos (os mais eventivos).

Como o argumento marcado nos verbos intransitivos tem um perfil de ‘agente’, pode-se concluir que, no caso das relações entre pessoas extralocutivas nos predicados transitivos, o papel semântico selecionado pelo verbo é o de ‘agente’. Ocorre, dessa forma, no Guajá, nas relações entre duas pessoas extralocutivas, uma hierarquia natural de papéis semânticos, em que o ‘agente’ é hierarquicamente superior ao ‘paciente’:

- (i) ‘agente’ > ‘paciente’
 extraloc. extraloc.
 3 3

684. \emptyset -xá
 3-ver
 ‘ele o(s) viu’

685. \emptyset -xá wỹ
 3-ver PLU
 ‘eles o(s) viram’

686. Arakuranĩxiká- \emptyset mukurí-a \emptyset -xá ka’á-pe
 Arakuranĩxiká-N bacuri-N 3-ver mato-LOC
 ‘Arakuranĩxiká viu bacuri no mato’

Nas relações entre pessoas extralocutivas e intralocutivas (1^a e/ou 2^a pessoa), duas situações são criadas: uma (ii) em que a terceira pessoa age sobre a primeira ou segunda e outra (iii) em que a segunda ou primeira agem sobre a terceira:

(ii) extraloc. intraloc.
 3 → 1
 3 → 2

687. ha = r-ixá a’iá
 1 = R²-ver ele
 ‘ele me viu’

688. ni = n-ixá a’iá
 1 = R²-ver ele
 ‘ele te viu’

Como ilustrado acima, nos casos em que a pessoa extralocutiva age sobre a intralocutiva, o referente mais próximo ao verbo, ligado a ele por uma posição fixa precedente ao prefixo relacional, é sempre a pessoa intralocutiva.

Quando a situação se inverte, isto é, quando a pessoa intralocutiva age sobre a extralocutiva (exs. 689 e 690 abaixo), também a pessoa que se manifesta no verbo, por meios dos prefixos pessoais da língua, é a intralocutiva, como se observa em (iii):

- (iii) intraloc. extraloc.
 1 → 3
 2 → 3

689. *jahá mukurí-a a-xá ka'á-pe*
 eu bacuri-N 1-ver mato-LOC
 'eu vi bacuri no mato'

690. *nijã mukurí-a ari-xá ka'á-pe*
 você bacuri-N 2-ver mato-LOC
 'você viu bacuri no mato'

Dessa forma, considerando as situações descritas em (ii) e (iii), pode-se postular a seguinte hierarquia de pessoa: $1 / 2 > 3$, isto é, a primeira e a segunda pessoas são hierarquicamente superiores à terceira, pois são elas que se manifestam no verbo numa relação entre pessoas intralocutivas e extralocutivas.

Passemos, agora, às relações entre as pessoas intralocutivas, isto é, quando a segunda pessoa age sobre a primeira (iv) e quando a primeira age sobre a segunda (v):

- (iv) intraloc. intraloc.
 2 → 1

691. *nijã ha = r-ixá*
 você 1 = R²-ver
 'você me viu'

692. *pijã ha = r-ixá*
 vocês 1 = R²-ver
 'vocês me viram'

693. *nijã* *are = r-ixá*
 você 123 = R²-ver
 ‘você nos viu’

694. *pijã* *are = r-ixá*
 vocês 123 = R²-ver
 ‘vocês nos viram’

Ao se analisar esta situação (em que a segunda pessoa age sobre a primeira) isoladamente, como a pessoa que se manifesta no verbo é a primeira, poder-se-ia concluir que $1 > 2$. Entretanto, o que ocorre em (v) é exatamente o oposto: quando a primeira pessoa age sobre a segunda, é a segunda que se manifesta no verbo, isto é, $2 > 1$.

(v) intraloc. intraloc.
 1 → 2

695. *jahá* *ni = n-ixá*
 eu 2 = R²-ver
 ‘eu te vi’

696. *areá* *ni = n-ixá*
 nós 2 = R²-ver
 ‘nós te vimos’

697. *jahá* *pĩ = n-ixá*
 eu 23 = R²-ver
 ‘eu vi vocês’

698. *areá* *pĩ = n-ixá*
 nós 23 = R²-ver
 ‘nós vimos vocês’

Considerando (iv) e (v) como um conjunto, ou seja, os casos de confronto entre pessoas intralocutivas, chega-se à conclusão de que, no Guajá, há um nivelamento hierárquico dos referentes de primeira e segunda pessoas, de forma que sempre o ‘paciente’ é marcado no verbo, constatando-se uma situação pragmática igualitária entre as pessoas intralocutivas nesta língua, isto é, $1 = 2$.

De uma maneira geral, pode-se concluir que nas relações entre duas pessoas extralocutivas, como não há hierarquia de pessoa, a hierarquia que rege a manifestação do argumento no verbo é a de papel semântico, onde ‘agente’ > ‘paciente’.

Nas relações entre pessoas extralocutivas e intralocutivas constata-se uma hierarquia de pessoa, pois a pessoa que se manifesta no verbo, nestes casos, é sempre a intralocutiva, o que demonstra que a hierarquia vigente é $1 / 2 > 3$.

Nas relações entre duas pessoas intralocutivas não se constata uma hierarquia de pessoa, pois, independentemente de ser primeira ou segunda, é sempre o paciente o referente mais próximo ao verbo. Neste caso, como não se verifica uma hierarquia entre a primeira e a segunda pessoa, o que há é uma hierarquia de papéis semânticos em que, em contraste com as relações entre as pessoas extralocutivas, o paciente é hierarquicamente superior ao agente: ‘paciente’ > ‘agente’.

A presente análise reforça a tese apresentada por Monserrat e Soares (*op. cit.*) em que as autoras postulam a “existência no Proto-Tupí de uma HR (hierarquia referencial) sintático-semântica que condiciona a escolha dos prefixos marcadores de pessoa nas orações transitivas e que se expressa da seguinte maneira: se o agente é hierarquicamente superior ao paciente, ocorre o prefixo subjetivo; se o paciente é hierarquicamente superior ao agente, ocorre o prefixo objetivo” (p.165).

Por outro lado, diferentemente das outras línguas da família Tupí-Guaraní contempladas no estudo de Monserrat e Soares, o Guajá apresenta um comportamento distinto em relação à HR proposta por Foley (*op. cit.*), já que, quando se trata da primeira e da segunda pessoa, observa-se uma nivelação hierárquica no plano sintático, onde não há precedência de uma sobre a outra, e o que ocorre é exclusivamente a marcação do argumento cujo papel semântico é o de paciente.

Portanto, o Guajá apresenta, hoje, uma HR sintática funcionando parcialmente, paralelamente ao que ocorre, segundo o artigo de Monserrat e Soares (*op. cit.*), com a língua

Mundurukú, família Mudurukú, tronco Tupí, em que há um nivelamento entre a primeira e segunda pessoa. De acordo com a hipótese das autoras, apesar de não haver evidências, essa nivelção pode ter resultado de um suposto conflito, num estágio intermediário, em que ainda se revelaria, de alguma forma, a precedência da primeira sobre a segunda pessoa, que é a situação de todas as demais línguas em que esta precedência se manifesta inequívoca e unanimemente pelo menos na relação sujeito ‘nós’ / objeto ‘você’. No Guajá, a competição hierárquica entre os referentes está resolvida inteiramente apenas entre a primeira e segunda pessoa. Já o Karitiana (Família Arikém, tronco Tupí), por exemplo, “ao manifestar a precedência absoluta do paciente sobre o agente (marcando somente o primeiro no verbo), teria levado até o fim o processo atestado em estágio intermediário no Mundurukú, (...) englobando a terceira pessoa, e aparentemente completando o processo de destruição da HR” (p.176), isto é, da hierarquia referencial sintática, de forma a ceder lugar a uma nova hierarquização, a semântica, entre agente e paciente.

5.4. Incorporação nominal

Em Guajá o processo de incorporação de nomes a verbos, comum nas línguas da família Tupí-Guaraní, é produtivo quando se trata da incorporação de nomes de partes do corpo a verbos transitivos. De modo geral, o nome prefixa-se ao verbo, formando com ele um constituinte cuja unidade morfológica se manifesta em seu comportamento com relação aos afixos marcadores de pessoa.

Mithun (1984) apresenta a incorporação nominal como um processo morfológico, que utiliza a estrutura sintática para fins lexicais: nome e verbo se combinam para formar um novo tema verbal. Com a incorporação, o nome perde seu *status* sintático de argumento, bem como sua referencialidade e, como consequência, perde ainda marcas de definitude, de especificidade, de caso e de número. Semanticamente, o nome mantém uma relação de “paciente”, “instrumento” ou “locativo” com o verbo hospedeiro.

Entre os tipos de incorporação citados por Mithun em seu artigo, o Guajá apresenta grande produtividade no tipo de incorporação que a autora denomina de “manipulação de caso”, em que um verbo transitivo que incorpora um objeto direto mantém sua valência

original, e um “argumento oblíquo” com papel de instrumento, local, ou possuidor passa a assumir o papel vago do objeto.

No Guajá, ao incorporar um objeto representado por um nome com determinante obrigatório, o verbo transitivo mantém-se bivalente, porém, as relações gramaticais na construção se alteram, já que o determinante do nome passa à condição de objeto sintático do verbo, como ilustrado nos exemplos abaixo:

699. *Waréra a-pó-pyhy'*

Valéria 1-mão-pegar

‘eu cumprimentei a Valéria’ (lit.: eu mão-peguei Valéria)

700. *jahá awá a-jakará-manõ tá*

eu Guajá 1-cabelo-cortar PROJ

‘eu vou cortar o cabelo dos Awá’ (lit.: eu vou cabelo-cortar os Awá)

Comumente, incorporam-se ao verbo nomes com determinante obrigatório relacionados a partes do corpo. Até o momento não há registros de outro tipo de incorporação na língua, isto é, nem a incorporação de nomes com determinante a verbos intransitivos, nem a incorporação de nomes sem determinante a qualquer tipo de verbo.

Segundo Mithun, a incorporação não está necessariamente presente ou ausente numa língua o tempo todo; esse processo pode aparecer ou desaparecer durante a mudança natural das línguas. Quando as línguas estacionam num determinado estágio, deixam pouco a pouco de produzir os compostos intransitivos que, com o passar do tempo, tornam-se cristalizados, “verdadeiras relíquias”.

Talvez esse seja o caso do Guajá, já que é possível encontrar na língua temas verbais visivelmente resultantes do processo de incorporação nominal, mas cuja fonologia ou morfologia, no entanto, indicam que eles já se encontram cristalizados.

Um exemplo é o tema verbal *-k'ýw* ‘catar piolho’, que provavelmente é resultado da incorporação do nome *-k'ý* ‘piolho’ ao verbo *-'ú* ‘comer/ingerir’. Porém, o desgaste

fonológico do antigo tema verbal de -'ú para *w* indica que o composto já se gramaticalizou e que não é mais possível segmentar morfológicamente o nome do verbo. Assim:

701. *jahá ha = Ø-mymýr-a a-ky'w*
 eu 1 = R¹-filho-N 1-catar.piolho
 'eu catei piolho do meu filho'

Outro exemplo de “reliquia” lexical resultante de um antigo processo de incorporação nominal é o tema verbal *-wy'ú* ‘beber’, formado pelo nome *y'* ‘água’, associado ao verbo *-'ú* ‘ingerir’. Neste caso, além da evidência fonológica da perda da consoante oclusiva do nome, há ainda uma evidência morfológica da gramaticalização, pois a consoante inicial *w* provém de um antigo prefixo de terceira pessoa *u-* que se lexicalizou no tema verbal. Dessa forma:

702. *a-wy'ú-apáj*
 2/IMP-beber-rápido
 'beba rapidamente!'

Há, ainda, um outro tipo de incorporação, denominada por Mithun de “manipulação da estrutura discursiva”. A função desta é a de colocar no discurso informações conhecidas ou não nucleares em segundo plano. Quando uma entidade é introduzida no discurso, é primeiramente identificada por um sintagma nominal independente, que indica sua saliência. Ao se tornar informação dada, ocorre a incorporação. O nome incorporado delimita o escopo do verbo e mantém a entidade no círculo do discurso. Tal incorporação não é freqüente, mas pode ser encontrada no Guajá, como ilustra o exemplo abaixo:

703. *hájr-a a-xá xí. n = a-haj-xa-pýr-i*
 mel-N 1-ver IMPERF NEG = 1-mel-ver-primeiro-NEG
 'eu procurava mel. Primeiramente eu não vi mel'

6

Fenômenos morfológicos e sintáticos comuns a diferentes classes de palavras

No Guajá há uma série de fenômenos morfológicos e sintáticos comuns a diferentes classes de palavras, como os processos de derivação com sufixos de intensidade e atenuação (6.1), formação de verbos por meio da causativização (6.2), formação de nomes por meio de diferentes tipos de nominalizações (6.3), reduplicação (6.4) e um tipo especial de incorporação de temas de distintas classes (6.5). Este capítulo descreve os referidos processos, detalhando-os e explicitando em que tipos de palavras eles ocorrem.

As duas últimas seções mostrarão que, além das partículas aspectuais, os processos de reduplicação e de incorporação de temas ao núcleo do predicado também podem codificar aspecto na língua.

6.1. Derivação com os sufixos de intensidade e atenuação

Entre os processos derivacionais do Guajá há os que produzem itens lexicais da mesma classe da respectiva base, os endocêntricos, e os que, ao contrário, produzem itens lexicais de classe diferente da classe da base, os exocêntricos.

Dentre os processos derivacionais endocêntricos, a derivação com os sufixos de intensidade e atenuação é a mais produtiva, ocorrendo com as três principais classes de palavras ou tendo como escopo todo o predicado.

Os mesmos sufixos que denotam dimensão nos nomes e que foram ilustrados em 4.3, ocorrem com verbos e adjetivos denotando intensidade, e produzem itens lexicais da mesma classe da respectiva base. Os sufixos $-(y)hý \sim -(u)hú \sim -hV$ e $-(n)ã \sim -(k)ãj \sim -(a)'ĩ$, de intensidade e atenuação, respectivamente, são tônicos e resultam em palavras que denotam evento ou estado de intensidade maior ou menor que o da base. Assim:

a. Com verbos:

704. *i-mén-a* *i-’ĩ-hý* *i-pé* *awijé*
R²-marido-N 3-dizer-INTS R²-para freqüentemente
‘o marido dela brigava (falava forte) com ela todo dia’
705. *a-pyhyk-yhy’* *kamẽ*
2/IMP-segurar-INTS PROIB
‘não o aperte!’
706. *a-jkaty-hý* *jahá*
1-estar.bem-INTS eu
‘eu estou ótimo!’
707. *akwixí-a* *a-jká-naĩ* *karáí* *r-apé* *r-ipí*
cotia-N 1-matar-ATEN não-índio R¹-caminho R¹-por
‘eu acertei (mas não matei) uma cotia no caminho do não-índio’
708. *takwarakér-a* *a-tara ’ók-ãj* *Sijú* *Ø-pamẽ*
arroz-N 1-escolher-ATEN Sijúxika R¹-com
‘eu escolhi um pouquinho o arroz com a Sijuxiká’
709. *jahá* *a-jamixó* *a-mytuk-ãj* *amõ-a* *anyĩ*
eu 1-pilar 1-soprar-ATEN outro-N CONJ
‘eu pilei e soprei um pouco o outro (arroz)’

b. Com adjetivos:

No Guajá, é mais freqüente o uso de adjetivos na forma derivada pelo sufixo de intensidade do que na forma básica. Alguns, inclusive, já se encontram com o sufixo cristalizado (ex. 713). Em contrapartida, diferentemente dos verbos e dos nomes, não há registros de adjetivos com o sufixo atenuativo. Quando se quer atenuar o estado ou qualidade expresso pelo adjetivo, usa-se a partícula intra-predicado *juhú* ‘pouco’, que exprime intensidade menor (v. ex. 713).

710. \emptyset -*japa'á-hú* *h-awáj-a*
 R²-curto-INTS R²-rabo-N
 ‘o rabo dele é curtíssimo’

711. *ha = \emptyset-jamy-hỹ* *iká*
 1 = R¹-faminto-INTS POS1
 ‘eu estou faminto’

712. *puhỹ* *i-rawa-hý-ma'á*
 remédio R²-amargo-INTS-NZR
 ‘o remédio que é muito amargo’

713. *h-awyhú* *juhú*
 R²-azul(INTS) pouco
 ‘azul-claro’

c. Com predicados:

Os sufixos de atenuação e intensidade também podem ter todo o predicado como escopo, e não apenas o seu núcleo. Quando isso ocorre, ele é marcado após morfemas que são constituintes deste predicado, como as partículas intra-predicado ou o sufixo de negação.

714. *o-hó ate-hé mē karáí-a ha = ka'á r-íá*
 3-ir REAL-INTS COND não-índio-N 1 = mata R¹-de
 ‘seria bom se o não-índio fosse mesmo embora de vez da minha mata’

715. *taký mixik-a ã-a*
 faca pequeno-ATEN-N
 ‘canivete’

716. *n = a-jahó tar-i-hí*
 NEG = 1-ir PROJ-NEG-INTS
 ‘eu não vou de jeito nenhum’

6.2. Causativização: formação de verbos

A causativização ocorre quando uma entidade causa a realização de um evento ou provoca a ocorrência de um determinado estado por meio de outra entidade. O processo de causativização no Guajá é morfológico, ocorrendo por meio de morfemas que se acrescentam ao tema verbal.

Serão apresentadas, primeiramente, as formas causativas construídas a partir de bases intransitivas e, em seguida, as bases verbais transitivas, primitivas ou derivadas, que podem ser causativizadas por meio de um outro morfema.

6.2.1. Causativo de temas intransitivos

A causativização é um processo muito produtivo no Guajá para criar verbos transitivos a partir de temas intransitivos, sejam estes verbos ou adjetivos⁶¹. Há na língua dois diferentes tipos de causativos na língua que ocorrem com temas intransitivos: o causativo simples e o causativo-comitativo.

⁶¹ Até o momento não foi registrada a ocorrência de prefixo causativo em temas nominais.

6.2.1.1. Causativo simples

Nas construções causativas simples o sujeito causa a realização de um evento por meio do objeto. O morfema *mi-* ~ *ma-* é responsável pela interpretação causativa e conseqüente transitivização de bases intransitivas verbais e adjetivais. O alomorfe *ma-* ocorre quando é precedido pelo pronome dependente de primeira pessoa *ha*, ou seguido por sílaba cuja vogal é *a*; nos demais ambientes ocorre o alomorfe *mi-*.

717. *i-mymýr-a* \emptyset -*ma-kamõ* *araká*
R²-filho-N 3-CAUS-mamar AT1
‘ela amamentou o filho dela’
718. *ha =* \emptyset -*ma-pinihĩ* *nijã*
1 = R²-CAUS-assustar.se você
‘você me assustou’
719. *Hosãna* *Amỹxa’até-a* \emptyset -*mi-juhú* *’y-pe*
Rosana Amỹxa’até-N 3-CAUS-banhar.se rio-LOC
‘Rosana banhou Amỹxa’atéa no rio’
720. *a-mi-me’ẽ* *kamẽ*
2/IMP-CAUS-olhar PROIB
‘não o acorde!’
721. *Mihaxa’á- \emptyset* *Amirí-a* \emptyset -*ma-pa’aruhú*
Mihaxa’á-N Amirí-N 3-CAUS-grávida
‘Mihaxa’á engravidou Amiria’
722. *amýn-a* *ha =* \emptyset -*ma-ta’amuhũ*
chuva-N 1 = R¹-CAUS-molhado
‘a chuva me molhou’

723. *awá Ø-wahí-a Takwarakér-a Ø-mi-hĩ i-mẽ Ø-pé*
 Guajá R¹-mulher arroz-N 3-CAUS-macio R²-marido R¹-para
 ‘a mulher Guajá cozinha arroz para o seu marido’
724. *areá ari-jahó ka’á-pe warí Ø-mi-ke’ẽ = ma*
 Nós 13-ir mato-LOC guariba 3-CAUS-seco = GER
 ‘nós fomos ao mato para moquear guariba’

6.2.1.2. Causativo-comitativo

Enquanto nas construções causativas simples o sujeito causa a realização de um evento por meio do objeto, nas construções causativo-comitativas⁶² o sujeito realiza, ele mesmo, o evento, em companhia do objeto. O prefixo causativo-comitativo é *r-* e ocorre somente com temas verbais.

725. *a-r-ahó apáj*
 2/IMP- CAUS.COM-ir depressa
 ‘leve-o!’
726. *Ø-r-ú h-ajá, Ø-mihĩ pirá ha-mirikó-a*
 3- CAUS.COM -vir R²-de 3-cozinhar peixe R²-esposa-N
 ‘trouxe de lá e a esposa dele cozinhou o peixe’

⁶² A idéia de *verbo causativo comitativo* foi formulada pela primeira vez por Lucien Adam (1896:48, *apud* Gomes, 2006:81): “Verbes Causatifs-Comitatifs : 76. – Ces verbes sont formés par la préfixation des particules *ro-*, *no-*, suivant la gamme du thème. **Guarani**. – Ex.: *a-iké* j’entre, *a-ro-iké* je le fais entrer en entrant aussi, j’entre avec une autre chose; *a-ro-basê kwatiá paí upé* je suis arrivé auprès du père avec les billets; *a-â* je me tiens, *a-no-â* je me tiens avec un autre, avec autre chose. **Anchieta**. – Ex.: *a-kér* je dors, *a-ro-kér xe r-áira* je dors avec mon fils; *a-ro-kér aóba* je dors avec une robe.”

727. *aré kanũ-a xi-r-yhý rí*
 nós canoa-N 12/EXO-CAUS.COM-correr logo
 ‘vamos fazer a canoa correr conosco logo!’

728. *a-r-ehẽ t-atá r-ιά*
 2/IMP- CAUS.COM-sair R⁴-fogo/energia R¹-de
 ‘tire-o da tomada!’

729. *kawá Ø-xĩ-a a-r-ukú tá*
 vasilha R¹-branco-N 1-CAUS.COM-ficar PROJ
 ‘eu quero ter uma vasilha esmaltada’

Assim, a partir dos verbos intransitivos *-ahó* ‘ir’, *-ú* ‘vir’, *-wyhý* ‘correr’, *-wehẽ* ‘sair’ e *-ikú* ‘ficar’, produzem-se os verbos transitivos *-rahó* ‘levar’, *-rú* ‘trazer’, *-ryhý* ‘fazer correr com’, *-rehẽ* ‘tirar’ e *-r-ukú* ‘ter’.⁶³ No entanto, diferentemente da causativização simples, que é muito produtiva, a formação de verbos transitivos mediante o prefixo causativo-comitativo é limitada, tendo sido registrada, até o momento, apenas nos exemplos ilustrados acima.

6.2.2. Causativo de verbos transitivos

A causativização de temas verbais transitivos ocorre por meio do sufixo *-ká* (após temas terminados em vogal) ~ *-aká* (após temas terminados em consoante), que introduz um terceiro participante na oração. Nessa construção, o novo participante exerce a função sintática de sujeito, enquanto o antigo participante é demovido dessa função para exercer a função de complemento, sendo marcado por meio da posposição *-pé* ‘para’. Este participante, apesar de passar a uma posição de oblíquo, continua exercendo o papel semântico de agente do núcleo verbal. Apenas o objeto é mantido com a mesma função. Os exemplos a seguir

⁶³ O contraste entre a presença de uma consoante inicial *w* nos temas verbais intransitivos *-wyhý* ‘correr’ e *-wehẽ* ‘sair’ e a sua ausência nos temas causativizados *-ryhý* ‘fazer correr com’ e *-rehẽ* ‘tirar’ só pode ser explicado diacronicamente, pois tal consoante provém de um antigo prefixo de terceira pessoa *u-* que se cristalizou no tema verbal. Como o prefixo causativo-comitativo já ocorria em tal momento, as formas transitivas derivadas por ele mantiveram a forma verbal original do tema.

ilustram primeiramente uma oração com um verbo transitivo comum e, em seguida, este mesmo tema verbal causativizado:

730. *Awá* \emptyset -*wanihã-kér-a* *kahú* *r-apé-a* \emptyset -*xá*
 Guajá R¹-homem-COL-N carro R¹-caminho-N 3-ver
 ‘os homens Guajá viram a estrada’

731. *kamará- \emptyset* *kahú* *r-apé-a* \emptyset -*xak-aká* *awá* \emptyset -*wanihã-kér-a* \emptyset -*pé*
 índio-N carro R¹-caminho-N 3-ver-CAUS Guajá R¹-homem-COL-N R¹-para
 ‘os índios mostraram a estrada para os homens Guajá’

732. *karai* *i-wé-ma’á-kér-a* *’y-a* *u-’ú*
 não-índio R²-sedento-NZR-RETR-N água-N 3-ingerir
 ‘o não-índio que estava com sede bebeu água’

733. *jahá* *’y-a* *a-’u-ká* *karai* *i-we-ma’á-ké* \emptyset -*pé*
 eu água-N 1-ingerir-CAUS não-índio R²-sedento-NZR-RETR R¹-para
 ‘eu fiz beber água ao não-índio que estava com sede’

Um tema verbal transitivo já derivado de um verbo intransitivo por meio do prefixo *mi-* ~ *ma-*, pode, ainda, ser novamente causativizado pelo sufixo *-ká* ~ *-aká*.

734. *Ajwyxa’á- \emptyset* *jawár-a* \emptyset -*mi-juhú* *’y-pe*
 Ajwyxa’á-N cachorro-N 3-CAUS-banhar.se rio-LOC
 ‘Ajwyxa’á banhou seu animal de estimação no rio’

735. *Tapara’ĩ-a* *jawár-a* \emptyset -*mi-juhúk-aká* *’y-pe* *Ajwyxa’á- \emptyset* \emptyset -*pé*
 Tapara’ĩ-N cachorro-N 3-CAUS-banhar.se rio-LOC Ajwyxa’á-N R¹-para
 ‘Tapara’ĩa fez Ajwyxa’á banhar o cachorro no rio’

737. *a-nĩ wari Ø-ijan-ahá*
 1-ouvir guariba R¹-cantar-NZR
 ‘eu escutei o canto do guariba’
738. *Ø-wapyk-ahá-Ø a-japó jahá*
 R²-sentar-NZR-N 1-construir eu
 ‘eu construí uma cadeira (lugar de sentar)’
739. *kwá Ø-jaký Tara’y r-ipí are = xoho-ika-há-pe*
 MOSTR 3-mexer Rio.Traíra R¹-por 123 = porcão-matar-NZR-LOC
 ‘mexeram lá pelo rio Traíra, no nosso lugar de matar porcão’
740. *wý Ø-tipir-ahá-Ø a-pyhý-apáj*
 chão R¹-varrer-NZR-N 2/IMP-pegar-depressa
 ‘pegue a vassoura (instrumento de varrer o chão) rapidamente!’
741. *há = Ø-ma’á Ø-mihin-ahá*
 1 = R¹-caça R¹-cozinhar-NZR
 ‘meu instrumento de cozinhar caça’
742. *mõ jahý i-pa’aruhy-há mijẽ*
 INT1 lua R²-grávida-NZR quanto
 ‘quantas luas tem a gravidez dela?’
743. *na’axí h-ahy-há*
 não.há R²-doente-NZR
 ‘não há doença nele’

b. -(a)há(r)-

Acrescenta-se a temas verbais transitivos (exs. 744 e 745) e a complementos locativos formados por posposições (exs. 746 e 747), advérbios locativos (ex. 748) ou nomes flexionados pelo caso locativo (exs. 749 e 750), sendo obrigatória a referência ao determinante do verbo ou da posposição nominalizados. No primeiro caso, resulta em nomes com papel semântico de agente e, nos demais, em nomes que se caracterizam por indicar a pertinência ao lugar indicado pelo adjunto locativo. O exemplo 751 ilustra a negação de um tema nominalizado por -(a)há(r)-.

744. *a'é i-pyhyk-ahár-a*

DEM R²-pegar-NZR-N

‘ele é o pegador dele’

745. *papé Ø-japo-hár-a jahá*

papel R¹-fazer-NZR-N eu

‘eu sou professora’ (lit. ‘eu sou fazedora de papel’)

746. *y' r-awaj-hár-a*

Rio R¹-outro.lado-NZR-N

‘morador do outro lado do rio’

747. *ha = r-ipá r-aké-hár-a*

1 = R¹-casa R¹-perto-NZR-N

‘meu vizinho’ (lit. ‘aquele que mora perto da minha casa’)

748. *ha = n-imá amete-hár-a*

1 = R¹-animal.de.estimacão longe-NZR-N

‘o meu bicho de estimacão que é de longe’

749. *katu-p-ahár-a*

fora-LOC-NZR-N

‘morador de fora’ (lit. ‘aquele que é de fora’)

750. *a-ma’i* *awá* *Xirakapu-p-ahá* *∅-pé*

2/IMP-pedir Guajá Tiracambú-LOC-NZR R¹-para

‘peça aos Guajá (moradores) do Tiracambú!’

751. *awá-∅* *kapijawá* *∅-’ú-har-y’yím-a*

Guajá-N capivara R¹-comer-NZR-NEG-N

‘os Guajá são não-comedores de capivara’

c. *-imi-*

Acrescenta-se somente a radicais verbais transitivos formando nomes com papel semântico de paciente. É o único prefixo entre os nominalizadores e ocorre sempre precedido pelo nome ou pronome com função de agente, numa relação de determinação. Nas palavras de Rodrigues (2001a), este tipo de nominalização “focaliza o paciente em dependência do agente, que é expresso em construção possessiva”. Os nomes formados por esse prefixo pertencem à classe IIb.

752. *Ma’i* *r-imi-japo-kér-a*

Maíra R¹-NZR-fazer/criar-RETR-N

‘criatura de Maíra’ (lit. ‘objeto da criação de Maíra’)

753. *ha = n-imi-’ú-a*

1 = R¹-NZR-comer-N

‘minha comida’ (lit. ‘objeto do meu comer’)

d. *-(i)pýr ~ -per*

Acrescenta-se somente a radicais transitivos e forma nomes com papel semântico de paciente, mas sem referência ao agente. De acordo com Rodrigues (2001a), essa “nominalização de paciente focaliza este em si mesmo, independentemente do agente, que é referido somente pelo prefixo para determinante omitido”, isto é, o prefixo relacional de não-contigüidade. O alomorfe *-per* ocorre somente quando seguido do sufixo de atualização nominal retrospectiva *-ér*.

754. *Ø-jũ-pýr-a, tapi'ír-a, Ø-manũ ahá*

R²-flechar-NZR-N anta-N 3-morrer CTF

‘a que foi flechada, a anta, morreu indo’

755. *awá-Ø tapi'ír-a Ø-rú ka'á r-iá, Ø-ika-per-ér-a*

Guajá-N anta-N 3-trazer mata R¹-de R²-matar-NZR-RETR-N

‘os Guajá trouxeram a anta da mata, a que foi morta’

756. *arapahá-Ø Ø-ikú Ø-ika-pý-reme pyhá*

veado-N 3-ficar R²-matar-NZR-TRANS noite

‘o veado ficou como morto à noite’

757. *papé Ø-japo-per-ér-a a-manõ Jakuxa'á Ø-pé*

papel R²-fazer-NZR-RETR-N 1-enviar Mércio R¹-para

‘eu enviei para o Mércio o papel que foi escrito’

758. *ma'á ari-xá tá? arapahá Ø-ika-pyr-y'ỹm-a a-jká tá*

que 2-ver PROJ veado matar-NZR-NEG-N 1-matar PROJ

‘O que você vai fazer? O veado que não foi morto eu vou matar’

e. -ma'á

Esse sufixo nominaliza tanto predicados intransitivos que têm verbos intransitivos ou adjetivos como núcleos, quanto predicados existenciais, que têm nomes como núcleos. Deriva nomes que indicam ‘o que faz X’ (exs. 759 e 760), ‘o que é/está X’ (ex. 761) e ‘o que tem X’ (ex. 762).

759. *∅-jã-ma'á*

R²-cantar-NZR

‘o que canta/cantor’

760. *i-’ĩ-’ỹ-ma'á*

R²-dizer-NEG-N

‘o que não diz/mudo’

761. *h-awahy-ma'á*

R²-azul-NZR

‘o que é azul’

762. *i-mymy-ma'á*

R²-filho-NZR

‘a que tem filho’

6.3.2. Relações gramaticais nas nominalizações

Os temas resultantes das nominalizações, como quaisquer outros nomes, passam a receber o sufixo nominal *-a*, o sufixo de atualização nominal retrospectiva *-ké(r) ~ -(é)r* e marcam seu determinante por meio dos pronomes dependentes associados aos prefixos relacionais.

As nominalizações são muito produtivas na derivação de novos termos:

763. *xapõ* \emptyset -*jakỹ* \emptyset -*parahỹ-há- \emptyset*
 sabão R²-cabeça R¹-bonito-NZR-N
 ‘shampoo’ (lit.: sabão que embeleza a cabeça)

764. *xirú* \emptyset -*parikwá-há- \emptyset*
 roupa R¹-comprar-NZR-N
 ‘loja de roupa’ (lit. ‘lugar de comprar roupa’)

765. *t-ãj* \emptyset -*’ok-ahár-a*
 R⁴-dente R¹-arrancar-NZR-N
 ‘dentista’ (lit. ‘arrancador de dentes’)

766. *awá* *r-ehé* \emptyset -*jamaká-ma’á*
 Guajá R¹-sobre R²-cuidar-NZR-N
 ‘médico’ (lit. ‘aquele que cuida dos Guajá’)

E, como qualquer nome, as nominalizações podem ocorrer como argumentos de predicados:

767 \emptyset -*r-ú* *xí* \emptyset -*xu’u-á-er-a* *pyhá* *kanẽ* *n-awa-há-pe*
 3-CAUS.COM-vir IMPERF R²-morder-NZR-RETR-N noite lanterna R²-iluminar-NZR-LOC
 ‘vinha com a mordida (da cobra) à noite, na luz da lanterna’

São empregadas freqüentemente como núcleos de predicados equativos:

768. *akajú* \emptyset -*’ú-hár-a* *Kupaxĩ-a*
 caju R¹-comer-NZR-N Kupaxĩ-N
 ‘o Kupaxĩ é comedor de caju’

Também, como qualquer nominal, ocorrem como argumentos oracionais em orações completivas e complementos circunstanciais em orações adverbiais nominalizadas:

769. *ni = Økwá-j h-ahy-há-Ø*
 NEG = 3-saber-NEG R²-doente-NZR-N
 ‘(os animais) não sentem dor’
 (lit. ‘não conhecem a circunstância de ficarem doentes’)

770. *Ø-manẽ ka’á r-ia Ø-ur-ahá-Ø*
 3-demorar mato R¹-de R¹-vir-NZR-N
 ‘demorou a vinda dele do mato’

771. *Ø-xu’ú inamiĩ-a Ø-iwyr-ahá-pe*
 3-morder cobra-N R²-voltar-NZR-LOC
 ‘a cobra o mordeu na volta dele’

O tipo de nominalização que corresponde à nominalização com *-ma’á* do Guajá foi denominada por Rodrigues (2001a:113) como “nominalização relativa” para o Tupinambá, podendo, segundo o autor, ser aplicada “não especificamente ao verbo, mas a quaisquer predicados com sujeito de 3ª pessoa, inclusive com núcleos nominais, acompanhados de seus diversos complementos.”

Com razão, o sufixo *-ma’á*, como já explicado acima, nominaliza qualquer tipo de predicado, seja ele verbal, adjetival ou nominal.

Com relação a tratar esse tipo de nominalização como relativa em Guajá, de acordo com Keenan (1985:160), as orações relativas devem conter um complementizador morfológico que as caracterize, seja este um pronome comum da língua (normalmente um pronome pessoal) ou um pronome relativo, específico para essa função (mas que também pode coincidir com pronomes demonstrativos ou interrogativos). Além disso, devem ter propriedades sintáticas de uma oração.

No Guajá, entretanto, o predicado nominalizado por *-ma’á* não tem propriedades sintáticas de uma oração, mas de um nome, podendo combinar-se – como qualquer outro

nome resultante de um processo de nominalização – com o sufixo de atualização nominal retrospectiva *-kér-* (ex. 1) e com o sufixo nominal *-a* (cf. ex. 732 repetido aqui como 772) .

772. *karai i-wé-ma'á-kér-a 'y-a u- 'ú*
 não-índio R²-sedento-NZR-RETR-N água-N 3-ingerir
 ‘o não-índio que estava com sede bebeu água’

Também não há em Guajá qualquer morfema ou item lexical correspondente a um complementizador, já que o sufixo *-ma'á* é um nominalizador, e, como tal, integra um mesmo paradigma junto com os demais afixos nominalizadores – estando, inclusive, em distribuição complementar com o sufixo *-hár-* na nominalização de predicados transitivos e intransitivos.

O predicado nominalizado por *-ma'á* não é um constituinte imediato do nome a que se refere, podendo ocorrer separado deste nome (ex. 773) e, inclusive, ser usado sozinho, como argumento da oração (ex. 774b):

773. *awá-wahy'a inajã-∅ n = u- 'új, i-mymy- 'y-ma'á-∅; i-kamykỹ ∅-tapá tá*
 Guajá-mulher-N inajá-N NEG = 3-comer-NEG R²-filho-NEG-NZR-N R²-leite 3-secar PROJ
 ‘a mulher Guajá que não tem filho não come inajá; o leite seca’

774. *jahá karai 'yr-a i- 'ĩ- 'y-ma'á-∅ a-xá*
 eu criança-N R²-dizer-NEG-NZR-N 1-ver
 ‘eu vi a criança que não fala’

- 774b. *jahá i- 'ĩ- 'y-ma'á-∅ a-xá*
 eu R²-dizer-NEG-NZR-N 1-ver
 ‘eu vi a que não fala’

Assim, no sentido definido por Keenan (*op. cit.*) não haveria, no Guajá, evidências de relativização do ponto de vista formal, mas apenas predicados nominalizados, de caráter

apositivo, que podem ser caracterizados como equivalentes funcionais de orações relativas,⁶⁴ sendo traduzidos para o português como tais.

Entretanto, outro ponto de vista também deve ser levado em consideração. Comrie (1981:137-138), ao definir a noção de orações relativas, demonstra que elas diferem consideravelmente em suas estruturas sintáticas através das línguas e afirma ser essencial para um estudo tipológico que estas diferentes estruturas sejam identificadas e levadas em consideração. Como exemplo, esse autor contrasta a estrutura de uma relativa do inglês com uma construção semanticamente correspondente no turco. A estrutura sintática da construção em turco é completamente diferente da do inglês, já que no turco a relativa trata-se de um verbo nominalizado que requer um sujeito no genitivo. Comrie afirma, então, que a estratégia de relativização do turco não pode ser definida como uma oração, mas que esta terminologia simplesmente reflete uma propriedade da sintaxe do inglês, em que a formação de relativas está restrita a orações com verbos finitos. Mas deixa claro que as construções do turco desempenham a mesma função da oração relativa do inglês, concluindo que as diferenças sintáticas entre as línguas devem ser deixadas de lado para que se possa compará-las em favor de uma definição mais geral de relativas. Dessa maneira, apresenta a seguinte definição para as orações relativas:

“Uma oração relativa consiste necessariamente de um núcleo e uma oração que o restrinja. O núcleo contém um certo número de referentes em potencial mas a oração restringe esse conjunto apresentando uma proposição acerca do referente da construção.”

No sentido apresentado por Comrie (*op. cit.*), as nominalizações do Guajá constituem estratégias de relativização, já que podem ser consideradas orações encaixadas, como nos exemplos apresentados anteriormente com o sufixo *-ma'á*.

Assim, não só o sufixo *-ma'á* mas também outros afixos nominalizadores podem exercer a mesma função de restringir os referentes potenciais do núcleo a que se referem, podendo ser interpretadas também como construções relativas:

⁶⁴ Essa é a conclusão a que chega Gomes (2007) para o nominalizador *iat* da língua Mundurukú, família Tupí.

775. *awá-wanihã-kér-a ma'á Ø-ika-hár-a o-hó ka'á-pe*
 Guajá-homem-RETR-N caça R¹-matar-NZR-N 3-ir mato-LOC
 ‘Os Guajá homens que são caçadores foram para o mato’
 (lit. ‘os Guajá homens, caçadores, foram para o mato’)
776. *awá Xirakapu-p-ahár-a Ø-tyrý kwý*
 Guajá Tiracambu-LOC-NZR-N 3-chegar aí
 ‘os Guajá que são do Tiracambú chegaram aí’
 (lit.: ‘os Guajá do Tiracambú chegaram aí’)
777. *nijã ari-rú ni = Ø-ma'ẽ-a aviãw Ø-pepe-hár-a?*
 você 2-trazer 2 = R¹-coisa-N avião R1-dentro-NZR-N
 ‘você trouxe a coisa (mochila) que você usa pra viajar de avião?’
 (lit. ‘você trouxe a sua coisa (mochila), a de dentro avião?’)
778. *a'é kawá Ø-rukú tá, ha = r-imi-ru-kér-a*
 DEM vasilha 3-ficar PROJ 1 = R¹-NZR-RETR-N
 ‘ele vai ficar com a vasilha que eu trouxe’
 (lit. ‘ele vai ficar com a vasilha, a trazida por mim’)
779. *Ø-jũ-pýr-a, tapi'ír-a, Ø-manũ ahá*
 R²-flechar-NZR-N anta-N 3-morrer CTF
 ‘a anta que foi flechada morreu (indo)’
 (lit. ‘a que foi flechada, a anta, morreu (indo)’)

6.3.3. Expressão dos argumentos

Nas nominalizações com os afixos *-há*, *-hár* e *-imi*, apenas um argumento é marcado junto ao verbo nominalizado, expresso na forma de um argumento dependente (nome ou pronome, precedido do prefixo relacional).

780. *iramirí* \emptyset -*ika-hár-a*
 passarinho R¹-matar-NZR-N
 ‘matador de passarinho’

781. *ha = r-imi-ru-kér-a*
 1 = R¹-NZR-trazer-RETR-N
 ‘o que foi trazido por mim’

O argumento de temas nominalizados com *-há* é interpretado como sendo O, se o radical é transitivo, e como sendo S, se o radical é intransitivo.

782. *ha = r-ixak-ahá- \emptyset*
 1 = R¹-ver-NZR-N
 ‘a circunstância de alguém me ver (a visão de mim)’

783. *ha = \emptyset -ijãñ-ahá- \emptyset*
 1 = R¹-cantar-NZR-N
 ‘a circunstância de eu cantar (o meu canto)’

784. *ha = r-ahy-há- \emptyset*
 1 = R¹-doente-NZR-N
 ‘a circunstância de eu estar doente (a minha doença)’

Nas situações que envolvem radicais transitivos e objeto de terceira pessoa, o verbo recebe um prefixo relacional que indica a contigüidade ou não do argumento interpretado como objeto:

785. *n = a-kwá-j* *takỹ* \emptyset -*'u-há- \emptyset*
 NEG = 1-saber-NEG tucano R¹-comer-NZR-N
 ‘não como tucano’ (lit. ‘não conheço a circunstância de comer tucano’)

786. *n = a-kwá-j* *i- 'u-há-∅*
 NEG = 1-saber-NEG R²-comer-NZR-N
 ‘não o como’ (lit. ‘não conheço a circunstância de comê-lo’)

Nas nominalizações com o sufixo *-ma'á* o tema vem sempre precedido pelo prefixo relacional de não-contiguidade. O argumento único do verbo intransitivo ocorre como Sa nos verbos intransitivos e como So nos adjetivos:

787. *∅-wata-ma'á-∅*
 R²-andar/caçar-NZR-N
 ‘o caçador’

788. *i-kirá-ma'á-∅*
 R²-gordo- NZR-N
 ‘o gordo’

Nos verbos nominalizados com *-py(r) ~ -pe(r)* o argumento com função de A não ocorre, o que resulta num processo de ‘desagentivização’ do radical transitivo, tornando-o capaz de ocorrer apenas com um argumento com função de So.

789. *Jakúxa'á ∅-xá xí Ajpó ∅-manõ-per-ér-a*
 Mércio 3-ver IMPERF POSS R²-enviar-NZR-RETR-N
 ‘possivelmente o Mércio a viu, a (carta) que foi enviada’

790. *ameté ∅-japo-per-ér-a*
 longe R²-fazer-NZR-RETR-N
 ‘o que foi feito há muito tempo’

É provável que, em Guajá, o argumento em função de A nunca ocorra neste tipo de nominalização, nem como um oblíquo. A construção abaixo foi testada por mim e rejeitada pelos falantes:

791. **Jakúxa* 'á \emptyset -xá xí Ajpó \emptyset -manõ-per-ér-a jahá \emptyset -pé
 Mércio 3-ver IMPERF POSS R²-enviar-NZR-RETR-N eu R¹-para
 ‘possivelmente o Mércio a viu, a (carta) que foi enviada por mim’

6.4. Reduplicação

O processo de reduplicação em Guajá consiste em três tipos diferentes de cópia de parte de um tema verbal ou adjetival, assinalando intensidade ou aspectos sucessivo e iterativo, dependendo do número de sílabas reduplicadas.

a. intensidade: reduplicação monossilábica da primeira sílaba

A reduplicação monossilábica da primeira sílaba do verbo ou do adjetivo pode exprimir tanto intensidade quanto longa duração ou grande quantidade. Cada uma dessas interpretações depende do significado do tema reduplicado.

792. *ma* 'awá iraparakwỹ- \emptyset \emptyset -ma.marõ
 quem cipó.títica-N 3-RED.cortar
 ‘quem tanto tirou cipó títica?’

793. *a-wy.wy* 'ú
 1-RED.beber.água
 ‘eu bebi muita água’

794. *xanĩ-a* i-wa.waré
 gato-N REFL/REC-RED.lamber
 ‘o gato se lambeu muito’

795. *a-me.me'ẽ* *xí* *h-aká = pa*
 3-RED.olhar IMPERF R²-procurar = GER
 ‘eu olhava bem, procurando-o’

796. *i-ki.ki-hý*
 R²-RED.tímido-INTS
 ‘ele é muito tímido’

b. Aspecto sucessivo: reduplicação monossilábica da segunda sílaba

A reduplicação monossilábica da segunda sílaba do verbo ou do adjetivo exprime sucessividade.

797. *∅-japi.pí* *haraká* *i-pý-pe*
 3-arremessar.RED C.C R²-pé-LOC
 ‘chutou (a bola) várias vezes’

798. *∅-mata.ta.rõ* *karai-a* *irá-∅* *iká* *anỹ*
 3-podar.RED não.índio-N árvore-N POS1 CONJ
 ‘o não-índio podou as árvores uma após a outra’

799. *∅-kaxa.xa.ru-hú*
 R²-listrado-INTS
 ‘tem muitas listras, uma após a outra’

c. Aspecto iterativo: reduplicação dissilábica

A reduplicação dissilábica exprime iteratividade, isto é, exprime um processo repetido diversas vezes.

800. *taký-a* *irá-∅* *∅-marõ.marõ* *iká* *anỹ*
 faca-N árvore-N 3-cortar.RED POS1 CONJ
 ‘e a faca ficou cortando a árvore’

801. *a-me'ẽ.me'ẽ iká pé Ø-wý r-ipí*
 1-olhar.RED POS1 caminho R¹-beira R¹-por
 'eu fiquei olhando à beira do caminho'

Quando o tema é monossilábico, a duplicação da sílaba pode indicar qualquer um dos aspectos acima:

802. *a-kwa.kwá ha = r-ipá r-ehé*
 1-amarrar.RED 1 = R¹-casa R¹-sobre
 'amarrei bem (a palha)/amarrei (as palhas) uma após a outra/ fiquei a amarrar
 (a palha) sobre a minha casa'

803. *Ø-po.pó*
 3-pular.RED
 'pulou muito/pulou uma vez após a outra/ficou a pular'

6.5. Um tipo especial de incorporação

Há no Guajá um processo lexical em que temas de certos verbos (ex. 804), adjetivos (ex. 805) ou nomes qualificadores (ex. 806) incorporam-se a um núcleo modificando seu significado.

Apesar de as construções que serão aqui apresentadas muitas vezes admitirem interpretação adverbial, não se pode afirmar, no Guajá, que se trate da incorporação de advérbios, pois os advérbios não ocorrem em posição fixa obrigatória⁶⁵.

Como se trata da combinação de dois temas justapostos, poder-se-ia pensar numa espécie de composição que resulta num novo item lexical. No entanto, a composição gera uma nova palavra no léxico da língua, o que não parece ser o caso, pois o processo ilustrado

⁶⁵ Givón (1980) propõe que, em algumas línguas, como em Ute (família Uto-Azteca), nomes, verbos ou adjetivos podem ser incorporados ao verbo como advérbios de modo.

aqui é produtivo e regular, podendo ocorrer, em princípio, com qualquer tema na língua sem resultar, necessariamente, num processo de formação de palavras.

Tal fenômeno lexical será aqui tratado como um tipo especial de incorporação – diferente da incorporação nominal – em que um tema mais baixo hierarquicamente é incorporado a um núcleo lexical produzindo um resultado semântico específico.

Observa-se que há uma hierarquia entre os temas envolvidos na incorporação porque o núcleo formal, seja ele um verbo, um nome ou um adjetivo, recebe a flexão própria de sua classe. Como o primeiro tema mantém sua flexão, o segundo tema (verbo, adjetivo ou nome qualificador) é considerado o mais baixo na hierarquia.

Um verbo, por exemplo, ao combinar-se com os temas que serão apresentados a seguir, não perde suas características, isto é, sua valência e subcategorização (seleção de sujeitos com características semânticas específicas) continuam as mesmas.

804. *ha = n-imi- 'ú-a* *a- 'ú-pá*

1 = R¹-NZR-comer-N 1-comer-terminar

‘eu terminei de comer minha comida’

805. *a- ã-mynyhỹ* *ni = Ø-pé*

1-dizer-errado 2 = R¹-para

‘eu disse errado para você’

806. *areá* *ari-keré-pý* *tá* *xía* *Xirakapú-pe*

nós 123-dormir-princípio PROJ aqui Tiracambu-LOC

‘antes/primeiro nós dormimos aqui no Tiracambu’

Esse processo especial de incorporação é comparável ao que ocorre quando um predicado é associado a partículas intra-predicado (cf. 2.4.4.5), pois, assim como elas, os temas incorporados ao núcleo lexical ocorrem numa posição fixa posterior a esse núcleo, antes de sufixos flexionais, exprimindo aspecto, maneira e tempo, e modificando o significado deste núcleo sem mudar suas características morfológicas e sintáticas. A diferença entre os dois é que os temas incorporados ao núcleo lexical funcionam

separadamente como adjetivos, verbos e nomes qualificadores, enquanto as partículas só ocorrem associadas a predicados.⁶⁶

Os temas verbais que se incorporam modificam ou combinam significado com o tema núcleo. O produto semântico dessa incorporação confere ao predicado uma noção de aspecto lexical ou de modalidade ao predicado se o tema que se incorpora for um verbo; uma noção adverbial de maneira se o tema que se incorpora for um adjetivo e uma noção adverbial de tempo relativo se o tema que se incorpora for um nome qualificador. Os temas registrados até o momento são:

a. Temas verbais

Entre os temas verbais que se incorporam, dois exprimem aspecto cessativo, mas um deles, *pá*, ocorre exclusivamente com temas verbais, enquanto o outro, *kwá*, ocorre com temas adjetivais e com temas verbais que estão na fronteira entre verbos e adjetivos por exprimirem estados.

tema:	como item lexical significa:	como modificador exprime:
<i>-pá</i>	‘terminar/acabar’	aspecto cessativo (em núcleos verbais)
<i>-kwá</i>	‘passar’	aspecto cessativo (em núcleos adjetivais e verbais)
<i>-kwá</i>	‘saber/conhecer’	habilidade/potencialidade (em núcleos verbais)

807. *h-awá kó-a anỹ. h-awá. h-awá-pá*
 3-pegar.fogo roça-N CONJ 3-pegar.fogo 3-pegar.fogo-terminar
 ‘A roça pegou fogo. Ficou queimando. Terminou de pegar fogo.’

808. *a-wa’á tapó ha = Ø-kahá-pe ha = Ø-kara’ahỹ-kwá = pa*
 1-cair POS4 1 = R¹-rede-LOC 1 = R¹-cansado-passar = GER
 ‘eu deitei na minha rede para deixar de ficar cansado’

⁶⁶ É possível que tais temas estejam à caminho da gramaticalização e que um dia venham a tornar-se partículas intra-predicados, como provavelmente aconteceu com a partícula *tá ~ matá* de aspecto projetivo. Essa partícula pode ter resultado da gramaticalização do verbo **-matá* ‘querer’ (PTG **-potár*) numa posição pós-núcleo do predicado, já que, sincronicamente, não existe o tema lexical no Guajá, somente a partícula com sua função gramatical.

809. *awá-wahý-kér-a* \emptyset -*imahý-kwá* *anyĩ*
 Guajá-mulher-COL-N 3-estar.zangado-passar CONJ
 ‘e então as mulheres Guajá deixaram de ficar bravas’
810. *awá-wahý-ury-hú-a* *kahá* *ni = \emptyset -japó-kwá-j*
 Guajá-mulher-novo-INTS-N rede NEG = 3-fazer-saber-NEG
 ‘a mulher Guajá muito nova não sabe fazer rede’
811. *awá-wahý-a* *takỹ* *r-o’ó-kér-a* *n = u-’ú-kwá-j*
 Guajá-mulher-N tucano R¹-carne-RETR-N NEG = 3-comer-saber-NEG
 ‘a mulher Guajá não pode comer carne de tucano’

b. Temas adjetivais

tema:	como item lexical significa:	como modificador exprime:
<i>-parahỹ</i>	‘certo/bonito/consertado/bom/bem’	maneira
<i>-mynyhỹ</i>	‘errado/feio/estragado/ruim/mal’	maneira
<i>-apáj</i>	‘rápido’	maneira
<i>-mé</i>	‘devagar’	maneira

812. \emptyset -*japó-mynyhỹ* *t-apãj* \emptyset -*itá- \emptyset* *a’iá*
 3-construir-mal R⁴-casa R²-cobertura-N ele
 ‘ele construiu mal o telhado da casa’
813. *xirú-mynyhỹ-kér-a* *a-pyhý* *harawá*
 roupa-estragada-RETR-N 2/IMP-pegar CTP2
 ‘pegue e traga uma roupa estragada e abandonada’
814. \emptyset -*káe-parahỹ*
 3-queimar-bem
 ‘queimou bem (a roça)’

815. *kamixá-∅ ∅-watá-mé*
 jabuti-N 3-andar-devagar
 ‘o jabuti anda vagorosamente’

816. *a-jú-apáj rí*
 2/IMP-vir-depressa logo
 ‘venha logo rapidamente’

c. Temas nominais

tema	como item lexical significa:	como modificador exprime:
<i>-puhú</i>	‘novo’	tempo
<i>-py</i>	‘primeiro’	tempo

817. *n = a-jahó-puhú-j Parasi r-ipí*
 NEG = 1-ir-novo-NEG Brasília R¹-por
 ‘eu não fui recentemente a Brasília’

818. *xirú-puhú-a a-rukú tá*
 roupa-nova-N 1-ter PROJ
 ‘eu quero ter uma roupa nova’

819. *a-jahó-py tá Sãlui-pe terẽ ∅-pepé*
 1-ir-primeiro PROJ São.Luis-LOC trem R¹-de
 ‘primeiramente eu vou a São Luis de trem’

7

Tipos de predicados

Há em Guajá quatro tipos diferentes de predicados que se distinguem uns dos outros por suas características morfossintáticas.

Entre estes quatro tipos, dois se diferenciam quanto ao paradigma de pessoa que admitem: um admite, de maneira exclusiva, dois paradigmas de pessoa enquanto o outro admite apenas um. Entre os que admitem só um paradigma, há uma subdivisão: (i) aqueles que admitem apenas um dos paradigmas e (ii) aqueles que admitem apenas o outro. Tais predicados são, respectivamente, os predicados transitivos e os intransitivos, estes últimos subdivididos, por sua vez, em eventivos e estativos.

Além desses, há ainda os predicados existenciais que, apesar da aparente semelhança morfológica com os predicados intransitivos estativos, apresentam características próprias que justificam tratá-los como um tipo diferente de predicado; e os predicados equativos, que também se distinguem morfológica e sintaticamente dos demais.

Os diferentes tipos de predicados serão analisados neste capítulo 7.

7.1. Predicados transitivos

No Guajá há um tipo de predicado que admite dois diferentes paradigmas pessoais, o paradigma dos prefixos pessoais e o paradigma dos pronomes dependentes, estes últimos relacionados ao núcleo do predicado por meio dos prefixos relacionais. Os predicados que podem ocorrer com esses dois paradigmas pessoais, mesmo que mutuamente exclusivos, são predicados transitivos, que admitem duas possibilidades de participantes, cada um com um papel semântico diferente. O núcleo desses predicados é um verbo – no caso, transitivo –, pois as condições de existência a que esses predicados remetem são eventos, ou seja, os predicados transitivos são sempre eventivos.

Como já descrito em 5.3, a seleção do participante depende da hierarquia referencial vigente na língua. Quando A é marcado nos verbos transitivos, a pessoa é identificada pelos prefixos pessoais. Para ilustrar a realização dos participantes nos núcleos dos predicados utilizarei a primeira pessoa do singular.

a. Expressão do ‘realizador’ do evento nos predicados transitivos

820. *a-pyhy'*
 1-pegar
 ‘eu o peguei’

Quando O é marcado nos verbos transitivos, a pessoa é identificada pelos pronomes pessoais dependentes, que são associados ao verbo por meio dos prefixos relacionais.

b. Expressão do ‘experienciador’ do evento nos predicados transitivos

821. *ha = Ø-pyhy'*
 1 = R¹-pegar
 ‘(ele/você) me pegou / me pegue!’

7.2. Predicados intransitivos

Os predicados intransitivos são aqueles que ocorrem com apenas um participante, isto é, admitem um único argumento. No entanto, há duas formas diferentes de expressar a pessoa desse participante único, e a escolha da marcação de pessoa caracteriza uma subdivisão dentro da classe dos predicados intransitivos.

7.2.1. Cisão dos predicados intransitivos

Como em outras línguas da família Tupí-Guaraní, no Guajá, a pessoa do argumento único dos predicados intransitivos pode ser marcada por meio de dois paradigmas diferentes que definem uma cisão nesses predicados. Os dados abaixo ilustram as duas maneiras diferentes de expressar pessoa nos predicados intransitivos:

a. predicado intransitivo cujo argumento único é expressa pelos prefixos pessoais:

822. *a-wyhy'*
 1-correr
 '(eu) corri'

b. predicado intransitivo cujo argumento único é expressa por pronomes dependentes:

823. *ha = r-ahy'*
 1 = R¹-doente
 'eu estou doente'

Aqueles que admitem o paradigma de prefixos pessoais, que nos predicados transitivos corresponde à marca do 'realizador' do evento, têm como núcleo um verbo (intransitivo), pois as condições de existência a que esse predicado remete são eventos.

Aqueles que admitem o paradigma de pronomes dependentes, que nos predicados transitivos corresponde à marca do 'experienciador', têm como núcleos adjetivos, pois as condições de existência a que esse predicado remete expressam estados.

7.2.1.1. Predicados intransitivos eventivos (núcleo: verbos)

Como já demonstrado, o prefixo pessoal *a-* 'eu' no predicado intransitivo do exemplo 822 acima tem a mesma forma que a do argumento que ocorre semanticamente como realizador do evento nos predicados transitivos.

Estes predicados intransitivos, que aparecem com os prefixos pessoais, têm como núcleo verbos de ação como: *-jahó* 'ir', *-wyhy'* 'correr', *-watá* 'andar', *-wuxí* 'entrar', *-wewé* 'voar', *-maká* 'sorrir', *-pó* 'pular', *-já* 'cantar', *-kaj'ã* 'assobiar', *-ú* 'chegar', *-iwý* 'voltar', *-kamõ* 'mamar', *-juhú* 'banhar', *-pa'y'* 'levantar', *-wapý* 'sentar' e muitos outros, que requerem argumentos semanticamente agentes. No entanto, agentividade não pode ser o traço definidor desse tipo de predicado, na medida em que outros verbos que aparecem com os mesmos prefixos pessoais exprimem ações não envolvendo um argumento agente: *-wa'á*

‘cair’, *-keré* ‘dormir’, *-manũ* ‘morrer’, *-muhý* ‘sonhar’, *-jaxĩ* ‘espirrar’, *-i’ú* ‘tossir’, *-hú* ‘vomitar’, *-kaka’á* ‘defecar’, *-kakarú* ‘urinar’, *-punũ* ‘peidar’, *-metẽ* ‘respirar’, entre outros.

Portanto, já que os argumentos dessa subclasse não podem ser considerados sempre como agentivos, os predicados intransitivos formados por tais temas serão caracterizados como aqueles que denotam eventos⁶⁷. De acordo com Mithun (1991), esse tipo de predicado envolve “uma certa dinamicidade ou mudança através do tempo”.

7.2.1. 2. Predicados intransitivos estativos (núcleo: adjetivos)

O pronome dependente *ha* ‘eu’ no predicado intransitivo do exemplo 823 acima tem a mesma forma que a do argumento que ocorre semanticamente como experienciador do evento nos predicados transitivos.

Os predicados intransitivos que expressam pessoa por meio dos pronomes dependentes têm como núcleo temas como: *-ahý* ‘doente’, *-atỹ* ‘forte/duro’, *-kara’ahỹ* ‘cansado’, *-kirá* ‘gordo’, *-mukú* ‘alto/comprido’, *-parahỹ* ‘bonito/certo’, *-mynyhỹ* ‘feio/errado’, *-jamyhỹ* ‘faminto’, *-pa’aruhú* ‘grávida’, entre outros, formando predicados que podem ser caracterizados como aqueles que denotam estados e “implicam uma certa estabilidade temporal” (Mithun, 1991).

Assim, a cisão dos predicados intransitivos distingue eventos de estados, o que, segundo Mithun (opt. cit.), caracteriza as noções aspectuais.

Os predicados eventivos (formados por verbos transitivos e intransitivos) apresentam particularidades sintáticas distintas daquelas dos estativos (formados por adjetivos). Tais particularidades, possivelmente decorrentes de mudanças estruturais ocorridas ao longo da história mais recente da língua Guajá, diferenciam-na das demais línguas da família Tupí-Guaraní. Elas serão mencionadas no capítulo 9, ao se tratarem as orações subordinadas da língua.

⁶⁷ Constituem aparente exceção os verbos que, como já mencionado, encontram-se na fronteira semântica entre os verbos e os adjetivos, como *-irará* ‘alegrar-se’ e *-ikaty* ‘estar.bem/bom’, que em outras línguas ocorrem com flexão relacional e não pessoal, sendo, portanto, interpretados como um nome ou verbo descritivo.

7.3. Predicados existenciais (núcleo: nomes)

Payne (1997) define as construções existenciais de acordo com cinco características básicas:

- a. Construções existenciais tipicamente requerem um adjunto locativo ou temporal;
- b. Existenciais têm uma função tipicamente apresentativa, isto é, introduzem participantes no discurso, uma vez que os elementos nominais das orações existenciais são quase sempre indefinidos;
- c. Geralmente não há ou são reduzidas as evidências de relações gramaticais nas construções existenciais (como marca de caso, concordância verbal, etc);
- d. Comumente compartilham traços com predicados nominais (ex. cópula);
- e. Muitas vezes têm estratégias especiais de negação (ex. um verbo que signifique “to lack” (inexistir), como no turco e no russo).

Em cotejo com a listagem de Payne, as construções existenciais (ou predicados existenciais) do Guajá apresentam as seguintes características:

a. Podem ocorrer com adjuntos, mas não necessariamente:

É comum que os predicados existenciais ocorram acompanhados por adjuntos locativos, mas esta não é uma condição necessária para a sua realização.

824. *tapi'í* (*ka'á-pe*)
 anta (mato-LOC)
 ‘tem anta (no mato)’ (lit. ‘anta (existe) (no mato)’)

b. Podem ter função apresentativa:

Uma das funções dos predicados existenciais é a de apresentar novos participantes no contexto discursivo. O exemplo abaixo foi realizado pelo falante ao apontar um macaco a fim de introduzir o participante ‘piolho’ na conversa.

825. *i-ky*
 R²-piolho
 ‘(ele) tem piolho’ (lit. ‘piolho dele (existe)’)

No entanto, no trecho da história apresentada a seguir, a construção existencial apenas acrescenta uma informação sobre o participante *Maxikúa* que é o foco do contexto e continua a sê-lo:

826. *Maxikú-a Ø-imahý raká xĩ*
 Maxikú-N 3-zangar.se AT1 PERF
 ‘Maxikúa ficou zangada.’

827. *a'é rapé i-mẽ xie Xirakapú-pe jehe'é*
 DEM PERFT R²-marido aqui Tiracambú-LOC PERFT
 ‘ela já tem marido aqui no Tiracambú.’

828. *a'é ni = Ø-pyhy tár-i-hí amõ awá i-mẽn-ime anyẽ*
 DEM NEG = 3-pegar PROJ-NEG-INTS outro Guajá R²-marido-TRANS CONJ
 ‘E ela não vai pegar outro Guajá como seu marido’

c. São reduzidas as relações gramaticais nas construções existenciais:

Uma evidência de que realmente os predicados existenciais dispõem de reduzidas relações gramaticais é o fato de que, diferentemente dos outros tipos de predicados, eles não ocorrem como orações subordinadas adverbiais finais ou consecutivas.

Predicados estativos (que têm adjetivos como núcleo) (ex. 829) e predicados eventivos (que têm verbos como núcleo) (ex. 830), podem ocorrer como uma oração adverbial de finalidade (modo gerúndio), quando são precedidos por uma oração com o mesmo sujeito, enquanto que com predicados existenciais isso não acontece:

829. *a-’ú tá ha = Økirá = pa*
 1-comer PROJ 1 = R¹-gordo = GER
 ‘eu vou comer para ficar gordo’

830. *a-jahó tá i-’ú = pa*
 1-ir PROJ R²-comer = GER
 ‘eu vou para comê-lo’

Predicados estativos (ex. 831), e predicados eventivos (ex. 832), podem ocorrer também como orações adverbiais consecutivas (modo consecutivo), ao contrário de predicados existenciais:

831. *a-jahó tá ha = r-ipá-pe i-kirá nẽ*
 1-ir PROJ 1 = R¹-casa-LOC R²-gordo CONS
 ‘eu voltarei para a minha casa depois que ele engordar’

832. *Ø-ahó ha-já i-’ú nẽ*
 3-ir R²-de R²-comer CONS
 ‘saiu de lá depois de comer’

Outro indício de que são reduzidas as relações gramaticais nos predicados existenciais é o fato de não haver sujeito nessas construções. Como ilustrado nos exemplos 833 e 834 a seguir, nas construções existenciais o predicado é um todo monovalente, desprovido de sujeito, tendo como núcleo um nome com ou sem determinante:

833. *tapi'i*
 anta
 ‘tem anta’ (lit. ‘anta (existe)’)
834. *ha = r-a'y*
 1 = R¹-filho
 ‘eu tenho filho’ (lit. ‘meu filho (existe)’)

Num sintagma nominal constituído de nome com determinante (ex. 834), este último não estabelece relação com nada fora do sintagma, ou seja, ele tem relação com o nome núcleo, mas o conjunto fica desligado de todo participante exterior.⁶⁸ Assim, o pronome dependente de primeira pessoa *ha* ‘meu’ do exemplo 834 não tem relação com o referente do nome determinante *-mymy* ‘filho’.

Há razões plausíveis para se sustentar a hipótese da inexistência de sujeito nas orações existenciais do Guajá. Isto porque, apesar da semelhança morfológica, há diferenças entre os predicados existenciais (ex. 834, repetido aqui como 835) e os predicados estativos (que têm adjetivos como núcleo) (ex. 836), que permitem considerar que apenas estes últimos sejam providos de um argumento sujeito (So).

835. *ha = r-a'y*
 1 = R¹-filho
 ‘eu tenho filho’ (lit.:meu filho (existe))
836. *ha = r-ahy*
 1 = R¹-doente
 ‘eu estou doente’

⁶⁸ Givón (2001, Vol. II, p.261-262) se refere ao elemento nominal das construções existenciais como um sujeito não prototípico, que não exhibe propriedades típicas de comportamento-e-controle de sujeito (alçamento, complementação e relativização).

As evidências morfossintáticas para se propor a inexistência de sujeito nos predicados existenciais são:

i. O sujeito de predicados estativos (ex. 837) pode ser uma oração nominalizada, isto é, quando adjetivos figuram como núcleo do predicado de uma oração principal, as orações dependentes são obrigatoriamente nominalizadas e exercem a função de sujeito:

837. \emptyset -*mynyhỹ* *ka'á* *r-ipí* \emptyset -*watá-há- \emptyset* *ihá* \emptyset -*pé*
 R²-ruim mato R¹-por R¹-andar-NZR-N eu R¹-para
 ‘é ruim para mim andar pelo mato’ (lit. ‘é ruim a andação pelo mato para mim’)

As construções existenciais, ao contrário, não exigem uma oração nominalizada com função de sujeito.

ii. A partícula final *wỹ*, que indica que o sujeito do predicado é plural, ocorre apenas com predicados estativos (ex. 838) e eventivos (ex. 839), sendo agramatical uma construção em que ela ocorresse com predicados existenciais (ex. 840):

838. *i-kirá* *wỹ*
 R²-gordo PLU
 ‘eles estão gordos’

839. \emptyset -*keré* *wỹ*
 3-dormir PLU
 ‘eles dormiram’

840. **i-mymý* *wỹ*
 R²-filho PLU
 ‘elas têm filho’

Isso comprova que predicados existenciais não podem ter sujeito., ao contrário dos predicados estativos e eventivos.

A única forma de indicar a pluralidade em orações existenciais é por meio do pronome clítico de terceira pessoa plural, exclusivo dos nomes, homônimo à partícula que indica pluralidade do sujeito:

841. *a'é rapé wỹ = n-imirikó jehe'é*
 DEM PERFT 33 = R¹-esposa PERFT
 ‘eles já têm esposa’

Com tudo o que foi exposto até aqui, fica ainda uma questão: se os predicados existenciais são desprovidos de sujeito, como classificar a função sintática de *Maxikú-a* em 842?

842. *Maxikú-a i-mymý*
 Maxikú-N R²-filho
 ‘Maxikúa tem filho’ (lit. ‘Maxikúa filho dela (existe)’)’

Foley & Van Valin (1985:355) apontam a possibilidade de interpretar um sintagma nominal como externo à estrutura da oração. Tal sintagma nominal, se localizado à esquerda da oração, pode ser interpretado de duas maneiras:

“(...) topicalização e deslocamento à esquerda envolvem a ocorrência de um SN tópico externo seguido por uma sentença que se relaciona com ele de alguma maneira. (...) As duas construções são diferenciadas formalmente pela existência de um elemento pronominal que se refere ao tópico nos deslocamento à esquerda; e isso não existe nas topicalizações.” (grifo meu)

Andrews (1985:81-85), ao descrever as funções externas do SN, também estabelece diferenças entre dois processos de topicalização à esquerda, enfocando a presença ou não de um elemento pronominal como a base desta distinção:

“a. Topicalization:

Spaghetti on toast I find to be an absolutely revolting way to begin morning.

b. Left-dislocation:

Word-processors, I sometimes think they should be recycled into Space Invaders machines.”
(grifo meu)

Levando-se em consideração essas duas análises, o exemplo 842, repetido abaixo em 843, ilustraria um processo de topicalização, onde *Maxikúa* seria um sintagma nominal externo seguido por uma oração que se relaciona com ele sem a existência de um elemento pronominal.

843. *Maxikú-a* *i-mymý*
 Maxikú-N R²-filho
 ‘Maxikúa tem filho’ (lit. ‘Maxikúa filho dela (existe)’)

O que se pode concluir dessa análise é que, em Guajá, numa construção existencial cujo núcleo é um nome com determinante obrigatório como *-mymý* ‘filho de’, quando se faz necessário explicitar o referente do determinante não-contíguo, ele não pode aparecer dentro da oração como em (ex. 844), que é agramatical:

844. **Maxikú* *∅-mymý*
 Maxikú R¹-filho
 ‘Maxikúa tem filho’ (lit. ‘filho da Maxikú (existe)’)

Assim, a única maneira de se expressar o referente é por meio de um sintagma nominal externo.

7.4. Predicados equativos

Os predicados equativos são assim denominados por expressarem uma equação entre dois referentes nominais. De acordo com Rodrigues (2001a:111), “os predicados nominais equativos têm por núcleo um nome (...) o qual normalmente precede o sujeito (...), mas também pode segui-lo com pequena pausa interposta.” Tal explicação, formulada para descrever os predicados equativos do Tupinambá, pode ser estendida também para a língua Guajá. Assim, tais predicados podem ser representados da seguinte forma:

$$\text{SN} = \text{SN}$$

O nome que exerce a função de núcleo do predicado ocorre marcado pelo sufixo nominal *-a*, da mesma forma que o nome que exerce a função de sujeito (So). Essa equação entre os dois referentes nominais pode expressar, nas palavras de Seki (2000:161) “função, papel ou identidade, correspondendo a construções com os verbos ser e estar do Português”.

845. *a'é i-mén-a*
 DEM R²-marido-N
 ‘ele é o marido dela’

846. *Jamakwarér-a ha = r-awirok-ahá-∅*
 Jamakwaré-N 1 = R¹-nomear-NZR-N
 ‘meu nome é Jamakwaréra’

Givón (2001:120-121) denomina tais tipos de predicados como orações copulares com cópula zero, isto é, segundo o autor, “em muitas línguas, orações copulares podem aparecer sem seu núcleo verbal (‘ser/estar’)”, como é o caso do Guajá, uma língua em que não há cópula. Semanticamente, tais orações copulares representam estados temporários ou

permanentes. O seu sujeito ocupa o papel semântico de paciente e a maioria da carga léxico-semântica do predicado é expressa pelo próprio predicado não verbal.

Em Guajá, o núcleo do predicado nominal equativo é marcado por meio do sufixo nominal *-a*. O sufixo de atualização nominal retrospectiva *-kér-* pode ocorrer indicando a existência virtual de um referente nominal.

847. *Apimentá-∅ ∅-wahý-kér-a*
 Apimentá-N R²-mulher-RETR-N
 ‘Apimentá (que já morreu) era mulher’

É comum também que o núcleo desse tipo de predicado seja um nome resultante de uma nominalização:

848. *Manináva-∅ i-mymy-kwa-’ỹ-ma’á*
 Marinalva-N R²-filho-saber-NEG-NZR-N
 ‘Marinalva é a que não sabe ter filho’

849. *jawár-a arapahá ∅-’u-hár-a*
 onça-N veado R¹-comer-NZR-N
 ‘a onça é comedora de veado’

850. *jakaré ’ý-p-ahár-a a’iá*
 jacaré água-LOC-NZR-N ele
 ‘ele é um jacaré da água’

851. *jahá papé ∅-japo-hár-a*
 eu papel R¹-fazer-NZR-N
 ‘eu sou professor’

Nomes qualificadores podem ser núcleos de predicados equativos (exs. 852-854) e também sujeitos (ex. 855):

852. *i-puhú-a* *papé* \emptyset -*japó-há- \emptyset* *kú-a*
 R²-novo-N papel R¹-fazer-NZR-N este-N
 ‘este lápis é novo’

853. *jahá* *ha = \emptyset -wanihã-aryhú-a*
 eu 1 = R¹-homem-jovem-N
 ‘eu sou um homem jovem’

854. *jahá* *i-xa’áer-a*
 eu R²-velho-N
 ‘eu sou velho’

855. *i-pý-a* \emptyset -*wahý-a* *tá*
 R²-primeiro-N R²-mulher-N PROJ
 ‘o primeiro será mulher’

O sujeito (So) pode ser expresso por um nome, mas também por pronomes independentes ou demonstrativos:

856. *Rosana* *r-aphiár-a* *Rosimeire- \emptyset* ; *h-aphianã- \emptyset* *Madá- \emptyset*
 Rosana R¹-irmã-N Rosimeire-N R²-amigo-N Madá-N
 ‘a irmã da Rosana é a Rosimeire; Madá é a amiga dela’

857. *jahá* *tapi’ír-a*
 eu anta-N
 ‘eu sou anta’ (porque tenho um bom olfato)

858. *a'é i-tamỹ-a*
 DEM R²-chefe-N
 ‘ele é (o) chefe’

O sintagma nominal correspondente ao sujeito pode ser elidido da oração, desde que o contexto discursivo explicita seu referente. No exemplo 859b abaixo, o predicado nominal equativo ocorre sem o sujeito esperado porque este já está subentendido na pergunta (ex. 859a):

- 859a. *ma'á kwý?*
 que ali/aquilo
 ‘o que é aquilo ali?’

- 859b. *tatú-a*
 tatu-N
 ‘(aquilo) é um tatu’

Em Guajá, apesar de o núcleo do predicado equativo ser marcado por afixos flexionais próprios de nomes, há evidências sintáticas de que essa construção é formada, como já mencionado, por um nome com função de sujeito e outro com função de predicado. Isto porque, como qualquer outro tipo de predicado, os predicados nominais equativos são capazes de ativar o modo gerúndio quando seu sujeito é co-referente ao sujeito da oração subordinada de finalidade:

860. *a'é t-u-kér-a Ø-imahýk-á*
 DEM R²-pai-Retr-N 3-estar.bravo-GER
 ‘esse que era pai estava bravo’ (pois o filho morreu)

Como qualquer outro tipo de predicado, eles também podem ocorrer com partículas aspectuais e evidenciais, como ilustrado abaixo.

861. *jahá rapé literãsa-∅ jehe'é*
 eu PERFT liderança-N PERFT
 ‘eu já sou uma liderança’

862. *a'é ∅-pinuhũ-ma'á-∅ raká*
 DEM R²-preto-NZR-N AT1
 ‘esse (óculos) é o que é o preto’

Portanto, os predicados nominais equativos constituem evidência de que os nomes nessa língua podem ocorrer como argumentos e como núcleos de predicados, mas a morfologia própria desta classe, como o sufixo nominal *-a* e o sufixo de atualização nominal *-kér-*, está presente independentemente dessas funções sintáticas.

Para finalizar, é interessante ressaltar a diferença semântica entre as construções formadas por predicados equativos e as formadas por predicados verbais acompanhados de adjuntos adverbiais translativos, já que ambas relacionam o sujeito com uma função ou propriedade que o caracteriza:

863. *jahá papé ∅-japo-hár-a*
 eu papel R¹-fazer-NZR-N
 ‘eu sou professora’

864. *jahá a-jkú papé ∅-japo-há-reme*
 eu 1-ficar papel R¹-fazer-NZR-TRANS
 ‘eu me tornei professora’ (lit. ‘eu fiquei como professora’)

Como a tradução pretende ilustrar, a diferença semântica entre as duas construções reside no fato de as construções com predicado equativo enfatizarem a identidade do sujeito com a propriedade/função referida pelo nominal em função de predicado, enquanto as construções com adjuntos translativos enfatizam a aquisição dessa propriedade/função. Estas últimas além de mostrarem o resultado de um processo, promovem a interpretação de uma situação provisória, transitória.

8

Orações independentes

As orações independentes do Guajá diferem das orações dependentes quanto à marcação de pessoa e quanto à negação.

Entre as orações independentes, com exceção do modo indicativo II, nos núcleos dos predicados eventivos a pessoa do sujeito é marcada por meio dos prefixos pessoais ou dos pronomes dependentes, de acordo com a hierarquia referencial, e nos núcleos dos predicados estativos e existenciais a pessoa é marcada sempre por meio dos pronomes dependentes associados ao núcleo pelos prefixos relacionais.

Neste capítulo serão apresentadas as orações independentes, que podem ocorrer nos modos indicativo I, indicativo II, imperativo e exortativo. Diferentes afixos e partículas clíticas distinguem esses modos verbais, como será descrito a seguir.

8.1. Modo indicativo I

As orações independentes no modo indicativo I denotam a simples realização do evento, estado ou condição de existência expressos pelos seus respectivos núcleos verbais, adjetivais ou nominais. A negação do núcleo do predicado no modo indicativo é marcada concomitantemente pelo proclítico $ni= \sim nV= \sim n=$, posicionado imediatamente antes do marcador de pessoa, e pelo sufixo $-í \sim -j \sim -kí \sim -rí$, posicionado após o núcleo do predicado.

São exemplos de orações no modo indicativo:

a. Em predicados eventivos:

865. *jahá piraxĩ-a a-’ú*
 eu curimatá-N 1-comer
 ‘eu comi curimatá’

866. *ha = r-ixá nijã*
 1 = R¹-ver você
 ‘você me viu?’
867. *∅-ú ha-jpá r-ia a'ia*
 3-vir R²-casa R¹-de ele
 ‘ele veio da casa dele’
868. *n = a- 'ú-j pirá-∅*
 NEG = 1-comer-NEG peixe-N
 ‘não comi peixe’
869. *na = ha = r-ixak-i nijã*
 NEG = 1 = R¹-ver-NEG você
 ‘você não me viu’
870. *Teremĩ-a n = ∅-ur-i*
 Teremĩ-N NEG = 3-vir-NEG
 ‘Teremĩ não veio’
- b. Em predicados estativos:**
871. *h-é ra'ó 'y-a*
 R²-gostoso muito água-N
 ‘a água está muito gostosa’
872. *ni = ∅-ta'amuhũ má nijã*
 2 = R¹-molhado COMPL você
 ‘você está completamente molhado!’

873. *ne = h-é-j*
 NEG = R²-gostoso-NEG
 ‘não é gostoso’

874. *ni = ni = Ø-ta'amuhũ-kí*
 NEG = 2 = R¹-molhado-NEG
 ‘você não está molhado’

c. Em predicados existenciais:

875. *kwarahý'*
 sol
 ‘tem sol’

876. *jahá ha = Ø-py'y'*
 eu 1 = R¹-pulseira
 ‘eu tenho pulseira’

877. *na = kwarahý'-kí*
 NEG = sol-NEG
 ‘não tem sol’

878. *na = ha = Ø-py'yr-i*
 NEG = 1 = R¹-pulseira-NEG
 ‘eu não tenho pulseira’

Uma maneira alternativa de afirmar a não existência de uma entidade é por meio da partícula-predicado *na'axí* ‘não há’, que resulta numa construção semanticamente parecida com a negação dos predicados existenciais com *n(V) = ... -í*.

879. *na'axí kwarahý-a*
 não.há sol-N
 'não há sol'
880. *na'axí ha = Ø-py'ýr-a*
 não.há 1 = R¹-pulseira-N
 'não há pulseira minha'

8.2. Modo indicativo II

O modo indicativo II (Rodrigues 1953:126, Almeida *et al.* 1983:34, Vieira & Leite 1998:29, Rodrigues 2001:88) ou modo circunstancial (Rodrigues 1981, Jensen 1990:105, Praça 2000:560, Seki 2000:131) tem sua ocorrência condicionada à presença de advérbios ou construções adverbiais topicalizados em posição inicial na oração independente, mas em Guajá também ocorre quando a oração é precedida por partículas de posição inicial fixa. Nesta língua ele ocorre com todos os tipos de predicado, desde que o sujeito seja de terceira pessoa. O núcleo do predicado é marcado sempre pelos prefixos relacionais e pelo sufixo *-ri ~ -ni*. Não foi observada a negação em orações no modo indicativo II, nem em dados espontâneos, nem por meio de elicitación.

a. Em predicados eventivos:

Nos predicados eventivos que têm como núcleo verbos transitivos, o prefixo relacional de contigüidade marca a dependência do núcleo do predicado em relação ao objeto (O) e o sujeito (Sa) ocorre como um argumento independente:

881. *amõ mehẽ kará-a are = Ø-rú-ri kyry'ý*
 outro quando não.índio-N 123 = R¹-trazer-INDII MUD
 'e então outro dia o não-índio nos trouxe'

882. *terẽ Ø-pepé ha-xá-ri*
 trem R¹-dentro R²-ver-INDII
 ‘viu-o dentro do trem’
883. *mõ karai ka'á Ø-jaký-ni mĩ-na'á-pe*
 INT não.índio mato R¹-mexer-INDII onde-DUB-LOC
 ‘onde será que o não-índio está mexendo na mata?’
884. *mõ inami'ĩ-a Ø-xu'ú-ni mĩ-pe*
 INT jararaca-N R²-morder-INDII onde-LOC
 ‘onde a jararaca o mordeu?’
- Já nos predicados eventivos que têm como núcleo verbos intransitivos, o tema verbal marcado pelo sufixo do modo indicativo II ocorre sempre com o prefixo relacional de não-contigüidade, independentemente de o seu determinante, o argumento Sa, estar precedendo-o imediatamente ou não.
885. *mõ i-hó tá-ni mĩ-pe*
 INT R²-ir PROJ-INDII onde-LOC
 ‘para onde ele vai?’
886. *mõ Kamairú i-hó -ni mĩ-pe*
 INT Kamairú R²-ir -INDII onde-LOC
 ‘para onde Kamairú foi?’
887. *i-ka'á r-ehe kamará i-ĩ-ni*
 R²-mata R¹-sobre índio R²-falar-INDII
 ‘sobre a mata deles os índios falaram’

b. Em predicados estativos:

Nos predicados estativos também ocorre a afixação do prefixo relacional de não-contigüidade, mesmo com o determinante So posicionado imediatamente antes do núcleo do predicado, como nos predicados eventivos que têm como núcleo verbos intransitivos.

888. *mõ kararahú i-kirá-ni mimehẽ*
 INT paca R²-gordo-INDII quando
 ‘quando a paca vai estar gorda?’

889. *amẽ kahú r-apé i-kỹ-ni nĩ*
 PERM carro R¹-caminho R²-seco-INDII INTEN
 ‘deixa a estrada ficar seca!’

Nestes dois últimos tipos de predicados não há oposição entre contigüidade e não-contigüidade no modo indicativo II.⁶⁹

c. Em predicados existenciais:

Em Guajá nomes em função de núcleos de predicados existenciais, ou demonstrativos que os substituam, também podem receber o sufixo que marca o modo indicativo II, como ilustrado abaixo:

890. *kwá kwarahy'-ni mĩ-pe*
 MOSTR sol-INDII lá-LOC
 ‘lá está o sol’

891. *kwá amõ-ni 'á-pe araka'i xĩ*
 MOSTR outro-INDII lá-LOC AT2 IMPERF
 ‘tinha outra lá há muito tempo’

⁶⁹ Em Tapirapé, uma língua da família Tupí-Guaraní, o único prefixo que ocorre no modo indicativo II é o *i-*, esteja o determinante contíguo ou não-contíguo, seja o verbo transitivo ou intransitivo, seja o tema da classe I ou II (Praça, comunicação pessoal).

De acordo com Rodrigues (2001c:93), “a existência do indicativo II e as restrições a que está sujeito segundo as pessoas do discurso constituem problemas a ser pensados, tanto de um ponto de vista funcional, quanto comparativa e diacronicamente dentro do tronco lingüístico Tupí e, mais especificamente, dentro da família Tupí-Guaraní.”

8.3. Orações manipulativas

Segundo Givón (2001:311), dentro da noção mais genérica de imperativos, há um número potencialmente grande de atos de fala manipulativos. Estes são caracterizados como atos verbais por meio dos quais o falante pretende manipular o comportamento do ouvinte com o objetivo de promover a realização de um evento.

No entanto, tais orações manipulativas podem ocorrer não só com verbos, mas com qualquer classe de palavras em Guajá, isto é, predicados eventivos, estativos e existenciais podem ser realizados em qualquer um dos tipos de orações manipulativas descritas nesta seção.

São três os tipos de orações independentes que se caracterizam como atos de fala manipulativos: as orações que se encontram nos modos imperativo e exortativo e as construções permissivas. O denominador comum a todas elas é a negação por meio da partícula proibitiva *mẽ ~ amẽ ~ kamẽ*.

Em orações afirmativas, o núcleo do predicado em qualquer tipo de oração manipulativa ocorre muito freqüentemente acompanhado do adjetivo incorporado *apáj* ‘rápido’ e/ou do advérbio de tempo *rí* ‘logo’.

8.3.1. Modo imperativo

O modo imperativo caracteriza-se por ser o modo em que o falante dirige-se a um ouvinte na tentativa de fazer com que este realize o evento, estado ou condição de existência expresso respectivamente pelo verbo, adjetivo ou nome. Pode exprimir ordem, conselho, solicitação, sugestão e até aprovação.

Nos predicados eventivos, isto é, aqueles que têm como núcleo um verbo, o modo imperativo é marcado por meio dos prefixos pessoais imperativos – *a-* (2ª pessoa do

singular) e *pV-* (2ª pessoa do plural) – que fazem referência aos argumentos A e Sa. Porém, com verbos transitivos cujo objeto é de primeira pessoa, de acordo com a hierarquia de pessoa vigente (cf. 5.3), é o pronome dependente que ocorre no verbo, marcando o argumento O (exs. 894 e 895).

892. *nijã a-piró mutuhũ iná*
 você 2/IMP-descascar sozinho POS3
 ‘descasque você sozinho (sentado)!’

893. *pa-rahó pijã*
 23/IMP-levar vocês
 ‘levem vocês!’

894. *are = Ø-pyhy’-apáj*
 123 = R¹-pegar-rápido
 ‘pegue-nos rapidamente!’

895. *ha = Ø-pyhyk amẽ*
 1 = R¹-pegar PROIB
 ‘não me pegue!’

896. *a-jã-apáj rí*
 2/Imp-cantar-rápido logo
 ‘cante rapidamente logo!’

897. *pi-jú-apáj*
 23/Imp-vir- rápido
 ‘venham rapidamente!’

Nos predicados estativos e existenciais, isto é, aqueles que têm como núcleo um adjetivo ou um nome, o modo imperativo é expresso somente por meio dos pronomes dependentes (de segunda pessoa), que codificam o argumento So.

898. *ni = Ø-kirá-apáj*
 2 = R¹-gordo- rápido
 ‘engorde rapidamente!’

899. *pĩ = Ø-mymý kamẽ*
 2 = R¹-filho PROIB
 ‘não tenha filhos!’

Em Guajá, o modo imperativo é freqüentemente usado para indicar aprovação, como resposta a uma oração que informa sobre a realização iminente de um evento:

900a. *a-jahó tá ha = r-ipá-pe*
 1-ir PROJ 1 = R¹-casa-LOC
 ‘eu vou para minha casa’

900b. *a-jahó-apáj rí*
 2/IMP-ir-rápido logo
 ‘vá logo!’ ou ‘pode ir!’

901a. *a-rahó tá ahá ha = Ø-mẽ Ø-pé*
 1-levar PROJ CTF 1 = R¹-marido R¹-para
 ‘eu vou levar para o meu marido’

901b. *a-rahó-apáj rí*
 2/IMP-levar-rápido logo
 ‘leve logo!’ ou ‘pode levar!’

8.3.2. Modo exortativo

Como as demais orações independentes, as que ocorrem no modo exortativo podem ter como núcleo tanto verbos quanto adjetivos ou nomes em função de predicado existencial, quando o falante deseja expressar estímulo à realização de um evento, à transformação de um estado ou à existência de uma entidade.

O modo exortativo é marcado por meio do morfema $t= \sim tV=$, clítico que ocorre antes dos marcadores de pessoa. O alomorfe $t=$ ocorre antes de vogais e o $tV=$ antes de consoantes, com vogal idêntica à da sílaba que se segue.

Givón (2001:314-315), ao citar exemplos do Hebraico Moderno, distingue entre as formas imperativas uma hortativa e outra exortativa, sendo a última a que ocorre com a primeira pessoa do plural. No Guajá, apesar da denominação geral “exortativo”, o morfema que marca esse modo tem um alomorfe exclusivo para a primeira pessoa do plural inclusiva, e que pode, diferentemente dos demais, co-ocorrer opcionalmente com uma partícula *aré*, a qual pode anteceder-lo imediatamente ou pode ocorrer em posição inicial na oração. Este prefixo, $xi- \sim xV-$, como já mencionado no capítulo 5, é idêntico ao prefixo pessoal de 1ª pessoa inclusiva do modo indicativo. Assim:

902. $t = a-jahó$ ‘que eu vá!’
 $t = ari-jahó$ ‘que você vá!/ que nós (excl.) vamos!’
 $ti = pi-hó$ ‘que vocês vão!’
 $t = o-hó$ ‘que ele vá!’

E, diferentemente:

903. $(aré) xo-hó$ ‘vamos nós (incl.)!’

Os exemplos a seguir ilustram predicados eventivos, estativos e existenciais no modo exortativo:

904. *kararuhú* *t = ar-iká* *iha = Ø-pé*
 paca EXO = 2-matar eu = R¹-para
 ‘que você mate paca para mim!’
905. *aré* *iraparakwỹ* *xi-piró* *i-pamẽ* *rí*
 EXO cipó.títica 12/EXO-descascar R²-com logo
 ‘vamos descascar cipó-títica junto com ele logo!’
906. *jahá* *t = a-jahó-apáj*
 eu EXO = 1-ir-rápido
 ‘que eu vá rapidamente!’
907. *xi-keré* *ahá*
 12/EXO-dormir CTF
 ‘vamos dormir!’
908. *ta = h-akú* *t-atá-pe*
 EXO = R²-quente R⁴-fogo-LOC
 ‘que esquente no fogo!’
909. *ta = h-awý*
 EXO = R²-sangue
 ‘que haja sangue!’
910. *aré* *xo-hó* *mẽ*
 EXO 12/EXO-ir PROIB
 ‘não vamos não!’

Os objetos dos verbos transitivos flexionados no modo exortativo ocorrem sem o sufixo nominal *-a*, como pode ser observado nos exemplos 904 e 905 acima.

8.3.3. Construções permissivas

As construções permissivas não configuram um modo específico, como nos casos anteriores, mas resultam da associação da partícula permissiva *amẽ*, de posição inicial, com predicados no modo exortativo. Expressam o desejo de ver concedida a permissão para a realização de um evento ou estado, ou, na forma negativa, a proibição dessa concessão. Mas podem expressar também um pedido de espera pela realização do evento ou estado.

911. *amẽ* *t = ari-xá* *areá*
 PERM EXO = 123-ver nós
 ‘deixa/espera que nós vamos ver!’
912. *amẽ* *xi-xá*
 PERM EXO-ver
 ‘deixa/espera a gente ver!’
913. *amẽ* *t = a-jwý* *tá* *awá* *jahá* *rí*
 PERM EXO = 1-voltar PROJ CTP eu logo
 ‘deixa/espera que eu voltarei logo!’
914. *amẽ* *ti = Ø-pinuhũ* *katá* *rí*
 PERM EXO = R²-preto bem logo
 ‘deixa/espera ela (a flecha) ficar bem preta!’
915. *amẽ* *ta = h-axỹ*
 PERM EXO = R²-frio
 ‘deixa/espera esfriar!’

916. *amẽ kamará ti = Ø-já'ók amẽ i-pé*
 PERM índio EXO = 3-chorar PROIB R²-para
 ‘os índios não podem chorar por causa disso!’
917. *amẽ Makaritỹ warí r-apek-ahá ti = Ø-tũ kamẽ*
 PERM Makaritỹ guariba R¹-sapecar-NZR EXO = 3-cheirar PROIB
 ‘Makaritỹa não pode cheirar guariba sapecado’ (porque ela está com filho recém-nascido)

9

Coordenação e subordinação

Sabe-se que as orações de uma língua podem combinar-se para formar sentenças mais complexas no discurso. Aqui, a sentença é considerada como a combinação de orações em estruturas maiores que podem resultar em tipos diferentes de construções. Tal combinação pode ocorrer numa relação de coordenação entre duas (ou mais) orações envolvidas ou de subordinação de uma em relação à outra.

Este capítulo, além de tratar da coordenação na língua Guajá, descreverá também os diferentes tipos de relação de subordinação entre as orações.

9.1. Coordenação

Em Guajá é possível ocorrer uma seqüência de vários núcleos de predicados independentes numa mesma sentença, ligados entre si por justaposição ou por meio de uma conjunção aditiva. Sentenças deste tipo constituem uma coordenação de orações independentes.

9.1.1. Coordenação por justaposição de orações

A justaposição, segundo Longacre (1985:239), é um procedimento de coesão entre orações em que não há pausa nem na posição medial da sentença nem em toda ela, sendo as orações, então, unificadas apenas pela fonologia. Segundo esse autor, provavelmente a ausência de conjunção nas sentenças que empregam a justaposição explica a necessidade de uma unidade mais coesa – o que é assinalado por meios fonológicos e, algumas vezes, lexicais (como a repetição ou paráfrase, por exemplo)

A justaposição de orações independentes expressa, no Guajá, relações de temporalidade (seqüência de eventos), adição, contraste, comparação e alternância.

É comum a repetição de itens lexicais para indicar também um longo período de realização do evento expresso pelo verbo:

918. *areá ari-kwẽ areá ari-kwẽ areá ari-kwẽ*
 nós 123-permanecer nós 123-permanecer nós 123-permanecer
 ‘nós permanecemos muito tempo (no Awá)’
919. *ari-’ú pirá-∅ i-pyrý anỹ. ari-’ú pirá-∅ ari-’ú pirá-∅*
 123-comer peixe-N R²-junto CONJ 123-comer peixe-N 123-comer peixe-N
 ‘Nós comemos peixe junto com ele. E ficamos muito tempo comendo peixe’

Diferentemente de outras línguas da família Tupí-Guaraní, no Guajá não ocorre o modo gerúndio⁷⁰, mas o indicativo, quando se expressa seqüência de eventos com o mesmo sujeito. Neste caso, os predicados ocorrem independentemente, em seqüência, marcados cada um pelos prefixos pessoais, sem marcadores de subordinação. A coordenação entre as orações independentes é expressa pela justaposição:

920. *a-jká xahú-a a-mike’ẽ ka’á-pe*
 1-matar porcão-N 1-moquear mato-LOC
 ‘matei o porcão e o moqueei no mato’
921. *∅-wyhy h-akarỹ-me ∅-pyhy wỹ ∅-iká wỹ*
 3-correr R²-em.direção.a-LOC 3-pegar PLU 3-matar PLU
 ‘correram na direção dele, pegaram-no e mataram-no’
922. *Mair-a ∅-watá kamixá ∅-pyhyk-á ∅-mapý t-atá-pe*
 Maira-N 3-andar jabuti R¹-pegar-GER 3-colocar R⁴-fogo-LOC
 ‘Maira foi caçar para pegar jabuti e colocou-o no fogo’
923. *karai-a papé ∅-japó ∅-rohó tá mĩ Parasí r-ipí*
 não-índio-N documento 3-fazer 3-levar PROJ lá Brasília R¹-por
 ‘o não-índio escreveu um documento e levou lá para Brasília’

⁷⁰ O modo gerúndio será ainda descrito neste capítulo, em 9.2.2.2.

Os exemplos 924, 925 e 926 ilustram como são negados esses predicados independentes justapostos. Os morfemas $n(V) = \dots -i \sim -j$, como será visto no próximo capítulo, negam predicados de orações independentes, o que atesta a independência de um verbo da seqüência em relação ao outro.

Além da relação de temporalidade, a coordenação por justaposição também expressa adição, contraste, comparação e alternância, como pode ser observado nos exemplos abaixo:

924. *a-keré n = a-ja'ó-j*

1-dormir NEG = 1-chorar-NEG

'eu dormi e não chorei'

925. *n = a-jahó tar-i jahá a-jkwẽ tá xie*

NEG = 1-ir PROJ-NEG eu 1-permanecer PROJ aqui

'eu não irei, eu permanecerei aqui'

926. *n = ani-jahó-p'y-j nijã ari-jahó tá 'akwý kyr'y*

NEG = 1-ir você 2-ir PROJ agora MUD

'primeiro você não quis ir, mas agora você quer ir'

927. *jawár-a h-amãj leãw-a h-amãj ra'ó*

onça-N R²-grande leão-N R²-grande muito

'a onça é grande, mas o leão é maior'

928. *∅-wahy'-a ∅-wanihã-∅*

R²-mulher-N R²-homem-N

'é mulher ou homem?'

9.1.2. Coordenação com a partícula *anỹ*

A coordenação entre orações independentes também pode ocorrer por meio da partícula *anỹ* ~ *nỹ*, de posição final, um elemento conjuntivo de orações que geralmente ocorre na última oração da sentença, mas também pode aparecer no final de cada oração da seqüência. Fonologicamente, há sempre uma pausa após pronunciar-se a partícula.

As orações coordenadas por meio de *anỹ* ~ *nỹ* expressam repetição ou seqüência de eventos, realizados ou não pelo mesmo sujeito.

929. *jahá h-a'ó-kér-a a-'ú i-pi'á-kér-a a-'ú anỹ*
 eu R²-carne-RETR-N 1-comer R²-fígado-N 1-comer CONJ
 ‘eu comi a carne dele e comi o fígado dele também’

930. *o-'ó Iwtá manã wỹ nỹ o-'ó Ariká manã*
 3-tirar Hilton CTF2 PLU CONJ 3-tirar Olegário CTF2
wỹ nỹ o-'ó Nanaxĩ manã wỹ nỹ
 PLU CONJ 3-tirar Nonatinho CTF2 PLU CONJ
 ‘eles tiraram o Hilton, tiraram o Olegário e tiraram o Nonatinho’

Em Guajá é possível omitir núcleos de predicados que seriam repetidos, tanto em sentenças coordenadas por justaposição (ex. 931), quanto em sentenças coordenadas por meio da partícula conjuntiva (exs. 932 e 933), como ilustrado abaixo:

931. *a'é Ø-imahý Irakatakó-a wỹ = n-ipé Itaxĩ wỹ = n-ipé*
 DEIT 3-zangar.se Irakatakó-a-N 33 = R¹-para Itaxĩ 33 = R¹-para
 ‘O Irakatakó-a ficou bravo com eles e o Itaxĩ (ficou bravo) com eles’

932. *awa'y-r-a amõ awá-Ø ari'ú pirá-Ø i-pyrý anỹ*
 criança-N outro Guajá-N 123-comer peixe-N R²-junto CONJ
 ‘as crianças, os outros Guajá e nós comemos peixe junto com ele’

933. *kú mehẽ Ø-manẽ mehẽ a-jkwẽ tá xie anỹ*
 aqui quando R²-demorar quando 1-permanecer PROJ aqui CONJ
 ‘hoje e daqui a muito tempo eu vou permanecer aqui’

9.2. Subordinação

Além da subordinação no nível sintático, também será descrito aqui outro tipo de subordinação, a semântica, em que não há a presença de um morfema subordinador, mas em que a justaposição de orações independentes resulta em construções adverbiais de finalidade e condição.

A subordinação pode ocorrer por meio de orações que funcionam como sintagmas nominais, isto é, orações que ocupam a posição de um sujeito ou objeto na sentença, as orações completivas, ou por meio de orações que funcionam como modificadoras de predicados, as orações adverbiais.

Nominalizações formam orações completivas e adverbiais de causa e circunstância, enquanto núcleos de predicados nos modos gerúndio, subjuntivo e consecutivo constituem orações subordinadas adverbiais.

Em Guajá as orações subordinadas distinguem-se das principais por uma série de particularidades: a oração principal marca seus argumentos da mesma maneira que as orações independentes, enquanto as subordinadas, além de conter um elemento subordinador, marcam seus argumentos de outra maneira, sem levar em consideração a hierarquia de pessoa vigente nas orações independentes. A negação também diferencia as orações principais das subordinadas, que têm um morfema negativo próprio, - 'ým ~ - 'ỹ.

9.2.1. Orações completivas

Em Guajá, as orações completivas ou, de acordo com Givón (2001:37), “orações complemento”, são construções constituídas por verbos (ex. 935) ou adjetivos (ex. 934) nominalizados pelo sufixo -há ~ -ahá, que funcionam como argumentos sujeito ou objeto de uma oração.

Como nominalizações, as orações completivas têm morfologia típica de nomes, isto é, flexionam-se com o sufixo *-a* e com os sufixos de atualização nominal.

As orações completivas podem ser argumentos tanto de predicados eventivos (ex. 934), como de estativos (ex. 935), mas nunca são complementos de predicados existenciais.

934. *a-maparã* *pĩ = Ø-kaxỹ-há-Ø*
 1-gostar 23 = R¹-cheiroso-NZR-N
 ‘eu gosto que vocês fiquem cheirosos’

935. *Ø-parahỹ* *ha-xak-ahá-Ø*
 R²-bonito R²-ver-NZR-N
 ‘é bonito vê-lo’

Até o momento, só foram encontradas orações completivas com função de So (exs. 935 acima e 936 abaixo) ou O (exs. 937 - 943):

936. *Ø-manyhỹ* *ka'á* *r-ipí* *Ø-wata-há-Ø* *iha = Ø-pé*
 R²-ruim mato R¹-por R²-andar-NZR-N eu = R¹-para
 ‘é ruim para mim andar pelo mato’

937. *Marina-Ø* *Ø-mén-a* *Ø-mumu'ũ* *ma'ápiruhú* *Ø-japi-há-Ø* *are = Ø-pyrý'*
 Marina-N R¹-marido-N 3-ensinar bola R¹-atirar-NZR-N 123 = R¹-junto
 ‘o marido da Marina nos ensinou a jogar bola’

938. *areá* *ma'ápiruhú* *Ø-mamon-ahá-Ø* *n = ara-kwá-j*
 nós bola R²-distribuir-NZR-N NEG = 1-saber-NEG
 ‘nós não sabemos passar a bola’

939. *n = ani-maparỹ-j* *are = Ø-ka'á* *Ø-jaky-há-Ø* *areá* *nỹ*
 NEG = 123-gostar-NEG 123 = R¹-mata R¹-mexer-NZR-N nós CONJ
 ‘nós também não gostamos que mexam na nossa mata’

940. *Marajá-∅ ∅-kwá i-mymý ∅-jamĩ-há-∅*
 Marajá-N 3-saber R²-filho R¹-parir-NZR-N
 ‘Marajá sabe parir filho’
941. *ara-kwá rapé h-awiró katý-há jehe'é*
 2-saber PERFT 3-ler bem-NZR PERFT
 ‘você já saber ler bem’
942. *awá-∅ ni = ∅-kwá-j i-'u-há*
 Guajá-N NEG = 3-saber-NEG R²-comer-NZR
 ‘Guajá não o come’ (lit.: Guajá não sabe comê-lo)
943. *a-xá iwá-pe awá ∅-jaho-á-er-a*
 1-ver céu-LOC Guajá R¹-ir-NZR-RETR-N
 ‘eu vi os Guajá irem ao céu’

Os sufixos de atualização nominal assinalam a categoria tempo nas orações completivas. Nestes casos, o sufixo prospectivo *-ta* (que, como explicado no Cap. 4, teve sua origem na partícula de aspecto projetivo) substituiu completamente o antigo sufixo *-rỹm*, mas sua posição no item lexical resultante é diferente: ele precede o sufixo nominalizador, enquanto o sufixo retrospectivo o segue.

944. *∅-rú xí ∅-xu'u-á-er-a pyhá*
 3-trazer IMPERF R²-morder-NZR-RETR-N de.noite
 ‘trouxe a mordida (da cobra) à noite’
945. *a-kwá jawár-a ∅-xu'ú-ta-há-∅ jahá*
 1-saber cachorro-N R²-morder-PROSP-NZR-N eu
 ‘eu sei que o cachorro vai mordê-lo’

9.2.2. Orações adverbiais

As orações adverbiais são aquelas em que a relação entre duas orações adjacentes, uma principal e a outra subordinada, assemelha-se à relação entre o núcleo de um predicado e seus complementos circunstanciais.

Em Guajá, as orações adverbiais podem ser resultantes de nominalizações ou podem ser predicados em modos específicos, como será explicado a seguir.

9.2.2.1. Orações adverbiais nominalizadas

Quando verbos ou adjetivos nominalizados funcionam como determinantes de posposições ou associados ao sufixo do caso locativo, eles comportam-se como complementos circunstanciais de uma oração e constituem orações adverbiais nominalizadas.

Os exemplos a seguir ilustram temas verbais e adjetivais nominalizados funcionando como determinantes de posposições. As orações adverbiais assim constituídas exprimem as relações próprias das respectivas posposições.

946. *nijã ani-'ĩ tá Sãluí-pe ni = Ø-jahó-a-e r-ehé*
 você 2-dizer PROJ São.Luis-LOC 2 = R¹-ir-NZR-RETR R¹-sobre
 ‘você vai falar sobre a sua ida a São Luís’

947. *a-kijé are = Ø-manũ-tá-há r-ιά*
 1-temer 13 = R¹-morrer-PROSP-NZR R¹-de
 ‘eu tive medo que nós morrêssemos’

948. *a'é Ø-mumu'ũ tá i-mymý Ø-iwe-á-e r-ehé*
 DEM 3-contar PROJ R²-filho R¹-sedento-NZR-RETR R¹-sobre
 ‘ela vai contar sobre a sede do filho dela’

Já as orações adverbiais formadas por verbos nominalizados flexionados pelo sufixo de caso locativo exprimem uma noção temporal de simultaneidade e ocorrem sempre que o sujeito da oração principal é diferente do sujeito da oração nominalizada:

949. *∅-xu'ú inami'ĩ-a i-wyr-ahá-pe*
 3-morder jararaca-N R²-voltar-NZR-LOC
 'a jararaca o mordeu durante a volta dele'
950. *a-jũ pirá ∅-xýn-ahá-pe*
 3-flechar peixe-N R²-envenenar-NZR-LOC
 'eu flechei o peixe durante o envenenamento dele'
951. *nĩ = n-ixá ha = ∅-kere-há-p araká*
 2 = R¹-ver 1 = R¹-dormir-NZR-LOC AT1
 'eu te vi durante a minha dormida'
952. *ari-xá terẽ n-apé ∅-jaká-∅-e-pe*
 123-ver trem R¹-caminho R¹-quebrar-NZR-RETR-LOC
 'nós os vimos durante a quebra dos trilhos'
953. *ar-iká warí-a háj ∅-'u-há-pe*
 123-matar guariba-N mel R¹-comer-NZR-LOC
 'matamos guariba enquanto (eles) comiam mel'

9.2.2.2. Orações adverbiais finais

As orações adverbiais que exprimem finalidade são aquelas em que o núcleo do predicado encontra-se no modo gerúndio. Desde as primeiras gramáticas sobre as línguas Tupí-Guaraní, as orações adverbiais que têm seu sujeito co-referente ao sujeito da oração principal são conhecidas como orações de gerúndio, enquanto as que têm seu sujeito diferente do sujeito da principal são chamadas de subjuntivas ou conjuntivas (Anchieta 1595, Figueira 1687 [1621], Ruiz de Montoya 1640)⁷¹. Em Guajá, as orações cujo núcleo se encontra flexionado no modo gerúndio funcionam como uma oração dependente adverbial temporal quando o evento é realizado simultaneamente ao evento da oração principal, ou como uma oração final quando o evento ocorre em seqüência ao evento da oração principal. As orações envolvidas na construção compartilham o mesmo sujeito, mas o objeto não é necessariamente o mesmo. Não há restrições quanto ao modo da oração principal, podendo esta estar em qualquer um dos modos independentes: indicativo I ou II, exortativo ou imperativo.

O subordinador que marca o modo gerúndio é o sufixo *-á*, em temas terminados em consoante *k*, e os pós-clíticos⁷² *=pa* ~ *=ma*, em temas terminados em vogal oral ou nasal, respectivamente.

Nos temas verbais intransitivos (exs. 954-956), ocorre apenas o marcador do modo gerúndio. Nos temas verbais transitivos (exs. 957-960), ocorre também a afixação do prefixo relacional de contigüidade quando o objeto precede imediatamente o verbo, ou do prefixo relacional de não-contigüidade quando o objeto não precede imediatamente o verbo. Nos temas adjetivais (exs. 961-964) ocorre, além da marcação de gerúndio, a

⁷¹ Esses autores identificam as funções do gerúndio tupí-guaraní com as do gerúndio e do supino da língua latina.

⁷² Os morfemas *pa* e *ma* são definidos aqui como clíticos na medida em que permitem ser intercalados por partículas como a de aspecto projetivo *tá* ~ *matá* e a de aspecto imperfectivo *xí*. Tais morfemas cliticizam-se ao núcleo do predicados no modo gerúndio ou às partículas aspectuais, quando estas estão presentes:

<i>jahá</i>	<i>a-watá</i>	<i>wari</i>	<i>∅-iká</i>	<i>tá</i>	<i>xí = pa</i>
eu	1-ir	mato-LOC	R ¹ -matar	PROJ	IMPERF = GER
'eu fui caçar querendo matar guariba'					
<i>o-hó</i>	<i>jawaruhú-a</i>	<i>h-akarỹ-me</i>		<i>u-'ú</i>	<i>matá = pa</i> <i>a'ia</i>
3-ir	onça-N	R ² -em.direção.a-LOC		R ² -comer	PROJ = GER ele
'a onça foi na direção dele para comê-lo'					

afixação do prefixo relacional de não-contigüidade se o sujeito co-referente for de terceira pessoa, ou do prefixo relacional de contigüidade, se o sujeito for de 1ª ou 2ª pessoa.

954. *∅-ahó takỹn-a wewé = pa*
 3-ir tucano- N voar = GER
 ‘o tucano foi embora voando’
955. *a-jkú wý r-ehé jã = ma*
 1-ficar chão R¹-sobre cantar = GER
 ‘eu fiquei no chão cantando’
956. *amõ mehẽ a-jú tá ahá ka’á-pe iwý = pa ha = r-akw-ahá-pe*
 outro quando 1-uir PROJ CTF mato-LOC voltar = GER 1 = R¹-ficar-NZR-LOC
 ‘outro dia eu virei ao mato para voltar para minha morada (meu lugar de ficar)’
957. *jahá a-me.me’ẽ xí h-aká = pa*
 eu 1-RED.olhar IMPERF R²-procurar = GER
 ‘eu fiquei olhando para procurá-lo’
958. *jahá a-jahó ka’á-pe ni = r-ú r-aká = pa*
 eu 1-ir mato-LOC 2 = R¹-pai R¹-procurar = GER
 ‘eu fui para o mato para procurar teu pai’
959. *a-jú ha-xak-á*
 1-uir R²-ver-GER
 ‘vim para vê-lo’
960. *awá-∅ ∅-irará tyrymỹ r-ixak-á*
 homem-N 3-alegrar.se farinha R¹-ver-GER
 ‘o homem alegrou-se ao ver a farinha’

961. *Majhuxa'á-∅ ∅-wa'á tapó i-kahá-pe i-kara'ahỹ = ma*
 Majhuxa'á-N 3-cair POS4 R²-rede-LOC R²-cansado = GER
 'Majhuxa'á caiu deitado na rede dele estando cansado'

962. *a-wehẽ tá xí awá katú-pe h-axỹ = ma*
 1-sair PROJ IMPERF CTP fora-LOC R²-frio = GER
 'eu queria sair (vindo) para fora (da água) pois estava com frio'

963. *ma'á ni = n-imõ-a ∅-xá h-atỹ = ma*
 que 2 - R¹-pênis-N 3-ver R²-duro = GER
 'o quê seu pênis viu para ficar duro'

964. *ma'á a-'ú teté tá ha = ∅-kirá = pa*
 que 1-comer muito PROJ 1 = R¹-gordo = GER
 'o quê eu vou comer muito para ficar gordo?'

A negação da oração no modo gerúndio é realizada com a sufixação ao tema do morfema negativo *-ỹ ~ -y'ỹ*, que, como será visto no próximo capítulo, nega orações dependentes:

965. *a-jú xía mukurí ∅-'ú- 'ỹ = ma. a-'ú kyry 'y*
 1-*vir* aqui bacuri R¹-comer-NEG = GER 1SG-comer MUD
 'eu vim aqui sem comer bacuri. Agora eu comi.'

966. *a-jwý ka'á r-ia warí ∅-xak-y'ỹ = ma*
 1-voltar mata R¹-de guariba R¹-ver-NEG = GER
 'eu voltei da mata sem ver guariba'

Com relação à ordem, a oração dependente cujo núcleo se encontra no modo gerúndio ocorre sempre após a oração principal.

O núcleo do predicado da oração principal pode ser um verbo transitivo ou intransitivo (como nos exemplos anteriores), um adjetivo (exs. 967 e 968), ou um nome (exs. 969 e 970). Assim, o modo gerúndio ocorre quando um predicado que tem como núcleo um verbo ou um adjetivo é precedido por qualquer outro tipo de predicado, desde ambos tenham o mesmo sujeito. Até o momento, não há registro da ocorrência de predicados nominais com a marca de gerúndio.

967. *ha = r-atỹ até tár é kanũ Ø-jaký = pa*
 1 = R¹-forte REAL PROJ LUS canoa R¹-mexer = GER
 ‘eu vou ficar realmente forte ao mexer (remar) a canoa’

968. *jahá ha = Ø-kara’ahỹ papé Ø-japó = pa*
 eu 1 = R¹-cansado papel R¹-fazer = GER
 ‘eu estou cansado de fazer papel (estudar)’

969. *a’e t-ú-kér-a imahýk-á*
 esse R²-pai-RETR-N estar.bravo-GER
 ‘esse que era pai dele estava bravo’

970. *kwá wỹ-ni kwáj ma’á Ø-’ú = pa*
 MOSTR PLU-INDII lá algo R¹-comer = GER
 ‘lá estão eles comendo algo’

9.2.2.3. Orações adverbiais temporais

Quando o núcleo do predicado subordinado se encontra no modo subjuntivo, pode expressar referência temporal subsequente ou simultânea com relação ao evento da oração principal, constituindo, assim, orações adverbiais temporais. O morfema subordinador do modo subjuntivo é a partícula *mehẽ ~ amehẽ*, que se associa a temas verbais, adjetivais e nominais.

Os argumentos das orações no modo subjuntivo são codificados nos temas por meio dos prefixos relacionais, que relacionam os sujeitos Sa e So dos predicados eventivos intransitivos (exs. 971 e 972) e dos predicados estativos (ex. 973) ao seus respectivos núcleos. Já nos predicados eventivos que têm como núcleo verbos transitivos, somente o objeto é relacionado ao verbo, ficando o sujeito, quando aparece, como um argumento independente (exs. 974-976). A negação ocorre com o sufixo -'ỹ, que nega orações dependentes (ex. 972). Com relação à ordem, as orações cujo predicado se encontra no modo subjuntivo ocorrem sempre após a principal.

971. *jawár-a* \emptyset -*hehẽ* *karái* *r-akarỹ-me* \emptyset -*wyhý* *mehẽ*
cachorro-N 3-latir não-índio R¹-na.direção-LOC R²-correr quando
‘o cachorro_i latiu na direção do karaí_j; quando ele_j correu’
972. *awá- \emptyset* *n = \emptyset -imahý* *wé* *tar-í* *Hosỹna* \emptyset -*u-ỹ* *mehẽ* *xía*
Guajá-N NEG = 3-estar.bravo DUR PROJ-NEG Rosana R¹-vir- NEG quando aqui
‘Os Guajá não vão mais ficar bravos quando Rosana não vier’
973. *Hajkaramykỹ-a* \emptyset -*ahó* *tá* *ka'á-pe* *warí* \emptyset -*iká = pa* *i-kirá* *mehẽ*
Hajkaramykỹ-N 3-ir PROJ mato-N guariba 3-matar = GER R²-gordo quando
‘Hajkaramykỹa vai para o mato matar guariba_j; quando/enquanto ele_j estiver gordo’
974. *jahá* *a-xá* *Matỹkájñ-a* *kypý* \emptyset -*'ú* *mehẽ*
eu 1-ver Madalena-N cupuaçu R¹-comer quando
‘eu vi quando Madalena comeu cupuaçu’
975. *nijã* *ari-jahó* *ahá* *ni = n-aká* *mehẽ* *jahá*
você 2-ir CTF 2 = R¹-procurar quando eu
‘você foi embora quando eu te procurei’

976. *ma'á.ajpó.mijẽ kamixá-∅ ∅-wyhý ∅-pyhý tá mehẽ ra'á*
 por.que jabuti-N 3-correr R²-pegar PROJ quando DUB
 ‘por que será que o jabuti corre quando vai ser pego?’

Uma particularidade do Guajá é que, no modo subjuntivo, os diferentes tipos de predicados estabelecem condições diferentes para a ocorrência do morfema *mehẽ*. Predicados eventivos só ocorrem no modo subjuntivo se o sujeito da oração subordinada for diferente do sujeito da oração principal, de outra forma, o resultado é agramatical (ex. 977). No entanto, predicados estativos (exs. 978 e 979) podem ocorrer no modo subjuntivo mesmo que os sujeitos das duas orações envolvidas na construção sejam o mesmo:

977. *Amiri-a ∅-irará ∅-iwý mehẽ*
 Amiri-N 3-alegrar.se R²-voltar quando
 ‘Amiria_i alegrou-se quando ele_j voltou’ / ‘*Amiria_i alegrou-se quando ela_j voltou’

978. *t = a- 'ú ha = ∅-jamyhỹ mehẽ*
 EXO = 1-comer 1 = R¹-faminto quando
 ‘que eu coma quando estiver com fome’

979. *awá ∅-wahý-a takỹn-a n = u- 'ú-j h-awý mehẽ*
 Guajá R¹-mulher-N tucano-N NEG = 3-comer-NEG R²-menstruada quando
 ‘a mulher Guajá não come tucano quando está menstruada’

Além disso, o morfema subordinador *mehẽ* promove interpretações distintas em cada tipo de predicado. Isso porque tanto predicados eventivos quanto estativos constituem orações subordinadas temporais, porém, em predicados eventivos o morfema subordinador *mehẽ* produz uma oração subordinada adverbial que indica somente tempo subsequente (ex. 980), enquanto em predicados estativos ele pode indicar tempo subsequente ou simultâneo (exs. 981 e 982, respectivamente):

980. \emptyset -xu'ú inami'ĩ-a \emptyset -iwý mehẽ
 3-morder jararaca-N R²-voltar quando
 'a jararaca o mordeu quando ele voltou' / * 'a jararaca o mordeu enquanto ele voltava'
981. a-mapý manã t-ipá-pe i-kỹ mehẽ
 2/IMP-colocar CTF2 R⁴-casa-LOC R²-seco quando
 'coloque-o na casa quando ele estiver seco'
982. Makaritỹ-a \emptyset -ikwẽ Awá-pe i-pa'aruhú mehẽ
 Makaritỹ-N 3-permanecer Awá-LOC R²-grávida quando
 'Makaritỹa permaneceu no Awá enquanto esteve grávida'

É interessante observar que somente os predicados eventivos diferenciam, no Guajá, dois tipos de construções subordinadas adverbiais temporais quando o sujeito é diferente: a que é formada por temas verbais nominalizados associados ao sufixo de caso locativo (detalhada acima em 9.2.2.1) e que expressa a realização simultânea de eventos, e a que é formada pelo tema verbal no modo subjuntivo e que expressa tempo subsequente. Compare os exemplos 949 e 980, repetidos aqui como 983 e 984:

983. \emptyset -xu'ú inami'ĩ-a i-wyr-ahá-pe
 3-morder jararaca-N R²-voltar-NZR-LOC
 'a cobra o mordeu enquanto ele voltava (na volta dele)'
984. \emptyset -xu'ú inami'ĩ-a \emptyset -iwý mehẽ
 3-morder jararaca-N R²-voltar quando
 'a jararaca o mordeu quando ele voltou (após ele ter voltado)'

Nem os predicados estativos nem os nominais permitem a construção ilustrada em 983 e as orações no modo subjuntivo com temas adjetivais e nominais permitem tanto interpretações temporais de seqüência quanto de simultaneidade. Razões semânticas provavelmente explicam essa diferença, já que faz sentido distinguir entre um evento de

realização pontual e outro de realização durativa, mas estados ou condições de existência, pela própria natureza, não promovem uma leitura pontual e, assim, não necessitam de dois tipos de construções temporais que promovam essa diferenciação.

Outra particularidade do modo subjuntivo é a de que ele é o único que permite formar orações subordinadas a partir de um predicado existencial, como ilustrado abaixo. No entanto, essa possibilidade é muito restrita, tendo sido registrada até o momento apenas com nomes que expressam relações de parentesco. Outros nomes foram testados nesse tipo de construção e considerados agramaticais.

985. *Marina-Ø ari-ixá tá i-mymý mehẽ*
 Marina-N 123-ver PROJ R²-filho quando
 ‘nós vamos ver Marina quando ela tiver filho’

986. *xi-xá Max ha-mirikó mehẽ*
 12/EXO-ver Max R²-filho quando
 ‘vamos ver Max quando ele tiver esposa’

9.2.2.4. Orações adverbiais consecutivas

As orações subordinadas que indicam que o evento expresso pelo núcleo do predicado é anterior ao evento expresso pela oração principal são marcadas pela partícula *nẽ ~ anẽ* e constituem orações adverbiais consecutivas.

Os argumentos dos predicados eventivos no modo consecutivo são codificados da mesma maneira que no modo subjuntivo, ou seja, nos verbos transitivos, somente o objeto é marcado, ficando o sujeito, quando aparece, como um argumento independente, e nos verbos intransitivos é o argumento único que ocorre marcado no núcleo do predicado da oração adverbial, por meio do prefixo relacional. As orações cujo predicado se encontra no modo consecutivo ocorrem sempre imediatamente após a principal.

São exemplos de orações subordinadas consecutivas:

a. Em predicados eventivos transitivos:

987. *ari-jahó tá ramõ e kyry'y are = r-ipá-pe ha-xák anẽ*
 123-ir PROJ IMED LUS MUD 123 = R¹-casa-LOC R²-ver CONS
 ‘nós vamos imediatamente para nossa casa depois de vê-la (a estrada)’

988. *awá Ø-wahý-a Ø-pa'y tá kapó i-kahá r-ia i-mymý Ø-mi-keré nẽ*
 Guajá R1-mulher-N 3-levantar PROJ ELAT R²-rede R¹-de R²-filho R¹-CAUS-dormir CONS
 ‘a mulher vai levantar da rede dela depois de fazer seu filho dormir’

989. *Ø-ú Kamajrú-a kwarahý kwáe r-ipí wari Ø-mihĩ nẽ a'ia*
 3-vir Kamairú-N sol lá R¹-por guariba R¹-assar CONS ele
 ‘Kamairu veio pela tarde depois de assar o guariba’

990. *a-keré-pý tapó Ø-iká tár anẽ*
 1-dormir-primeiro POS4 R²-matar PROJ CONS
 ‘primeiramente eu dormi depois de querer matá-lo’

b. Em predicados eventivos intransitivos:

991. *jahá a-pa'y tá kapó ha = Ø-kahá r-ia ha = Ø-keré nẽ*
 eu 1-levantar PROJ ELAT 1 = R¹-rede R¹-de 1 = R¹-dormir CONS
 ‘eu vou levantar (saindo) da minha rede depois de dormir’

992. *Ø-me'ẽ awá kwý i-keré nẽ*
 3-olhar CTP ali R²-dormir CONS
 ‘veio olhar ali depois de dormir’

993. *Ø-u'ú tá awá Ø-watá nẽ*
 3-ir PROJ CTP R²-andar CONS
 ‘ele virá comer depois de caçar’

c. Em predicados estativos:

Os predicados estativos diferenciam-se dos eventivos quanto à marcação do argumento da oração no modo subjuntivo pois, neste caso, o argumento é marcado sempre com o prefixo relacional de não-contigüidade, independentemente da pessoa, tornando ambígua a sentença se esta for realizada fora do contexto discursivo ou sem o argumento So expresso.

994. *a-jahó ha = r-ipá-pe i-kirá nẽ*
 1-ir 1 = R¹-casa-LOC R²-gordo CONS
 ‘eu fui para casa depois de ficar gordo’/ ‘eu fui para casa depois que ele ficou gordo’

995. **a-jahó ha = r-ipá-pe ha = Ø-kirá nẽ*
 1-ir 1 = R¹-casa-LOC 1 = R¹-gordo CONS
 ‘eu fui para casa depois de ficar gordo’

O exemplo abaixo ilustra a possibilidade de ocorrência de mais de uma oração subordinada na mesma sentença:

996. *a-wa'á tapó ha = Ø-kahá-pe jaximõ = ma Ø-mihĩ nẽ*
 1-deitar POS4 1 = R¹-rede-LOC balançar = GER R²-assar CONS
 ‘eu deitei na minha rede para balançar depois de assá-lo’

9.2.3. Subordinação semântica

A subordinação semântica ocorre quando duas orações independentes ocorrem imediatamente uma após a outra e a associação de seus significados constitui uma sentença coesa, mas sem um marcador sintático de subordinação.

No Guajá há dois tipos de associações entre orações independentes que resultam em subordinação semântica: uma em que a segunda oração ocorre no modo exortativo,

indicando finalidade, e outra em que a primeira ocorre no modo indicativo I associada à partícula aspectual *xí*, indicando condição.

Essas duas construções são descritas a seguir.

9.2.3.1. Orações finais com tema no exortativo

Como visto anteriormente, o modo gerúndio expressa finalidade e ocorre sempre que há co-referência entre os sujeitos da oração principal e da subordinada. Para expressar finalidade quando o sujeito da segunda oração é diferente do sujeito da primeira, ocorre a associação de uma oração independente com outra no modo exortativo, estando esta construção em distribuição complementar com as sentenças que indicam finalidade por meio do modo gerúndio. Neste caso não há uma subordinação sintática, já que se trata da associação de duas orações independentes, e sim uma subordinação semântica.

997. *a-mũ* *iha = Ø-pé* *t = a-xá* *jahá nỹ*
 2/IMP-dar 1 = R¹-para EXO = 1-ver eu CONJ
 ‘me dê para que eu veja também!’

998. *ha = Ø-taký-a* *a-manõ* *Kamairú* *Ø-pé* *ta = h-apé*
 1 = R¹-faca-N 1-dar Kamairú R¹-para EXO = 3-pelar
 ‘eu dei a minha faca para o Kamairu para que ele pele (o animal)’

999. *a-rahó* *ta = h-akú* *t-atá-pe*
 2/IMP-levar EXO = R²-quente R⁴-fogo-LOC
 ‘leve-o para que fique quente no fogo’

1000. *Nisi-a* *awá* *Ø-pó-kyty’* *ta = h-awý*
 Nici-N Guajá 3-mão-furar EXO = R²-sangue
 ‘Nice fura a mão dos Awá para que sangue’ (lit ‘... para que haja sangue’)

A negação da oração final ocorre com a partícula proibitiva *mẽ* ~ *kamẽ*, que nega os modos imperativos.

1001. *a-mytỹ* *xamakáj-a* *ti = Ø-wuxí* *kamẽ* *i-pepé*
 2/IMP-fechar galinha-N EXO = 3-entrar PROIB R²-dentro
 ‘feche para que a galinha não entre (lá) dentro’

1002. *pi-xá* *ahá* *pĩ = Ø-ka'á* *r-ehé* *karai* *t = o-hó* *mẽ* *pĩ = Ø-ka'á* *r-ehé*
 23/IMP-ver CTF 23 = R¹-mata R¹-sobre não.índio EXO-ir PROIB 23 = R¹-mata R¹-sobre
 ‘vão vigiar a mata de vocês para que o não-índio não vá nela!’

1003. *a-mũ* *iha = Ø-pé* *Henata* *ti = Ø-xá* *mẽ*
 2/IMP-dar 1 = R¹-para Renato EXO = 3-ver PROIB
 ‘dê para mim para que o Renato não veja’

Os exemplos abaixo são a reprodução integral de um texto gravado em que o informante reproduz o conteúdo da fala de um outro índio que os convidava a fazer parte de uma manifestação na Estrada de Ferro Carajás com o objetivo de fazer parar o trem da Companhia Vale do Rio Doce. Note-se que o modo exortativo é utilizado em todas as frases do texto, algumas como orações independentes, outras associadas a outras orações, sempre indicando finalidade:

1004. *a-ma'í* *awá* *t = Ø-ú* *kurupí* *t = ani-'ĩ* *xía* *i-pamẽ* *Masaratú-pe*
 2/IMP-falar Guajá EXO = 3-vir para.cá EXO = 123-dizer aqui R²-com Maçaranduba-LOC
 ‘— Fale para os awá que venham para cá para que conversemos aqui com eles na (aldeia) Maçaranduba.’

1005. *ha = Ø-'ĩ-há* *ti = Ø-nũ* *wỹ*
 1 = R¹-dizer-NZR EXO = 3-escutar PLU
 ‘Que eles escutem o que eu digo!’

1006. *terẽ n-apé-a a-wapy' tá terẽ ti = Ø-watá kamẽ*
 trem R¹-caminho-N 1-sentar PROJ trem EXO = 3-andar PROIB
 ‘Eu vou sentar os trilhos para que o trem não ande.’

1007. *terẽ ti = Ø-mutu'ú awá kurupí h-ehé*
 trem EXO = 3-fazer.parar CTP para.cá R²-sobre
 ‘Que venham para cá fazer parar o trem (ficando) sobre eles (os trilhos)!’

1008. *i-já Ø-tamataré xi-pyhý h-ajá*
 R²-dono R¹-dinheiro EXO-pegar R²-de
 ‘Que peguemos o dinheiro do dono dele!’

9.2.3.2. Orações condicionais: tema no indicativo + *xí*

No Guajá não há um morfema subordinador que exprima condição. As orações que expressam condição são constituídas de um tema no modo indicativo I associado à partícula de aspecto imperfectivo *xí*.

1009. *Ø-wahý tá xí Marajá-Ø h-awirok-ahá tá*
 R²-mulher PROJ IMPERF Marajá-N R²-nomear-NZR PROJ
Ø-wanihã tá xí na'axí h-awirok-ahá ahamerí
 R²-homem PROJ IMPERF não.há R²-nomear-NZR ainda
 ‘se for mulher o nome vai ser Marajá, se for homem ainda não tem nome’

1010. *a'é karai-a i-maká-Ø Ø-rukú xí are = Ø-ka'á*
 DEM não.índio-N R²-arma-N 3-ficar IMPERF 123 = R²-mata
r-ehé areá Ø-jará ar-iká tá h-ajá
 R¹-sobre nós R²-dono 123-matar PROJ R²-de
 ‘Se os não-índios ficarem com as armas deles na nossa mata, nós mataremos os donos delas’

A negação ocorre com os morfemas $n = \dots-i$, que nega predicados independentes.

1011.	<i>a'é</i>	<i>purisa-Ø</i>	<i>n = Ø-ur-i</i>	<i>xí-apaj-hý</i>	<i>o-'ok-á</i>
	DEM	polícia-N	NEG = 3-vir-NEG	IMPERF-rápido-INTS	R ² -arrancar-GER
	<i>ha = ka'á</i>	<i>r-ia</i>	<i>ar-ika</i>	<i>tá</i>	<i>kyry'y</i>
	1 = mata	R ² -de	123-matar	PROJ	MUD
	‘Se a polícia não vier rapidamente arrancá-los da nossa mata, nós os mataremos’				

10

Negação

Há em Guajá quatro morfemas negativos que se distribuem de acordo com os seguintes critérios: tipo de oração, se independente ou dependente; natureza das orações independentes, se manipulativas ou não, e o escopo da negação, se constituinte ou predicado. Há, ainda, uma palavra independente que significa ‘não’ (cf. quadro X abaixo).

Os diferentes tipos de negação serão o assunto deste último capítulo. O quadro abaixo apresenta os morfemas negativos e sua distribuição.

Quadro X: Morfemas de negação e sua distribuição

$(n =) \dots -i$	predicados independentes e orações principais
\dot{y}	nominalizações e orações subordinadas
$m\tilde{e}$	orações manipulativas
$raw\dot{y} + ip\acute{e}$	constituintes
$nawan\tilde{i}$	resposta livre

10.1. Negação de predicados independentes: $(n =) \dots -i$

O proclítico $n = \sim ni = \sim nV =$ associado ao sufixo $-i \sim -j \sim -ki$ ocorre em Guajá para negar qualquer tipo de predicado independente, isto é, nega tanto predicados eventivos, quando estativos e existenciais, como pode ser verificado nos exemplos que se seguem.

1012. $n = ani-xák-i$

NEG = 2-ver-NEG

‘você não (o) viu?’

1013. $\emptyset-já'ó \quad tá \quad xí \quad na = ha-mirikó \quad tar-i$

3-chorar PROJ IMPERF NEG = R²-esposa PROJ-NEG

‘se chorar não terá esposa’

1014. *ne = h-é-j*
 NEG = R²-gostoso-NEG
 ‘não é gostoso’

O proclítico antecede o núcleo do predicado, e é seguido pelo marcador de pessoa, que pode ser um prefixo pessoal ou um pronome dependente. Afixado ao mesmo núcleo, ocorre o sufixo negativo.

O morfema proclítico tem três alomorfes, a saber: *n* = diante de vogais, *ni* = diante de consoante, *nV* = diante de consoante glotal, onde a vogal do morfema negativo é idêntica a vogal que segue esta consoante.

1015. *n = o-h-ó-j*
 NEG = R²-gostoso-NEG
 ‘não é gostoso’

1016. *ni = Ø-pa-kí*
 NEG = 3-acabar-NEG
 ‘não acabou’

1017. *na = ha = Ø-pa'aruhu-kí* *ahamerí*
 NEG = 1 = R¹-grávida-NEG ainda
 ‘eu ainda não estou grávida’

É possível encontrar predicados negados apenas pelo sufixo negativo, isto é, sem a presença do proclítico, apesar de raras tais ocorrências:

1018. *pijã* *pi-kere-í* *pyhá*
 vocês 23-dormir-NEG de.noite
 ‘vocês não dormiram de noite’

1019. *karai-kí*
 não.índio-NEG
 ‘não tem não-índio’

Já o sufixo negativo ocorre com a forma *-í* em temas terminados por consoantes e, na maioria das vezes com a forma *-j* em temas terminados em vogal. No entanto, dois novos alomorfes, *-kí* e *-rí*, têm ocorrido freqüentemente em raízes que não terminam em consoante e é possível encontrar o mesmo tema sendo negado ora com um, ora com outro alomorfe do sufixo⁷³:

1020. *n = a-'ú-j*
 NEG = 1-comer-NEG
 ‘eu não (o) comi’

1021. *n = a-'u-kí*
 NEG = 1-comer-NEG
 ‘eu não (o) comi’

1022. *ni = Ø-pa-kí*
 NEG = 3-acabar-NEG
 ‘não acabou’

1023. *ni = Ø-pa-rí*
 NEG = 3-acabar-NEG
 ‘não acabou’

Quando predicados existenciais são negados, eles expressam a ausência da entidade representado pelo núcleo:

⁷³ É provável que estes alomorfes tenham se originado por analogia à negação de temas terminados nas consoantes *k* e *r*, como nos exemplos 1012 e 1013.

1024. *na = ha = Ø-py'yr-í*
 NEG = 1 = pulseira-NEG
 'eu não tenho pulseira'

Uma maneira alternativa de expressar a ausência de uma entidade é por meio da partícula-predicado *na'axí* 'não há' que funciona como uma afirmação de não-existência:

1025. *na'axí ha = Ø-py'yr-a*
 não.há 1 = pulseira-N
 'não há minha pulseira'

Núcleos de predicados associados a partículas intra-predicado ou a temas incorporados a eles formam um constituinte único e o sufixo negativo ocorre como o último formativo desse constituinte.

1026. *awá n = Ø-imahý wé tár-í Hosana Ø-ú-ỹ mehẽ*
 Guajá NEG = 3-estar.zangado DUR PROJ-NEG Rosana R¹-vir- NEG quando
 'Os Guajá não permanecerão zangados quando Rosana não vier'

1027. *ma'á r-o'o-kér-a n = a-'ú japyn-ĩ*
 algo R¹-carne-RETR-N NEG = 1-comer de.novo-NEG
 'não como carne de novo'

1028. *awá Ø-wahý takỹ r-o'ó-kér-a n = u-'ú-kwá-j*
 Guajá R¹-mulher tucano R¹-carne-RETR-N NEG = 3-comer-saber-NEG
 'a mulher Guajá não pode comer carne de tucano'

1029. *n = a-jahó-puhú-j Parasí r-ipí*
 NEG = 1-ir-novo-NEG Brasília R¹-por
 'eu não fui recentemente a Brasília'

O sufixo de intensidade pode ter escopo apenas sobre o núcleo do predicado e neste caso o sufixo negativo ocorre como seu último formativo, como no exemplo 1030 abaixo. No entanto, quando o sufixo tem escopo sobre todo o predicado negado, e não só sobre o núcleo deste, ele ocorre após o sufixo de negação (ex. 1031).

1030. *n = a-jaho-hý-j* *Parasí* *r-ipí*
 NEG = 1-ir-INTS-NEG Brasília R¹-por
 ‘eu não fui mesmo a Brasília’

1031. *n = a-jahó* *tar-i-hí*
 NEG = 1-ir PROJ-NEG-INTS
 ‘eu não vou de jeito nenhum’

Como informado anteriormente, (*n =*) ... *-í* ocorre em Guajá para negar qualquer tipo de predicado independente. Assim, orações coordenadas, que constituem seqüências de orações independentes e orações principais numa relação de subordinação são negadas pelo mesmo morfema, expresso uma única vez:

1032. *a-keré* *n = a-ja'ó-j*
 1-dormir NEG = 1-chorar-NEG
 ‘eu dormi e não chorei’

1033. *n = a-jahó* *tar-í* *i-pamẽ* *tutú* *Ø-ú* *mehẽ*
 NEG = 1-ir PROJ-NEG R²-com doutor R¹-vir quando
 ‘eu não vou com ele quando o doutor vier’

10.2. Negação de temas nominalizados e de orações subordinadas: -'ỹ

O sufixo -'ỹ nega qualquer tipo de tema nominalizado e nega também orações subordinadas, sejam as nominalizadas, sejam aquelas cujo núcleo está num dos modos dependentes.

Os alomorfes -y'ỹm- e -y'ỹ ocorrem após temas terminados em consoante enquanto os alomorfes -'ỹm- e -'ỹ ocorrem após temas terminados em vogal. Os exemplos abaixo ilustram os alomorfes do sufixo em nominalizações (exs. 1034-1036) e orações completivas (ex. 1037):

1034. *ma'á ari-xá tá? arapahá Ø-ika-pyr-y'ỹm-a a-jká tá*
 que 2-ver PROJ veado matar-NZR-NEG-N 1-matar PROJ
 'O que você vai ver? O veado que não foi morto eu vou matar'

1035. *awá-Ø kapijawá Ø-'ú-har-y'ỹm-a*
 Guajá-N Capivara R¹-comer-NZR-NEG-N
 'os Guajá são não-comedores de capivara'

1036. *Maninava-Ø i-mymý-kwá-'y-ma'á-Ø*
 Marinalva-N R2-filho-saber-NEG-NZR-N
 'Marinalva é a que não sabe ter filho'

1037. *karáí Ø-iwyr-aha-'ỹm-a ari-xá tá are = Ø-ka'á r-ehé*
 não.índio R¹-voltar-NZR-NEG-N 123-ver PROJ 123 = R¹-mata R¹-sobre
 'eu quero ver a não volta dos não-índios na nossa mata'

A seguir está exemplificada a negação de orações subordinadas adverbiais nos modos gerúndio e subjuntivo.

1038. *a-jú xía mukurí Ø-'ú-'ý = ma*
 1-vir aqui bacuri R¹-comer-NEG = GER
 ‘eu vim aqui sem comer bacuri’

1039. *awá Ø-wahý-a Ø-imahý i-mê Ø-pé ma'á Ø-iká-'ỹ mehẽ*
 Guajá R¹-mulher-N 3-zangar.se R²-marido R¹-para caça R¹-matar-NEG quando
 ‘a mulher Guajá fica brava quando o marido dela não mata caça’

Até o momento não foi registrada, por meio do sufixo *-ỹ*, a negação de nomes que não sejam resultantes de nominalizações. As tentativas de elicitación de dados desse tipo foram consideradas agramaticais.

1040. * *i-mymýr-a Ø-wehẽ Ø-japijawỹ-'ým-a*
 R²-filho-N 3-nascer R²-nariz-NEG-N
 ‘o filho dela nasceu sem nariz’

Segundo o informante, a construção correta seria a seguinte:

1041. *i-mymýr-a Ø-wehẽ na'axí Ø-japijawỹ-a nỹ*
 R²-filho-N 3-nascer não.há R²-nariz-N CONJ
 ‘o filho dela nasceu e não tinha nariz’

O sufixo *-ỹ* ocorre com núcleos nominais apenas em predicados nominalizados:

1042. *Ø-jakỹ-'ỹ-ma'á-Ø*
 R²-cabeça-NEG-NZR-N
 ‘o que não tem cabeça’

10.3. Negação de orações manipulativas: *mẽ*

A partícula final *mẽ* ~ *amẽ* ~ *kamẽ* nega orações manipulativas, isto é, predicados nos modos imperativo e exortativo. O alomorfe *amẽ* ocorre após raízes terminadas por consoante e o alomorfe *mẽ* após raízes terminadas em vogal. No entanto, como acontece com o sufixo negativo *-í*, um novo alomorfe *kamẽ* tem ocorrido⁷⁴, em variação livre com *mẽ* (exs. 1047a e 1047b).

1043. *a-ja'ók* *amẽ*
2/IMP-arrancar PROIB
'não o arranque!'

1044. *ni = Ø-pa'aruhú* *mẽ*
2 = R¹-grávida PROIB
'não fique grávida!'

1045. *ni = Ø-mẽ* *kamẽ*
2 = R¹-marido PROIB
'não tenha marido!'

1046. *amẽ* *kamará* *ti = Ø-jo'ók* *amẽ*
PERM não.índio EXO = 3-chorar PROIB
'não permita que ele chore!' ou 'ele não pode chorar!'

1047a. *a-'ú* *mẽ*
2/IMP-comer PROIB
'não coma!' ou 'você não pode comê-lo'

1047b. *a-'ú* *kamẽ*
2/IMP-comer PROIB
'não coma!' ou 'você não pode comê-lo'

⁷⁴ Como ocorre com o sufixo *-í*, é provável que este alomorfe tenha se originado por analogia à negação de temas terminados por consoante *k*, como no exemplo 1045.

É interessante observar que nas construções permissivas, que resultam da associação da partícula permissiva *amẽ*, de posição inicial, com predicados no modo exortativo, só é possível ocorrer a negação quando o sujeito é de terceira pessoa, como exemplificado abaixo:

1048. *amẽ Makaritỹ-a wari r-apek-ahá ti = Ø-tũ kamẽ*
 PERM Makaritỹ-N guariba R¹-sapecar-NZR EXO = 3-cheirar PROIB
 ‘Makaritỹa não pode cheirar guariba sapecado’

1049. *amẽ kamará-Ø ti = Ø-já'ó kamẽ i-pé*
 PERM índio-N EXO = 3-chorar PROIB R²-para
 ‘kamará não pode chorar por causa disso’

Construções permissivas com sujeitos que não são de terceira pessoa foram consideradas agramaticais quando negadas pela partícula *mẽ*:

1050. **amẽ arapahá-Ø t = a-'ú kamẽ*
 PERM veado-N EXO = 1-comer PROIB
 ‘eu não posso comer veado’

A alternativa apresentada pelo informante para expressar a idéia acima foi a negação de um predicado independente, no modo indicativo I:

1051. *n = a-'u-matar-i-hí arapahá-Ø jahá*
 NEG = 1-comer-PROJ-NEG-INTS veado-N eu
 ‘eu não comerei veado de maneira alguma / eu não posso comer veado’

10.4. Negação de constituinte: *rawỹ* + *ipé*

A negação de constituintes específicos dentro de uma oração ocorre por meio da partícula de modalidade epistêmica similitiva *rawỹ*, associada à palavra *ipé*, que talvez seja a posposição *-pé* ‘para’ com o prefixo relacional de não-contigüidade. Este tipo de construção ocorre sempre que se deseja contrastar um constituinte da oração com outro, como pode ser observado nos exemplos a seguir.

a. *rawỹ* + *ipé* negando constituinte verbal:

1052. *a-keré rawỹ té i-pé xĩ. papé a-japó tapó kó ha = r-ipá-pe*
 1-dormir SIMIL REAL R²-para PERF papel 1-fazer POS4 aqui 1 = R¹-casa-LOC
 ‘não era dormindo mesmo que eu estava. Eu estava estudando deitada aqui na minha casa’
 (lit. ‘apesar de parecer que eu estava realmente dormindo, eu estava estudando deitada aqui na minha casa’)

b. *rawỹ* + *ipé* negando constituinte adjetival:

1053. *ha = Ø-kara’ahỹ rawỹ i-pé xĩ. ha = r-atỹ nuhu’ũ*
 1 = R¹-cansado SIMIL R²-para PERF 1 = R¹-forte CON.EXP
 ‘não é cansada que eu estou! E não é que eu sou forte?!’
 (lit. ‘apesar de parecer cansada, e não é que eu sou forte?!’)

c. *rawỹ* + *ipé* negando constituinte nominal:

1054. *kamará rawỹ i-pé xĩ. jahá xipé kwý jahá*
 não-índio SIMIL R²-para PERF eu FOC aí eu
 ‘não é não-índio, sou eu aí (na foto)’ (lit. ‘apesar de parecer não-índio, sou eu aí (na foto)’)

10.5. Negação livre: *nawanĩ*

A partícula interjetiva *nawanĩ* ‘não’ ocorre como a resposta negativa livre para uma pergunta, ou como réplica a uma afirmação incorreta, como exemplificado a seguir:

1055. *nawanĩ, n = a-jahó-tár-í jahá*
 não NEG = 1-ir-PROJ-NEG eu
 ‘não, eu não vou!’

1056. *ma’ã nawỹ Hajmakõma’ã? nawanĩ, Marina*
 que SIMIL Hajmakõma’á não Marina
 ‘— O que foi Hajmakõma’á? — Não foi nada, Marina!’

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Meu objetivo geral, nesta tese, foi de apresentar um estudo mais amplo da língua Guajá que aquele efetuado na minha dissertação de mestrado (Magalhães, 2002), um estudo que revisasse e aprofundasse a análise das estruturas morfológicas e do contexto sintático imediato não só das classes principais de palavras, mas também das outras classes existentes no Guajá. Aqui também foi apresentada, pela primeira vez, uma análise da constituição dos diversos níveis de organização sintática da língua Guajá: sintagmas, orações, períodos coordenados e construções subordinadas.

Entre os temas abordados nesta descrição, vale ressaltar os seguintes pontos:

1. a proposta de existência de uma classe de adjetivos que difere semântica, morfológica e sintaticamente da classe dos nomes e dos verbos;
2. a descrição detalhada da flexão relacional, por tratar-se de um fenômeno essencial para a compreensão da morfossintaxe da língua já que marca as relações de dependência que unem o sujeito ao verbo intransitivo, o objeto ao verbo transitivo, os determinantes aos seus respectivos núcleos, sejam eles posposições ou nomes com determinante obrigatório, além de marcar a contigüidade sintática do determinante com respeito ao elemento por ele determinado;
3. a apresentação dos diferentes tipos de predicados da língua, os transitivos, os intransitivos eventivos e estativos, os existenciais e os equativos, cada um com características morfológicas e sintáticas próprias que justificam seu tratamento em separado;
4. a descrição dos diferentes tipos de relação de subordinação entre as orações, apresentando não somente a subordinação no nível sintático, mas também a subordinação semântica, onde não há a presença de um morfema subordinador.

Mesmo que esta tese tendo espere representar um avanço substancial para o conhecimento da língua Guajá estou ciente de que se trata ainda de uma descrição superficial, na medida em que a situação de comunicação com os falantes, que são

monolíngües, configura uma realidade bastante limitadora da pesquisa, barreira que almejo poder contornar se houver a possibilidade de voltar a campo por períodos mais extensos.

Muitos avanços ocorreram durante a pesquisa que resultou na presente tese, embora ainda haja muito a ser pesquisado e descrito. Daqui para a frente trata-se de produzir "resultados" e explicações cujo grau de abrangência e generalização sejam uma tentativa de atingir o equilíbrio entre o geral e o particular, já que, de acordo com a abordagem funcionalista, as descrições de uma língua não devem ser tão específicas que não possam ser transferíveis para outras línguas, nem podem ser tão gerais que as peculiaridades das línguas individuais sejam obscurecidas. Essa busca de adequação tipológica, que, em princípio, opõe as gramáticas funcionais às gramáticas formais, ainda é um alvo a ser atingido e a pesquisa da língua é um projeto que pretendo levar adiante, considerando que esta tese marca apenas o início de um projeto maior: o projeto de “Estudo da língua indígena Guajá”, vinculado ao Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, Lucien. 1896. *Matériaux pour servir à l'établissement d'une grammaire comparée des dialectes de la famille Tupi*. Paris: J. Maisonneuve, Libraire-Éditeur.
- ALMEIDA, Antônio, et al. 1983. *A língua Tapirapé*. Rio de Janeiro : Xerox.
- ANDERSON, Stephen R. 1985. "Inflectional morphology". In.:T. Shopen (ed), *Languague typology and syntactic description – Grammatical categories and the lexicon*, vol. III, p. 150-201. Cambridge: Cambridge University Press.
- ANDREWS, A. 1985. "The major function of the noun phrase" In.:T. Shopen (ed), *Languague typology and syntactic description – clause structure*, vol. I, p. 62-154. Cambridge: Cambridge University Press.
- BARBOSA, Pe, A. L. 1956. *Curso de Tupi Antigo. Gramática, exercícios, textos*. Rio de janeiro: Livraria São José.
- BERNARD, H. Russell.1940. *Research methods in cultural anthropology*. London: Sage publications.
- BYARUSHENGO, E., L. HYMAN and S. TENENBAUM. 1976. "Tone, accent and assertion in Haya", BLS 2, U.C. Berkeley: BerkeleyLinguistics Society.
- CABRAL, A. S. A. C. 1996. "Algumas evidências lingüísticas de parentesco genético do Jo'é com as línguas Tupí-Guaraní". *Moara, Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras*, 4:47-76. Belém: UFPA.
- _____. 2001. "Observações sobre a história do morfema -a da família Tupí-Guaraní" In. Queixalos (ed), *Dês nom set dêz verbes em tupi-guarani*, p. 133-162. Lincom Europa, Muenchen.
- _____. 2006. L'expression dès notions de l'epistémique et de l'aléthique dans la famille Tupi-Guaraní.(em vias de publicação).
- CABRAL, A. S. A. C., B. C. CORRÊA DA SILVA; M. R. S. JULIÃO & M. M. S. MAGALHÃES. 2007. "Linguistic diffusion in Tocantins-Mearin area" In.: A. D. Rodrigues, & A. S. A. C. Cabral (org.), *Línguas e culturas Tupí*. Campinas: Ed. Curt Nimuendajú; Brasília: LALI/UnB, p.357-374.

- COMRIE, Bernard. 1976. "The Syntax of Causative Constructions: cross-language similarities and divergences." In Shibatani M. (ed.), *The Grammar of Causative Constructions*. P. 261-312. Academic Press.
- _____ 1981. *Language Universals and Linguistic Typology (Syntax and Morphology)*. Chicago: University of Chicago Press.
- COSERIU, Eugenio. 1972. "Sobre las categorías verbales (partes de la oración)", *Revista de Lingüística aplicada*, Concepción, 10:7-25; reproduzido em Eugenio Coseriu, 1978a, *Gramática, semántica, universales*, Madrid: Gredos, 50-79.
- CUNHA, Péricles. 1987. *Análise Fonêmica Preliminar da Língua Guajá*. Dissertação de mestrado. Departamento de Lingüística, Campinas, UNICAMP.
- DELANCEY, Scott. 2000. *Lectures on Functional Syntax*. University of Oregon.
- DIETRICH, Wolf. 2001. "Categorías lexicais nas línguas Tupí-Guaraní (visão comparativa)", In. Queixalos (ed), *Dês nom set dê s verbes em tupi-guarani*, p. 23-37. Lincom Europa, Muenchen.
- DIXON, R. M. W. 1977. *Where have all the adjectives gone? And other essays in semantics and syntax*. Berlin: Mouton.
- DIXON, R. M. W. 1994. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DUARTE, Rosália. *Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo*. Disponível na World Wide Web: <<http://www.scielo.br/scielo>>. ISSN 0100-1574.
- DRYER, Mathew S. (to appear). A Comparison of Preverbs in Kutenai and Algonquian. In.: David Pentland (ed) *Proceedings of the Twenty-Ninth Algonquian Conference*. University of Manitoba. Disponível em: <<http://linguistics.buffalo.edu/people/faculty/dryer/dryer/kutenai.htm>>.
- FOLEY, W. 1976. *Inherent referentiality and language typology*. Camberra: Australian National University.
- FOLEY, A. W. & R. D. VAN VALIN. 1985. "Information packaging in the clause" In.:T. Shopen (ed), *Languague typology and syntactic description – clause structure*, vol. I, p. 282-364. Cambridge: Cambridge University Press.
- FORLINE, Louis Carlos. 1997. *The Persistence and Cultural Transformation of the Guajá Indians: Foragers of Maranhão State, Brazil*. Tese de Doutorado. Departamento de Antropologia, Universidade da Flórida, Gainsville.

- GIVÓN, Talmy. 1984. *Syntax: a functional-typological introduction*. Vols. I/II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- _____ 1990. *Syntax II*. Nova York: Academic Press.
- _____ 1995. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company.
- _____ 2001. *Syntax: a Functional-Typological Introduction*. Vol. I/II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- GOMES, Dionei M. 2006. *Estudo morfológico e sintático da língua Mundurukú (Tupí)*. Tese de doutorado, Universidade de Brasília.
- _____ 2007. *Oração relativa em Mundurukú?* In: *handout* da comunicação apresentada no II Encontro Internacional de línguas e culturas dos povos Tupí, Universidade de Brasília.
- GOMES, Mércio Pereira. 1989. *Antropologia da Sobrevivência dos Índios Guajá*. Projeto de Pesquisa. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.
- HOPPER, P. J. & S. A. THOMPSON. 1980. "Transitivity in Grammar and Discourse." In: *Language*, 56.251-99.
- _____ 1984. "The discourse basis for lexical categories in universal grammar". In *Language*, Volume 60, Number 4. p.703-752.
- HÉBERT, YVONNE. 1983. *Noun and verb in a Salishan language*. Kansas working papers in linguistics 8.31-81.
- HYMAN, L. 1975. "On the change from SOV to SVO: Evidence from Niger-Congo", in C. Li (ed., 1975).
- JACKOBSEN, William H. Jr. 1979. *Noun and verb in Nootkan*. (Heritage record 4.) Victoria: British Columbia Provincial Museum.
- JENSEN, C. 1990. *O desenvolvimento histórico da língua Wayampi*. Campinas, Brasil: Editora da Unicamp.
- KEENAN, Edward L. 1985. "Relative clauses". In: T. Shopen (ed), *Linguage typology and syntactic description – Grammatical categories and the lexicon*, vol. II, p. 141-170. Cambridge: Cambridge University Press.

- LI, Charles & Sandra THOMPSON. 1981. *Mandarin Chinese: a Functional Reference Grammar*. Berkeley /Los Angeles: University of California Press.
- MEIRA, S. 2006. "Stative verbs vs. nouns in Sateré-Mawé and the Tupian family" In.: Rowicka, G.J. & Carlin, E.B. (Ed.), *What's in a verb, studies in the verbal morphology of the languages of the Americas*, p. 189-214.
- MAGALHÃES, M. M. S. 2002. *Aspectos fonológicos e morfossintáticos da língua Guajá*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília.
- _____ 2005. "Pronomes e prefixos pessoais do Guajá" In. Rodrigues, A. D. & Cabral, A. S. A. C. (org.), *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília: Ed. UnB, p.141-151.
- _____ 2006. "Harmonia vocálica como processo desencadeador de mudanças estruturais na língua Guajá" In.: Rodrigues, A. D. (org), *Estudos da língua(gem)*. Vitória da Conquista, v.4, n.2, p.67-75.
- _____ 2007. "O gerúndio em Guajá" In. Rodrigues, A. D. & Cabral, A. S. A. C. (org.), Campinas,SP: Ed. Curt Nimuendajú; Brasília: LALI/UnB, p.349-356.
- MITHUN, Marianne. 1984. *The evolution of noun incorporation*. *Language*, vol. 60, n. 4, p.847-894.
- _____ 1991. *Active/agentive case marking and its motivations*. *Language* 67.510-46
- MONSERRAT, Ruth. M. F. 1976. "Prefixos pessoais em Aweti", In: *Publicações do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, Série Lingüística III, Rio de Janeiro: Museu Nacional.
- MONSERRAT, Ruth. M. F. & Marília F. SOARES.1986. "Hierarquia referencial em línguas Tupi". In *Cadernos de Lingüística e Teoria Literária*. p. 164-187. Belo Horizonte.
- MITHUN, Marianne. 1984. "The evolution of noun incorporation", *Language*, 60.4.
- _____ 1996. *New Directions in Referentiality*. Ed. by Fox, B.
- NICHOLS, J. 1984. "Functional Theories of Grammar". In: *Annual Review of Anthropology*, v.43, p.97-117.
- NIMUENDAJU, C. 1949. Os Tapajó. In: *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*.
- PAYNE, T. 1997. *Describing morpho-syntax. A guide for field linguists*, p.123-125. Cambridge: Cambridge University Press.
- PRAÇA, Walkíria Neiva.1999. *Nomes como predicado em Tapirapé*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília.

QUEIXALOS, F. 2006. "The primacy and fate of predicativity in Tupi-Guarani". In: Lois, X. & Vapnarsky, V. (eds), *Lexical Categories and Root Classes in Amerindian Languages*, Bern: Peter Lang International Academic Publishers.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. 1953. "Morfologia do verbo em Tupi", In *Letras*. Curitiba, n.1, p.121-152.

_____ 1981. *Estrutura do Tupinambá* (ms).

_____ 1984/85. "Relações Internas na Família Lingüística Tupi-Guarani". *Revista de Antropologia*, vol. 27/28, USP, São Paulo.

_____ 1996. "Argumento e predicado em Tupinambá". In *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística*, n. 19, ABRALIN.

_____ 2001a. "Sobre a natureza do caso argumentativo". In: Queixalos (ed), *Dês nom set dê s verbes em tupi-guarani*, p. 103-114. Lincom Europa, Muenchen.

_____ 2001b. "Caso em Tupí-Guaraní, particularmente em Tupinambá". In *Anais do XIII Congresso da ANPOLL*.

_____ 2001c. "Alguns problemas em torno da categoria lexical verbo em línguas Tupi-Guaraní". In A. D. Rodrigues & A. S. A. C. Cabral (org.), *Estudos sobre Línguas Indígenas*, p. 87-100 Belém: UFPA.

ROSE, F. 2003. *Morphosyntaxe de l'emerillon – langue tupi-guarani de Guyane française*. Tese de doutorado, Université Lumière Lyon 2.

SEKI, Lucy. 2000. *Gramática do Kamaiurá*. Campinas: Editora da UNICAMP/São Paulo, Imprensa Oficial.

SHOPEN, Timothy (org.). 1985. *Language Typology and Syntactic Description*. Vols. I/II/III. Cambridge: Cambridge University Press.

TENEMBAUM, S. 1977. "Left and right dislocation". In E. Byarushengo, A. Duranti and L. Hyman (eds) *Haya Grammatical Structure*, SCOPIL 6, Los Angeles: University of Southern California.

VIEIRA, Márcia Damaso; LEITE, Yonne de Freitas. 1998. "Observações preliminares sobre a língua Araweté". *Moara, Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras*. Belém, n.9, p.7-31, jan/jun.

ZWICKY, Arnold M. 1984. "Clitics and particles". In: *Papers in Linguistics*, Ohio State University.